

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**LUIS FELIPE ZAGO CARRION**

**OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO  
BRASILEIRO: ANÁLISE DE CONTEÚDO DE  
REPORTAGENS RADIOFÔNICAS PARA PRODUÇÃO  
DE UMA SÉRIE DE REPORTAGENS**

BAURU  
2016

**LUIS FELIPE ZAGO CARRION**

**OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO  
BRASILEIRO: ANÁLISE DE CONTEÚDO DE  
REPORTAGENS RADIOFÔNICAS PARA PRODUÇÃO  
DE UMA SÉRIE DE REPORTAGENS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em jornalismo, sob orientação da Profa. M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU  
2016

C318d

Carrion, Luis Felipe Zago

Os desafios do esporte paralímpico brasileiro: análise de conteúdo de reportagens radiofônicas para produção de uma série de reportagens / Luis Felipe Zago Carrion. -- 2016. 213f. : il.

Orientadora: Profa. M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Esportes paralímpicos. 2. Grande reportagem. 3. Rádio. 4. Reportagem. 5. Série de reportagens. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

**LUIS FELIPE ZAGO CARRION**

**OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: ANÁLISE  
DE CONTEÚDO DE REPORTAGENS RADIOFÔNICAS PARA  
PRODUÇÃO DE UMA SÉRIE DE REPORTAGENS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em jornalismo, sob orientação da Profa. M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo.

Banca examinadora:

---

Profa. M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof. M.e Lucas Silveira de Azevedo  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof. M.e Vinicius Martins Carrasco de Oliveira  
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 13 de dezembro de 2016.

Dedico este trabalho à minha família, aos amigos e profissionais da USC, que estiveram ao meu lado durante toda caminhada durante a graduação de Jornalismo e aos atletas paralímpicos do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais, irmão e demais familiares pelo amor, convívio e educação que me deram ao longo da vida, proporcionando que hoje eu seja capaz de concluir a graduação em jornalismo que almejei desde a adolescência.

Ao companheiro Renato Francisco Sônego, pela parceria e companheirismo ao longo dos quatro anos de graduação e também na realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

À professora Daniela Bochembuzo, pelo convívio e aulas ao longo da graduação e pelas excelentes e essenciais orientações ao longo da produção deste trabalho.

Agradeço também aos demais companheiros de sala e outros alunos da USC que conheci, além de demais professores do curso de jornalismo e outros profissionais da Universidade. Pessoas que proporcionaram novas amizades, novos conhecimentos e trocas de experiências, sendo fundamentais em minha caminhada na formação como jornalista.

Por fim, agradeço as pessoas que colaboraram para a elaboração da série de reportagens radiofônica sobre os esportes paralímpicos e que foram essenciais para a conclusão deste trabalho: Marco Túlio de Mello, Marli Nabeiro, Fábio Manfrinato, Vinicius Marques, Lucas Simões, Edilson Alves da Rocha, Luiz Alexandre Ventura, Leonardo Tomasello Araújo, Carlos Garletti, Israel Stroh, José Carlos Marques e Rafael Hoffman, concedendo entrevistas, além de Renan Watanabe e Ronaldo Carvalho, pela participação no TCC, e dos técnicos de áudio Alexsandro Costa e Leandro Zacarim, que auxiliaram no processo de edição e finalização do material em áudio.

“A reportagem é o gênero mais rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa. [...] Sua riqueza provém, em primeiro lugar, da ausência de uma estrutura rígida neste gênero, o que permite a intervenção da criatividade em uma grande medida, sem esquecer que se trata de uma narração de caráter informativo.” (PRADO, 1989, p. 85).

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso consistiu na produção de uma série de reportagens radiofônicas sobre esportes paralímpicos. O formato escolhido baseou-se no questionamento de que se o atual modelo de radiojornalismo praticado no Brasil inviabiliza a prática da grande reportagem, investigado a partir de duas hipóteses: sim, pois as emissoras preferem os formatos que exigem menos aprofundamento da notícia; não, pois o rádio está em mudança e a grande reportagem tem ganhado espaço nesse cenário. Para tanto, foi adotada metodologia composta por pesquisa bibliográfica, por meio da qual foram estudados conceitos sobre o rádio como veículo de comunicação, o jornalismo radiofônico, gêneros e formatos praticados, reportagem e grande reportagem; e por pesquisa descritiva, por meio de análises de conteúdo qualitativa e quantitativa sobre o exercício da grande reportagem no rádio. O corpus de análise foi composto por nove reportagens radiofônicas pertencentes a séries produzidas em três emissoras de rádio brasileiras: CBN, Estadão e Gaúcha, que permitiram caracterizar o formato grande reportagem em rádio. Com base nos dados coletados, foi realizada a última etapa metodológica, a pesquisa aplicada, que resultou na elaboração da série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro”, com a produção de três reportagens de um total de cinco que compõem o produto, desenvolvido em parceria com o pesquisador Renato Francisco Sônego. Este trabalho, portanto, pode ser caracterizado como integrante de uma frente de pesquisa sobre a prática da reportagem no jornalismo esportivo e sobre a temática paralímpica. A escolha do esporte paralímpico deve-se à constatação de que essas modalidades não encontram o mesmo espaço na imprensa se comparado ao esporte olímpico e, por conta do interesse público em torno do assunto, merecem ser abordadas por um veículo de ampla difusão, como o rádio. Por meio do percurso proposto, foi possível executar os objetivos inicialmente propostos, que eram desenvolver aporte teórico sobre o rádio e o jornalismo radiofônico; verificar como são produzidas grandes reportagens no Brasil e elaborar uma série de reportagens sobre esportes paralímpicos. Ao término de todas as etapas, constata-se que as tecnologias têm criado novas perspectivas para a radiodifusão, demandando repensar formatos praticados; nesse sentido, a série de reportagens permite ao repórter colocar em

prática todas as técnicas jornalísticas com o planejamento e o tempo necessários que uma boa apuração exige.

**Palavras-chave:** Esportes Paralímpicos. Grande Reportagem. Rádio. Reportagem. Série de reportagens.

## ABSTRACT

This final project was the production of a series of radio reports about Paralympics sports. The format chosen was based on the question of whether the current model of radio journalism practiced in Brazil makes the practice of big report not viable, investigated from two hypothesis: Yes, because the networks prefer the formats that require less further news; No, because the radio is changing and the big report has gained space in this scenario. Thus, a methodology was adopted consisting of bibliographic research, through which concepts were studied on the radio as a vehicle of communication, radio journalism, genres and formats applied, reports and big report; and descriptive research, with analysis of qualitative and quantitative content, about the use of big report on the radio. The corpus of analysis was composed of nine radio reports that belong to series produced in three Brazilian radio stations: CBN, Estadão and Gaucha, which allowed to characterize the format of big radio report. Based on the data collected, the last methodological stage was done, applied research, which resulted in the preparation of a series of reports "The challenges of the Brazilian Paralympics sport", with the production of three reports of a total of five that compound the product, developed in partnership with the researcher Renato Francisco Sônego. This work, therefore, can be characterized as part of a forward research on the practice of reports in sports journalism and the Paralympics theme. The choice of Paralympics sport is due to the fact that these sports do not have the same space on press compared to Olympic sport and, on behalf of the public interest around the subject, they deserve to be addressed by a wide dissemination vehicle, as the radio. Through the proposed trajectory, it was possible to execute the objectives initially proposed, which were to develop theoretical contribution about the radio and radio journalism; check how big reports are produced in Brazil and elaborate a series of reports about Paralympics sports. At the end of every stage, it is noted that technologies have created new perspectives for broadcasting, demanding to reconsider practiced formats; in this sense, a series of report allows the reporter to put into practice all the journalistic techniques with a planning and the required time that a good verification requires.

**Keywords:** Paralympics Sport. Great Report. Radio. Report. Series of reports.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2	<b>O RÁDIO COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO</b> .....	21
3	<b>O JORNALISMO DE RÁDIO</b> .....	28
4	<b>SEGMENTO, GÊNERO E FORMATO</b> .....	39
5	<b>REPORTAGEM E GRANDE REPORTAGEM</b> .....	49
6	<b>METODOLOGIA DE TRABALHO</b> .....	55
6.1	ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE .....	56
6.2	CODIFICAÇÃO.....	57
6.3	ANÁLISE DE DADOS.....	63
6.4	TRATAMENTO INFORMÁTICO .....	64
6.5	PESQUISA APLICADA.....	64
7	<b>EXECUÇÃO DA PESQUISA DESCRITIVA</b> .....	66
7.1	ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	68
7.1.1	<b>Reportagem 1</b> .....	69
7.1.2	<b>Reportagem 2</b> .....	70
7.1.3	<b>Reportagem 3</b> .....	70
7.1.4	<b>Reportagem 4</b> .....	71
7.1.5	<b>Reportagem 5</b> .....	72
7.1.6	<b>Reportagem 6</b> .....	72
7.1.7	<b>Reportagem 7</b> .....	73
7.1.8	<b>Reportagem 8</b> .....	74
7.1.9	<b>Reportagem 9</b> .....	75
7.1.10	<b>Análise quantitativa</b> .....	76
7.1.10.1	<i>Considerações sobre a análise quantitativa</i> .....	80
7.1.11	<b>Análise qualitativa</b> .....	81
7.1.11.1	<i>Reportagem 1</i> .....	82

7.1.11.2	<i>Reportagem 2</i>	83
7.1.11.3	<i>Reportagem 3</i>	85
7.1.11.4	<i>Análise reportagens da CBN</i>	86
7.1.11.5	<i>Reportagem 4</i>	88
7.1.11.6	<i>Reportagem 5</i>	89
7.1.11.7	<i>Reportagem 6</i>	90
7.1.11.8	<i>Análise reportagens da Rádio Estadão</i>	91
7.1.11.9	<i>Reportagem 7</i>	93
7.1.11.10	<i>Reportagem 8</i>	94
7.1.11.11	<i>Reportagem 9</i>	96
7.1.11.12	<i>Análise reportagens da Rádio Gaúcha</i>	97
7.1.11.13	<i>Considerações sobre a análise qualitativa</i>	99
7.1.11.14	<i>Considerações finais sobre a análise de conteúdo</i>	101
<b>8</b>	<b>EXECUÇÃO DA PESQUISA APLICADA</b>	104
8.1	PAUTAS	105
8.1.1	Primeira pauta	107
8.1.2	Quarta pauta	113
8.1.3	Quinta pauta	118
8.2	APURAÇÃO	123
8.3	REDAÇÃO	127
8.4	EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO	130
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	131
	<b>REFERÊNCIAS</b>	136
	<b>APÊNDICE A – Reportagens analisadas</b>	144
	<b>APÊNDICE B – Decupagens das entrevistas</b>	163
	<b>APÊNDICE C – Reportagens produzidas</b>	204
	<b>APÊNDICE D – Mídia com arquivos sonoros</b>	213

## 1 INTRODUÇÃO

Mesmo com o passar dos anos e o surgimento de novas tecnologias, o rádio ainda tem seu espaço entre a população. Com a *Internet*, é possível ter acesso à programação de qualquer emissora no mundo, pelos mais diferentes tipos de receptores.

O sistema de radiodifusão apresenta algumas características próprias. É barato e acessível tanto para quem trabalha quanto para quem ouve. Também não exige uma tecnologia muito complexa, o que faz com que o rádio tenha facilidade de entrar ao vivo e trazer os fatos logo após o momento em que ocorrem. Além disso, o rádio pode ser acessado via *Internet* e via equipamentos *mobile*.

A despeito do tipo de equipamento, o imediatismo e a mobilidade permanecem como atributos que, segundo a professora Valci Regina Mousquer Zucoloto, adequam o rádio à prática do jornalismo.

[...] credencia-se a ser apontado como um meio de comunicação de massa perfeitamente adequado à prática do jornalismo e, mais que isso, um dos mais ágeis tanto na captação, produção e transmissão da notícia. (ZUCOLOTO, 2012, p. 26).

O jornalismo no rádio brasileiro está presente desde os primórdios da implantação do veículo, quando os locutores realizavam uma leitura do que estava escrito nos jornais impressos. A implantação ocorreu pra valer durante a Era de Ouro, quando chegou ao Brasil o Repórter Esso, que foi a primeira síntese noticiosa brasileira que não se limitava a ler ao vivo as notícias de jornais, já que o conteúdo era enviado por uma agência de notícias norte-americana. Entrou no ar em 1941. Entretanto, o mais forte do rádio ainda eram os espetáculos, com os programas musicais, de auditório e as radionovelas.

Com a chegada da televisão, a partir de 1950, o novo veículo passou a ser o principal meio de comunicação, fazendo com que a verba publicitária e os artistas de rádio migrassem para a TV. Esse novo cenário fez com que o veículo se adaptasse a uma nova realidade, passando por um processo chamado de segmentação, por meio do que as emissoras se especializaram em veicular um tipo de conteúdo.

[...] define-se *segmentação* como um processo em que, a partir da conciliação entre os anseios, interesses, necessidades e/ou objetivos do emissor e do receptor, além da identidade construída pelo primeiro, foca-se o rádio, em qualquer uma das manifestações comunicacionais, em dada parcela do público. (FERRARETTO, 2014, p. 49, grifo do autor).

Dentro desse processo de segmentação pelo qual o rádio passou existem vários tipos de segmento. O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Luiz Artur Ferraretto (2014, p. 50-52) classifica-os em popular, musical, comunitário, cultural, religioso e jornalístico, área de interesse deste trabalho.

O segmento jornalístico é

Explorado pelas emissoras que se dedicam a uma programação em que predomina o jornalismo, podendo este incluir a cobertura esportiva, com a transmissão de competições, ou apenas o noticiário desse setor da atividade humana. Há, na exploração mínima desse segmento, a presença de âncoras, noticiando os principais fatos do momento e as mais significativas opiniões das fontes, além de explicarem e se posicionarem a respeito destas. Na forma mais próxima da ideal, engloba os mais variados tipos de programas jornalísticos; a presença de uma equipe estruturada de profissionais, com destaque para a reportagem; e a cobertura intensiva de acontecimentos culturais, econômicos, políticos e sociais, não raro do seu palco de ação, sem descuidar dos grandes eventos esportivos. (FERRARETTO, 2014, p. 50).

Foi durante esse processo de segmentação das emissoras que o jornalismo de rádio brasileiro se consolidou. Nos anos 90 ganhou linguagem própria, abandonando o estilo do Repórter Esso, e surgiram as emissoras conhecidas como *all news*, que se dedicam exclusivamente às notícias.

São vários os formatos que podem ser desenvolvidos no jornalismo radiofônico. De acordo com o pesquisador da área de comunicação André Barbosa Filho (2003, p. 89-109), entre eles encontram-se a nota, a notícia, o boletim, a reportagem, a entrevista, o comentário, o editorial, a crônica, o radiojornal, o documentário jornalístico, as mesas-redondas ou debates, o programa policial, o programa esportivo e a divulgação tecnocientífica.

No jornalismo diário de rádio verifica-se a predominância de formatos que apresentam os fatos de forma mais breve e sem tanto aprofundamento, como as notas, os boletins e as notícias. Ferraretto (2014, p. 99) explica que uma notícia

produzida para o rádio deve ser clara, precisa e concisa, o que reforça a predominância da brevidade no jornalismo das emissoras. Já o jornalista Milton Jung, da rádio Central Brasileira de Notícias (CBN), destaca a importância de o rádio ser sempre ágil ao dar a notícia. “Em veículos como o rádio e a internet, a importância de se combinar agilidade com precisão é determinante para o sucesso.” (JUNG, 2004, p.111).

Entretanto, existem ocasiões em que o jornalista pode trazer um fato com mais profundidade, característica que nem sempre é possível em uma notícia, que exige apuração e trabalho rápido por parte do repórter. Isso se dá através da reportagem.

[A reportagem] não é apenas uma estruturação de dados convenientemente tratados, como na informática ou na inteligência militar, que opõe informação (relato consistente, envolvendo análise) a informe (relato episódico). É mais do que isso: é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. Difere da notícia porque esta, sendo comumente rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos, pressupõe apresentação bem mais sintética e fragmentária. (LAGE, 2002, p. 112-113).

A reportagem amplia de forma quantitativa o que é transmitido na notícia, podendo explorar a fundo as várias vertentes de um fato. Ferraretto (2014, p.158) explica que, ao produzi-la, o jornalista pode colocar suas impressões pessoais, fazendo com que a reportagem adentre ao jornalismo interpretativo. O autor ainda diz que a reportagem pode pender para o utilitário - como no serviço à população - ou para o diversional, dependendo da forma como é produzida.

Já o formato grande reportagem é uma ampliação da reportagem e requer tempo maior ainda na apuração dos fatos e na elaboração do roteiro por parte do repórter, além de ter uma duração de tempo superior aos outros formatos. A grande reportagem pode ser definida como

[...] um meio-termo entre a reportagem comum, aquela do dia a dia, e o documentário. Aparece como ampliação quantitativa e, muito mais profundamente, qualitativa do trabalho usual e cotidiano corporificado nos boletins dos repórteres de uma emissora de rádio. Não chegando a ter a abrangência de um documentário, adentra o terreno do jornalismo interpretativo. E, para dar conta da contextualização pretendida, por vezes o assunto é dividido em vários boletins

irradiados ao longo de uma sequência de dias ou de edições de determinado programa, podendo mesmo ter suas partes veiculadas em vários horários ao longo da programação. (FERRARETTO, 2014, p. 167).

É utilizada em casos especiais, como uma investigação ou a reconstrução de um momento histórico. Pode trazer depoimentos, opiniões, efeitos sonoros e até áudios antigos que auxiliem na compreensão da mensagem a ser transmitida. Aparece no rádio de duas maneiras: com duração longa ou na forma de série, sendo dividida em capítulos e irradiada ao longo do dia ou de uma semana. A série é a forma mais comum de se produzir uma grande reportagem no Brasil.

Por exigir maior atenção na execução e aprofundar os fatos, a grande reportagem não tem a presença constante no jornalismo quando comparada aos outros formatos, ficando reservada na maioria das vezes para ocasiões ou programas especiais. Segundo o professor Nilson Lage, os jornalistas brasileiros não encontram tantas oportunidades para desenvolver um trabalho investigativo.

Empresas jornalísticas frequentemente resistem à ideia de deslocar um profissional do trabalho rotineiro para um processo de investigação. Preocupação inicial de quem se lança a uma pesquisa mais extensa é, sem dúvida, como financiá-la. (LAGE, 2002, p. 136).

Ao encontro do pensamento de Lage, o radialista e roteirista Walter Alves afirma que “poucos diretores de emissoras permitirão a um produtor gastar 40 ou 50 minutos num só programa sobre um único tema [...]”. (ALVES, W., 2005, p. 312).

Além das questões empresariais, as novas tecnologias fizeram com que os meios de comunicação tradicionais deixassem a grande reportagem de lado para competir com a *Internet*. Durante a 22ª Semana de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, o jornalista Audálio Dantas disse que está havendo um enxugamento nas matérias, buscando-se o imediatismo das notícias. (CLARO, 2014).

Desta forma, entendeu-se como pertinente analisar neste trabalho se a grande reportagem tem espaço no radiojornalismo brasileiro, verificando-se qual é a frequência de uso desse formato no veículo citado, através da checagem de grandes reportagens produzidas na editoria de esportes. A pesquisa foi norteadá pelo seguinte problema de pesquisa: o modelo de radiojornalismo praticado atualmente

no Brasil inviabiliza a presença da grande reportagem na programação das emissoras?

Presumiu-se que a questão resultasse nas seguintes hipóteses:

- a) sim, as emissoras preferem formatos em que a apuração e a produção da notícia é mais rápida e menos aprofundada, mantendo o repórter em uma rotina de trabalho e garantindo a atualização constante do noticiário;
- b) não, a grande reportagem, assim como outros formatos, tem ganhado espaço, pois o rádio brasileiro está em processo de mudança e o consumo de conteúdo em áudio não se dá somente concomitante à emissão de conteúdo.

A realização desta investigação envolveu, em um primeiro momento, pesquisa bibliográfica, que pode ser classificada como ampla ou restrita. A pesquisa bibliográfica ampla consiste em um

[...] planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF, 2006, p. 51).

Já a pesquisa bibliográfica restrita pode ser definida pela professora Ida Regina Chitto Stumpf, da UFRGS, como

[...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2006, p. 51).

A partir dos temas amplos e restritos, foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o rádio, as características do veículo, o jornalismo radiofônico, gêneros e formatos praticados, reportagem, grande reportagem radiofônica e trabalho do repórter, a fim de desenvolver um aporte teórico para a construção do produto final. Os principais autores que contribuíram para o aporte teórico foram Luiz Artur Ferraretto, Robert McLeish, Milton Jung, André Barbosa Filho, Valci Regina Mousquer Zucoloto e Nilson Lage, no estudo do rádio, do jornalismo radiofônico e da

grande reportagem. Já nomes como Antonio Carlos Gil, Wilson Corrêa da Fonseca Júnior, Ida Regina Chitto Stumpf, Ernani Cesar de Freitas e Cleber Cristiano Prodanov auxiliaram nas etapas metodológicas.

O segundo passo metodológico foi a pesquisa descritiva, que pode ser definida pelo professor Antonio Carlos Gil (2008, p. 28) como “[...] descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Nesse processo, o pesquisador analisou a frequência com que a grande reportagem apareceu na programação do corpus selecionado e quais são as características desse formato no rádio brasileiro.

A técnica escolhida para a realização da pesquisa descritiva foi a análise de conteúdo, que, de acordo com o jornalista Wilson Côrrea da Fonseca Júnior (2006, p. 280), consiste em um “[...] um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. A partir da análise de conteúdo foi construído um panorama da grande reportagem no rádio brasileiro, verificando-se se esse formato tem ou não espaço na programação das emissoras.

Foram escolhidas como corpus as rádios CBN, Estadão e Gaúcha, três emissoras com características parecidas: possuem a notícia como carro-chefe de sua programação, têm tradição e credibilidade reconhecidas no mercado de trabalho e, por disponibilizarem em seus sites o conteúdo da programação em *podcasts*, possibilitaram ouvir o que foi veiculado em dias diferentes para fazer as análises.

A rádio CBN está no ar desde 1º de outubro de 1991 e é considerada a primeira emissora *all news* do Brasil. A ex-diretora de jornalismo da emissora, Mariza Tavares (2006, p. 46), relata que o objetivo da CBN “[...] era ir além da notícia, com análises e interpretações dos fatos que fossem percebidos pelo ouvinte como um diferencial”.

A segunda emissora analisada foi a Rádio Estadão. Fundada em 4 de janeiro de 1958 sob o nome de Rádio Eldorado, teve como característica a utilização do “ouvinte repórter”, sendo pioneira nesse segmento. Já passaram pela emissora nomes importantes do jornalismo brasileiro, como Willian Bonner, Boris Casoy e Marília Gabriela. Em 2007, a Eldorado firmou parceria com a *Entertainment and Sports Programming Network (ESPN)*, tornando-se a Rádio Eldorado *ESPN* e

transmitindo conteúdo esportivo com a participação de profissionais do canal de televisão por assinatura.

Em 2010, a Eldorado *ESPN* transformou-se em Estadão *ESPN*, ampliando a parceria com o canal de televisão e entrando para o segmento *all news*. A parceria com a *ESPN* chegou ao fim em 2012 e a emissora passou a se chamar Rádio Estadão, ampliando o espaço jornalístico, mas mantendo a transmissão de eventos esportivos.

O corte de gastos que o Grupo Estado fez em 2015 atingiu também o rádio. Em outubro, a Estadão demitiu cerca de 30 funcionários e passou a veicular música na programação. Além disso, encerrou o departamento de esportes. Não são feitas mais transmissões de jogos ao vivo e o noticiário esportivo ficou restrito aos radiojornais.

A última emissora estudada foi a Rádio Gaúcha, que iniciou suas transmissões de forma oficial em 19 de novembro de 1927. Faz parte do Grupo RBS de comunicação e sua programação inclui jornalismo e esporte. Segundo a professora Doutora Doris Fagundes Haussen (2009, p. 3), “[...] conta com programas de entrevista, debates e reportagens, sínteses noticiosas, e apresenta, ainda, serviços de trânsito, agenda, informações para o consumidor e informações culturais”.

Desde o início da década de 1980, a Gaúcha tem o formato de programação conhecido como *talk & news*, que consiste em programas de entrevistas e debates, além de notícia e prestação de serviços. Antes, a programação era genérica.

Para efetuar esse estudo, foram verificadas as grades de programação das emissoras CBN, Estadão e Gaúcha, com o objetivo de encontrar grandes reportagens produzidas cujo tema é o esporte, editoria correspondente ao assunto deste trabalho (esportes paralímpicos). O formato encontrado foi o de série, que é uma forma de adaptar a grande reportagem ao rádio brasileiro, como explicado anteriormente. Foram selecionadas como objeto da análise de conteúdo nove reportagens radiofônicas, sendo três de cada emissora definida como corpus e cada uma pertencendo a uma série de reportagens. Posteriormente foram definidos índices qualitativos e quantitativos para serem verificados a respeito das nove reportagens radiofônicas selecionadas.

Terminadas as pesquisas bibliográfica e descritiva, o trabalho seguiu para o conteúdo prático, etapa em que foi realizada a pesquisa aplicada, que segundo os professores Doutor Ernani Cesar de Freitas e Doutor Cleber Cristiano Prodanov “[...] objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 51). Nessa etapa foram colocados em prática os conceitos estudados na pesquisa bibliográfica e as observações feitas durante a pesquisa descritiva, realizando-se uma grande reportagem em rádio sobre esportes paralímpicos. O modelo escolhido foi a série de reportagens, pois se trata da maneira mais usual de colocar em prática no Brasil a grande reportagem na editoria de esportes.

Para isso, foi necessária a elaboração de um roteiro de um programa radiofônico. Para a construção do roteiro, o pesquisador fez uso de técnicas jornalísticas para definir os assuntos a serem abordados dentro da temática principal escolhida e as fontes de informação, como apuração, entrevistas e redação de um texto jornalístico para o rádio. Após a finalização do roteiro, a série de reportagens foi gravada e editada no Laboratório de Rádio da Universidade do Sagrado Coração (USC).

A escolha pela série de reportagens justificou-se, preliminarmente, por não ter o mesmo espaço no jornalismo brasileiro do que outros formatos em que a notícia é abordada de forma mais breve.

Ao optar-se pelo rádio como veículo de comunicação, verifica-se que este possui algumas vantagens. Sua estrutura de funcionamento é simples e não exige um aparato tecnológico tão grande quando comparado a outros veículos, nem na apuração dos fatos jornalísticos nem no funcionamento de uma emissora. “A unidade básica compreende uma pessoa com um gravador, em vez de uma equipe com câmera, luzes e gravador de áudio.” (MCLEISH, 2001, p. 17). Outra característica citada pelo jornalista inglês Robert McLeish (2001, p. 17) é o custo, que é mais em conta tanto para as emissoras, no capital e na manutenção, quanto para o ouvinte, já que o rádio pode ser sintonizado em vários tipos de receptores, como celulares, computadores e aparelhos de som dos carros.

A proximidade com o ouvinte também é outro ponto forte do veículo.

[...] a conversa direta com o cidadão. A expressão “falar ao pé do rádio” transformou-se em lugar comum, mas reproduz bem a sensação de quem está à frente do microfone contando histórias do cotidiano. (JUNG, 2004, p. 39).

A facilidade de acesso e a possibilidade de ouvir o rádio realizando outras atividades ao mesmo tempo reforçam ainda mais essa proximidade. “[...] divide emoções e faz companhia, seja pelo rádio sobre a pia, no painel do carro ou no computador do escritório”. (JUNG, 2004, p. 39).

A temática da série de reportagens, produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), os esportes paralímpicos, foi escolhida por ter uma grande importância e estar crescendo cada vez mais no Brasil. Segundo dados do último Censo, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são 45,6 milhões de pessoas com alguma deficiência, sendo que predominam os problemas visuais. (G1, 2012). O esporte é uma das principais maneiras que as pessoas com deficiência encontram para reabilitação e muitos acabam optando pela prática em alto rendimento. Atualmente, o Brasil é considerado uma potência mundial do esporte paralímpico e a cada edição melhora seu desempenho em Jogos Paralímpicos.

Apesar do sucesso do esporte paralímpico no país, a cobertura midiática é bem inferior quando comparada às modalidades olímpicas. Na televisão, a transmissão de eventos é geralmente restrita aos canais fechados e ocorre apenas em época de Paralimpíadas ou Jogos Parapanamericanos, sendo bem mais modesta do que os Jogos Olímpicos, como explicam Márcio de Oliveira Guerra e Tatiane Hilgemberg Figueiredo.

De quatro em quatro anos o maior evento esportivo do mundo, as Olimpíadas, movimentam bilhões de dólares; em Atenas, 2004, cerca de um bilhão de dólares foram gastos em direitos de transmissão de imagens e 16.033 jornalistas cobriram o espetáculo. Já nas Paraolimpíadas, que receberam o título de segundo maior evento esportivo mundial, em Atenas apenas 3000 jornalistas fizeram a cobertura dos Jogos. (GUERRA; FIGUEIREDO, 2005).

Essa diferença de investimento pode ser confirmada nas transmissões dos eventos esportivos que ocorreram em 2016 no Rio de Janeiro. Durante as Olimpíadas, sete canais fizeram o acompanhamento ao vivo, sendo que o SporTV

mostrou todas as modalidades, com 16 canais à disposição do assinante. Por outro lado, na Paralimpíada apenas dois canais se dedicaram às transmissões ao vivo da competição. A principal crítica do público brasileiro foi a ausência do evento em televisão aberta, já que apenas SporTV e TV Brasil transmitiram.

Nos jornais e na *Internet*, o noticiário dos esportes paralímpicos até existe, mas é limitado a pequenas notas na última página do impresso ou poucas notícias nas páginas de esportes, no caso da *web*.

Quando se observa o rádio, o cenário é ainda pior. A cobertura esportiva é basicamente destinada à transmissão de jogos e ao noticiário dos clubes de futebol. Modalidades olímpicas têm pouco espaço. Já quando se trata das paralímpicas é mais raro ainda encontrar conteúdo veiculado.

O estudo sobre os esportes paralímpicos é a outra frente de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso e foi desenvolvido pelo pesquisador Renato Francisco Sônego.

Ao final de todas as etapas deste TCC, os objetivos a serem alcançados foram:

- a) desenvolver aporte teórico sobre o rádio, o jornalismo radiofônico e os formatos praticados no referido veículo;
- b) verificar a frequência com que a grande reportagem aparece no rádio brasileiro;
- c) produzir uma grande reportagem radiofônica que abordasse os esportes paralímpicos.

## 2 O RÁDIO COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

As novas tecnologias fizeram com que o conceito de rádio precisasse ser atualizado. Não se ouve mais a programação das emissoras apenas pelo AM ou FM. É possível escutar rádio de qualquer lugar do planeta através da *Internet* ou de um canal da TV por assinatura. Além disso, existe uma opção variada de receptores: celular, computador, receptor do carro, além do tradicional radinho de pilha, que ainda sobrevive.

Dessa forma, o rádio no cenário atual, de convergência das mídias, pode ser definido como

Meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários. [...] De início, suportes não hertzianos como *web* rádios ou o *podcasting* não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma de fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (FERRARETO; KISCHINHEVSKY, 2010 apud FERRARETO, 2014, p. 18, grifo do autor).

A partir desta conceituação, Ferraretto (2014, p.19) separa o rádio em dois grupos. No primeiro está o rádio de antena ou hertziano, que são as transmissões feitas através de ondas eletromagnéticas. O outro grupo é chamado de rádio *on-line* e subdivide-se em rádio na *web*, que são as emissoras de antena que também disponibilizam a programação *on-line*; *web* rádio, cujas emissoras atuam exclusivamente na *Internet*, e as várias práticas de disponibilizar arquivos na *Internet* para ouvir *on-line* ou fazer *download*. Um exemplo dessa prática é o *podcast*.

Essa nova realidade fez com que as emissoras passassem a ter uma preocupação maior em explorar outras mídias. Várias têm conteúdo próprio em seus *sites*, com *podcasts* dos programas veiculados, notícias e até vídeos, fazendo com que o rádio deixe de ser exclusivamente sonoro.

Apesar desse cenário em que as outras tecnologias estão competindo com o rádio tradicional, as emissoras hertzianas ainda são as principais produtoras e distribuidoras de conteúdo no rádio brasileiro. Ferraretto (2014, p. 20) diz que as

comerciais são as que predominam no Brasil. O autor ainda lembra que existem outros tipos de emissoras, como as educativas e as comunitárias.

A transmissão da mensagem radiofônica se dá através de um emissor, que utiliza um canal e um código para transmitir sua mensagem para um receptor. As novas tecnologias provocam algumas mudanças nesse “caminho”, sendo que outros agentes fazem o papel de receptor, como as pessoas que produzem conteúdo em *podcast* e a ação de baixar músicas na *Internet*. Além da radiodifusão hertziana, outros canais transmitem a mensagem, como o computador e o celular. Por fim, o ouvinte pode ouvir rádio realizando outras atividades ao mesmo tempo e também não precisa mais acompanhar a programação em tempo real.

Para que a mensagem seja transmitida, Ferraretto (2014, p. 35) explica que existem seis condicionantes: a capacidade auditiva do receptor, a linguagem radiofônica, a tecnologia disponível, a fugacidade, os tipos de público e as formas de escuta.

A capacidade auditiva é um condicionante, pois o rádio, como veículo sonoro, exige do ouvinte aptidão de escutar para compreender o que está sendo transmitido, ou seja, a comunicação radiofônica depende da audição das pessoas para se efetivar.

A linguagem radiofônica também condiciona a mensagem ao exigir a presença de alguns elementos para permitir ao ouvinte compreender o conteúdo com clareza: voz, música, efeitos sonoros e silêncio. A linguagem radiofônica é definida pelo professor espanhol Armand Balsebre como

[...] conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo da percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes. (BALSEBRE, 2005, p. 329).

Entre os elementos que compõem a linguagem radiofônica, a voz é a que mais aparece.

A palavra, na linguagem radiofônica, assume uma diversidade de funções, muitas das quais complementares, enquanto outras adquirem maior relevância dependendo do tipo e da finalidade do

discurso. [...] (MARTÍNEZ-COSTA; UNZUETA, 2005, p. 46-47 apud FERRARETTO, 2014, p. 32).

As diversas funções que a voz humana pode assumir, segundo Ferraretto (2014, p. 32-33), são: enunciativa ou expositiva, ao fornecer dados para o ouvinte; programática, construindo uma continuidade narrativa; descritiva, ao mostrar um cenário com detalhes e criar imagens para o ouvinte; narrativa, por situar uma ação em um determinado tempo e espaço; expressiva ou emotiva, quando expressa estado de ânimo e sentimento; argumentativa, quando o emissor expõe suas ideias, chegando até a polemizar em alguns casos.

A fala é, segundo McLeish (2001, p. 19), a grande vantagem de um meio de comunicação auditivo sobre um impresso, pois é capaz de comunicar muito mais do que a palavra escrita. Através de variações na voz, um locutor consegue transmitir vários sentimentos diferentes para o ouvinte, como entusiasmo, compaixão, raiva, dor e riso. Assim, “a fala do locutor ao microfone é percebida pelo ouvinte como ‘real’ e ‘presente’ e proporciona uma relação de empatia e identificação”. (BALSEBRE, 2005, p. 331).

Outro elemento que faz parte da linguagem radiofônica é a música, que está presente de duas formas no rádio.

[...] (1) Como *conteúdo da programação*, “quando constitui a oferta global da emissora, o conteúdo básico de um programa ou uma parte de um bloco”; e (2) como *linguagem*, “que se integra à mensagem do rádio”. (MARTÍNEZ-COSTA; UNZUETA, 2005, p. 50 apud FERRARETTO, 2014, p. 33, grifo do autor).

Assim, a música no rádio pode ser um sucesso do momento quando está tocando em um programa musical ou parte de um *jingle* comercial ou de um radiojornal, se integrando e fazendo parte da mensagem transmitida.

Os efeitos sonoros também fazem parte da linguagem radiofônica. Balsebre (2005, p. 334) define quatro funções para o efeito sonoro: ambiental, expressiva, narrativa e ornamental. Dessa forma, pode estar presente em peças radiofônicas, reproduzindo o som ambiente, fazendo uma indicação de que algo está acontecendo para o leitor ou mesmo uma mudança de cena, além de auxiliar durante a programação, como um som indicativo de que o locutor irá falar a hora certa.

O último componente é o silêncio. Baseada em Balsebre, a professora Cida Golin (2010, p. 764 apud FERRARETTO 2014, p. 34) aponta sua função no rádio. “[...] potencializa a expressão, a dramaticidade e a polissemia da mensagem radiofônica, delimita núcleos narrativos e psicológicos e serve como elemento de distância e reflexão.” O uso bem feito e planejado do silêncio vai auxiliar o ouvinte na compreensão da mensagem.

O próximo condicionante da mensagem radiofônica diz a respeito à tecnologia, que engloba as várias novas técnicas e aprimoramentos que permitem ao rádio cada vez mais se modernizar e torná-lo mais eficiente. As emissoras FMs e a possibilidade de ouvir rádio via *Internet* são dois exemplos de novas tecnologias que contribuíram para essa melhora na comunicação radiofônica.

A radiodifusão tradicional caracterizou-se pela fugacidade, na qual a mensagem é recebida no momento em que é transmitida. “[...] se o ouvinte não estiver ali para ouvir o noticiário este já terá sido transmitido e ele terá de esperar pelo próximo.” (MCLEISH, 2001, p. 17). Entretanto, Zucoloto (2012, p. 170) explica que, com a *Internet*, pode-se ouvir o rádio a qualquer hora, através do que as emissoras disponibilizam do que já foi irradiado até mais de uma vez se o ouvinte desejar. Isso faz com que o rádio deixe de ser totalmente fugaz.

Cada emissora tem seu público específico. E as características dessas pessoas é que vão influenciar na forma e no conteúdo que será transmitido. “[...] uma notícia da área econômica pode ter um tipo de tratamento menos coloquial em uma emissora e, em outra, ser traduzida para o leigo, enquanto em uma terceira talvez nem seja transmitida.” (FERRARETTO, 2014, p. 36). Assim, cada emissora analisará as particularidades de sua audiência, como gênero, classe social e faixa etária para determinar o que vai ser veiculado na programação.

O último condicionante da mensagem radiofônica são as diferentes formas de escuta que um ouvinte pode fazer ao sintonizar o rádio. Utilizando a classificação proposta pelo engenheiro francês Abraham Moles, María Cristina Romo Gil (1994, p. 22 apud FERRARETTO, 2014, p. 37) mostra que existem quatro maneiras diferentes de acompanhar o rádio:

- a) escuta ambiental: utilizando o veículo apenas como fundo musical ou de palavras;

- b) escuta em si: o ouvinte está fazendo outra coisa ao mesmo tempo, mas para a atividade em determinado momento para dar atenção ao rádio;
- c) atenção concentrada: aumenta-se o som do volume do aparelho receptor para dedicar atenção exclusiva à mensagem radiofônica;
- d) escuta por seleção: sintoniza-se um programa e dedica-se toda atenção exclusivamente ao rádio.

Como veículo de comunicação, a radiodifusão apresenta algumas características que lhe são peculiares. Uma vez que o ouvinte não vê o que está sendo transmitido, ele forma na mente a própria imagem da situação ao qual o locutor está se referindo, daí McLeish (2001, p. 15) definir o rádio como um meio cego, pois, como explica o professor argentino Ricardo Haye

O rádio constrói “imagens acústicas” a partir de signos orais, verbais, musicais, sonoros e silenciosos. Esses elementos possibilitam que as imagens adquiram uma forma determinada para transmitir conteúdos de variada espécie. (HAYE, 2005, p. 347).

Sobre esse aspecto imagético do rádio, Zucoloto (2012, p. 23) lembra que, ao utilizar apenas a fala, permite às pessoas analfabetas compreenderem perfeitamente o conteúdo da mensagem, sendo o único meio de comunicação com essa particularidade.

O rádio pode falar para a multidão. É possível sintonizar uma emissora em várias cidades pelo *dial* ou acessar uma emissora dos Estados Unidos ou da Europa através da *Internet*. É tão abrangente que chega a ser a única opção para lugares onde o contato com a tecnologia é quase inexistente. “[...] sua abrangência alcança basicamente qualquer lugar, mesmo onde não existe energia elétrica ou as transmissões televisivas ainda não chegaram.” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 48).

Entretanto, ao mesmo tempo em que fala para milhões de pessoas, também faz uma comunicação de forma individualizada.

As palavras, as formas de falar, são pensadas para o ouvinte com suas particularidades e expectativas. [...] O tom íntimo das transmissões, representado pelas expressões “amigo ouvinte”, “caro ouvinte”, “querido ouvinte”, proporciona uma aproximação e uma intimidade únicas, fazendo do rádio um veículo companheiro. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 46-47).

A transistorização, com o surgimento do radinho de pilha e mais recentemente a *Internet* permitiram que as pessoas pudessem ouvir o rádio individualmente, transformando-o em parceiro de outras atividades cotidianas. Dessa forma, outro ponto forte do rádio é sua mobilidade, já que “[...] é carregado de um lado para o outro com extrema facilidade”. (ZUCOLOTO, 2012, p. 24).

Além de ser portátil para o ouvinte, o rádio também proporciona uma mobilidade para quem trabalha. Não exige o deslocamento de vários profissionais, como ocorre com a televisão, e o aparato tecnológico não é grande. Uma pessoa apenas pode fazer a cobertura de um fato e entrar ao vivo na programação.

Com isso, consegue ser um dos veículos mais imediatos junto com a *Internet*. Isto permite mostrar ao ouvinte o que está acontecendo no momento em que os fatos ocorrem.

A reportagem de um correspondente internacional, um ouvinte falando ao telefone, o carro de reportagem nos subúrbios, o resultado de um jogo diretamente do estádio local, um concerto da capital são todos exemplos do caráter imediato do rádio. (MCLEISH, 2001, p. 16).

Reforçando esse imediatismo, Zucoloto (2012, p. 24) explica que o aparelho celular é uma tecnologia muito útil, já que através dele os repórteres de rádio conseguem fazer entrevistas e passar informações para as emissoras.

Por não exigir tanta tecnologia, o rádio acaba sendo um veículo de comunicação barato. Do ponto de vista dos profissionais da área, o investimento e a manutenção de um estúdio não são muito caros. A grande dificuldade está em conseguir uma frequência no *dial* para transmissão, já que para se “abrir” uma rádio é necessário um processo de concessão do governo, que em certos casos pode demorar anos para acontecer.

Também não é caro para o ouvinte. Um aparelho receptor custa menos do que uma televisão, por exemplo. Além disso, com novos modos de recepção da frequência, como os celulares ou o computador, não é necessário obter-se um novo aparelho para escutar rádio.

Fazendo uso de todas essas características, o rádio pode colaborar para o bem-estar das pessoas, aliviando a tensão e o estresse e promovendo um instante

de relaxamento. Além disso, ajuda a pautar as conversas do dia a dia, assim como também fazem os demais veículos de comunicação.

Além do impacto individual, o rádio atua fortemente no espaço coletivo. McLeish (2001, p. 20-21) enumera alguns impactos na sociedade: fornece informações sobre empregos, produtos e serviços; está sempre de olho naqueles que têm o poder, proporcionando contato entre eles e o público; proporciona o debate de temas sociais e políticos, discutindo possíveis soluções; abre espaço para a cultura artística intelectual, ao dar a oportunidade de artistas consagrados ou novatos mostrarem seus talentos; facilita o diálogo entre indivíduos e grupos (papel feito pelas rádios comunitárias); estimula a arrecadação de recursos públicos e/ou privados para necessidades pessoais ou comunitárias, principalmente em casos que necessitam de certa urgência.

Barbosa Filho (2003, p. 50) ressalta que “[...] a prestação de serviço público por intermédio do rádio possui força e poder inimagináveis”. Esse veículo tem uma alta capacidade de convencer o público em seu discurso e mobilizar as pessoas para uma ação. É importante um comunicador de rádio ter a consciência de que tem uma arma poderosa nas mãos, pois “o rádio, a televisão [...] na medida em que informam, divertem ou aborrecem, estão fatalmente educando, para o bem ou para o mal. [...] o veículo está formando pessoas em cada conceito que emite”. (ALVES, W., 2005, p. 303).

Esse papel de verificar os fatos, fazer uma apuração bem feita e deixar as pessoas bem informadas cabe ao jornalismo. Em entrevista a Emílio Coutinho, do site Casa dos Focas, a apresentadora da Rede Globo Sandra Annenberg comentou sobre a função do jornalismo na sociedade.

[...] é manter não só a informação latente, mas a transparência de tudo. Então é não deixar senões, é simplesmente mostrar o que está acontecendo para que um povo bem informado tenha liberdade de escolha. Basicamente é isso, eu acho que é a base da democracia. (ANNEMBERG, 2014).

O jornalismo está presente nos mais variados meios de comunicação, caso do rádio. O jornalismo radiofônico é o tema do próximo capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

### 3 O JORNALISMO DE RÁDIO

Quando começou pra valer no Brasil, em 1923, o rádio ainda era feito de forma muito precária e amadora. Mesmo assim já permitia divulgar informações e fazer uma prestação de serviços mais rápida do que o jornal, que era o principal meio de comunicação da época. Nesse período, as notícias eram resultantes simplesmente da leitura do jornal impresso no ar. Essa forma de fazer jornalismo radiofônico Jung (2004, p. 20) chama de “método Roquette-Pinto”, nome atribuído ao fundador, ao lado de Edgard Morize, da primeira rádio brasileira a atuar com regularidade, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Além de selecionar e ler as notícias no ar, os locutores faziam comentários para reflexão do ouvinte.

O que seria entendido como jornalismo radiofônico foi implantado no Brasil durante a Era de Ouro, que, na classificação proposta por Ferraretto (2001), vai de 1940 a 1955. Entretanto, nessa época, a notícia ainda não era o principal produto do rádio, que tinha os programas de auditório, as radionovelas e os humorísticos como carros-chefes da programação.

Foi durante a Era de Ouro que surgiu o Repórter Esso, radiojornal que definitivamente colocou o Brasil no mundo do jornalismo de rádio. O conteúdo das notícias era fornecido por uma agência norte-americana, a *United Press International*, e a justificativa para a implantação no Brasil era trazer notícias sobre a Segunda Guerra Mundial - já existiam versões do Esso em outros países. Estreou em 28 de agosto de 1941 e, de início, era transmitido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e pela Record de São Paulo, espalhando-se posteriormente para outros estados.

O Repórter Esso introduziu no Brasil “[...] um modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado”. (FERRARETTO, 2001, p. 127). O autor lembra que o noticiário tinha grande credibilidade e exemplifica com o fato de que as pessoas só acreditaram que a Segunda Guerra Mundial tinha terminado e que Getúlio Vargas havia se suicidado quando o Esso informou, mesmo que outros veículos já tivessem noticiado os fatos antes. O radiojornal se despediu em 1968, na Rádio Globo, após 27 anos no ar.

Outro noticiário importante para o rádio brasileiro foi O Grande Jornal Falado Tupi, que tinha uma proposta diferente do Repórter Esso.

No início, a identificação do noticiário como o cabeçalho de um periódico impresso. Depois, com a marcação da sonoplastia, as manchetes a reproduzir a capa de um jornal. Seguiam-se as notícias agrupadas em blocos – política, economia, esportes... – tal qual faziam os diários com suas editorias. (FERRARETTO, 2001, p. 130 - 131).

O Repórter Esso e O Grande Jornal Falado Tupi trouxeram inovações no formato e na linguagem e foram importantes para consolidar o jornalismo de rádio no Brasil. “É possível encontrar uma mudança aqui, outra acolá, mas as ideias apresentadas aos ouvintes pelo *Esso*, com a síntese noticiosa, e pela Tupi, com o jornal falado, ainda são referências na programação radiofônica.” (JUNG, 2004, p. 35, grifo do autor).

Em meados dos anos 50, a televisão tomou o espaço do rádio. As verbas publicitárias e as estrelas dos espetáculos migraram para o novo veículo. Com isso, o rádio foi obrigado a se reinventar, investindo em esporte, prestação de serviços e jornalismo, que se consolidou nas décadas seguintes. Jung (2004, p. 37) explica que uma das estratégias utilizadas pelas emissoras foi colocar o repórter na rua, transmitindo os fatos no momento em que aconteciam para competir com a televisão. Informações de trânsito, meteorologia e hora certa também eram táticas usadas. O autor cita como exemplos a Bandeirantes, que tinha blocos informativos de um minuto a cada 15 de programação e de três minutos a cada hora, e a Jovem Pan, que passou a investir em jornalismo no final da década de 1960.

O início das transmissões em frequência modulada (FM) a partir da década de 1970 e o investimento do governo militar em aumentar o número de emissoras desse tipo deram o incentivo para a segmentação das rádios brasileiras. As emissoras musicais preferiram o FM, que tem uma qualidade de som superior. Já o AM ficou voltado para o jornalismo e a prestação de serviços. Foi um momento em que “enfim, o radiojornalismo conquista um espaço definitivo na radiofonia brasileira”. (ZUCOLOTO, 2012, p. 31). Contribuíram para isso a transmissão via satélite e a formação das redes, por meio do que as emissoras começam a ter afiliadas espalhadas pelo Brasil.

As rádios brasileiras passaram a se dedicar ao jornalismo em tempo integral. Nos anos 80, as Rádios Jornal do Brasil e Gaúcha se aventuraram em formatos com

24 horas de notícias. Entretanto, a primeira a trazer o estilo americano conhecido como *all news* para o Brasil foi a CBN, inaugurada em 1991.

O rádio informativo podia ser feito das mais variadas formas.

Incorporou de vez a entrevista, a intervenção do repórter e a cada dia trabalha mais com o “ao vivo”. [...] Porém, como cada vez mais se trabalha com a instantaneidade e a simultaneidade, por meio do “ao vivo” e mesmo com o imediatismo, a linguagem se aproxima ainda mais do coloquial, mas se liberta das regras dos manuais. Não havendo redação prévia, para posterior leitura ou gravação, é preciso improvisar e a notícia acaba indo ao ar como se fosse uma conversa com o ouvinte. (ZUCOLOTO, 2012, p. 164-165).

No rádio moderno existe uma divisão entre o local e o global. As grandes emissoras são as que mais experimentam esses novos formatos do jornalismo radiofônico, facilitado por ter correspondentes e afiliadas. Já as pequenas e médias emissoras se voltam para o noticiário da cidade e da região, com muita prestação de serviço e utilidade pública. No rádio local era mais difícil fazer uma grande revolução nos formatos da notícia, devido às limitações de investimento.

Outro fator importante que contribuiu para a evolução do jornalismo radiofônico foram os impactos tecnológicos. Zucoloto (2012, p. 150) lembra que, nos anos 90, a transmissão via satélite, a fibra ótica e as estações de micro-ondas já eram inovações que traziam impacto para o rádio. Nos anos 2000, a popularização da *Internet* abriu novas possibilidades para o jornalismo radiofônico, tornando o trabalho de os profissionais mais ágil e eficaz.

Reportagens não precisam mais ser transmitidas por linha telefônica, estão comprimidas em arquivos que navegam na intranet. A edição digital torna o trabalho mais rápido. Da rua, portando um *notebook*, o próprio repórter é capaz de escrever a matéria, escolher o trecho das entrevistas que irá ao ar, gravar o texto e, conectado na rede, gerar para a emissora a reportagem editada.

No estúdio, o computador, ao lado da mesa de som, está com as vinhetas, chamadas, comerciais e programas gravados pronto para entrar na hora agendada. O apresentador lê as laudas [...] direto da tela, onde encontra textos produzidos pela redação, cabeças de reportagens redigidas pelo editor ou pelo repórter, além do acesso às agências de notícias, portais de conteúdo e toda sorte de material disponível na internet. (JUNG, 2004, p. 68, grifo do autor).

Essas modificações na estrutura do rádio fizeram com que o ouvinte ganhasse cada vez mais espaço. Atualmente, ele pode participar da programação não só pedindo música, mas também do jornalismo. Participa de debates, envia perguntas para o entrevistado ou denuncia problemas da cidade. O *Facebook* e o *WhatsApp* são exemplos de redes sociais digitais que permitem essa interação.

Os novos meios tecnológicos modificaram a forma das pessoas buscarem a informação. Assim, não dependem mais exclusivamente do jornalista para ter acesso às notícias. Sobre isso, o professor espanhol Mariano Cebrián Herreros observa que

A internet modifica as maneiras pelos quais se informam as pessoas. Os usuários passam a ter um poder que antes não possuíam, tanto para buscar e contrastar como para incorporar informação gerada ou conhecida por eles. Têm acesso à rede como um autosserviço. Esta visão modifica plenamente o panorama dos meios de comunicação e em particular do rádio. Ou o rádio busca a personalização da informação, a interatividade, o autosserviço, ou perderá a capacidade de penetração na nova sociedade. (HERREROS, 2001, p. 22 apud FERRARETTO, 2007, p.7).

Em relação a essas mudanças que o rádio é obrigado a fazer, na *Internet* “uma rádio não é apenas uma rádio”. (JUNG, 2004, p. 69). Está junto com textos e imagens. Aquilo que o locutor leu no ar está disponível em forma de texto ou para fazer o *download* como *podcast*. Vídeos auxiliam ou complementam a informação. Em alguns casos, é possível até ver os estúdios de uma emissora através da *webcam*.

Mesmo com a evolução do jornalismo radiofônico, desde o seu surgimento até a influência das novas tecnologias, o veículo não perdeu sua característica de ser uma poderosa fonte de notícias e um prestador de serviço à população.

Nos conceitos e na produção jornalística, o rádio não se diferencia dos outros veículos de comunicação. A matéria prima do jornalismo é a notícia, que pode ser definida por Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa como “relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância”. (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 513 apud FERRARETTO, 2014, p. 87). Ao encontro dessa definição, McLeish (2001, p. 71) ressalta que para um fato ser notícia deve ser novidade, pois o ouvinte ainda não tem conhecimento; interessante, pois trata de algo que está na

vida das pessoas e pode afetar o dia a dia; verdadeiro, já que o relato feito pelo jornalista é verídico.

Para decidir o que vai ser noticiado ou não, os jornalistas analisam se os fatos possuem algumas características que lhes credenciam ou não para se transformar em notícia. São os chamados “valores-notícia”. O diretor de jornalismo do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Marcelo Parada (2000, p. 24-25), lista as características que as grandes notícias têm em comum, de acordo com Andrew Boyd:

- a) proximidade: em geral, temas relevantes para o ouvinte são aqueles que estão próximos de onde as pessoas vivem;
- b) relevância: deve interessar ao maior número de pessoas possível, trazendo impacto na vida de quem vai escutar a notícia;
- c) imediatismo: uma das principais características do rádio é trazer as notícias que estão acontecendo no momento. O que já passou não interessa mais;
- d) interesse: o maior desafio na hora de produzir notícia no rádio é unir o que o ouvinte quer saber com aquilo que ele precisa saber. Se esse “casamento” não for bem feito, a emissora poderá perder a credibilidade e, conseqüentemente, os ouvintes;
- e) drama: notícias sobre perigo, aventuras, conflitos, crimes costumam render boas histórias. Muitas vezes acabam se tornando apelativas e apontando para o sensacionalismo. O desafio do bom jornalista é saber contar esses fatos sem exagero, mantendo a integridade e a credibilidade;
- f) entretenimento: existe uma tendência a priorizar as notícias “sérias”. O ouvinte faz do rádio um companheiro e se torna desagradável ouvir apenas notícias ruins o tempo todo. O jornalismo de rádio deve saber alternar entre as notícias mais pesadas e mais leves, a fim de se tornar agradável para o ouvinte.

De acordo com Parada (2000, p. 25-27), quando ouve rádio as pessoas estão atrás de informações sobre: hora certa, emergências, denúncias, atos do governo, conflitos e debates, saúde, previsão do tempo, esportes e trânsito. O autor destaca ainda a importância de dar atenção para as reclamações que os ouvintes fazem e, na medida do possível, solucionar esses problemas.

A notícia de rádio possui algumas características próprias.

A matéria jornalística, produzida no rádio, deve conter todas as informações fundamentais [...] e ser exata [...], clara [...], concisa [...] e elegante. Reduza todo o palavreado supérfluo. Corte os adjetivos e as partículas que pouco ou nada acrescentam à notícia [...]. Prefira as frases curtas. [...] Uma série de frases curtas e incisivas dá a notícia um sentido de ação e urgência. (KLÖCKNER, 1997, p. 28-33 apud ZUCOLOTO, 2012, p. 165).

Ao encontro dessa caracterização da notícia de rádio feita pelo jornalista Luciano Klöckner, Ferraretto (2014, p. 99) destaca que um texto de rádio não depende apenas de palavras, mas de uma articulação oral de quem está apresentando, muitas vezes acompanhado de música, efeitos sonoros e até silêncio. Assim, a notícia de rádio deve ser redigida de forma que fique clara para o ouvinte e que ele entenda perfeitamente o fato.

Para que se chegue até a notícia, primeiro é necessário que o fato seja de conhecimento do jornalista. Isso pode acontecer de várias maneiras.

Uma boa estação voltada à cobertura jornalística possui (1) *estruturas próprias de captação de notícias* – âncoras, produtores, repórteres, correspondentes, enviados especiais e escutas -, utiliza um amplo leque de (2) *serviços externos* – agências de notícias, assessorias de imprensa... – e vale-se de (3) *diversas fontes de informação* – especialistas, informantes, ouvintes, protagonistas e testemunhas dos fatos... Além disso, mantém constante monitoramento de (4) *outros veículos noticiosos*, de emissoras concorrentes a *blogs* com relevância, canais de televisão especializados, portais de conteúdo jornalístico, publicações impressas noticiosas, redes sociais etc. (FERRARETTO, 2014, p. 89, grifo do autor).

As fontes de informação podem ser classificadas por Rosemary Bars Mendez (2010, p. 565 apud FERRARETTO, 2014, p. 92), baseada em Nilson Lage, em: primárias, secundárias e especializadas. As primárias são as pessoas que estiveram envolvidas com o fato e cooperam com o repórter através de entrevista, depoimento, ou fornecimento de algum documento. A fonte secundária tem um envolvimento indireto, viu que o aconteceu ou tem uma informação importante que vai cooperar na investigação, além disso, auxiliam o jornalista a ter acesso aos personagens principais do acontecimento, como os assessores de imprensa, por exemplo. Por fim, a fonte especializada tem conhecimento e credibilidade que vão ajudar a

explicar o fato, como um médico que tira dúvidas sobre uma doença contagiosa e um advogado que fale sobre os direitos do consumidor.

Uma rádio local, de menor porte, costuma recorrer aos serviços externos, como as agências de notícias e radiofônicas, para produzir o noticiário nacional e internacional, que completa o trabalho desenvolvido pelos repórteres, que são responsáveis pelas notícias locais e/ou regionais.

Ao ter acesso a uma informação, qualquer que seja a fonte, deve-se checar e analisar os dados cuidadosamente. Os jornalistas ingleses Paul Chantler e Sim Harris dão a seguinte dica:

Quando você recebe uma informação, é preciso responder imediatamente a duas perguntas: a primeira se a informação é confiável, e a segunda é se ela tem um valor jornalístico. Se as duas respostas forem afirmativas, você tem uma notícia. Se a resposta à primeira questão for “não”, então é necessário realizar uma apuração mais cuidadosa do fato. [...] Se a resposta à segunda pergunta for negativa é o fim da matéria. (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 37-38).

Esse trabalho de apurar a informação é desenvolvido pelos pauteiros, que definem os fatos que se tornarão notícias. Depois começa o trabalho da equipe de reportagem, que pode fazer uma transmissão ao vivo ou repassar informações de volta para a redação. Deve-se apurar também com atenção informações vindas de ouvintes e informantes, a fim de verificar a veracidade, outro trabalho feito na redação.

Empresas maiores contam com uma estrutura e uma hierarquia bem definidas. Pauteiros e chefes de reportagem apuram e decidem o que será objetivo de investigação. O repórter apura. Na redação, existem redatores e editores para selecionar e preparar o material que será lido no radiojornal, que conta com um apresentador, que também pode ser o âncora.

Entretanto, em emissoras de menor porte e que não têm capacidade para bancar tantos profissionais, é comum que um profissional faça mais de uma função. Uma mesma pessoa apura se a informação está correta e sai à rua produzir a matéria. Em certos casos pode até mesmo ser o apresentador do radiojornal no estúdio.

Depois de apuradas e, se confirmadas, as informações serão divulgadas para a população na programação da emissora. Chantler e Harris (1998, p. 47-49) explicam que isso pode ser feito através de: textos lidos pelo apresentador no estúdio; entrevistas, quando o repórter ouve pessoas envolvidas; entradas do repórter, em que ele traz as informações sem entrevistar outra pessoa; som ambiente, quando uma entrevista ou algum outro efeito sonoro é gravado para ser reproduzido na programação; e a matéria, que combinam falas do repórter e do entrevistado.

A apuração e construção da notícia requerem princípios e atitudes éticas por parte dos envolvidos. No entanto, o jornalista enfrenta alguns obstáculos para fazer seu trabalho. Jung (2004, p. 83-92) cita o exemplo de uma rádio jornalística cujos proprietários são donos de uma companhia de filmes. Ele comenta sobre a dificuldade que seria para um repórter dessa rádio desenvolver uma resenha crítica sobre um filme produzido por essa companhia, podendo prejudicar o faturamento da empresa que ajuda a pagar o salário desse jornalista. Outra situação explicada pelo autor e em que ocorre conflito de interesses é que, pelos salários pagos em rádios não serem dos mais altos, muitos profissionais acabam tendo que optar por um segundo emprego e trabalham em assessorias de imprensa de empresas ou órgãos públicos. Assim, ao mesmo tempo em que trabalham para um veículo de comunicação e têm de apurar os fatos, também defendem interesses de determinadas empresas ou instituições perante a sociedade.

Apesar desses e de outros conflitos de interesse que o profissional do jornalismo pode encontrar ao desenvolver o seu trabalho, são necessárias algumas atitudes e comportamentos que zelem sempre pela ética da profissão.

Os jornalistas Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2013, p. 3-18) trazem uma série de condutas indispensáveis para a profissão de jornalista. Cabe destacar algumas:

- a) o profissional deve sempre dizer a verdade, resistindo a qualquer tipo de pressão que tente desviar desse objetivo. Não pode guardar para si uma informação de interesse público e deve agir sempre pela isenção;
- b) o jornalista deve ter consciência de que seu trabalho tem limite. Na ânsia de buscar a informação, acaba apelando para atitudes antiéticas, como utilizar a

- câmera escondida. Cuidados na abordagem correta de um crime e dos motivos de um suicídio são outros dois casos que requerem atenção;
- c) o profissional que trabalha com a notícia pode ter suas preferências pessoais, mas não deve misturá-las com o profissional, evitando assim fazer propagandas políticas ou declarando apoio a líderes ou grupos partidários e religiosos;
  - d) o bom jornalista não deve deixar que a publicidade interfira. É contrário à ética a emissora que permite ao patrocinador afetar a notícia e produz um material jornalístico com o intuito de divulgar e vender um produto, por exemplo;
  - e) não se pode enganar as pessoas, usando um som ou imagem irreais ou distorcer falas e imagens de entrevistados, além daquelas que são permitidas para preservar os envolvidos.

Outro cuidado ético diz respeito às fontes de informação. A recomendação é que “o jornalista não deve ter amizade pessoal com a fonte, pois quem se envolve com suas fontes corre o risco de ficar limitado ou de ser influenciado por ela”. (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 18). A fonte deve sempre ser identificada, exceto nos casos em que, para protegê-la, é necessário dar anonimato. O jornalista não emite ou omite informação para agradar uma fonte. Além disso, deve checar a informação antes de divulgar, procedimento que alguns não fazem pela ânsia do “furo”.

Há jornalistas que elegem uma única pessoa para falar sobre determinado assunto e recorrem a ela em diferentes ocasiões. Essa situação é definida por Jung (2004, p. 102) como “fontismo”. Isso ocorre por falta de especialistas que dominam o assunto e saibam se comunicar bem e pelo ritmo acelerado de trabalho dos repórteres, que acabam recorrendo àquelas pessoas que já conhecem. A pluralidade de fontes aumenta a credibilidade do jornalista e do veículo de comunicação e é essencial para que o profissional não fique “refém” da mesma pessoa para lhe fornecer informações e/ou opiniões.

Após uma apuração bem feita e dentro da ética, a construção da notícia para o rádio também requer alguns cuidados e procedimentos próprios. “Sintético, inicia sempre pelo aspecto mais importante, hierarquizando os detalhes restantes (técnica da pirâmide invertida).” (FERRARETTO, 2014, p. 100). A estrutura básica da notícia de rádio tem, na primeira oração, as respostas às perguntas básicas “que?”,

“quem?”, “onde?” e “quando?”. Nas frases seguintes, são respondidas as outras questões, como “como” e “por quê”. Ao dar a notícia, o rádio necessita prender a atenção do ouvinte, que muitas vezes está fazendo outra atividade simultaneamente. Para isso, o jornalista Clovis Paiva, citado por Luiz Amaral, diz que o jornalismo radiofônico adota “[...] a fórmula 3C1V: clareza, correção, concisão e vibração”. (AMARAL, 1986, p.150 apud FERRARETTO, 2014, p. 102).

Na hora de colocar no papel o texto para rádio, deve-se levar em conta “[...] a objetividade, a economia de palavras e o encadeamento claro e simples das ideias [...]”. (PARADA, 2000, p. 49). Ser objetivo é ir direto ao assunto. Poucas palavras não significam pobreza de vocabulário ou deixar de dar uma informação, mas utilizar as palavras certas de modo que o ouvinte compreenda. Na produção de uma notícia para o rádio, “[...] o texto deve ser coloquial, e o jornalista precisa ter em mente que está contando uma história para alguém” [...]. (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 150).

É importante, ainda, escrever como se estivesse falando. Ferraretto (2014, p. 109-129) traz algumas orientações na hora de redigir um bom texto para o rádio: usar a ordem direta nas frases (sujeito + verbo + complemento); dar preferência às frases na voz ativa; utilizar o tempo verbal no presente; identificar os cargos e funções das pessoas envolvidas; prestar atenção ao escrever números, pois existem circunstâncias em que podem vir em formas de algarismo ou por extenso; tomar cuidado com a cacofonia. Deve-se evitar: conjunções, expressões que “envelhecem” a notícia e frases negativas.

A jornalista Zita de Andrade Lima reforça a importância da linguagem coloquial para o público, pois quem ouve rádio “gosta da linguagem empregada pelo comunicador que tem o seu mesmo sotaque, seu mesmo jeito de dizer [...]”. (LIMA, 1969 apud ALVES, R., 2005, p. 164). A autora ainda salienta que o uso de uma linguagem coloquial vai influenciar até mesmo na credibilidade de uma emissora, fundamental quando se trata do jornalismo.

O jornalista de rádio trabalha com a voz. Nos primórdios, era necessário ter um “vozeirão” para ser locutor, quando predominava o tom grave e as notícias eram lidas de forma cadenciada, com exagero na articulação e sem expressividade na voz. Posteriormente, esse modelo foi exportado para a televisão. Jung (2004, p.119) destaca que, nos 1980, a população passou a cobrar mais comprometimento dos jornalistas com o cidadão. Era um período em que o Brasil vivia a volta da

democracia. Gradualmente, houve a troca do tom artificial de leitura pela naturalidade da voz em forma de conversa e aproximando os jornalistas da população. Essa mudança na locução começou na televisão e estendeu-se posteriormente para o rádio.

McLeish (2001, p. 90-92) recomenda que se faça a leitura das notícias antes delas irem ao ar, para entender o conteúdo e verificar problemas a tempo de corrigi-los, como erros de digitação e frases ambíguas. Um padrão para a pronúncia de nomes, principalmente estrangeiros, também deve ser seguido, evitando que as pessoas “mudem” de nome entre um programa e outro. Outro aspecto importante é a ênfase vocal, pois dependendo da forma como se enfatiza as palavras a interpretação da notícia para o ouvinte pode ser alterada. O bom locutor deve ter boa inflexão, isto é, saber variar o tom da voz para não tornar a leitura da notícia maçante e desagradável e ter jogo de cintura em casos de erros de leitura ou falhas técnicas, pedindo desculpas quando necessário.

O ato de falar no rádio pode ser feito por um locutor ou por um apresentador, segundo Ferraretto (2014, p. 82-84). O primeiro segue um roteiro pré-definido. Já o segundo, apesar de ter um roteiro, não segue fielmente as palavras escritas, fazendo uso do improviso. Atualmente, um termo consagrado para quem usa voz no rádio é o de comunicador, que engloba os âncoras, os comunicadores populares e os *DJs*.

O jornalismo de rádio vem evoluindo e mudando desde os primórdios da radiofonia brasileira até os dias atuais, implicando no desenvolvimento e aprimoramento dos formatos praticados no meio, como a notícia, cuja elaboração exige apuração cuidadosa e bem feita dos fatos, sempre respeitando os limites éticos que a profissão exige. O texto possui algumas características próprias e o profissional que trabalha para esse veículo deve ter habilidade para trabalhar com a voz.

Executando-se com êxito todas as etapas da produção jornalística radiofônica, torna-se possível que sejam desenvolvidos diferentes gêneros, em que são colocadas em prática diferentes técnicas de abordagem jornalística, como a entrevista e a reportagem. Esses gêneros são abordados com detalhes no próximo capítulo.

#### 4 SEGMENTO, GÊNERO E FORMATO

A partir da segunda metade dos anos 80 se consolidou no Brasil o processo de segmentação das emissoras de rádio, que passaram a explorar uma fatia mais específica do público. No rádio segmentado o conteúdo a ser oferecido já tem um público definido e os anunciantes de produtos são relacionados ao gosto das pessoas que os ouvem.

Para chegar-se à audiência desejada, as emissoras analisam particularidades do público ouvinte, que vão desde

[...] (1) *aspectos geográficos*, (2) *demográficos* e (3) *socioeconômicos*, ou seja, particularidades em relação aos seus ouvintes em potencial, como idade, sexo, local de domicílio, classe de renda, instrução, ocupação, *status*, mobilidade social [...]. (FERRARETTO, 2014, p. 48- 49, grifo do autor).

O autor ainda salienta que as emissoras podem avaliar características mais específicas da audiência segmentada, como os padrões de consumo, os benefícios que o ouvinte procura no rádio, o estilo de vida e o tipo de personalidade das pessoas que acompanham a programação.

As conceituações e classificações de segmento, gênero e formato da programação variam de autor para outro e definem o perfil das emissoras radiofônicas.

Ferraretto (2014, p. 50-52) define seis segmentos básicos que são colocados em prática no rádio brasileiro: o jornalístico, o popular, o musical, o comunitário e o religioso. O formato constitui-se no modo como a emissora vai abordar seu segmento. Por exemplo, enquanto uma rádio musical veicula *pop music* e *rock and roll*, uma emissora voltada ao jornalismo faz uso do formato *talk and news*, com notícias, debates e entrevistas. Dentro do formato tem-se a programação, que é a organização dos conteúdos veiculados por uma emissora de rádio. Por fim, fazem parte da programação os programas, que podem ser: noticiário, de entrevista, de opinião, de participação do ouvinte, mesa-redonda, jornada esportiva, documentário, radiorevista ou programa de variedades, humorístico, dramatização, de auditório e musical.

Quanto aos gêneros, Ferraretto (2014, p. 96-98), baseado em José Marques de Melo, trabalha apenas no âmbito jornalístico, classificando-os em:

- a) informativo: transmite os fatos com os mínimos detalhes necessários para que o ouvinte compreenda. Predominante em sínteses noticiosas e edições extras, mas também pode aparecer em reportagens e radiojornais;
- b) interpretativo: é uma ampliação qualitativa do que está sendo passado ao público ouvinte. O texto mancheteado facilita para que seja construído conteúdo de forma interpretativa. Esse gênero se faz presente através de participações de âncoras e comentaristas, além de programas de entrevista e mesas-redondas. Também pode aparecer em boletins;
- c) opinativo: consiste em um ponto de vista próprio, podendo ser de uma pessoa ou institucional sobre determinado tema. No rádio, a opinião se dá em comentários, editoriais, em algumas falas do âncora e nas participações dos ouvintes;
- d) utilitário: engloba as informações cotidianas que são úteis para a população, como movimento dos aeroportos, mercado financeiro, previsão do tempo, trânsito, hora certa e temperatura e avisos sobre animais perdidos. Um exemplo desse gênero feito por uma emissora de Bauru é o Momento Pet, veiculado diariamente na 94 FM e que traz doações e/ou pessoas procurando animais perdidos;
- e) diversional: pouco explorado no Brasil, ocorre quando elementos de ficção são adicionados para explorar os fatos reais. Aparece, por exemplo, em alguns documentários e em radiodramas.

Por sua vez, Barbosa Filho (2003) faz uma divisão entre gêneros e formatos praticados no rádio. Para o autor, os gêneros, na área de comunicação

[...] podem ser entendidos como unidades de informação que, estruturadas de modo característico, diante de seus agentes, determinam as formas de expressão de seus conteúdos, em função do que representam num determinado momento histórico. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 61).

Ao contrário da classificação de Ferraretto, na de Barbosa Filho os gêneros no rádio são mais variados, indo desde a informação até o entretenimento, sob o

argumento de que o meio não produz apenas conteúdo jornalístico. Já os formatos são as diferentes maneiras de praticar esses gêneros.

De acordo com Barbosa Filho (2003, p. 89-144), a produção de rádio no Brasil se divide em:

- a) gênero jornalístico: mantém o público informado através de divulgação, acompanhamento e análise dos fatos. Aparece no rádio sob a forma de: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica;
- b) gênero educativo-cultural: responsável por irradiar programação de cunho educativo. Pode ser um programa institucional, uma autobiografia, um documentário educativo-cultural ou um programa temático;
- c) gênero de entretenimento: é o que dá a maior possibilidade de explorar com riqueza a linguagem radiofônica, em que predomina o áudio. Os programas musicais, a programação musical, o programa ficcional, os programetes artísticos, os eventos artísticos e os programas interativos de entretenimento compõem esse gênero;
- d) gênero publicitário: divulga e vende produtos e serviços. Formado pelos *spots*, *jingles*, testemunhais e peças de promoção;
- e) gênero propagandístico: baseia-se na divulgação de ideias, crenças, doutrinas através do rádio com o objetivo de influenciar o público ouvinte. Aparece em forma de peças radiofônicas de ação pública, programas eleitorais e programas religiosos;
- f) gênero de serviço: refere-se às necessidades imediatas da população e se diferencia do jornalístico devido ao seu caráter mais efêmero. Formado pelas notas de utilidade pública, programetes de serviço e programas de serviço;
- g) gênero especial: não tem uma formatação definida e pode apresentar vários gêneros juntos, tal qual ocorre em um programa infantil e em um programa de variedades.

A seguir são explorados os formatos do gênero jornalístico, de acordo com a classificação proposta por André Barbosa Filho (2003), e tema de interesse deste Trabalho de Conclusão de Curso.

O formato mais simples é a nota, que “[...] corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração [...]”. (MELO, 1992, p. 49 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 90). Caracteriza-se por ser uma informação bem sucinta de um fato. É curta, geralmente não ultrapassando 40 segundos e as mensagens ditas pelo locutor são breves e diretas.

O segundo formato do jornalismo radiofônico é a notícia, cujas características já foram tratadas no capítulo anterior. A notícia no rádio pode aparecer de diversas formas. O pesquisador espanhol Angel Faus Belau (1973, p. 251 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 90-91) explica que podem ser irradiadas na forma de “flash”, quando o objetivo é que o ouvinte conheça o fato o mais rápido possível. A outra maneira de divulgar notícia no rádio são as explicadas, que aprofundam mais o fato e aparecem com mais frequência em boletins e radiojornais.

O autor espanhol ainda salienta que a notícia no rádio pode ser expressa de várias formas: opinião, aproximando-se do comentário; ambientada, quando utiliza efeitos musicais juntamente com a fala (não é comum no Brasil); monologada, em que apenas o repórter, locutor ou apresentador participa da transmissão das informações; dialogada, na qual se registra a participação de duas pessoas ao dar a notícia; documentada, que utiliza dados comprovados no momento de transmitir a notícia para o ouvinte; informe, que Barbosa Filho (2003, p. 91) também categoriza como gênero e diz respeito a um programa que busca responder aos porquês dos fatos e não apenas trazer informações.

Outro formato do jornalismo radiofônico é o boletim, que “[...] dá ao ouvinte, em poucos minutos, um panorama do que está acontecendo naquele momento”. (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 63). São de duração curta, não ultrapassando mais de cinco minutos e espalhados diariamente pela programação das emissoras. Formado basicamente por notícias e notas, às vezes, é reforçado com entrevistas e reportagens. A veiculação costuma acontecer nas “horas cheias”, por exemplo, três, quatro e cinco da tarde são horários reservados para veiculação de boletins, também chamados de sínteses noticiosas por Ferraretto (2001).

Chantler e Harris (1998, p. 63-67) enumeram os assuntos geralmente abordados em boletins: meio ambiente, economia, crime, saúde, educação, transporte, esporte e política. Na hora de selecionar uma notícia para o boletim, o jornalista deve sempre analisar qual a importância e impacto para o ouvinte. Um

bom boletim deve ter: precisão, bom gosto ao selecionar os fatos, equilíbrio e imparcialidade, com um tom adequado e moderação nos comentários.

Um dos principais formatos do jornalismo é a entrevista, que é uma das principais maneiras de obter-se a informação.

O objetivo de uma entrevista é fornecer, nas próprias palavras do entrevistado, fatos, razões ou opiniões sobre um determinado assunto, de modo que o ouvinte possa tirar uma conclusão no que diz respeito à validade do que está sendo dito. (MCLEISH, 2001, p. 43).

A jornalista Maria Elisa Porchat reforça a importância da entrevista como uma das técnicas jornalísticas. “[...] diálogo entre repórter e fonte, sob a forma de perguntas e respostas, para obter informações”. (PORCHAT, 1993, p. 175).

Uma entrevista pode ser realizada com diferentes objetivos. Rabaça e Barbosa (2001, p. 272-273 apud FERRARETTO, 2014, p. 176-177), baseados no professor norte-americano Fraser Bond, as classifica em: noticiosa, na qual o entrevistado fornece informações e o objetivo é a descrição de um fato; de opinião, ocasião na qual o foco é obter um ponto de vista e a relevância da fonte vai determinar a qualidade e credibilidade; com personalidade, em que o foco é o entrevistado e suas preferências (aspectos pessoais, estilos de vida...); de grupo ou enquete, em que são questionadas várias pessoas sobre um determinado assunto a fim de obter-se uma opinião geral sobre um fato ou tema; coletiva, quando um mesmo entrevistado atende vários veículos de imprensa ao mesmo tempo, respondendo uma pergunta de cada vez. Nesse tipo de entrevista é muito comum ter transmissão ao vivo, principalmente em rádio e televisão.

Uma boa entrevista necessita de alguns cuidados. Uma preparação inicial requer domínio do assunto e conhecimento sobre a pessoa entrevistada. Além disso, Barbeiro e Lima (2013, p. 126-130) orientam que o entrevistador deve ter cuidado na hora de elaborar a pergunta para que esta seja importante e relevante para o público, fugindo dos clichês. Quem pergunta deve estar preparado para mudanças no roteiro original da entrevista e insistir para que o entrevistado responda uma questão que está evitando. Tudo sempre com respeito e observando a ética e o limite, já que a pessoa tem o direito de não responder se assim desejar.

Integrante do jornalismo opinativo, o comentário pode ser definido como “[...] um texto opinativo em que um jornalista ou um especialista em determinada área analisa a fundo um assunto, explicando-o e/ou se posicionado a respeito”. (FERRARETTO, 2014, p. 190). Chantler e Harris (1998, p.178) explicam que o comentário no rádio surge de duas formas. A primeira é planejada, quando se prepara com antecedência uma opinião sobre determinado fato. Também pode surgir de forma inesperada e no improviso de repórteres e âncoras no momento em que estão fazendo uma cobertura ao vivo. O comentário é muito comum no rádio esportivo, já que o especialista nessa área participa das transmissões das partidas e programas cotidianos, analisando treinamento e desempenho de técnicos e atletas.

Se o comentário é uma opinião pessoal, o editorial emite uma opinião não individualizada, levando ao ouvinte o ponto de vista da empresa. Ferraretto (2014, p. 190) ressalta que, através do editorial, as pessoas que acompanham uma emissora de rádio terão de forma clara e evidente qual é a posição da organização. Entretanto, esse gênero é pouco utilizado no rádio brasileiro.

Outro gênero que expressa opinião no rádio é a crônica, a qual “[...] estrutura-se de modo temporalmente mais defasado; vincula-se diretamente aos fatos que estão acontecendo, mas segue-lhe o rastro, ou melhor, não coincide com seu momento eclósivo [...]”. (MELO, 1992, p. 49 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 99). A crônica mistura elementos do jornalismo e da literatura e o cronista coloca impressões pessoais no texto. Em rádio, exemplifica Ferraretto (2014, p. 190), a crônica está presente no futebol, quando os repórteres colocam uma opinião ao abordar o desempenho de um jogador ou de um time e nos correspondentes internacionais, que, para mostrar ao ouvinte como é a rotina em outros países, misturam sensações particulares aos dados puramente informativos.

O radiojornal é um formato tradicional e rotineiro no Brasil e engloba em um único programa notas, notícias, reportagens, boletins, entrevistas, comentários e vários outros formatos. Faz-se uma divisão por seções ou editorias, assim o conteúdo de esportes, política e lazer sempre será transmitido em um mesmo bloco. Chantler e Harris (1998, p. 162) lembram que um radiojornal pode ainda trazer comentaristas ou especialistas convidados para falarem de um determinado assunto. Além disso, a apresentação de um programa desse formato pode ser menos formal e mais parecida com uma conversa.

Ferraretto (2014, p. 144-145) explica que a sequência de apresentação de um radiojornal segue a lógica da pirâmide invertida, em ordem decrescente de importância dos fatos. Os horários mais comuns de exibição são no início da manhã (6h às 9h), almoço (11h às 14h), fim da tarde (17h às 19h) e fim de noite (22h às 1h).

Outro formato radiofônico existente, mas não tão explorado no Brasil, é o documentário, cuja função é

[...] aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor. [...] mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não artística. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 102, grifo do autor).

Produzir um documentário não é algo simples. McLeish (2001, p. 192-195) ressalta a importância de um bom planejamento, definindo claramente qual o objetivo e as informações que serão transmitidas ao ouvinte, selecionando com cuidado as fontes de entrevista e de pesquisa documental e uma observação também ao uso de músicas e efeitos sonoros, já que auxiliam na construção da narrativa.

As mesas-redondas ou debates são outro formato que pode ser colocado em prática no rádio. O assunto em pauta deve ser sempre de interesse público e reúne de lados opostos pessoas que têm posições contrárias a respeito desse assunto. O debate é dirigido por um mediador, que faz as perguntas e dá o direito de resposta, réplica e tréplica aos participantes.

A diferença entre debate e mesa-redonda, segundo Barbosa Filho (2003, p. 103), é que o primeiro é formado por duas pessoas com posições contrárias. Já a mesa-redonda reúne especialistas que podem ter ou não opiniões contrárias e esclarecem o público sobre o tema proposto, podendo também ser chamada de painel. (FERRARETTO, 2001).

O programa policial, outro formato, é o noticiário sobre crimes, roubos, assaltos, tráfico de drogas e tudo o mais que envolve a polícia e o descumprimento das leis. Nas rádios populares, é comum que esse tipo de notícia ganhe uma abordagem especial, com um olhar sensacionalista.

[...] sua estrutura baseia-se na dramatização do *fait divers* (crimes, roubos, assaltos, etc.) feita pelos próprios comunicadores que narram o fato, criando um clima de suspense crescente e de envolvimento emocional ao estilo da radionovela. O fundo musical é parte importante para a construção desse clima e até a segmentação da narrativa por blocos publicitários contribui para aumentar a tensão da história [...]. (LOPES, 1988, p.125 apud BARBOSA FILHO, 2003, p.106, grifo do autor).

Dois dos principais jornalistas de rádio policial no Brasil foram Gil Gomes, que ficou marcado por sua voz inconfundível e retornou ao jornalismo após 12 anos afastado por causa do Mal de Parkinson, e Wagner Montes, atualmente apresentador do Cidade Alerta Rio de Janeiro, pela Rede Record de Televisão.

Além do conteúdo policial, um dos pontos mais fortes do rádio é o esporte. Ferraretto (2001, p. 315) lembra que, nos 1920, já havia divulgação de informações esportivas, mas sem a irradiação de eventos ao vivo. A primeira transmissão esportiva no rádio é atribuída ao locutor Nicolau Tuma em 19 de julho de 1931, com a partida entre as seleções de São Paulo e do Paraná.

A Rádio Panamericana (atual Jovem Pan) deu uma importante contribuição para o esporte no rádio nos anos 1940. Se autodenominando Emissora dos Esportes, contratou os melhores profissionais da época e montou o primeiro departamento de esportes do rádio brasileiro. A jornalista Edileuza Soares (1994, p. 45-54) explica que a emissora fez o papel do comentarista crescer em importância, adotou um locutor atrás do gol e criou o Plantão Esportivo, que se tornou uma das principais marcas na transmissão de futebol do rádio brasileiro. Além do futebol, a Panamericana abria espaço para outros esportes, o que não era comum no rádio. “[...] a emissora ampliou as irradiações diretas para boxe, basquete, vôlei, hóquei sobre patins, tênis, até partidas de golfe e de tênis de mesa, e ainda os eventos internacionais.” (SOARES, 1994, p. 47).

Entretanto, na cobertura esportiva, o que sempre predominou no rádio foi o futebol. A popularidade das transmissões cresceu depois da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, e consagrou locutores como Fiori Gigliotti, Osmar Santos e José Silvério.

A cobertura de esportes de uma rádio geralmente está em um departamento próprio, separado do jornalístico geral. A equipe esportiva é composta, segundo Ferraretto (2014, p. 216), por: coordenador de esportes, narrador, comentarista,

repórter, plantão esportivo, apresentador, produtor e estagiário. Os britânicos Andy Conroy e Pete Wilby (1994, p. 198-203 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 106-108) definem quatro tipos de programas esportivos executados no rádio:

- a) boletins esportivos: se assemelham aos boletins jornalísticos. Contêm notícias, reportagens, entrevistas e comentários de várias modalidades. São curtos, com até cinco minutos de duração;
- b) programas de estúdio: têm duração fixa e se assemelham ao radiojornal, só que voltados exclusivamente ao esporte;
- c) coberturas esportivas: referem-se às transmissões ao vivo e aos eventos que a compõem. São antecedidas por um programa de abertura, que traz resultados, tabelas de classificação, entrevistas com jogadores ou outras pessoas envolvidas e reportagens, além de outros tipos de informações, como trânsito e acidentes;
- d) placar esportivo: programa que finaliza a cobertura esportiva. Traz os resultados das outras partidas da rodada, entrevistas, reportagens e comentários.

O esporte tem algumas peculiaridades. O jornalista mexe com os sentimentos do torcedor e com os dele próprio enquanto amante do esporte. Barbeiro e Lima (2013, p. 167-172) alertam para que o jornalista esportivo saiba dosar muito bem a emoção para que não pareça exagerado e não manipule o público com o objetivo de alcançar audiência. Um repórter esportivo deve conhecer a fundo todas as regras de uma competição e, nas transmissões ao vivo, estar preparado para acrescentar informações. Evitar termos técnicos ao se referir às lesões, realizar perguntas que fujam das óbvias respostas que os esportistas costumam dar e o cuidado na hora de divulgar uma informação sobre um determinado time ou atleta são alguns requisitos para um bom jornalista esportivo ter êxito em seu trabalho.

Além de informações gerais e do esporte, o rádio também pode produzir conteúdo científico através do formato denominado divulgação tecnocientífica, que “[...] tem a função de divulgar e, conseqüentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população”. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 109). Programas desse formato podem ter duração e periodicidade fixas ou serem irradiados na forma de boletim. A maior preocupação ao produzir um programa desse tipo é deixar a linguagem

científica de uma forma que o ouvinte compreenda perfeitamente. Recursos como a sonoplastia podem auxiliar na construção de um produto deste formato.

A seguir, foca-se detalhadamente na abordagem dos formatos reportagem e grande reportagem, temas deste trabalho.

## 5 REPORTAGEM E GRANDE REPORTAGEM

Encontrar o gênero jornalístico do qual a reportagem faz parte, independentemente do meio de comunicação em que é veiculada, não é tarefa simples. Ao longo dos anos, autores diferentes pesquisaram e organizaram os gêneros jornalísticos. O jornalista Lailton Alves da Costa (2008) mostra as várias classificações que a reportagem recebeu nos estudos brasileiros a partir de outros autores. Cita que Luiz Beltrão faz uma separação entre reportagem comum, que integra o jornalismo informativo, e reportagem em profundidade, inserida no jornalismo interpretativo. Para José Marques de Melo, existe apenas um tipo de reportagem e esta faz parte do gênero informativo. Já Manuel Chaparro fundamenta dois grandes gêneros: comentário e relato. A reportagem faz parte do relato, dentro da subcategoria espécies narrativas. Há ainda outros autores, como Aparecida Conceição Kinderman, que defendem a reportagem como um gênero jornalístico.

Aplicando os estudos dos gêneros jornalísticos ao rádio, Ferraretto (2014) usa como referência as obras de José Marques de Melo. Dessa forma, para o pesquisador gaúcho, a reportagem no rádio estaria inserida no gênero informativo. Entretanto, o autor ressalta que a reportagem radiofônica pode explorar o gênero interpretativo. De acordo com os pesquisadores Paulo da Rocha Dias, Rosemary Bars Mendez, Daniella Crespín Villalta e Gláubio Batista, esse gênero consiste em

[...] "um modo de aprofundar a informação" com o fim principal de "relacionar a informação da atualidade com seu contexto temporal e espacial", tendo "um sentido conjuntural" não se limitando a "dar conta do que acontece, já que o jornalista interpreta o sentido dos acontecimentos". (DIAS et. al., 1998, p. 8 apud COSTA; LUCHT, 2006).

No jornalismo, o gênero interpretativo se faz presente através das grandes reportagens.

Em relação ao conceito, a reportagem pode ser definida por Porchat (1993, p. 196) como “[...] conjunto de providências necessárias à elaboração de uma matéria. Engloba pesquisa, entrevista e seleção de dados relacionados à mensagem a ser veiculada”.

A partir desta definição constata-se que a reportagem no rádio refere-se ao trabalho do repórter, desde a apuração dos fatos até a construção do texto e apresentação para o ouvinte. Jung (2004, p.114) salienta que todo jornalista faz reportagem, não só aquele que vai para a rua. O pauteiro, ao selecionar as informações, o profissional da escuta que acompanha o que está acontecendo e também o âncora, ao fazer suas intervenções durante a apresentação de um programa.

Além de relacionar-se à figura do jornalista, outra definição de reportagem trata da característica de aprofundar os fatos, diferenciando-a da notícia, em que os dados são trazidos de maneira mais superficial.

Noticia-se que um governo foi deposto; fazem-se reportagens sobre a crise político-institucional, econômica, social, sobre a reconfiguração das relações internacionais determinada pela substituição do governante, sobre a conspiração que levou ao golpe, sobre vários personagens envolvidos no episódio etc. (LAGE, 1998, p. 46-47).

O autor explica que notícia e reportagem distinguem-se desde a pauta. Nas notícias, são apenas indicações de fatos programados, continuação de outros que já aconteceram e de que se espera alguma consequência. Para os fatos que acontecem de caráter urgente e não programados, a central de notícias mantém contato permanente com órgãos e autoridades que registram acontecimentos de interesse da população, tais quais prefeituras, hospitais e polícia.

Já as pautas de uma reportagem requerem cuidado maior no planejamento. Dependem ou não de um acontecimento para serem executadas e devem trazer informações sobre o que será abordado, tempo de apuração, deslocamento da equipe de reportagem, duração e até estilo da reportagem.

Em geral, a construção de uma reportagem no rádio segue modelo padrão. A manchete e a chamada são formas de introduzir uma reportagem. A diferença é que, na primeira, não é falado o nome do repórter e pode ser feita pelo próprio autor da matéria ou pelo apresentador. Já a chamada é sempre feita pelo profissional que está no estúdio e inclui o nome do repórter no texto.

De acordo com Ferraretto (2014, p. 164), a estrutura básica de uma reportagem no rádio é formada por:

- a) cabeça: introdução que faz um resumo do assunto a ser desenvolvido. Equivalente ao *lead* da imprensa escrita;
- b) ilustração ou sonora: trecho editado da declaração dada pela fonte;
- c) encerramento: informação complementar àquela da sonora. Geralmente traz a identificação do entrevistado no texto;
- d) assinatura: local onde foi transmitida a informação e identificação do nome do repórter. Pode incluir o nome do programa, de um patrocinador ou o *slogan* da emissora.

Quando a reportagem é composta por dois ou mais trechos de sonoras, deve-se colocar um texto do repórter entre as declarações das fontes, conhecido como texto de passagem. A sequência de encadeação do texto deve seguir a lógica da pirâmide invertida, com os fatos apresentados em ordem decrescente de importância.

A reportagem é um gênero imprescindível, pois “é na reportagem que o jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte”. (JUNG, 2004, p. 114). Lage (1998, p. 48) comenta que predominam nas reportagens a investigação e o levantamento de dados e a interpretação, que analisa a fundo os fatos.

Se a reportagem amplia a notícia, existe um gênero que é capaz de ampliar a própria reportagem. Trata-se da grande reportagem, que também é conhecida como reportagem especial ou reportagem em profundidade. Como já definido na introdução deste trabalho, é uma ampliação qualitativa e quantitativa do trabalho cotidiano executado nas emissoras de rádio. Explora o jornalismo interpretativo, mas não chega a ter a abrangência de um documentário.

Uma saída que as emissoras encontram ao produzir grandes reportagens é dividi-las em vários dias, irradiando diferentes trechos dentro de boletins ou mesmo de um programa, ou seja, produzir a grande reportagem em forma de série. Além da abordagem puramente jornalística, Ferraretto (2014, p. 167) explica que a grande reportagem pode aproximar-se do gênero diversional, explorando no texto não ficcional uma linguagem literária. Assim, faz-se uma mistura entre jornalismo e dramaturgia.

Existem diferentes maneiras de se abordar um fato e seus desdobramentos, protagonistas e testemunhas de maneira jornalística e com profundidade. Os

jornalistas Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, baseados no jornalismo dos Estados Unidos, definem que um fato pode ser descrito de três formas.

[...] (1) O fato ou, no caso dos ocorridos, de modo inter-relacionado, os fatos em si – *fact-story*; (2) a ação e, portanto, a narrativa obrigatoriamente a explorar o dinamismo desta – *action-story*; e (3) as citações e, assim, opiniões e descrições do ponto de vista da(s) fonte(s) – *quote-story*. (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 45-65 apud FERRARETTO, 2014, p.168, grifo do autor).

Dessa forma, na produção de uma grande reportagem, um produto descritivo sobre um fato, utilizando áudios dos envolvidos, testemunhas ou de uma época passada para sinalizar o contexto, é uma *fact-story*. Na construção de um *action-story*, utiliza-se muito a descrição das cenas, trilhas musicais e efeitos sonoros, a fim de criar uma sequência narrativa para o ouvinte. Por fim, uma *quote-story* é baseada no ponto de vista de pessoas que vivenciaram ou sobreviveram a um fato, não sendo necessariamente os protagonistas da história.

Na construção de uma grande reportagem, é muito comum recorrer-se aos recursos de sonoplastia. Ferraretto (2014, p. 169) comenta que o uso de trilhas musicais instrumentais ajuda na pontuação e a criar um determinado clima para o ouvinte. Já trilhas musicais com letra podem acrescentar outras informações além das faladas pelo jornalista. Nesses casos, o uso de música e efeitos sonoros deve ser feito com moderação e cuidado, proporcional ao ambiente e ao tema tratado na grande reportagem, pois, como afirma o professor e pesquisador Eduardo Meditsch (2001, p.179), “no jornalismo, existe um princípio ético que limita a manipulação da realidade referente”. Assim, o jornalista não poderá colocar um som artificial sob a justificativa de mostrar o clima da narrativa ao ouvinte. Essa observação é ratificada quando se leva em consideração que a sonorização artificial está presente em produtos radiofônicos ficcionais, como as radionovelas e radiodramas.

Para que uma grande reportagem seja elaborada, requerem-se planejamento e tempo de execução maior do que a apuração de uma notícia simples ou mesmo de uma reportagem. Ferraretto (2014, p. 170) traz alguns procedimentos necessários no processo de elaboração de um produto desse formato:

- a) pesquisar o assunto em referências bibliográficas, além dos meios de comunicação (rádio, televisão, *Internet*...);

- b) estabelecer um cronograma de acordo com os dados disponíveis e com os objetivos a serem alcançados;
- c) listar os entrevistados, diferenciando-os em especialistas, testemunhas e outras categorias;
- d) em assuntos que levantem posições contraditórias, encontrar fontes que tenham opinião contra e a favor;
- e) buscar documentos sonoros para agregar conteúdo e trilhas que deem ritmo a narrativa;
- f) decidir se a grande reportagem vai ser veiculada de uma vez só ou em vários boletins. Na escolha da segunda opção, procurar variar as formas de abordagem.

O trabalho de produzir uma reportagem ou uma grande reportagem fica a cargo do repórter. Esse profissional do jornalismo pode ser definido como “[...] num sentido restrito, colher, elaborar e transmitir a informação. [...] Num sentido amplo, porém, ser repórter é ter olhos – curiosidade e observação – para tudo. Todo dia e toda hora”. (PORCHAT, 1993, p. 51).

Um bom repórter deve ser um profissional capaz de encontrar as melhores histórias e transmiti-las ao seu público. O jornalista dos Estados Unidos Ted White (2009, p. 155-176) enumera as qualidades essenciais para um bom repórter: precisão, discernimento jornalístico, curiosidade, preocupação e cuidado, persistência, agressividade, imparcialidade, diversidade, manter-se bem informado, saber fazer pesquisa, ter tato e sensibilidade para saber lidar com fatos desagradáveis e saber trabalhar em equipe.

Tal perfil é necessário porque, como explicam Chantler e Harris (1998, p. 110-116), no rádio, o trabalho dos repórteres é muito rápido e dinâmico, colhendo a informação, colocando-a na ordem e transmitindo para a central informativa da emissora ou para o ouvinte. Já sabem o lugar que devem ir e as pessoas certas para entrevistar, além de um ótimo faro para captar a notícia e serem insistentes, fazendo muitas perguntas e não desistindo do objetivo. Saem da redação com todas as informações prévias do que vai ser produzido, incluindo nomes, endereços e números de telefone de pessoas entrevistadas ou envolvidas com o fato. Os repórteres de rádio vão para as ruas cientes do horário de fechamento da matéria e tendo noção do tempo disponível para realizar a reportagem. Os autores alertam

também para a importância de avaliar a situação no local do acontecimento, decidindo se é necessário e oportuno fazer uma entrevista com alguma fonte ou entrar em contato com a redação.

Existem duas formas de executar uma reportagem. A primeira é quando o material é gravado e posteriormente enviado à redação para ser feita edição e veiculação. A segunda é quando o repórter entra no ar com informações ao vivo. Em uma situação como essa, White (2009, p. 269-280) recomenda que o jornalista saiba organizar seu pensamento, podendo recorrer ao auxílio de uma caderneta ou bloco de anotações. Também é necessário saber falar improvisando, sem seguir um roteiro pré-determinado e manter a calma. Em síntese, durante uma entrada ao vivo o repórter deve ser capaz de captar e organizar a informação de maneira rápida e garantir a informação que seja precisa no momento da transmissão.

Quanto à pauta, os repórteres podem atuar de duas maneiras. A primeira é planejada e comunicada com antecedência ao departamento de notícias, como um evento, palestra ou entrevista coletiva. Já a segunda refere-se a um acontecimento que não estava previsto, tal qual um acidente, incêndio ou morte de uma personalidade.

Um expediente comum que as emissoras radiofônicas acabam adotando é a especialização, que consiste em deixar o repórter responsável por acompanhar e trazer os fatos de uma única área de interesse da sociedade. White (2009, p. 367-402) lista as principais especializações no jornalismo: investigativa, meio ambiente, negócios, medicina e saúde, consumo, esportiva e tempo.

Por fim, Porchat (1993, p. 51-61) explana que um bom repórter deve ter bom relacionamento e agir eticamente com todas as pessoas envolvidas no processo de elaboração e execução de seu trabalho: fontes de informação, escolhendo as especializadas e ficando atento para não ser manipulado; o público, pensando na qualidade e relevância da informação; profissionais da redação, como pauteiros, editores, apresentadores e a chefia, a fim de que estejam sempre por dentro do processo de produção da reportagem e auxiliando esses profissionais quando necessário.

Concluída a fundamentação teórica, no próximo capítulo são explicados os processos metodológicos adotados para este Trabalho de Conclusão de Curso.

## 6 METODOLOGIA DE TRABALHO

A primeira etapa metodológica consistiu em pesquisas bibliográficas, explorando conceitos sobre o rádio como veículo de comunicação, o jornalismo praticado especificamente para este meio e os formatos que podem ser colocados em prática de maneira geral, chegando até a grande reportagem.

A pesquisa bibliográfica permitiu “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”. (LAKATOS; MARCONI, 1995, p. 14 apud STUMPF, 2006, p. 54). Através da pesquisa bibliográfica ampla, selecionaram-se autores reconhecidos no meio acadêmico por terem estudado o rádio e o jornalismo radiofônico. Já a pesquisa bibliográfica restrita possibilitou que, através da leitura e seleção de trechos de obras impressas e eletrônicas para serem utilizadas, como citações, fosse desenvolvido aporte teórico que contribuiu para a aplicação da etapa prática deste trabalho.

Stumpf (2006, p. 52) destaca a importância de realizar pesquisa bibliográfica, pois todas as pessoas que vão pesquisar precisam saber antes o que os outros pesquisadores já abordaram sobre um tema. A bibliografia acompanha o pesquisador durante todo o processo e mostra os passos que devem ser seguidos. Além disso, possibilita que o estudo se transforme em linguagem. Quando terminada, a nova pesquisa “[...] vai se somar ao conjunto da literatura científica, permitindo que se estabeleça o encontro entre a fonte geradora do conhecimento (autor) e aqueles que desejam obtê-lo [...]”. (STUMPF, 2006, p. 52). Os resultados das pesquisas bibliográficas estão nos capítulos dois, três, quatro e cinco.

O segundo passo metodológico deste trabalho foi a pesquisa descritiva. Gil (2008, p. 28) salienta que esse tipo de pesquisa tem como uma das características principais a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. São exemplos de pesquisas descritivas as que se propõem a estudar as características de um determinado grupo, como nível de escolaridade e nível de renda; as que buscam levantar as opiniões e crenças de uma população, tal qual levantamentos sobre o nível de atendimento dos órgãos públicos e os índices de criminalidade; além das relações entre variáveis, por exemplo, preferências políticas.

O autor ressalta que existem pesquisas descritivas que vão ajudar o pesquisador a proporcionar uma nova visão do problema, aproximando-se da

pesquisa exploratória. É o caso da pesquisa descritiva deste trabalho, que analisou como a grande está presente no dia a dia do rádio brasileiro, através de três emissoras escolhidas como corpus. Entendeu-se que verificando como o rádio brasileiro executa esse formato habitualmente, poderiam surgir novas ideias sobre linguagem, trilhas musicais e efeitos sonoros que poderiam ser colocados em prática na grande reportagem que faz parte deste trabalho.

A técnica escolhida para a pesquisa descritiva foi a análise de conteúdo, que consiste em “[...] um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 280). O autor adota a proposta da francesa Laurence Bardin para definir como proceder em uma análise de conteúdo. Assim, são cinco passos para colocar essa técnica em prática: organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático. A seguir, as etapas da análise de conteúdo proposta por Fonseca Júnior são adaptadas a este trabalho.

## 6.1 ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE

Refere-se à definição do tema ou documento que vai ser analisado, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a escolha do corpus, por meio do que são decididos quais documentos vão ser os objetos de estudo da análise de conteúdo. Nesta pesquisa, foi analisada a frequência com que a grande reportagem está presente nas emissoras de rádio brasileiras e suas características de linguagem e execução, verificando se esse formato tem ganhado espaço ou não em um cenário de convergência das mídias.

Com o objetivo de definir o corpus de análise, observou-se a programação de várias emissoras que têm como característica principal a notícia e a prestação de serviços e produziram grandes reportagens dentro da editoria de esportes. Essa verificação foi feita no período entre 01 e 15 de abril de 2016, através do conteúdo disponibilizado no *site* das emissoras. Verificaram-se programas veiculados nas grades de programação e o conteúdo desses programas que as emissoras oferecem para baixar ou ouvir *on-line*, com a escuta de alguns. As emissoras que melhor se encaixaram no perfil desejado foram a CBN, a Estadão e a Gaúcha. Somado a isso, as três disponibilizaram grandes reportagens para audição em seus *sites* e fizeram

uso desse formato dentro da editoria de esportes. Dessa forma, foram definidas como corpus da análise de conteúdo.

A partir do corpus foi escolhido um número de grandes reportagens, sendo o mesmo número de matérias em cada emissora dentro da editoria de esportes, que é o tema do produto final deste trabalho. Essas reportagens especiais teriam a mesma temática ou semelhante, independentemente do intervalo de tempo entre a veiculação de uma e outra, a fim de observar as diferenças que cada emissora fez na produção de uma grande reportagem esportiva.

## 6.2 CODIFICAÇÃO

Na segunda etapa da análise de conteúdo é feita a codificação, em que ocorre “[...] o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática, segundo regras de enumeração, agregação e classificação, visando esclarecer o analista sobre as características do material selecionado”. (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 294). A codificação é feita em três etapas: recorte, enumeração e classificação.

Como recorte, fez-se uma análise das grades de programação das rádios CBN, Estadão e Gaúcha, ou seja, do corpus, para definir qual seria o material verificado em análise de conteúdo.

Notou-se que não existe um programa em cada emissora que contém apenas grandes reportagens. Esses conteúdos estão espalhados ao longo da programação e combinados nos programas com entrevistas, comentários e outros formatos.

Para facilitar o trabalho do pesquisador na busca e seleção das grandes reportagens, procurou-se por páginas nos sites oficiais das emissoras que reunissem todas as grandes reportagens produzidas. Encontraram-se grandes reportagens produzidas de duas formas: irradiadas uma única vez ou em série. Ferraretto (2014, p. 170) fundamenta que o tempo ideal de uma grande reportagem é de cinco a dez minutos. Entretanto, pode-se dividir a reportagem especial em séries com capítulos de menor duração. Unidos, esses capítulos formam o tempo total da grande reportagem. Tal divisão tem sido utilizada em emissoras brasileiras por conta da tradição do rádio nacional em investir no jornalismo informativo.

A CBN faz uma divisão do conteúdo por editorias: “Ciência & Saúde”, “Cultura”, “Economia”, “Esportes”, “Internacional”, “Meio Ambiente”, “País”, “Polícia”, “Política”, “Rio de Janeiro”, “São Paulo” e “Tecnologia”. Acessando essas páginas, têm-se disponível para ouvir e baixar o que foi veiculado na programação da CBN em cada editoria, encontrando-se vários formatos. A emissora também tem uma página especial chamada “Séries”, na qual estão reunidas as séries de reportagem e também de entrevistas produzidas pela CBN, de acordo com as editorias.

Na Rádio Estadão não existe divisão em editorias. Acessando o menu “Áudios” o internauta encontra material veiculado pela rádio em *podcast* em diferentes programas e sobre assuntos variados. Através do espaço de busca é possível filtrar os áudios, encontrando material sobre uma editoria ou veiculado em apenas um programa. Para tentar encontrar as grandes reportagens produzidas pela Rádio Estadão, foi digitada no espaço de busca do site a expressão “Série especial”. Como resultado, foram listadas várias séries de reportagens produzidas pela emissora.

Já a Rádio Gaúcha faz a divisão nas editorias “Economia”, “Eleições”, “Futebol”, “Geral”, “Grêmio”, “Inter”, “Mundo” e “Política”. Observando-se o conteúdo, o que predomina são matérias escritas para o próprio site da emissora. A Gaúcha, ao contrário da CBN, não tem uma página especial contendo as grandes reportagens produzidas. Para tentar encontrá-las foi digitado “séries de reportagem” no espaço de busca do site. Como resultado, foram listadas dez páginas com as grandes reportagens que a emissora produziu, permitindo assim realizar a análise de conteúdo. A Gaúcha também disponibiliza um acervo em *podcast* com o conteúdo dos programas irradiados.

Assim deu-se o recorte da análise de conteúdo: as páginas por editoria e a página especial “Séries” da Rádio CBN, a página “Áudios” e a busca por “série especial” no *site* da Rádio Estadão, o espaço para ouvir em *podcast* a programação da Rádio Gaúcha e a busca por “séries de reportagem” no *site* da emissora localizada no Sul do Brasil.

Na observação da programação das emissoras, o modelo de grande reportagem mais encontrado foi o de série, que são irradiadas de duas formas: todas são transmitidas ao longo de um só dia ou de uma semana. Esse tipo de transmissão, de acordo com Ferraretto (2014), é a mais comum no rádio brasileiro.

Em relação à editoria de esportes, as três emissoras produzem grandes reportagens em forma de série.

Para tornar a análise de conteúdo uniforme, foi definido que seriam analisados três capítulos de uma série de reportagens na editoria de esportes em cada emissora. Considerando os temas apresentadas nas reportagens especiais esportivas, o futebol predomina e é o único assunto que aparece nas três emissoras. A CBN também abordou corrida de rua, formação de atletas, andamento das obras para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e os 20 anos da morte de Ayrton Senna. A Estadão produziu uma série de reportagens sobre a preparação para as Olimpíadas do Rio de Janeiro. Em outra, abordou o Dia das Mães sob a perspectiva das mães de atletas brasileiros. Já na Rádio Gaúcha encontrou-se apenas o futebol como tema. Dessa forma, o esporte mais popular do Brasil foi o assunto escolhido dentro da editoria esportiva para análise das grandes reportagens.

Sobre futebol, a CBN é a mais abrangente. Há reportagens sobre a aposentadoria do goleiro Marcos, ex-atleta do Palmeiras; dos 100 anos do jogo Flamengo e Fluminense, tradicional clássico carioca; a dificuldade dos atletas que jogam sem holofotes, na segunda divisão do Campeonato Carioca; o preconceito no futebol. Destaque também para reportagens que envolvem a seleção brasileira e a Copa do Mundo: a reconstrução histórica das Copas de 1958 e 1970 e uma reflexão sobre o que mudou no futebol brasileiro um ano após a derrota de 7 a 1 para a Alemanha nas semifinais do Mundial de 2014.

Na Estadão predomina nas reportagens especiais sobre futebol o assunto Copa do Mundo. Foram produzidas séries sobre o impacto do mundial no Brasil um ano após o encerramento, a preparação dos estádios e das cidades-sede, a situação dos estádios após o fim da Copa e outra sobre a preparação das cidades paulistas para receber as seleções antes do Mundial. Além da Copa do Mundo, há séries sobre os 100 anos do Palmeiras e do Santos Futebol Clube, além de outra sobre o Campeonato Brasileiro de 2012.

Em comparação com as outras duas emissoras, a Gaúcha é a que traz grandes reportagens em menor quantidade na editoria de esportes. Foram localizadas apenas duas: uma sobre influências políticas e econômicas na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e demais entidades que comandam o futebol brasileiro e outra sobre os 20 anos do segundo título do Grêmio, time

gaúcho, na Copa Libertadores da América, o principal torneio de futebol da América do Sul. Na abordagem das Copas do Mundo, a emissora preferiu outros formatos, como As dez copas de Pedro Ernesto, no qual o locutor relembra momentos marcantes em transmissões de uma dezena de Copas pela Gaúcha e A Copa que eu vivi, em que foram entrevistadas pessoas que vivenciaram de forma marcante os Mundiais de futebol.

Após essas observações, definiu-se que seriam analisadas séries de reportagens na CBN e na Estadão sobre Copa do Mundo, já que são assuntos similares nas duas emissoras, e a série sobre as influências externas no comando do futebol brasileiro da Rádio Gaúcha, que, embora não aborde especificamente a Copa do Mundo, faz parte do universo da seleção brasileira.

Da CBN, a série de reportagens escolhida foi “Copa de 70 - A trajetória do título”, que reconstrói em quatro episódios a conquista do tricampeonato brasileiro no México. Os três capítulos selecionados para análise, de forma aleatória, foram: o primeiro “A escalação do técnico Zagallo, que substituíra João Saldanha às vésperas do Mundial”, o segundo “Como o Brasil deu um espetáculo na primeira fase da Copa e como Pelé entrou para a história também pelos gols que perdeu” e o último “A final contra a Itália: mexicanos substituíram o vermelho pelo amarelo na sua bandeira e abraçaram o Brasil rumo à conquista inédita no futebol”. Esta série foi ao ar entre os dias 15 e 18 de junho de 2010.

Na Estadão foi selecionada a série de reportagens sobre o impacto da Copa do Mundo no Brasil, que aborda as influências que o Mundial teve no país, seja na questão esportiva ou de infraestrutura. Conta com cinco episódios e foi ao ar entre os dias 08 e 12 de junho de 2015. Para análise neste trabalho, optou-se aleatoriamente pelos três últimos capítulos: “A data para a conclusão do chamado VLT de Cuiabá, prometido para a Copa, ainda está indefinida”, “Um ano depois da Copa, é possível dizer que mundial 'deixou frutos' nas organizações sociais das cidades” e “O Brasil assistia, há exatamente um ano, o início da segunda Copa do Mundo no País”.

Por fim, na Rádio Gaúcha, foi produzida uma série de reportagens investigativa denominada “Coronéis do Futebol”, que mostra as relações complicadas do esporte fora do campo de jogo, influenciado pela política. É dividida em quatro capítulos: “As Dinastias no Poder”, “Os Milionários Repasses da CBF”,

“As Misteriosas Ligações entre Política e Futebol” e “A Situação Política da Federação Gaúcha de Futebol.” Cada capítulo é composto por três reportagens, que foram ao ar a partir do dia 23 de junho de 2015 em vários programas. Neste trabalho, foram analisadas, de forma aleatória, as três reportagens que compõem o capítulo “As Misteriosas Ligações entre Política e Futebol”, cujos títulos são: “As ligações entre a política e o comando do futebol”, “Quando a política interfere no futebol” e “As doações eleitorais e a formação da Bancada da Bola”.

O segundo passo da codificação, a enumeração, nas pesquisas sobre comunicação de massa, pode ser feito analisando-se:

(a) a *frequência* com que aparece um símbolo, ideia ou tema tende a ser interpretada como medida de *importância*, *atenção* ou *ênfase*; (b) o equilíbrio na quantidade de atributos *favoráveis* e *desfavoráveis* de um símbolo, ideia ou tema tende a servir como medida de *orientação* ou *tendência*; (c) a quantidade de associações e de classificações manifestadas sobre um símbolo, ideia ou tema pode ser interpretada como uma medida de *intensidade* ou *força* de uma crença, convicção ou motivação. (FONSECA JUNIOR, 2006, p. 295, grifo do autor).

Para este trabalho foi escolhida como forma de enumeração a frequência, verificando-se como as emissoras fazem uso da grande reportagem, produzida no formato de série, em suas programações, a fim de atribuir importância e atenção ao formato. Dessa forma, foi possível avaliar se a reportagem especial tem espaço garantido em um rádio que passa pelo momento de convergência das mídias, no qual o ouvinte não precisa mais consumir a notícia no momento em que é transmitida ou se as emissoras preferem investir em formatos cujo processo de apuração e produção é ágil e rápido e mantém o repórter sempre em uma rotina de trabalho parecida.

A terceira e última etapa da codificação é a categorização, que “[...] consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em números reduzidos de categorias [...]”. (FONSECA JUNIOR, 2006, p. 298). A análise de conteúdo deste trabalho previu categorizações quantitativas e qualitativas. As nove reportagens selecionadas foram analisadas a partir das seguintes classificações quantitativas:

- a) tempo de duração: cada emissora tem a sua forma de pensar e elaborar um produto jornalístico, variando assim o tempo da reportagem;

- b) número de fontes utilizadas: a reportagem especial traz o fato por vários ângulos diferentes, o que inclui a utilização de várias fontes de informação que, segundo Rosemary Bars Mendez (2010, p. 565 apud FERRARETTO, 2014, p. 92), baseada em Nilson Lage, podem ser primárias, secundárias ou especializadas, estando esses envolvidos no fato ou servindo para ilustrar a estória contada;
- c) número de sonoras: a construção da reportagem radiofônica é uma combinação das falas do repórter com trechos de declarações das fontes de informação. Em uma grande reportagem, essa combinação deve ser muito bem feita, a fim de atribuir sentido ao texto, não ser repetitivo e tornar a audição do conteúdo agradável ao ouvinte;
- d) número de trilhas musicais e efeitos sonoros diferentes: são recursos colocados em prática em uma grande reportagem de modo que, combinados ao texto verbal, auxiliam na construção de sentido e na compreensão da mensagem que está sendo passada;
- e) gêneros jornalísticos presentes: segundo Ferraretto (2014, p. 95-98), baseado em José Marques de Melo, os gêneros jornalísticos no rádio são cinco: informativo, interpretativo, opinativo, diversional e utilitário. A reportagem é classificada dentro do gênero informativo, entretanto pode adentrar ao interpretativo, como no caso das grandes reportagens.

Já na abordagem qualitativa as reportagens foram analisadas individualmente a partir das seguintes perspectivas:

- a) temas: cada reportagem tem o seu enfoque específico, podendo haver subtemas que, juntos, formam o assunto principal;
- b) processo de produção: uma reportagem deve ter coerência na organização das ideias, de modo que tenha começo, meio e fim e os argumentos não sejam conflitantes;
- c) fontes: devem apresentar visões diferentes do assunto e podem ser primárias, secundárias ou especializadas, distinção realizada a partir de Mendez (2010, p. 565 apud FERRARETTO, 2014, p. 92);
- d) conteúdo: pode ser objetivo, com dados para comprovar a informação, ou subjetivos, a partir de interpretações e opiniões;

- e) valores-notícia: são as qualificações que tornam um fato noticiável. Segundo Parada (2000, p. 24-25), as notícias de rádio podem ter proximidade, relevância, imediatismo, interesse, drama e/ou entretenimento;
- f) recursos tecnológicos: as reportagens foram localizadas na *Internet*. No ambiente virtual, o rádio moderno combina sons, imagens e texto. O uso de outros recursos, além da voz, é uma maneira de facilitar o entendimento do internauta e atrair sua atenção.

### 6.3 ANÁLISE DE DADOS

Terminada a codificação, o próximo e mais importante passo da análise de conteúdo é a inferência, na qual o pesquisador tira conclusões sobre o material analisado. Fonseca Junior (2006, p. 285) afirma que a análise de conteúdo pode oscilar entre o qualitativo e o quantitativo, de acordo com os interesses de quem está pesquisando. Neste trabalho, foram feitas inferências quantitativas e qualitativas.

Uma abordagem quantitativa “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 69). Na abordagem quantitativa dos itens propostos foi possível verificar a frequência de uso dos elementos sonoros presentes na linguagem radiofônica e no discurso jornalístico do rádio.

Ao contrário da pesquisa quantitativa, a qualitativa não se preocupa só com números, mas também “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 70). Nesse tipo de pesquisa, não é necessário o uso de técnicas e métodos estatísticos e o pesquisador analisa os dados de forma indutiva. Na abordagem qualitativa, foram descritas as características da grande reportagem em cada emissora, de acordo com as categorizações de análise propostas. Essa descrição mostrou um diagnóstico de como é feito o processo de produção de uma grande reportagem no Brasil, possibilitando ao autor deste trabalho conhecimento da forma de construção que as emissoras fazem e possíveis inovações que puderam ser colocadas em prática no desenvolvimento da grande reportagem sobre esportes

paralímpicos, de modo que o produto resultante fosse também uma novidade dentro do cenário radiofônico brasileiro.

Através das análises quantitativa e qualitativa, foi possível verificar parcialmente o problema de pesquisa e tentou-se comprovar preliminarmente as hipóteses levantadas.

#### 6.4 TRATAMENTO INFORMÁTICO

Finalmente, a última etapa da análise de conteúdo consistiu no tratamento informático, em que os dados obtidos foram organizados de forma lógica através do computador. Ordenaram-se os dados quantitativos em três tabelas, uma para cada corpus, contemplando as análises dos itens presentes nas nove reportagens. Já a abordagem qualitativa foi organizada através de texto, averiguando as técnicas jornalísticas e os recursos radiofônicos que as emissoras utilizam na produção de uma reportagem especial.

#### 6.5 PESQUISA APLICADA

Além das pesquisas bibliográfica e descritiva, a metodologia deste projeto previu a realização de uma pesquisa aplicada. Segundo as professoras Aidil Jesus Paes de Barros e Neide Aparecida de Souza Lehfeld, esse tipo de pesquisa tem o objetivo de “contribuir para fins práticos, visando à solução mais ou menos imediata do problema encontrado na realidade”. (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 78 apud VILAÇA, 2010, p. 64-65).

Para a realização de uma pesquisa aplicada, é necessário que dados tenham sido coletados das mais diferentes formas, como pesquisas em laboratório, pesquisas de campo, entrevistas, gravações em áudio e/ou vídeos, formulários e análise de documentos. (NUNAN, 1997; MICHEL, 2005; OLIVEIRA, 2007 apud VILAÇA, 2010, p. 65).

As pesquisas aplicadas exigem um aporte teórico e partem deles. Vilaça (2010, p. 65) aponta que a estrutura mais comum desse tipo de pesquisa é formada pela fundamentação teórica, metodologia de pesquisa e análise e discussão dos

dados. A fundamentação teórica é utilizada como referencial para a análise dos dados coletados.

Neste trabalho, a pesquisa aplicada consistiu na produção de uma série de reportagens radiofônica sobre os esportes paralímpicos. Para isso, foi feito uso do exercício da profissão jornalística como instrumento de coleta de dados.

O primeiro passo foi a elaboração das pautas, com informações sobre o esporte paralímpico e os assuntos relacionados que seriam abordados nessas reportagens, através de pesquisas bibliográficas e em veículos de comunicação. Também foram levantadas as fontes e, posteriormente, contactadas, fossem especialistas ou praticantes de esportes paralímpicos, podendo ser estes residentes ou não em Bauru.

A segunda etapa da pesquisa aplicada foi a obtenção dos relatos das fontes, utilizando como técnica a entrevista, que foi feita pessoalmente, com o auxílio do celular ou, na impossibilidade do contato pessoal, através do telefone, *WhatsApp* e *e-mail*. Concluídas as entrevistas, o material gravado foi decupado para seleção dos trechos a serem utilizados como sonoras.

O próximo passo foi a construção do roteiro da grande reportagem, combinando informações do repórter com as das fontes. Nesta etapa observaram-se as recomendações para a construção de um bom texto jornalístico, constatando-se como as trilhas musicais e os efeitos sonoros contribuíram para deixar o produto mais rico. Ao encontro do que fundamenta Vilaça (2010), a fundamentação teórica e os resultados da análise de conteúdo contribuíram durante toda a pesquisa aplicada, ajudando a produzir a grande reportagem da maneira mais adequada.

Com o roteiro finalizado, a grande reportagem foi gravada no Laboratório de Rádio da USC e depois editada, finalizando o produto resultante deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Nos capítulos seguintes são descritas as etapas de pesquisa descritiva e pesquisa aplicada.

## 7 EXECUÇÃO DA PESQUISA DESCRITIVA

Para auxiliar nesta etapa, foram escolhidas três emissoras de rádio que têm a notícia e a prestação de serviços como carros-chefe da programação.

A CBN, uma das emissoras selecionadas, completou 25 anos em 2016. Estreou em 1 de outubro de 1991, em São Paulo, nos 780 kHz AM, e no Rio de Janeiro pelos 1180 kHz AM. Tem o pioneirismo de ser a primeira emissora *all news* do Brasil.

Ao longo dos anos, a CBN esteve presente nos principais fatos jornalísticos que movimentaram o país, como o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello, a morte do grupo Mamonas Assassinas, o acidente da plataforma de petróleo P-36 e o anúncio do Pré-Sal pela Petrobrás.

De acordo com o site oficial (PRINCÍPIOS..., 2011), a CBN prega pelos princípios editoriais do Grupo Globo, do qual faz parte, e seu jornalismo é baseado na: isenção, correção e agilidade, com os jornalistas sempre prezando pelo respeito com as fontes, o público, os colegas e o veículo em que trabalham.

Atualmente, a CBN conta com emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de uma rede de afiliadas espalhadas pelo Brasil. A programação é baseada em radiojornais, sendo que o horário das 09h30min às 12h, de segunda à sexta-feira, é reservado para programas desenvolvidos pela CBN de cada estado. A emissora conta com âncoras renomados do jornalismo brasileiro, como Milton Jung e Carlos Alberto Sardenberg.

No período da noite, às 20h, tem o programa Quatro em Campo, destinado à discussão do futebol. Destaque também para as transmissões das partidas de futebol, que desde 2016 são irradiadas em conjunto com a Rádio Globo, formando uma única equipe. O principal locutor é Oscar Ulisses, irmão de Osmar Santos, um dos maiores ícones do rádio esportivo brasileiro. Os comentaristas Osvaldo Pascoal e Mário Marra, além do rádio, são conhecidos do público que acompanha futebol na televisão por assinatura, já que trabalham também no *Fox Sports* e na *ESPN Brasil*, respectivamente.

Outra emissora adotada como corpus de análise, a Estadão, nasceu em 1958, na cidade de São Paulo. Atualmente seu sinal se dá pelos 92,9 MHz FM. A antiga frequência em AM, 700 kHz, foi cedida à Igreja Internacional da Graça de

Deus. A emissora integra o Grupo Estado, do qual fazem parte o jornal O Estado de São Paulo, a Agência Estado, a Rádio Estadão e a empresa de listas telefônicas OESP Mídia.

Pela manhã, o destaque da programação é o Estadão no Ar, que traz informação, reportagem e prestação de serviços, indo ao ar das seis às dez da manhã. Às 13h, o Direto da Redação aborda as notícias do dia através de entrevistas, boletins e opiniões. Às 20h, o Estadão Noite tem entrevistas, atualidades, cultura e entretenimento.

No jornalismo esportivo, a Estadão viveu seu auge entre 2007, ainda como Eldorado, e 2012, enquanto durou a parceria com a *ESPN*. Profissionais renomados do canal de televisão, como os narradores Paulo Soares, o “Amigão”, e Everaldo Marques, além de comentaristas como Mauro Cezar Pereira, Paulo Calçade e Alexandre Oliveira, eram os responsáveis por conduzir a jornada esportiva e as transmissões das partidas. A emissora tinha programas esportivos próprios, além da transmissão simultânea pelo rádio de programas da *ESPN* Brasil na televisão. Somado ao futebol, transmitiu outros esportes, como basquete, futebol americano e Fórmula 1. A parceria com o canal de televisão por assinatura terminou no fim de 2012. A Rádio Estadão continuou fazendo as transmissões de futebol por conta própria até outubro de 2015, quando encerrou o departamento de esportes. Atualmente, o noticiário esportivo diário é feito dentro dos radiojornais, com destaque para o Estadão Esporte Clube, que vai ar de segunda à sexta-feira, das 12h às 13h. Não são mais realizadas transmissões ao vivo de jogos.

De acordo com o Código de Conduta e Ética do Grupo Estado, a empresa busca “[...] o compromisso com a democracia, a luta pela defesa da liberdade de expressão e de imprensa, a promoção da livre iniciativa, da justiça e a permanente busca da verdade”. (GRUPO ESTADO, [2016?]). O Grupo Estado ressalta ainda que, na qualidade de uma empresa de comunicação, busca ser eficiente, moderno, criativo e rentável, sempre agindo com responsabilidade social e respeito ao meio ambiente.

A última emissora integrante do corpus é a Gaúcha, sediada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Opera em 600 kHz AM e 93,7 MHz FM e é a cabeça da Rede Gaúcha-Sat, que conta com mais de 150 afiliadas, inclusive em outros estados. As

emissoras próprias da Gaúcha estão localizadas nas cidades de Santa Maria, Caxias do Sul, Pelotas e Rio Grande, todas no estado do Rio Grande do Sul.

A programação da Gaúcha é baseada no jornalismo e no esporte. No período da manhã, o destaque é o Gaúcha Atualidades, que vai ao ar das 08h10min às 10h e segue um roteiro de quadros, comentários e informações. À tarde, das 14h30min às 16h30min, o horário é ocupado pelo Gaúcha Repórter, em que as notícias sobre política, saúde, economia e outros temas ganham destaque através de opiniões dos âncoras e entrevistados. Já o Correspondente Ipiranga é uma síntese noticiosa de dez minutos, que vai ao ar em quatro edições diárias e traz de maneira objetiva as notícias do dia no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil e fora do país.

Assim como a CBN e a Estadão, a Gaúcha tem uma forte tradição esportiva em seu estado, fazendo as transmissões das partidas de Grêmio e Internacional e com programas que debatem o esporte diariamente. Às 12h vai ao ar o Esportes ao Meio-Dia e às 17h30min o Hoje nos Esportes. O principal nome do jornalismo esportivo da emissora é o locutor Pedro Ernesto Denardin, reconhecido como um dos principais narradores de futebol pelo rádio do Brasil.

De acordo com o Grupo RBS (2011, p. 12-42) em seu Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística, empresa de comunicação do qual a Rádio Gaúcha faz parte, o Grupo RBS defende a democracia e a liberdade, condenando o preconceito, a discriminação e a censura. Condena aqueles que desrespeitam as leis e promove as regras do convívio social. Também preza pelo combate às drogas e à violência, à proteção das crianças e o crescimento sustentável da sociedade. Os veículos de comunicação valorizam assuntos que impactam na vida da audiência, dando prioridade para as coberturas locais no exercício do jornalismo, adotando uma postura de imparcialidade e independência. O grupo RBS deixa claro ser contra o sensacionalismo e valoriza a participação do público através de opiniões, na produção de conteúdo e sugestões de melhorias.

## 7.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Como forma de identificar as reportagens para posterior análises quantitativa e qualitativa, foram nomeadas como “Reportagem 1”, “Reportagem 2” e assim sucessivamente até “Reportagem 9”, que totaliza o número de matérias analisadas.

As reportagens foram transcritas em laudas e encontram-se ao final deste trabalho como apêndices.

### 7.1.1 Reportagem 1

“A escalação do técnico Zagallo, que substituíra João Saldanha às vésperas do Mundial”, primeiro capítulo da série “Copa de 70 – a trajetória do título”, da rádio CBN, é a Reportagem 1, que passou a ser identificada como R1. O tempo total de duração é de quatro minutos e 12 segundos. Foi ao ar em 15 de junho de 2010 e é conduzida pela repórter Thayssa Bravo, que não está mais na emissora. Atualmente vive em Zurique, na Suíça, trabalhando para a Federação Internacional de Futebol (*FIFA*, em francês), no cargo de Gerente de Relações com a Mídia.

A reportagem trata da preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo de 1970, que foi realizada no México. Fala sobre a escolha do técnico Zagallo para comandar o Brasil, já que ele tinha uma identificação com a seleção brasileira e também que o treinador convocou para o Mundial o atacante Dadá Maravilha, vontade do então presidente Emílio Garrastazu Médici, pois o Brasil vivia um período de ditadura militar e a política tinha interferência direta no futebol. Entretanto, o jogador solicitado pelo presidente não ficava nem no banco de reservas. (BRAVO, 2010a).

Também são destacadas as mudanças que o técnico Zagallo fez na formação da equipe, que jogava de outra forma com o antecessor (João Saldanha), a desconfiança da população com a seleção antes da Copa do Mundo começar e a preparação em solo mexicano, que é considerado um dos principais fatores para a conquista do tricampeonato.

Ao longo da reportagem, são utilizadas cinco fontes diferentes de informação: o ex-técnico Zagalo, que contesta a informação que levou jogadores à Copa por indicação do presidente e fala sobre a escalação da seleção; o ex-atacante Dadá Maravilha, que fala da tristeza por não ter sido escalado durante a Copa e de uma brincadeira que fez com Pelé antes do embarque para o México; o ex-meio-campo Roberto Rivellino, dizendo sobre o entrosamento que a seleção de 1970 adquiriu jogando junto; o professor de educação física Lamartine Pereira da Costa,

abordando a preparação do Brasil já em solo mexicano; e o ex-zagueiro Brito, que comenta sobre seu preparo físico no Mundial de 1970.

### **7.1.2 Reportagem 2**

“Como o Brasil deu um espetáculo na primeira fase da Copa e como Pelé entrou para a história também pelos gols que perdeu”, segundo capítulo da série da CBN “Copa de 70 – a trajetória do título” é a Reportagem 2, identificada como R2. Também é apresentada pela repórter Thayssa Bravo e com duração de quatro minutos e 22 segundos. Foi ao ar em 16 de junho de 2010.

A reportagem relembra a participação brasileira na primeira fase da Copa do Mundo. A seleção chegou sem favoritismo e aos poucos foi mostrando a qualidade de seu futebol. Na primeira partida venceu a Tchecoslováquia por 4 a 1, de virada, em um belo jogo e se credenciou como candidata ao título. Ainda na primeira fase, o Brasil venceu a Inglaterra por 1 a 0 e a Romênia por 3 a 2, avançando para a fase decisiva da Copa. Também são lembrados gols que o principal jogador brasileiro da história, Pelé, perdeu. (BRAVO, 2010b).

Ao longo do texto aparecem cinco fontes de informação: Rivellino, lembrando a importância do gol que marcou contra a Tchecoslováquia; o ex-goleiro Félix (que faleceu em 2012) falando sobre um gol que Pelé perdeu e a defesa do goleiro inglês Gordon Banks no jogo contra a Inglaterra, que é considerada uma das mais belas da história do futebol; o ex-volante Piazza recordando Pelé contendo a empolgação dos jogadores no vestiário; Zagalo comentando as dificuldades da partida contra a Inglaterra; e o ex-atacante Jairzinho, que lembra como foi o lance do gol que marcou contra os ingleses.

### **7.1.3 Reportagem 3**

“A final contra a Itália: mexicanos substituíram o vermelho pelo amarelo na sua bandeira e abraçaram o Brasil rumo à conquista inédita no futebol”, último capítulo da série da CBN “Copa de 70 – a trajetória do título”, é a Reportagem 3 da análise de conteúdo e foi identificada como R3, tendo ido ao ar em 18 de junho de

2010. Também é contada pela repórter Thayssa Bravo e possui quatro minutos e 32 segundos de duração.

Aborda a final da Copa do Mundo de 1970 contra a Itália. A seleção estava em clima de confiança e descontração antes de entrar em campo. No jogo, o Brasil abriu o placar, mas tomou o empate ainda no primeiro tempo. Na segunda etapa, a seleção brasileira jogou melhor e venceu a partida por 4 a 1, sagrando-se tricampeão mundial de futebol. Os mexicanos invadiram o campo para comemorar e o time brasileiro ainda quebrou recordes individuais. Após a conquista, o governo militar do Brasil passou a utilizar o futebol para fazer propaganda da ditadura. (BRAVO, 2010c).

As fontes de informação dessa reportagem também são cinco: Dadá Maravilha, que teve um sonho no qual o Brasil ganhava por 4 a 1 a final com quatro gols dele; Rivellino, lembrando o lance do último gol, marcado pelo lateral Carlos Alberto; Piazza, recordando a emoção da conquista do título; a historiadora e jornalista Lucia Hippolito, explicando como o futebol foi instrumento de propaganda política; o jornalista Sérgio Cabral, relatando como o jornal O Pasquim agiu após a conquista do título.

#### **7.1.4 Reportagem 4**

“A data para a conclusão do chamado VLT de Cuiabá, prometido para a Copa, ainda está indefinida” pertence à série de reportagens sobre o impacto da Copa do Mundo no Brasil, da Rádio Estadão. É a Reportagem 4, identificada daqui em diante como R4. Apresentada pelo repórter Wellington Carvalho, que segue na emissora. Possui dois minutos e 35 segundos e foi ao ar em 10 de junho de 2015.

A reportagem relembra a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo, no ano de 2007. As obras para o Mundial só começaram em 2010 e, mesmo após o fim da Copa, o atraso nas construções e reformas ainda podem ser identificados. Como exemplo é citado o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) de Cuiabá, no Mato Grosso. Previsto para 2014, só deve ser concluído em 2018. Apesar dos atrasos, a Copa também trouxe impactos positivos de infraestrutura, como as obras na Zona Leste de São Paulo e a satisfação da população com os aeroportos em pesquisa do governo federal. (CARVALHO, 2015a).

São utilizadas três fontes na reportagem: José Roberto Bernasconi, presidente do Sindicato da Arquitetura e Engenharia (Sinaenco), argumentando sobre as poucas obras de infraestrutura feitas para a Copa do Mundo; Lélío Filho, que faz parte do Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE), falando que o início das obras para a Copa de 2014 é significativo e sobre a Copa do Mundo como um evento episódico na história do Brasil e a pesquisadora Clarissa Galhardi sobre as obras de infraestrutura em São Paulo.

#### **7.1.5 Reportagem 5**

“Um ano depois da Copa, é possível dizer que mundial 'deixou frutos' nas organizações sociais das cidades”, que foi ao ar em 11 de junho de 2015 pela Rádio Estadão e também faz parte da série sobre o impacto da Copa do Mundo no Brasil, com duração de dois minutos e 40 segundos, é a Reportagem 5, identificada na análise de conteúdo como R5. O repórter é Wellington Carvalho.

A reportagem lembra do hino à capela cantado na Copa do Mundo, indo de encontro às pesquisas nas quais os brasileiros não eram a favor do torneio. Um ano depois do fim da Copa, a avaliação é de que o Mundial deixou frutos para a sociedade brasileira. Um exemplo é Fernanda Cabral, que fez da frase “imagina na Copa” um projeto de mobilização social, produzindo 75 documentários sobre jovens que lutam para transformar a sociedade. (CARVALHO, 2015b).

As fontes utilizadas são: Orlando Alves dos Santos Júnior, que faz parte do Observatório das Metrôpoles e fala sobre como a Copa do Mundo reforçou os sentimentos de indignação das pessoas, os frutos para a sociedade um ano depois e o papel dos brasileiros protestando nas ruas; Fernanda Cabral, integrante do “Imagina na Copa”, explicando sobre o projeto.

#### **7.1.6 Reportagem 6**

“O Brasil assistia, há exatamente um ano, o início da segunda Copa do Mundo no País”, pertencente à série sobre os impactos da Copa do Mundo no Brasil, da Rádio Estadão, foi ao ar em 12 de junho de 2015 e conta com três minutos

e 12 segundos de duração e apresentação de Wellington Carvalho. É a Reportagem 6 da análise de conteúdo, identificada daqui em diante como R6.

Relembra a manchete do jornal Estadão no primeiro dia da Copa, atribuindo favoritismo ao Brasil. Um ano depois, o legado deixado pelo Mundial é olhado com desconfiança. A reportagem aponta que, mesmo em locais onde a Copa deixou algum benefício de infraestrutura, é preciso ter cautela na análise. Entretanto, existem visões positivas sobre o legado da Copa. Assim, para algumas pessoas o Brasil poderá usufruir das obras de infraestrutura feitas para a Copa do Mundo com o passar do tempo. Já outros avaliam que o Brasil perdeu a oportunidade de aprender a se programar de forma adequado para outros eventos, como os Jogos Olímpicos. (CARVALHO, 2015c).

Foram ouvidas cinco fontes de informação: Flávia Matos, do Fórum de Operadores Hoteleiros, alegando que a Copa foi positiva dentro de campo, mas o Brasil não aproveitou essa boa imagem fora das quatro linhas; Orlando Alves dos Santos Júnior falando sobre o que foi apresentado na Copa como legado e não foi aproveitado; Clarissa Galhardi alertando sobre os cuidados com as obras na Zona Leste de São Paulo; Lélío Filho discordando das outras fontes ao dizer que a Copa deixou um impacto positivo e ao lembrar dos atrasos nas obras olímpicas; José Roberto Bernasconi falando sobre a correria com as obras para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

#### **7.1.7 Reportagem 7**

“As ligações entre a política e o comando do futebol”, primeira reportagem do capítulo “As misteriosas relações entre política e futebol”, terceira parte da série “Coronéis do Futebol”, da Rádio Gaúcha, corresponde à Reportagem 7, identificada daqui em diante como R7. Foi ao ar em 25 de junho de 2015 e possui três minutos e 41 segundos de duração. Ao contrário das reportagens de outras emissoras, a Gaúcha utiliza dois repórteres, Eduardo Gabardo e Rodrigo Oliveira, fazendo uso do texto manchetado para construção do conteúdo noticioso. Ambos os jornalistas seguem trabalhando na emissora.

A reportagem ressalta a ligação que o futebol brasileiro tem com a política, explicando que os cinco vice-presidentes da Confederação Brasileira de Futebol

(CBF) possuem alguma relação com partidos políticos, além de outros dirigentes que atuam no futebol e mantêm laços com a política. Para exemplificar essas ligações, explica a situação do Distrito Federal, cujo presidente da Federação de Futebol local, Fabio Simão, era chefe de gabinete do governador cassado José Roberto Arruda e também foi secretário de Estado de outro governador (Joaquim Roriz). Em 2011, Fábio Simão foi afastado do cargo por irregularidades e o atual presidente da Federação do Distrito Federal foi eleito com o apoio do ex-presidente. (GABARDO; OLIVEIRA, 2015a).

São usadas duas fontes de informação: o vice-presidente da CBF Gustavo Feijó, que contesta as acusações, e a prisão do ex-vice-presidente da CBF José Maria Marín, na Suíça, alegando que ele tem direito à defesa; o presidente do Bolamense Futebol Clube, Antônio Teixeira, confirmando interferências políticas no futebol do Distrito Federal.

#### **7.1.8 Reportagem 8**

“Quando a política interfere no futebol”, segunda reportagem do capítulo “As misteriosas relações entre política e futebol”, pertencente à série da Rádio Gaúcha “Coronéis do Futebol”, é a Reportagem 8, identificada a partir de agora como R8. Possui quatro minutos e 37 segundos e é apresentada em forma de texto manchettato pelos repórteres Eduardo Gabardo e Rodrigo Oliveira. Transmitida em 25 de junho de 2015.

Para continuar explicando a interferência da política no futebol, a reportagem usa mais dois exemplos. Em 2012, quando Gustavo Feijó deixou o comando da Federação Alagoana de Futebol para assumir a vice-presidência da CBF, ele indicou como sucessor na eleição da Federação seu filho, Felipe Feijó, que é prefeito da cidade de Boca da Mata, no estado de Alagoas. Felipe acabou ganhando e o resultado gerou reclamações de influências políticas. (GABARDO; OLIVEIRA, 2015b).

Já no Amazonas, o estado ganhou o direito de herdar a vaga de Roraima na disputa da quarta divisão do Campeonato Brasileiro de 2012, pois os roraimenses desistiram de disputar a competição. O clube indicado foi o Nacional do Amazonas. Os dirigentes da Federação Amazonense de Futebol dizem que a escolha desse

clube foi critério técnico. Entretanto, outros alegam que o motivo foi que o governador do Amazonas, torcedor fanático do Nacional, pediu a indicação do clube e quem merecia a indicação por critério técnico era o Fast Club.

Participam da reportagem quatro fontes de informação: José Cordeiro de Lima, candidato derrotado na eleição da Federação Alagoana de Futebol, que diz haver interferência política no resultado; Gustavo Feijó, ex-presidente da Federação Alagoana de Futebol, afirmando que a eleição para a presidência da Federação foi limpa; o vice-presidente do Fast Club, em anonimato, acusando a Federação Amazonense de escolher o Nacional devido a um pedido do governador; Dissica Valério Tomaz, presidente da Federação Amazonense de Futebol, se defendendo das acusações e afirmando que a indicação do Nacional foi por critério técnico.

#### **7.1.9 Reportagem 9**

“As doações eleitorais e a formação da Bancada da Bola”, terceira reportagem de “As misteriosas relações entre política e futebol”, terceira parte da série “Coronéis do Futebol”, da Rádio Gaúcha, corresponde à Reportagem 9 da análise de conteúdo, passando a ser identificada como R9. Possui quatro minutos e 38 segundos e também é apresentada pelos repórteres Eduardo Gabardo e Rodrigo Oliveira em forma de texto manchettato. Foi irradiada em 25 de junho de 2015.

A reportagem aborda as várias doações que a CBF fez, na época em que era comandada por Ricardo Teixeira, para as campanhas eleitorais de políticos aliados, fazendo uma listagem com várias pessoas que receberam esse benefício. Informa também mais dois casos onde a política interferiu no futebol. No Pará, o deputado de oposição Alfredo Costa propôs uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o presidente da Federação Paraense de Futebol, Coronel Antônio Carlos Nunes. Entretanto, os aliados do presidente da Federação elegeram o presidente e o relator da CPI, fazendo com que a investigação não trancoresse da maneira desejada pela oposição. (GABARDO; OLIVEIRA, 2015c).

Já no Espírito Santo, a Federação de Futebol local foi presidida durante 24 anos pelo deputado Marcos Vicente. Adauto Menegussi, presidente do Linhares Futebol Clube, tentou lançar uma chapa de oposição, mas não teve o apoio necessário de cinco clubes. Ele reclama de razões políticas para essa falta de apoio.

São ouvidas duas fontes de informação: o deputado paraense Alfredo Costa, explicando os motivos da CPI contra o presidente da Federação de Futebol do Pará não ter dado certo, e Aduino Menegussi, afirmando que o time do Rio Branco não o apoiou na eleição para presidente da Federação de Futebol do Espírito Santo porque o presidente desse clube era secretário do governador, aliado político do outro candidato a presidente da Federação.

#### **7.1.10 Análise quantitativa**

Para verificar a presença dos elementos quantitativos nas reportagens selecionadas foram construídas três tabelas: Tabela 01, contendo as quantificações das categorias analisadas a partir de R1, R2 e R3, que são as reportagens produzidas pela CBN; Tabela 02, em que foram descritas as análises de R4, R5 e R6, reportagens que foram ao ar pela Rádio Estadão; Tabela 03, contendo as observações de R7, R8 e R9. As três reportagens foram produzidas pela Rádio Gaúcha.

A seguir são apresentadas as análises e as tabelas resultantes do material verificado.

Por meio da indicação quantitativa, nota-se que a CBN segue um padrão de tempo para reportagem: cerca de quatro minutos de duração. (Tabela 1). O número de fontes também é o mesmo. As sonoras são sempre superiores ao número de fontes ouvidas. Para isso, a emissora usa mais de uma declaração de uma fonte, além de vozes masculinas não identificadas (narrador) informando o que foi veiculado em jornais e revistas do ano de 1970.

As três reportagens fazem uso de trilhas e efeitos para auxiliar na compreensão das informações da repórter e situar o ouvinte no contexto dos anos 70. São utilizadas músicas mexicanas, em alusão ao país onde foi disputada a Copa do Mundo, sons de uma partida de futebol e trechos de narrações de lances nos jogos do Brasil, o que possibilita a quem está ouvindo reconstruir na memória imagens do tricampeonato da seleção brasileira.

Com relação aos gêneros textuais, predomina nas três reportagens a transmissão de informações, o que caracteriza o gênero informativo. A repórter também faz uma interpretação de opiniões que os torcedores tinham na época da

Copa do Mundo, tendo assim o gênero interpretativo. Durante alguns trechos é possível perceber a reconstrução de cenas que aconteceram durante a Copa do Mundo, através de relatos da repórter e das fontes ou narrações de jogos. Trata-se de um recurso narrativo.

Tabela 1 - Análise quantitativa das reportagens produzidas pela CBN

<b>Reportagens</b>	<b>R1</b>	<b>R2</b>	<b>R3</b>
Tempo de duração	4min12s	4min22s	4min32s
Fontes	5	5	5
Total de sonoras	8	7	7
Trilhas musicais e efeitos sonoros diferentes	2	7	12
Gêneros jornalísticos presentes	2	2	2

Fonte: elaborada pelo autor.

Já a Rádio Estadão tem o tempo de reportagem mais breve do corpus. Segue padrão em que cada reportagem tem em média dois minutos e 30 segundos. Em R6, que fecha a série especial, o tempo de duração é um pouco mais elevado. (Tabela 2).

Entretanto, o tempo reduzido não significa falta de informação. O número de sonoras é superior ao de fontes e alguns entrevistados dão seus depoimentos mais de uma vez. As sonoras são bem curtas, raramente ultrapassando 20 segundos. Com isso, permite que várias pessoas deem seus pontos de vista, mesmo que dentro de um tempo reduzido. Ao contrário da CBN, a Estadão não adotou um padrão em que o número de fontes ouvidas se repita nas três reportagens. A quantidade de fontes varia de acordo com o interesse de cada matéria.

O uso de músicas e efeitos sonoros também está presente. Sua função é que o ouvinte reconstrua imagens da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. São

utilizadas narrações de jogos em inglês, sons dos estádios, das manifestações contra a realização da Copa do Mundo e outros sons que fazem alusão ao Brasil.

No texto, há conteúdo informativo, com dados e informações que mostram o impacto que a Copa do Mundo teve no Brasil um ano depois de terminada. O repórter também faz uma interpretação dos dados levantados, através do ponto de vista das fontes. Recorre ainda à linguagem narrativa, lembrando lances e momentos que ocorreram durante o Mundial de 2014. Em determinado momento de R5, o repórter deixa transparecer sua opinião ao dizer “modéstia à parte o Brasil, neste quesito, mandou muito bem”. Neste trecho, ele quer dizer que a torcida brasileira fez um bonito espetáculo ao cantar o hino à capela nos estádios durante as partidas da seleção brasileira. Desta forma, são três os gêneros jornalísticos presentes nas reportagens da Estadão: informativo, interpretativo e opinativo.

Tabela 2 - Análise quantitativa das reportagens produzidas pela Estadão

<b>Reportagens</b>	<b>R4</b>	<b>R5</b>	<b>R6</b>
Tempo de duração	2min35s	2min40s	3min12s
Fontes	3	2	5
Total de sonoras	4	4	6
Trilhas musicais e efeitos sonoros diferentes	6	7	7
Gêneros jornalísticos presentes	2	3	2

Fonte: elaborada pelo autor.

A Rádio Gaúcha apresenta uma estrutura de reportagem diferente em relação ao observado nas emissoras CBN e Estadão, localizadas na região Sudeste.

A emissora do Rio Grande do Sul é a que menos se preocupa em estabelecer um padrão de tempo para cada reportagem. Em toda a série “Coronéis do Futebol” é

possível encontrar reportagens com três, quatro e até cinco minutos dependendo do foco de cada capítulo.

O número de fontes também varia de acordo com o contexto da reportagem, assim como o número de sonoras, que podem ser de duas até cinco e ter ou não as fontes falando mais de uma vez. (Tabela 3). Além disso, outra diferença em relação à CBN e à Estadão envolve as durações das sonoras. A Gaúcha utiliza declarações curtas, mas também recorre a trechos mais longos de falas das fontes, chegando a ultrapassar um minuto em certos casos.

O uso de trilhas musicais e efeitos sonoros é pouco explorado. Nas três reportagens analisadas só existe o uso de duas trilhas que ajudam a reforçar o objetivo da série, que é uma investigação sobre as relações da política com o futebol.

No texto, tem-se a transmissão de informações sobre os políticos que a CBF favoreceu ao longo dos últimos anos. As sonoras fazem uma função interpretativa, trazendo o ponto de vista das fontes sobre assuntos levantados pelos repórteres. Dessa forma, são dois gêneros jornalísticos presentes: o informativo e o interpretativo.

A Gaúcha também se diferencia na forma de construir o texto. As reportagens são conduzidas por dois repórteres, tendo assim um texto manchettato. Em comparação com as outras duas emissoras ainda existe um intervalo bem maior entre a fala dos repórteres e as sonoras. Em R9, esse período de tempo passa de dois minutos.

Tabela 3 - Análise quantitativa das reportagens produzidas pela Gaúcha

<b>Reportagens</b>	<b>R7</b>	<b>R8</b>	<b>R9</b>
Tempo de duração	3min41s	4min37s	4min38s
Fontes	2	4	2
Total de sonoras	2	5	3
Trilhas musicais e efeitos sonoros diferentes	2	2	2
Gêneros jornalísticos presentes	2	2	2

Fonte: elaborada pelo autor.

#### *7.1.10.1 Considerações sobre a análise quantitativa*

As reportagens analisadas apresentam vários elementos característicos de uma reportagem radiofônica. Ouvem fontes variadas a respeito de um mesmo assunto e utilizam trilhas musicais e efeitos sonoros para reconstruir cenas que ocorreram durante as Copas do Mundo. Essa característica observada vai ao encontro do que fundamenta McLeish (2001, p. 15), que define o rádio como um meio cego e que cria imagens mentais para o ouvinte. Além da reconstrução de cenas, as músicas e efeitos sonoros auxiliam em dar sentido à continuidade narrativa da reportagem, corroborando com o que dizem Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005, p. 50 apud FERRARETTO, 2014, p. 33) sobre a música assumir uma função de linguagem e se tornar parte da mensagem radiofônica. Aos efeitos é atribuída a função descritiva ambiental, construindo um cenário e possibilitando que personagens sejam inseridos.

Na construção do texto predominam conteúdos informativos e interpretativos, com a transmissão de dados e informações apurados pelos repórteres durante o processo de elaboração de uma reportagem e a interpretação, pelos repórteres ou pelas fontes, de dados levantados.

Entretanto, os repórteres recorrem à narração e à opinião para complementar as informações que estão sendo transmitidas e formar todo o conteúdo da mensagem. A informação combinada com interpretação, narração e opinião dá às reportagens um caráter interpretativo.

Em rádio, Ferraretto (2014, p. 167) diz que a grande reportagem adentra ao jornalismo interpretativo, já que é uma ampliação qualitativa da reportagem comum.

Considerando as explanações de Dias et al. (1998 apud COSTA; LUCHT, 2006) e de Ferraretto (2014) e que as reportagens analisadas fazem parte de séries, que são uma maneira de adaptar a grande reportagem ao rádio, definem-se as reportagens analisadas como pertencentes ao gênero interpretativo.

Nota-se que não existe um padrão para fazer uma reportagem radiofônica. Cada emissora segue um estilo de acordo com as características editoriais de cada grupo de comunicação ao qual pertencem. A CBN adota um número igual de fontes em todas as reportagens, sempre com algum entrevistado dando seu depoimento mais de uma vez. A Estadão prefere reportagens mais curtas, com o número de fontes podendo variar de acordo com o interesse de cada matéria.

Ao escolher a Rádio Gaúcha, uma emissora localizada no estado do Rio Grande do Sul, ou seja, fora do eixo Rio-São Paulo onde foram produzidas as reportagens da CBN e da Estadão analisadas, constata-se um leque maior ainda de opções para o desenvolvimento de uma reportagem, que pode ser influenciada por características editoriais e culturais. Tem-se um uso menos intenso de músicas e efeitos sonoros, sonoras mais longas dos entrevistados e a construção do texto em estrutura manchettata, que, segundo Ferraretto (2014, p. 96) facilita para a aplicação do gênero interpretativo.

Apesar das diferentes formas de se produzir uma reportagem, todas têm um ponto em comum: apresentam pluralidade de fontes, com diferentes visões sobre o assunto tratado. Esse é dos requisitos essenciais de uma boa reportagem.

#### **7.1.11 Análise qualitativa**

Levando em conta os itens indicados na metodologia para análise qualitativa, a seguir estes são descritos individualmente em cada uma das nove reportagens radiofônicas.

### 7.1.11.1 Reportagem 1

A reportagem “A escalação do técnico Zagallo, que substituíra João Saldanha às vésperas do Mundial”, tem como tema central a escolha dos jogadores e a formação tática que o técnico Zagallo implantou na seleção brasileira, fazendo com que quatro jogadores habilidosos conseguissem jogar juntos no ataque. Como subtemas aparecem o processo de escolha do técnico Zagallo para o lugar de João Saldanha, que fora afastado por influência da ditadura, o embarque para o México em que a seleção ainda deixava a população desconfiada sobre o desempenho e a preparação já em solo mexicano, na qual a parte física dos jogadores foi um dos diferenciais para o desempenho da seleção brasileira de 1970.

O processo de produção da reportagem segue uma ordem cronológica dos acontecimentos. Começa com a escolha de Zagallo para ser o treinador, depois passa para a definição dos jogadores e a formação do time. Terminada a fase de treino no Brasil, a seleção embarca. A reportagem termina com a chegada e o processo de preparação já no México. Para despertar a atenção do ouvinte, a repórter finaliza com uma chamada do próximo capítulo da série sobre a Copa de 1970.

As fontes servem para confirmar ou rebater as informações que a repórter traz quando fala. Zagallo diz que escolheu levar Dadá Maravilha para a Copa por opção técnica, enquanto a repórter diz que ele só levou o jogador devido à pressão feita pelo presidente da República. Os outros depoimentos são para ilustrar as informações da repórter. O ex-treinador Zagallo comenta sobre a escolha dos jogadores para a montagem da equipe. O ex-atacante Dadá Maravilha aborda a chateação por não ter jogado e de uma brincadeira feita com Pelé durante o embarque. O ex-meio-campo Rivelino, do encaixe que a equipe brasileira alcançou. O ex-zagueiro Brito conta sobre seu preparo físico e o preparador físico Lamartine Pereira da Costa do trabalho feito com os jogadores no México. Das cinco fontes, quatro podem ser classificadas como primárias, pois foram personagens da Copa do Mundo. Já o preparador físico é uma fonte secundária, estava envolvido com a Copa porque preparou os jogadores, mas não foi um dos personagens principais da conquista brasileira.

A reportagem é formada por conteúdo objetivo e também subjetivo. Como dados comprovados aparecem a escolha de Zagallo para ser o técnico da seleção, a escalação do meio-campo Rivellino como titular da equipe, a preparação da seleção brasileira em uma altitude superior àquela que seriam os jogos e a produção de um relatório da *FIFA* com o preparo físico da seleção brasileira. Entretanto, existe a presença de informações que não são verdades comprovadas, mas a repórter se utiliza delas. Fala que as pessoas consideravam Zagalo inteligente por convocar um jogador que agradava o presidente e que o treinador foi fundamental para a conquista da Copa do Mundo ao formar uma equipe que jogava de forma ofensiva. Além disso, a torcida desconfiava que a seleção não fosse jogar bem por causa dos resultados nos amistosos e consideram o preparo físico como fundamental para a conquista do tricampeonato mundial. Esses dados são subjetivos e partem da interpretação da repórter.

Os valores-notícia observados são a relevância, por se tratar da conquista de um título histórico e importante para o futebol brasileiro; o interesse, já que existe um grande público consumidor de esporte e o futebol é a modalidade mais popular do Brasil e o entretenimento, já que o futebol está associado ao lazer e à prática de esportes.

Quanto aos recursos tecnológicos, a série de reportagens sobre a Copa de 1970 está disponível em uma versão mais antiga do site da CBN, no qual é disponibilizado apenas o áudio para ouvir em *podcast*. Além disso, é possível fazer o *download* de um vídeo com uma entrevista em que uma das fontes da reportagem sonora (Dadá Maravilha) fala sobre um assunto que foi abordado na reportagem para o rádio (a influência política na convocação de Dadá Maravilha para a Copa do Mundo). Dessa forma, o vídeo serve como um complemento da reportagem, tratando de forma mais aprofundada um subtema.

#### 7.1.11.2 *Reportagem 2*

Na reportagem “Como o Brasil deu um espetáculo na primeira fase da Copa e como Pelé entrou para a história também pelos gols que perdeu”, o tema principal é o desempenho do Brasil na primeira fase, apresentando um futebol de alta qualidade. Para isso, existem vários assuntos abordados que juntos vão formar o

tema principal. O primeiro é a partida contra a Tchecoslováquia, quando o Brasil saiu atrás no placar e conseguiu a virada para 4 a 1 apresentando um ótimo futebol. Esse jogo ficou marcado por um gol que Pelé perdeu. O segundo subtema é a partida contra a Inglaterra, na qual o Brasil, jogando novamente bem, venceu os ingleses, que eram os atuais campeões da Copa, por 1 a 0. Nesse jogo, Pelé perdeu outro gol histórico. O último subtema é a terceira partida da primeira fase. O Brasil venceu por 3 a 2 e se candidatou como um dos favoritos ao título.

O processo de produção da reportagem segue ordem cronológica dos acontecimentos, abordando cada uma das partidas que o Brasil fez na primeira fase. Começa com a partida frente à Tchecoslováquia, passa para o jogo contra a Inglaterra e termina na partida contra a Romênia. A construção da narrativa permite ao ouvinte compreender com clareza quais foram os jogos e a sequência das partidas que o Brasil teve na primeira fase da Copa do Mundo de 1970.

As fontes ouvidas são todas classificadas como primárias, pois participaram diretamente e influenciaram para que o Brasil tivesse a boa campanha na primeira fase da Copa do Mundo. Suas funções são corroborar aquilo que a repórter está explicando em suas falas, seja explicando uma situação ou descrevendo uma cena. Rivellino, por exemplo, comenta sobre o Brasil não ser considerado favorito para ganhar a Copa; o ex-goleiro Félix descreve como foram os lances em que Pelé perdeu gols, contra Tchecoslováquia e Inglaterra; o ex-volante Piazza lembra como Pelé chamou a atenção dos jogadores para conter a empolgação com o bom desempenho em campo; Zagalo e Jairzinho recordam as dificuldades da partida contra a Inglaterra e o ex-jogador descreve como foi o lance do gol que marcou. Além do relato das fontes, há a ilustração sonora de um narrador que traz a manchete do Jornal do Brasil após a vitória contra a Tchecoslováquia.

O conteúdo da reportagem alterna entre o objetivo e o subjetivo. De informações concretas há as datas das partidas, os adversários do Brasil, a descrição de lances das partidas e os autores dos gols. De conteúdo subjetivo existem as interpretações e impressões da repórter, como a torcida ter dúvidas sobre o desempenho do Brasil na Copa; a confiança da seleção para virar o jogo contra a Tchecoslováquia e a opinião de que esse jogo foi um dos melhores da equipe; a mudança de sentimento da torcida, passando a acreditar no Brasil; considerar a partida contra a Inglaterra como a mais difícil e o sentimento de angústia da torcida

pelo fim desse jogo; a impressão de que o Brasil relaxou no jogo contra a Romênia, ao levar dois gols.

Os valores-notícia dessa reportagem são, assim como na reportagem 1, relevância, interesse e entretenimento pelo futebol ser um esporte que atrai a atenção das pessoas e a relevância que o tricampeonato tem na história do futebol brasileiro.

No *site* da CBN, é possível encontrar a reportagem em *podcast* e outro vídeo para *download* que contém mais um trecho da entrevista com Dadá Maravilha. Ele comenta sobre as pazes que fez com João Saldanha após sua morte, devido à leitura de um livro sobre o ex-treinador da seleção. O conteúdo do vídeo não é um assunto abordado na reportagem, trazendo assim outro tema relacionado à Copa do Mundo de 1970.

#### 7.1.11.3 *Reportagem 3*

A reportagem “A final contra a Itália: mexicanos substituíram o vermelho pelo amarelo na sua bandeira e abraçaram o Brasil rumo à conquista inédita no futebol” aborda dois temas. O primeiro é o retrato da final da Copa do Mundo de 1970, em que os brasileiros bateram a Itália por 4 a 1. Dentro deste tema são retratados: a preparação para o jogo, com o clima de confiança que tomava conta dos jogadores; as descrições dos lances dos gols da partida; a festa que ocorreu após o fim do jogo, na qual os torcedores mexicanos invadiram o gramado para comemorar com a seleção brasileira e os recordes batidos por Zagallo e Jairzinho.

O segundo tema abordado na reportagem é o aproveitamento da conquista da Copa do Mundo pelo regime militar para fazer propaganda política. O futebol tornou-se junto à economia uma das principais formas da ditadura se promover. Também relata a estratégia do jornal de oposição O Pasquim, que publicou o poema “E agora José?”, de Carlos Drummond de Andrade.

O processo de produção da reportagem segue ordem cronológica dos fatos. Começa com a preparação para a partida final da Copa do Mundo, passa pelos lances do jogo e pela festa pós-título, terminando com a propaganda que o governo militar fez após a volta da seleção ao Brasil.

A reportagem 3 é a que mais apresenta tipos diferentes de fontes nas reportagens da CBN. Como fontes primárias aparecem os jogadores envolvidos na partida, como Dadá Maravilha, que relembra o sonho que teve na noite anterior à partida; Rivellino, que rememora o lance do último gol brasileiro; e Piazza, descrevendo a vibração dos mexicanos e a emoção que sentiu após o fim da partida. O jornalista Sérgio Cabral pode ser classificado como fonte secundária, pois trabalhava no Jornal O Pasquim, mas não foi ele quem publicou o poema. Como fonte especializada aparece a âncora da CBN, Lucia Hippolito, explicando como a ditadura utilizou o futebol para fazer propaganda política. Usam-se, além das fontes, duas ilustrações sonoras de um narrador informando uma manchete de revista e recitando o poema “E agora José?”.

No conteúdo da reportagem existe objetividade e subjetividade. São informações concretas a data da final da Copa de 70, os lances da partida, os autores dos gols e os recordes batidos pela seleção brasileira. A partir das interpretações dos dados e impressões da repórter, é descrito o clima e o sentimento dos jogadores antes, durante e após a partida, além de como foi feita a propaganda militar em cima do futebol.

Os valores-notícia, assim como nas reportagens 1 e 2, são interesse, relevância e entretenimento devido à abordagem do contexto da Copa e o futebol ser um esporte que desperta atenção da audiência.

A reportagem está disposta em forma de *podcast* no *site* da CBN. Junto ao conteúdo em áudio existe a opção de baixar um vídeo no qual Zagallo elege, em sua opinião, as melhores seleções brasileiras da história.

#### *7.1.11.4 Análise reportagens da CBN*

A série de reportagens da CBN “Copa de 70 - a trajetória do título” tem o objetivo de resgatar uma história que foi marcante para o futebol brasileiro, a conquista da Copa do Mundo do México, em 1970. Para chegar a esse objetivo, cada capítulo da série aborda uma parte da trajetória brasileira na Copa do Mundo, desde a preparação ainda no Brasil até a conquista do título. As três reportagens têm uma lógica em comum: apresentam os fatos de forma cronológica, fazendo com

que o ouvinte entenda com facilidade e clareza como foi o caminho da seleção brasileira até o título.

Cada reportagem tem um objetivo principal. A reportagem 1 fala sobre a preparação no Brasil, o embarque e a adaptação ao clima no México. Na reportagem 2 é abordada a primeira fase da Copa e, na reportagem 3, a partida final. Para chegar a esse objetivo são fornecidas informações e feitas interpretações e descrições de diferentes fatos que ocorreram dentro do recorte da Copa feito em cada reportagem.

As fontes fazem predominantemente o papel de descrever cenas e emoções, indo ao encontro do objetivo da série como um todo, que é contar uma história. São poucas ocasiões em que as fontes servem para explicar ou confirmar uma informação.

Na construção das três reportagens aparecem objetividade e subjetividade. São fornecidos dados concretos e comprovados, como datas, adversários do Brasil, os jogadores que fizeram os gols e os recordes quebrados. Entretanto, é possível perceber que, a partir dos dados levantados e das conversas com as fontes, a repórter apresenta informações que ela interpretou, como a desconfiança da torcida, os sentimentos dos jogadores e as ações do governo militar para fazer do futebol um instrumento de propaganda política.

A temática da série mostrou-se acertada, pois na época em que foi produzida comemoravam-se 40 anos do tricampeonato da Copa do Mundo. Além disso, o futebol é um assunto relevante, sendo a modalidade esportiva mais popular do Brasil. Existe um público consumidor de futebol em rádio, que acompanha as transmissões de jogos e os programas de debate. Nesse cenário, as chances de uma série de reportagens sobre a Copa de 1970 ser bem-sucedida é grande.

Em relação à união do rádio com linguagem sonora e visual, na época em que a série de reportagens sobre a Copa de 1970 foi produzida, 2010, eram apresentados apenas a reportagem em *podcast* para ouvir *on-line* e um vídeo para *download* que serve para complementar os assuntos tratados no material em rádio. Atualmente, observando as séries produzidas pela CBN em 2016, essa união foi aprimorada. O que é falado no rádio está transcrito na tela em forma de texto e existe a presença de infográficos. Além disso, a reportagem em áudio também pode ser ouvida *on-line* ou baixada para o computador. Essa diferença no *layout* do *site*

da CBN em seis anos mostra uma preocupação da emissora em se atualizar e tornar o rádio mais atrativo e moderno.

#### *7.1.11.5 Reportagem 4*

A reportagem “A data para a conclusão do chamado VLT de Cuiabá, prometido para a Copa, ainda está indefinida” tem como tema central a situação das obras para a Copa do Mundo de 2014 um ano depois de terminado o evento. Para isso, os subtemas abordados são: a conclusão de apenas um quarto das obras previstas inicialmente, os investimentos feitos na Zona Leste de São Paulo e a separação entre os investimentos para um evento do porte da Copa do Mundo comparado aos investimentos normais no Brasil.

A reportagem segue uma lógica de começar o relato recuperando alguns fatos que ocorreram dentro do campo de jogo para depois trazer o contexto da Copa do Mundo para as consequências fora do campo, que, no caso, são os impactos que as obras para o Mundial tiveram.

Ao contrário da CBN, as fontes têm o papel de dar um ponto de vista sobre os dados obtidos pelo repórter. A Estadão mostra preocupação em ouvir duas posições distintas em relação ao impacto das obras para a Copa do Mundo. José Roberto Bernasconi diz que muitas das obras prometidas nem começaram a serem construídas. Lélío Filho e Clarissa Galhardi, por sua vez, veem o impacto da Copa como positivo, pois as obras concluídas conseguiram trazer benefícios para a população, apesar de nem todas terem saído do papel. As três fontes são consideradas especializadas, pois fazem parte de organizações ou são pesquisadores que estudaram o legado da Copa, tendo autoridade para comentar o tema.

É possível perceber a presença de linguagem objetiva e subjetiva. Aparecem dados comprovados, como a Alemanha campeã da Copa do Mundo, o atraso na entrega do VLT de Cuiabá e a pesquisa sobre a satisfação dos brasileiros com os aeroportos. Como conteúdo subjetivo tem-se a interpretação dos dados levantados, seja pelo repórter ou pelas fontes. Nessas interpretações estão os impactos das obras da Copa para o Brasil, no aspecto positivo e negativo, os investimentos na Zona Leste de São Paulo como exemplos desse impacto e a visão de que os

investimentos para a Copa do Mundo não refletem o esforço em obras de mobilidade urbana para o Brasil.

Os valores-notícia presentes na reportagem 4 são a relevância, por se tratar do legado para o país de um evento do porte de uma Copa do Mundo; interesse, pois os brasileiros se importam com o dinheiro que foi gasto para fazer a Copa e os impactos que isso trouxe; a proximidade, pois São Paulo, onde está localizada a Rádio Estadão, foi uma das sedes da Copa do Mundo. O próprio repórter traz obras feitas na capital paulista como exemplos na reportagem.

A Rádio Estadão não mostra preocupação em seu *site* em aproveitar o conteúdo da reportagem além do sonoro. É possível apenas ouvir a reportagem em áudio através de um *player*. Não existe qualquer tipo de texto, imagens ou vídeos para complementar as informações.

#### 7.1.11.6 *Reportagem 5*

A reportagem “Um ano depois da Copa, é possível dizer que o mundial 'deixou frutos' nas organizações sociais das cidades” tem como tema central o legado que a Copa de 2014 deixou para a sociedade brasileira um ano depois do encerramento do evento. Para isso são abordados os seguintes subtemas: a falta de apoio à realização da Copa do Mundo antes do evento acontecer; a percepção de que, um ano depois, a Copa deixou frutos na sociedade brasileira citando o exemplo do projeto social “Imagina na Copa”, com os resultados positivos alcançados; o aprendizado de que a sociedade brasileira tem o poder de lutar por melhores condições e conseguir resultados.

A construção lógica do texto é começar recuperando um fato que aconteceu no estádio durante a Copa do Mundo (o hino à capela cantado pela torcida), servindo como gancho para introduzir o tema da reportagem e abordar o extracampo, que são os frutos que o Mundial deixou na sociedade brasileira um ano após o término.

As fontes têm o papel de dar seu ponto de vista sobre o assunto debatido na reportagem. Orlando Alves dos Santos Júnior estudou durante três anos o legado deixado pela Copa do Mundo e é classificado como fonte especializada, já que tem experiência e autoridade para debater sobre o assunto. Já a idealizadora do projeto

social “Imagina na Copa”, Fernanda Cabral, é uma fonte primária, pois é a responsável pelo projeto que serve como exemplo na reportagem.

A reportagem 5 é feita de conteúdos objetivos e subjetivos. Como dados concretos tem-se o hino à capela cantado na Copa do Mundo, a pesquisa que 50% dos brasileiros não apoiavam a realização do Mundial antes do início do evento e os resultados alcançados com o projeto social “Imagina na Copa”. De conteúdo subjetivo existe a presença da opinião do repórter sobre o espetáculo da torcida brasileira durante o hino à capela e o ponto de vista das fontes a respeito do legado deixado pelo Mundial e da importância do projeto social “Imagina na Copa”.

Os valores-notícia da reportagem 5 são interesse, relevância e proximidade, já que a Copa do Mundo atrai a atenção da população, tem uma importância significativa no esporte e a cidade de São Paulo foi uma das sedes de jogos do evento.

Assim como na Reportagem 4, para a Reportagem 5, o *site* da Rádio Estádio disponibiliza apenas o áudio que foi ao ar nas ondas hertzianas. Não existe nenhum tipo de texto, imagem ou vídeo que auxilie ou complemente o conteúdo sonoro.

#### 7.1.11.7 *Reportagem 6*

A reportagem “O Brasil assistia, há exatamente um ano, o início da segunda Copa do Mundo no País” continua tratando sobre o legado que a Copa do Mundo deixou para o Brasil. São explorados dentro desse tema: o legado vendido com a realização Copa, que não foi concretizado; os investimentos feitos na Zona Leste de São Paulo; impactos positivos no legado da Copa do Mundo.

A reportagem 6 segue a lógica das outras reportagens analisadas da Rádio Estádio. Começa recuperando um fato ocorrido dentro de campo durante a Mundial de 2014, que nesse caso é o mau desempenho da seleção brasileira, eliminada na semifinal após a vexatória derrota de 7 a 1 para a Alemanha, e faz o gancho para falar sobre o legado deixado pela competição.

As fontes ouvidas são todas classificadas como especialistas e têm a função de trazer seus pontos de vista a respeito do resultado da Copa do Mundo fora de campo. Flávia Matos e Orlando Alves Santos Junior veem o impacto como negativo, pois a imagem que os organizadores venderam da realização do evento no Brasil

não foi verdadeira. Clarissa Galhardi alerta sobre os perigos da valorização nos investimentos na Zona Leste de São Paulo. José Roberto Bernasconi, por sua vez, diz que para os Jogos Olímpicos o Brasil também sofrerá para terminar as obras de infraestrutura necessárias. Entretanto, a Rádio Estadão traz uma visão positiva do legado da Copa, ou seja, contrária aos outros entrevistados, já que Lélío Filho vê o impacto da Copa no Brasil como positivo.

A reportagem tem dados objetivos e subjetivos. Os objetivos são o desempenho da seleção brasileira na Copa. Entretanto, os que predominam são os subjetivos, com as visões das fontes sobre o legado da Copa do Mundo no Brasil, seja positivo ou negativo.

Os valores-notícia presentes são a relevância, já que a Copa do Mundo é um dos mais importantes eventos do esporte mundial, o interesse, pois a população necessita saber como um evento desse porte pode impactar no futuro do Brasil e a proximidade, pelo fato de a Rádio Estadão estar localizada em São Paulo, que foi uma das sedes da Copa de 2014.

Acessando-se o *site* da emissora, verifica-se que a reportagem 6 está disponível apenas em áudio, sem nenhum recurso imagético ou sonoro.

#### *7.1.11.8 Análise reportagens da Rádio Estadão*

A série de reportagens da Rádio Estadão que aborda o impacto da Copa do Mundo no Brasil tem como objetivo mostrar os impactos que os investimentos em um evento de grande porte trouxeram para o Brasil, um ano depois do encerramento da competição. Para atingir o objetivo pretendido, cada capítulo da série trata de um assunto no qual a realização da Copa do Mundo traz consequências para a sociedade brasileira: a situação do futebol brasileiro um ano após levar a goleada de 7 a 1 para a Alemanha na semifinal, o lucro recorde que a *FIFA* recebeu para organizar a competição, o atraso nas obras de infraestrutura e duas reportagens destinadas ao legado da Copa deixado para a sociedade brasileira.

As três reportagens analisadas apresentam uma lógica em comum na construção do texto: iniciam retomando um fato que aconteceu durante as partidas da Copa do Mundo: a final, na reportagem 4; o hino à capela cantado nos estádios, na reportagem 5; a campanha decepcionante do Brasil, na reportagem 6. Em

seguida, o repórter faz o gancho para abordar os assuntos relacionados ao legado da Copa tratados em cada reportagem.

As fontes ouvidas pela Rádio Estadão têm a função de dar um ponto de vista, fazendo uma interpretação sobre os dados levantados pelo repórter. São pessoas que integram centros de estudo ou pesquisadores que se dedicaram a refletir sobre o legado da Copa do Mundo para o Brasil, tendo assim experiência e credibilidade para falar sobre o assunto. São as fontes classificadas como especializadas. Essa característica observada vai ao encontro do objetivo da série de reportagens, que é debater o legado que a Copa do Mundo deixou para o Brasil após ser encerrada.

Toda a série é composta por elementos objetivos e subjetivos. O repórter apresenta dados concretos e comprovados, como os fatos que ocorreram dentro de campo durante a Copa do Mundo e pesquisas do governo brasileiro sobre a satisfação da população com os aeroportos e a desconfiança com a realização do Mundial no Brasil. Já como conteúdo subjetivo encontram-se as impressões pessoais do repórter e as opiniões das fontes sobre os vários assuntos debatidos ao longo da série em relação ao legado do Mundial. Essa combinação de objetividade e subjetividade caracteriza o gênero interpretativo.

Quando a série de reportagens foi ao ar, em junho de 2015, completava-se um ano do início da Copa do Mundo no Brasil e o impacto e o legado que a Copa do Mundo deixou para o Brasil era um tema recorrente na mídia brasileira, principalmente a esportiva. Sendo assim, a série da Rádio Estadão é mais uma que abordou esse tema e demonstrou ser uma temática acertada com veiculação em ocasião oportuna.

Já em relação à combinação do rádio com outros elementos multimídia, a Rádio Estadão ainda carece de um melhor aprimoramento. Em todas as reportagens analisadas encontra-se apenas um *player* de áudio em que é possível ouvir a matéria que foi ao ar no rádio hertziano. Navegando-se pelo site da Rádio Estadão, verifica-se que a emissora disponibiliza vários trechos em áudio de programas que foram ao ar. Não existe qualquer conteúdo jornalístico em texto, vídeo ou outro conteúdo multimídia.

#### 7.1.11.9 Reportagem 7

A reportagem “As ligações entre a política e o comando do futebol”, da Rádio Gaúcha, tem como tema principal as relações que o futebol tem com pessoas que ocupam cargos políticos. Para atingir esse objetivo, é feito inicialmente uma longa listagem com nomes de dirigentes que atuam no futebol, mas também ocupam ou têm ligações e/ou relações com pessoas que ocupam cargos políticos. No segundo momento, os repórteres ouvem uma das pessoas listadas no início da reportagem alegando que a prisão do ex-presidente da CBF, José Maria Marin, acusado de corrupção, ainda necessita de provas para se confirmar. Por fim, é explicado o caso da eleição para presidente da Federação de Futebol do Distrito Federal, cujo eleito teve o apoio do governador Agnelo Queiroz.

A reportagem tem a lógica de começar fazendo a listagem explicada anteriormente. Esse resultado apresentado é fruto do objetivo da série “Coronéis do Futebol”, que é investigar o tema proposto. Terminada a listagem, as ligações entre política e futebol são exemplificadas através do caso da eleição para a presidência da Federação de Futebol do Distrito Federal.

As fontes ouvidas pela Rádio Gaúcha fazem o papel esperado em uma investigação: corroboram com os dados levantados pelos repórteres ou rebatem as acusações feitas. O presidente do Bolamense Futebol Clube, Antonio Teixeira, confirma a versão levantada pelos repórteres de que houve interferência política na eleição para presidente da Federação de Futebol do Distrito Federal. Já um dos vice-presidentes da CBF, Gustavo Feijó, defende José Maria Marin, um dos listados pela reportagem como acusado de corrupção e que se encontra preso nos Estados Unidos. Ambas as fontes podem ser classificadas como secundárias, já que fornecem informações importantes, mas não estão diretamente envolvidas com as ligações entre política e futebol abordadas na reportagem.

O predomínio na reportagem 7 é de conteúdo objetivo. Os repórteres trazem uma listagem com os nomes dos dirigentes e suas ligações com a política e os fatos que aconteceram na eleição para presidente da Federação de Futebol do Distrito Federal. Como dados subjetivos aparecem as declarações das fontes. Gustavo Feijó dá sua opinião sobre a prisão de José Maria Marín. Já Antonio Teixeira conta sua

versão sobre o ocorrido nas eleições para presidente da Federação de Futebol do Distrito Federal.

Os valores-notícia observados são a relevância, pois na época em que a reportagem foi produzida o escândalo de corrupção na *FIFA*, com a prisão de vários dirigentes do futebol ainda era um caso recente. Desde então, várias investigações vieram à tona e várias prisões aconteceram com o assunto corrupção no futebol se tornando um assunto recorrente na imprensa brasileira e internacional. Também o interesse, já que, além do público que acompanha futebol, o assunto envolve outros assuntos importantes, como corrupção, política e economia. Proximidade, já que um capítulo da série “Coronéis do Futebol”, que não foi analisado neste trabalho, aborda as ligações entre política e futebol na Federação Gaúcha de Futebol, estado onde está localizada a Rádio Gaúcha.

Quando se analisa a reportagem 7 no *site* da Rádio Gaúcha, encontram-se foto, texto em que está transcrito o conteúdo presente no áudio, *player* para ouvir a reportagem em áudio e uma arte em que é possível localizar e ouvir todos os episódios da série “Coronéis do Futebol”.

#### 7.1.11.10 *Reportagem 8*

A reportagem “Quando a política interfere no futebol” tem como tema principal os dirigentes que ocupam ao mesmo tempo cargos na CBF e nas Federações Estaduais mantendo cargos políticos, muitas vezes beneficiando-se dessa condição. Como exemplo é mostrada a situação de Alagoas, no qual o ex-presidente da Federação de Futebol local assumiu um cargo na CBF e apoiou a eleição de seu filho, prefeito de uma cidade, para sucedê-lo no cargo. Já no Amazonas é relatado o caso da indicação do Nacional Futebol Clube para jogar a quarta divisão do Campeonato Brasileiro. Segundo acusações, o time só foi escolhido por ordens do governador do estado e o verdadeiro dono da vaga seria o Fast Club.

A lógica seguida na construção da reportagem é começar apresentando a quantidade de pessoas que ocupam ao mesmo tempo cargos políticos e têm alguma função na CBF. Em seguida, são apresentados e explicados dois casos em que a política interferiu no futebol: de Alagoas e do Amazonas.

Assim como na reportagem 7, algumas fontes corroboram com o que os repórteres levantaram em suas investigações. Já outras rebatem e dão uma versão diferente daquilo que foi apurado. O candidato derrotado na eleição da Federação de Futebol de Alagoas, José Cordeiro de Lima, afirma que os contatos políticos do candidato vencedor influenciaram para que ele vencesse; já o pai do candidato vencedor, Gustavo Feijó, rebate a acusação e alega que futebol é independente da política e que o resultado da eleição é fruto do trabalho bem feito. No caso do Amazonas, o vice-presidente do Fast Club, em anonimato, diz que a indicação do Nacional para disputar a quarta divisão do Campeonato Brasileiro foi por ordem do governador. O presidente da Federação de Futebol do estado, Dissica Valério Tomaz, rebate e diz que a indicação foi escolha técnica. Todos podem ser classificados como fontes primárias, pois estão diretamente envolvidos com os problemas descritos.

A reportagem é composta por conteúdo objetivo e subjetivo. Os repórteres trazem dados sobre o número de dirigentes que ocupam cargos na CBF e também políticos, além de explicar as situações ocorridas na eleição para presidente da Federação de Futebol do Amazonas e na indicação do Nacional para jogar a quarta divisão do Campeonato Brasileiro. As declarações das fontes são os conteúdos subjetivos presentes na reportagem.

Os valores-notícia observados são a relevância, já que o assunto tratado estava em alta, principalmente na época em que a reportagem foi produzida; o interesse, pois aborda diferentes segmentos importantes para a população, como esporte, política e corrupção; proximidade, pelo fato de existir uma abordagem específica da série “Coronéis do Futebol” para o estado do Rio Grande do Sul.

Observando-se a disposição da reportagem 8 no *site* da Rádio Gaúcha, encontra-se o texto em áudio transcrito para o leitor acompanhar, a opção de ouvir a versão sonora e uma arte em que é possível encontrar todos os capítulos da série “Coronéis do Futebol”.

#### 7.1.11.11 Reportagem 9

A reportagem “As doações eleitorais e a formação da Bancada da Bola” tem como tema principal os repasses em dinheiro que a CBF fez para campanhas políticas de dirigentes da entidade e de outras entidades afiliadas. Dentro desse assunto principal aparecem como subtemas a CPI para investigar a Federação de Futebol do Estado do Pará e a fracassada tentativa de articular uma chapa de apoio na eleição da presidência da Federação de Futebol do Espírito Santo.

A lógica seguida na construção da reportagem é começar expondo para o ouvinte uma listagem fruto da investigação feita. São apresentados os nomes dessas pessoas e os valores que receberam em doações da CBF. Em seguida, explica os casos da CPI na Federação de Futebol do Pará e da eleição da Federação de Futebol do Espírito Santo, que servem de exemplos para ilustrar como essa interferência da CBF na política traz algum tipo de consequencia.

Na reportagem 9, as fontes servem para os repórteres obterem informações sobre os dados levantados em suas investigações. O deputado estadual do Pará Alfredo Costa relata que tentou articular uma CPI contra o presidente da Federação de Futebol do estado, Coronel Antonio Carlos Nunes, mas o projeto não atingiu o objetivo desejado porque a CPI foi conduzida por pessoas ligadas ao governador do estado do Pará. Já o presidente do Linhares Futebol Clube, Aduino Menegussi, conta que não conseguiu apoio suficiente para lançar uma chapa de oposição na eleição para presidente da Federação de Futebol do Espírito Santo. Segundo o dirigente, questões políticas pesaram nessa falta de apoio. Ele cita o exemplo do presidente do Rio Branco, que era secretário do governador. As duas fontes podem ser classificadas como primárias.

Existe a presença de conteúdo objetivo e subjetivo. Os repórteres trazem nomes dos dirigentes, cargos que eles ocupam e a quantidade de dinheiro que a CBF doou para cada um deles em suas campanhas políticas. Também explicam o contexto das situações ocorridas no Pará e no Espírito Santo. Já as fontes relatam como ocorreu o processo da CPI e a eleição na Federação de Futebol do Espírito Santo. Esses são os conteúdos objetivos da reportagem. Já a subjetividade está presente em algumas falas das fontes, já que os entrevistados trazem algumas

opiniões, como o porquê a gestão da Federação de Futebol do Pará precisar ser investigada e a interferência da política no futebol.

Os valores-notícia observados são os mesmos das reportagens 7 e 8: relevância e interesse, pelo assunto da corrupção no futebol ser atual, estar em discussão na mídia e existir um público cujo tema chama atenção e desperta curiosidade de ficar informado e a proximidade, pela série de reportagens “Coronéis do Futebol” dedicar um capítulo à investigação da corrupção no futebol que existe no Rio Grande do Sul.

Observando-se o que está contido no *site* da Rádio Gaúcha, a disposição na página é semelhante à das reportagens 7 e 8: um *player* para ouvir a reportagem que foi ao ar pelo rádio tradicional, o material sonoro em forma de texto e uma arte em que é possível ter-se acesso a todas as reportagens da série investigativa “Coronéis do Futebol”.

#### *7.1.11.12 Análise reportagens da Rádio Gaúcha*

As três reportagens analisadas do subcapítulo “As misteriosas relações entre política e futebol”, que faz parte da série de reportagens da Rádio Gaúcha “Coronéis do Futebol”, têm um objetivo em comum: mostrar como os dirigentes da CBF e das Federações Estaduais que ocupam cargos políticos se beneficiam dessa condição para conseguir vantagens tanto no futebol quanto na política. Cada reportagem se dedica a examinar uma característica dessa relação tão próxima entre política e futebol: mostrar os dirigentes que ocupam cargos no esporte e no governo, como eles se beneficiam dessa condição e as doações em dinheiro que receberam da CBF para suas campanhas políticas.

Na construção do texto das três reportagens, a lógica é parecida. Os repórteres começam, nas reportagens 7 e 9, apresentando os nomes, os cargos ocupados na CBF e/ou nas Federações Estaduais e os valores recebidos como doações em campanhas eleitorais. Na reportagem 8, enumeram no início a quantidade de vice-presidentes da CBF que ocupam cargos políticos. Depois de apresentados esses dados no início, as três reportagens seguem para explicações de casos ocorridos em diferentes lugares do Brasil para exemplificar e mostrar como é a relação entre política e futebol.

A série de reportagens “Coronéis do Futebol” é investigativa. Sendo assim, as fontes têm a função de dar suas versões sobre os fatos levantados pelos repórteres, explicando como as situações apresentadas na reportagem ocorreram. Observa-se o compromisso e exercício ético do jornalismo por parte da Rádio Gaúcha, pois os repórteres mostraram preocupação em ouvir também os dirigentes acusados de irregularidades ou pessoas próximas a eles, culminando com desmentidos e versões diferentes daquelas levantadas durante a investigação.

As reportagens 7, 8 e 9 têm o predomínio de conteúdo objetivo. Os repórteres trazem vários dados colhidos durante o processo de investigação da reportagem, como os nomes, cargos ocupados e quantidade de dinheiro recebida pelos dirigentes em doações para campanhas eleitorais. Também são dados concretos as explicações sobre como ocorreram cada caso de interferência política no futebol explicado nas reportagens. As declarações das fontes podem ser classificadas como conteúdo subjetivo, pois são opiniões ou versões que cada um tem a respeito do fato. As interferências políticas no futebol são acusações feitas e existem indícios de que ocorreram. Entretanto, ainda não estão todas provadas na justiça. A combinação de conteúdo objetivo e subjetivo caracteriza o gênero interpretativo.

A escolha da temática da série “Coronéis do Futebol” mostrou-se acertada e oportuna. Em 27 de maio de 2015, oito dirigentes da *FIFA* foram presos em Zurique, na Suíça, acusados de corrupção no futebol em uma série de investigações que já vinha de alguns anos. Desde então, outros dirigentes foram presos e o assunto tornou-se recorrente nos mais variados veículos de comunicação. Quando a série da Rádio Gaúcha foi ao ar, em junho de 2015, o tema ainda era muito recente e a série “Coronéis do Futebol” foi mais um dos vários materiais produzidos que abordaram a relação futebol e política.

Em relação ao rádio combinado com outros elementos multimídia, as três reportagens analisadas da emissora apresentaram texto, conteúdo em áudio e uma arte na qual é possível encontrar as outras reportagens da série, além de uma delas possuir uma foto. Navegando por outras reportagens no site da Rádio Gaúcha, encontram-se versões de reportagens em áudio feitas em vídeo, além de reportagens produzidas exclusivamente para o site. A Rádio Gaúcha mostra uma clara preocupação em apresentar-se como um rádio mais moderno, que ofereça conteúdo além do sonoro.

#### 7.1.11.13 Considerações sobre a análise qualitativa

Analisando-se as nove reportagens radiofônicas, sendo três séries de três emissoras diferentes, notaram-se propostas e objetivos distintos na elaboração de uma reportagem radiofônica jornalística para o rádio.

Essa variedade de temáticas e maneiras de se produzir reportagens corrobora com o que afirmam Ferrari e Sodré (1986, p. 45-65 apud FERRARETTO 2014, p. 168), na qual as reportagens especiais podem ser um *fact-story*, *action story* ou *quote-story*. Aplicando-se essa classificação às reportagens analisadas, as reportagens 1, 2 e 3 são uma *action-story*, pois reconstroem uma história. Já as demais reportagens são uma *fact-story*, pois descrevem os fatos e usam as fontes como testemunhas ou especialistas sobre o assunto tratado.

No processo de construção das reportagens, cada emissora seguiu uma estrutura parecida na construção do texto nos três capítulos analisados, evidenciando que essas reportagens fazem parte de uma mesma série. Percebeu-se que uma emissora é mais flexível do que outra na elaboração dessa estrutura de texto, mas todas seguem uma lógica similar, em que as reportagens são sequência uma da outra. É difícil para o ouvinte entender a última reportagem da série sem ter ouvido a primeira, o que reforça a característica da série de reportagens, que é uma maneira de adaptar a grande reportagem ao rádio.

As nove reportagens apresentaram pluralidade de fontes. Entretanto, elas têm funções diferentes de acordo com o objetivo de cada item dentro da série da qual faz parte. Encontraram-se fontes envolvidas diretamente ou indiretamente com os fatos e também aquelas que possuem o conhecimento e autoridade para falar sobre o assunto debatido. Essa característica observada nas fontes vai ao encontro do que fundamenta Mendez (2010, p. 565 apud FERRARETTO, 2014, p. 92), na qual podem ser primárias, secundárias ou especializadas.

Percebeu-se que várias fontes ouvidas pelas três emissoras dão seus depoimentos em mais de uma reportagem, mostrando planejamento do repórter e da equipe de produção na pauta e preparação de perguntas cujas repostas vão ser aproveitadas em várias oportunidades.

Ainda sobre fontes, as Rádios Estadão e Gaúcha mostraram preocupação em ouvir lados opostos do fato, escutando opiniões positivas e negativas sobre o legado

da Copa do Mundo para o Brasil e, no caso da Gaúcha, defesa e acusação dos dirigentes envolvidos em escândalos de corrupção no futebol. Essa atitude mostra cuidado das duas emissoras em praticar um jornalismo correto e ético.

As nove reportagens combinaram conteúdos objetivos com subjetivos. Existe a presença de informações concretas e comprovadas, como fatos ocorridos durante Copas do Mundo, pesquisas do governo brasileiro e nomes de dirigentes envolvidos com política e futebol. Entretanto, os próprios repórteres deixam suas impressões pessoais, interpretam os dados obtidos e ouvem opiniões das fontes sobre os temas debatidos em cada reportagem, além de utilizarem recursos narrativos em algumas situações. Esses dados verificados confirmam o que havia sido identificado anteriormente na análise quantitativa deste trabalho, na qual as reportagens analisadas fazem parte do gênero interpretativo.

As pautas para a produção das séries de reportagem analisadas não tratam de assuntos “quentes”, ou seja, que estão ocorrendo no mesmo período em que foram ao ar, o que atesta as explicações de Lage (1998, p. 47) sobre a pauta de uma reportagem, que pode ser ou não sobre um fato que está ocorrendo no momento em que a reportagem será produzida.

Entretanto, mesmo não abordando fatos “quentes”, as três emissoras têm motivos para produzir e veicular as séries de reportagens analisadas na época em que foram ao ar. Em 2010, quando a CBN produziu a série sobre a Copa de 1970, completaram-se 40 anos do tricampeonato da seleção brasileira. Em junho de 2015 fez-se um ano do término da Copa do Mundo e um dos assuntos mais discutidos no Brasil era o legado deixado pelo evento, ocasião para a produção da série da Rádio Estadão. Já em agosto de 2015, quando a Gaúcha levou ao ar a série “Coronéis do Futebol”, fazia três meses que o escândalo de corrupção na *FIFA* havia estourado e o assunto estava constantemente na mídia. Dessa forma, mesmo para os assuntos “frios”, nota-se que as emissoras fazem um planejamento na escolha dos temas que serão abordados em uma série de reportagens e decidem a época mais adequada do ano para levar o material produzido ao ar.

Os assuntos presentes nas reportagens mostraram-se relevantes dentro do jornalismo esportivo e importantes para o público ouvinte que acompanha notícias sobre esporte, em especial o futebol. Além disso, as Rádios Estadão e Gaúcha trouxeram os contextos apresentados para a região onde estão localizadas (São

Paulo e Rio Grande do Sul), reforçando a característica do rádio na qual o veículo fala especialmente para a sua região.

Já quando se observa o rádio combinado com outras mídias na *Internet*, as três emissoras têm perfis diferentes. A Estadão é a que menos se preocupa com essa característica, apenas disponibilizando as reportagens para escuta sonora *on-line* em seu *site*. Na CBN, já é possível encontrar o conteúdo em áudio transcrito em forma de texto, além de fotos e infográficos que auxiliam o internauta no entendimento do conteúdo da reportagem. Na versão mais antiga do *site*, em que se encontram as reportagens analisadas neste trabalho, existe a reportagem sonora para ouvir *on-line* e vídeos para *download* que complementam o conteúdo sonoro.

Das três emissoras, a que mais se preocupou em pensar o rádio além do sonoro foi a Gaúcha. Nas reportagens analisadas, há a presença da reportagem sonora transcrita em texto, fotos e uma arte ao final da página na qual é possível acessar todas as reportagens da série “Coronéis do Futebol”. A emissora sulista também faz matérias em vídeos que complementam o conteúdo sonoro e reportagens exclusivas para o *site*.

Mesmo com o uso de recursos multimídia, percebe-se que o texto ainda é a mera transcrição do conteúdo em áudio e não são todas as emissoras de rádio que se dedicam a explorar o veículo além do sonoro. Dessa forma, nota-se que essa cultura ainda está em fase de adaptação no Brasil.

#### *7.1.11.14 Considerações finais sobre a análise de conteúdo*

Considera-se, em síntese, com bases nas análises quantitativa e qualitativa, que uma série de reportagens em rádio deve ouvir o maior e mais variado número de fontes possível, a fim de obter diferentes visões acerca do assunto proposto. Além disso, essas fontes podem ter papéis diferentes dentro de uma mesma reportagem: apresentação de dados para serem analisados e interpretados pelo repórter e pelas fontes; seguir uma lógica na construção da narrativa, na qual a reportagem radiofônica deve ter início, meio e fim. Produções mais longas como a série também exigem um planejamento bem feito, desde o primeiro contato da pauta até o último retoque na edição final.

Com relação à duração, as reportagens analisadas variam de dois minutos e 35 segundos a quatro minutos e 38 segundos, sendo que, de nove reportagens analisadas, cinco têm tempo de duração entre quatro minutos e quatro minutos e 40 segundos e conseguiram fazer bem seu papel de trazer informações completas para o ouvinte. Assim, pelo corpus analisado, avalia-se que o intervalo de quatro a quatro minutos e meio é satisfatório para a duração de reportagens pertencentes a séries, pois cumprirão seu papel informativo e não se tornarão cansativas para os ouvintes.

O uso de recursos sonoros, como música e efeitos, também faz parte de uma série de reportagens. São mais utilizados e têm maior importância quando o repórter deseja que quem está ouvindo o rádio construa uma cena mentalmente, como ocorre na série da CBN sobre a Copa do Mundo de 1970. Podem ainda ajudar o ouvinte a entender a mensagem que está sendo transmitida, através do som de uma manifestação, de um barulho de um carro ou de um estádio lotado, por exemplo, e auxiliar na própria construção do texto do repórter, indicando pausa ou mudança de assunto na reportagem.

Diante da pesquisa bibliográfica e da análise de conteúdo efetuadas sobre o rádio brasileiro e aquilo que foi produzido em forma de série de reportagens, constata-se que a grande reportagem unitária, ou seja, aquela produzida e veiculada de uma só vez com longa duração, embora veiculada atualmente com menor frequência, poderia ter espaço no rádio brasileiro.

Isto porque o processo de produção de uma grande reportagem para o rádio não é muito diferente do que já é feito atualmente pelas emissoras na elaboração de uma série de reportagens: planejamento e pauta diferenciados da notícia, entrevistas com personagens e especialistas cujas declarações serão utilizadas como sonoras, exploração de músicas e efeitos sonoros e demais características descritas anteriormente.

Soma-se a isso o fato que, por não exigir um grande aparato tecnológico quando comparado a outros veículos, o rádio permite que apenas o jornalista com um gravador ou um aparelho celular vá a campo investigar e/ou fazer entrevistas para uma grande reportagem. Na falta de tempo ou necessidade de fazer contato com pessoas de outras cidades, estados ou que estejam fora do país, o jornalista pode recorrer ao telefone ou mesmo ao *WhatsApp* para coleta de áudios.

Outro ponto de defesa do formato envolve a ampliação de oferta de conteúdo pelo meio radiofônico. A grande reportagem, assim como os outros formatos, pode ser acessada facilmente pelo ouvinte através da *Internet*, no site das emissoras. Com isso, o receptor não precisa mais ouvir um conteúdo longo no mesmo momento em que está sendo transmitido no rádio hertziano, podendo acessá-lo a qualquer momento, ouvir uma parte, pausar, continuar posteriormente e até repetir a audição do conteúdo se assim desejar.

Nesse sentido, por conta das características do rádio brasileiro estudadas, avalia-se que é possível realizar a produção de grandes reportagens no rádio, desde que haja planejamento jornalístico e abertura editorial para esse formato, como encontrados nas emissoras Gaúcha, Estadão e CBN.

Isto posto, até este momento, o problema de pesquisa que norteia este trabalho, “o modelo de radiojornalismo praticado atualmente no Brasil inviabiliza a presença da grande reportagem na programação das emissoras?”, encontra eco na segunda hipótese levantada: não, a grande reportagem, assim como os outros formatos, tem seu espaço em um rádio brasileiro que está em processo de mudança e o ouvinte não precisa consumir a informação simultaneamente ao momento em que é transmitida por meio do rádio hertziano.

Para checar quais seriam as demandas e problemas enfrentados para a execução desse formato radiojornalístico, este trabalho se complementa com a execução de uma série de reportagens radiofônica sobre esportes paralímpicos, que é descrita no capítulo seguinte.

## 8 EXECUÇÃO DA PESQUISA APLICADA

A última etapa deste trabalho consistiu em uma pesquisa aplicada. Segundo as professoras Fernanda Peixoto Córdova e Denise Tolfo Silveira (2009, p. 35), esse tipo de pesquisa “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Ao encontro dessa definição e complementando o conceito de pesquisa aplicada, Appolinário (2004, p. 152 apud VILAÇA, 2010, p. 65) explica que esse tipo de pesquisa deve “resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas”.

Vilaça (2010, p. 65) ainda comenta que, na maioria dos casos, as pesquisas aplicadas são desenvolvidas a partir de estudos teóricos que foram desenvolvidos antes, servindo estes como referencial para a prática.

Adaptando o conceito de pesquisa aplicada a este trabalho, o objetivo foi a elaboração de uma grande reportagem radiofônica sobre esportes paralímpicos, tendo como referencial teórico as pesquisas bibliográfica e descritiva desenvolvidas anteriormente, no qual a literatura sobre o rádio e o jornalismo radiofônico e a análise de como é produzida a grande reportagem no contexto do rádio brasileiro, através de séries, proporcionaram ao pesquisador o conhecimento necessário para a elaboração da pesquisa aplicada.

A técnica utilizada não foi uma metodologia de pesquisa, como nas etapas anteriores deste trabalho, mas sim os próprios procedimentos jornalísticos necessários para a elaboração de uma série de reportagens, como pauta, entrevista, decupação, roteirização, gravação e edição, conforme descrito posteriormente.

Em virtude do cenário no qual o esporte paralímpico encontra-se atualmente no Brasil, em que existem praticantes e cujos paratletas de alto rendimento são medalhistas em Paralimpíadas e outras competições que disputam, mas com investimentos públicos inferiores quando comparado aos esportes olímpicos, atenção reduzida por parte da mídia e menor interesse do público em acompanhá-los durante o maior evento paradessportivo mundial, entende-se como pertinente e oportuno desenvolver um produto jornalístico que aborde o esporte paralímpico e explore subtemas que estejam dentro desse contexto.

Dessa forma, se ampliaria o espaço midiático a paratletas, dirigentes, jornalistas e outros profissionais que vivenciam o dia a dia dos esportes

paralímpicos, mas nem sempre têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos na mídia. Além disso, o ouvinte teria a chance de conhecer e/ou se aprofundar através da reportagem radiofônica em um universo do esporte que nem sempre é explorado no cotidiano do jornalismo de rádio, favorecendo uma nova forma de conhecimento ou uma mudança de conceito, passando a se interessar e acompanhar com mais atenção as modalidades paralímpicas.

Para a execução de um produto jornalístico sobre esportes paralímpicos no rádio escolheu-se como formato a série de reportagens. De acordo com Ferraretto (2014, p. 167), a série é uma forma de adaptar a grande reportagem ao rádio. Durante a seleção do corpus para análise de conteúdo, na etapa anterior deste trabalho, encontraram-se apenas séries de reportagens radiofônicas produzidas no Brasil na editoria de esportes. A fim de manter a tradição do que já vem sendo executado no rádio brasileiro, optou-se pela produção de uma série de reportagens como resultado final da pesquisa aplicada.

Foi definido que a série de reportagens sobre esportes paralímpicos seria composta por cinco capítulos. A divisão do trabalho de execução foi feita da seguinte forma: três capítulos para este pesquisador e dois para Renato Francisco Sônego, aluno responsável pela outra frente de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso. Observa-se que, muito embora a pesquisa aplicada resulte em produto conjunto, toda a produção, desde a pauta até a edição, foi feita de maneira individual pelos pesquisadores, com exceção de uma entrevista na qual a fonte era comum aos dois e todos os questionamentos foram feitos de uma só vez em virtude da agenda de compromissos do entrevistado. A seguir é descrito o processo de elaboração das pautas.

## 8.1 PAUTAS

O jornalista e pesquisador Nilson Lage define a pauta como

[...] planejamento de uma edição ou parte da edição [...] com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes, etc. (LAGE, 2002, p. 34).

Complementando a definição de Lage, Ferraretto (2014, p. 152) indica que uma boa pauta deve trazer um pequeno resumo sobre o assunto, indicar as perguntas que a notícia ou reportagem deve responder sobre o tema, abordar as referências disponíveis sobre as fontes (nome, endereço, telefone, ocupação...), apontar o que já foi feito sobre o tema na mídia (quando a pauta se referir a suítes) e a linha editorial que deverá ser seguida na produção do assunto em pauta, se necessário.

Conforme reunião de pauta entre os pesquisadores Luis Felipe Zago Carrion e Renato Francisco Sônego, no mês de agosto de 2016, e a orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, Daniela Pereira Bochembuzo, foi definido que a série de reportagens sobre esportes paralímpicos seria composta pelos seguintes assuntos:

- a) primeira reportagem: o caminho do esportista paralímpico até o alto rendimento;
- b) segunda reportagem: a rotina de treinos de um paratleta e as dificuldades que eles enfrentam;
- c) terceira reportagem: investimentos no esporte paralímpico visando o prolongamento e a vida pós-carreira de um paratleta;
- d) quarta reportagem: investimentos feitos no desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro e resultados da Paralimpíada de 2016;
- e) quinta reportagem: os esportes paralímpicos e as Paralimpíadas na mídia.

Cabe ressaltar que a temática da primeira reportagem foi alterada, após o início do processo de apuração, devido aos rumos que as conversas com as fontes tomaram. A proposta inicial era de fazer uma introdução ao ouvinte sobre o que são os esportes paralímpicos e as Paralimpíadas.

A decisão pelos subtemas listados deveu-se à constatação de que integram parte do universo dos esportes paralímpicos e podem ser explorados no jornalismo radiofônico por meio de abordagem que favoreça a compreensão sobre os antecedentes do tema, seu contexto, impactos sociais e midiáticos, de forma a ampliar o repertório do ouvinte sobre o assunto.

Segundo Lage (1998, p. 46-48), na reportagem não se faz a cobertura de um fato, mas levanta-se um assunto conforme enfoque pré-definido na pauta. A construção do texto é menos rígida que a notícia, podendo incluir narrativa e relatos do repórter em primeira pessoa. A reportagem pode trazer uma investigação e um

levantamento de dados e, em outras, a interpretação. “De qualquer maneira, existe sempre alguma interpretação nas reportagens.” (LAGE, 1998, p. 48). Dessa forma, entende-se a reportagem e, por consequência, a série de reportagens como formato adequado para o produto resultante deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Nesse sentido, na primeira pauta buscou-se que o ouvinte conhecesse como a pessoa com deficiência soube da existência do esporte paralímpico e pode praticar alguma modalidade. A segunda e terceira pautas tratam sobre a vida do paratleta, desde o período competitivo até a aposentadoria, mostrando como são incentivados, a rotina de treinos e como a tecnologia contribui para que possam prolongar a carreira. Na quarta pauta, o ouvinte toma ciência dos investimentos feitos visando à melhora do esporte paralímpico, necessários para a manutenção e aperfeiçoamento dessas modalidades. Por fim, a quinta pauta aborda a pouca atenção que as Paralimpíadas e os esportes paralímpicos como um todo recebem da mídia, sendo mais uma barreira à divulgação das modalidades e para que o público conheça e se interesse em acompanhar modalidades paralímpicas.

De acordo com a divisão de trabalho feita entre os pesquisadores, a primeira, quarta e quinta pautas foram desenvolvidas de maneira individual por Luís Felipe Zago Carrion, desde a elaboração até a finalização. Da mesma forma, Renato Francisco Sônego ficou responsável por todo o processo de produção da segunda e terceira pautas.

Adaptando às recomendações de Ferraretto (2014, p. 152), as pautas para a produção da série de reportagens sobre os esportes paralímpicos contemplaram os seguintes tópicos: tema, histórico do assunto, histórico de abordagem do assunto na mídia, justificativa, objetivos, angulação, fontes de dados e fontes de entrevistas, este último contendo nome, qualificação e possíveis perguntas a serem feitas aos entrevistados. No próximo subitem as pautas são descritas.

### **8.1.1 Primeira pauta**

**Tema:** o caminho do esportista paralímpico até o alto rendimento.

**Histórico do assunto:** o esporte é uma das principais ferramentas de reabilitação para pessoas com deficiência no Brasil, podendo os problemas ser causados desde o nascimento ou adquiridos durante a vida. Segundo dados do

Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), um entre cinco paratletas do Brasil que disputaram os Jogos Paralímpicos de 2016 foram vítimas de acidentes de carro, o que equivale a 18% do total de esportistas inscritos na Rio 2016. Os outros problemas que acarretaram em deficiência na vida dos atletas paralímpicos do Brasil foram: origem no nascimento (26%), sequelas de doenças (21%), outros tipos de acidente (13%), complicações no parto (12%), armas de fogo (4%), outros (5%). (ALVES; CONDE; ZOCCHIO, 2016).

O caminho para o paratleta chegar ao alto rendimento passa por várias etapas. Após iniciar no esporte, é necessário que ele encontre instalações adequadas e profissionais capacitados. Para isso, é importante que os estados e municípios criem condições para a prática de atividade física adaptada. Um bom exemplo é o que acontece em Bauru através da Praça Paradesportiva, criada em 2011 e que possibilita a prática do esporte paralímpico no município. (SANTANA, 2011).

Através de treino e dedicação, o paratleta chegará ao alto rendimento, disputando competições ou podendo ser descoberto pelo Comitê Paralímpico Brasileiro através de seus programas para descobrir novos talentos. Assim, chegará ao sonhado caminho de defender o Brasil nos Jogos Paralímpicos. (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, [2016?]).

**Histórico de abordagem do assunto na mídia:** a televisão é o principal veículo de comunicação que se dedica a mostrar a história de vida dos atletas paralímpicos, mostrando como eles superaram as dificuldades da deficiência, descobriram o esporte e tornaram-se atletas de alto rendimento.

O Jornal Hoje, da TV Globo, veiculou reportagem em 07 de setembro de 2016 mostrando a história de vida de três paratletas vítimas de acidentes: Natália Mayara, Iranildo Espíndola e Marcos Alves. Já o SporTV levou ao ar uma série, em forma de *docu-reality*, intitulada “Eu me movo”, em agosto de 2016. Com cinco episódios, cada um retratou a trajetória de dois paratletas brasileiros e mostrou o caminho deles até o alto rendimento. (ADNEWS, 2016; BARROSO, 2016).

**Justificativa:** o Brasil apresenta um número representativo de pessoas com deficiência. Segundo dados do último Censo, realizado em 2010, são 45,6 milhões de brasileiros que declararam apresentar algum tipo de deficiência, o que

corresponde a 24% da população do país. O problema que predomina é o visual, com 18,8%, seguido de dificuldades motoras, auditivas e intelectuais. (G1, 2012).

Uma das formas que as pessoas com deficiência encontram para vencer as limitações é a prática do esporte, que começa como uma forma de reabilitação da deficiência e, para aqueles que optam se transforma em uma atividade de alto rendimento.

Além de ter praticantes, o Brasil vem alcançando bons resultados nas últimas edições dos Jogos Paralímpicos. Em 2012, ganhou 43 pódios e alcançou o sétimo lugar no quadro de medalhas. Já na última edição, realizada em 2016 no Rio de Janeiro, o Brasil terminou em oitavo, faturando 72 medalhas.

**Objetivos:** elaborar uma reportagem radiofônica que mostre como uma pessoa com deficiência começa a praticar esportes, as dificuldades encontradas nesse processo e o caminho para se tornar um paratleta de alto rendimento.

**Angulação:** partindo do momento em que a pessoa com deficiência toma conhecimento da existência do esporte paralímpico e decide se inserir na prática esportiva, mostrar os passos necessários e as dificuldades de estrutura e capacitação de profissionais encontradas para se tornar um atleta de elite. Terminar com o caminho para chegar ao alto rendimento e fazer parte dos paratletas que têm vínculo com o Comitê Paralímpico Brasileiro.

**Fontes de dados:**

- a) Empresa Brasil de Comunicação (EBC) – número de atletas paralímpicos convocados inicialmente para a Paralimpíada do Rio de Janeiro. (MENDES, 2016);
- b) Comitê Paralímpico Brasileiro – número de atletas que efetivamente participou da Paralimpíada. (MEDEIROS, 2016);
- c) Associação Bauruense de Desportos Aquáticos (ABDA) – informações sobre a fundação e funcionamento da instituição. (SOBRE..., c2016);
- d) Entrevista com o coordenador da ABDA Vinicius Marques – informações sobre o funcionamento da instituição.
- e) Comitê Paralímpico Brasileiro – projetos para os paratletas que estão ingressando no alto rendimento. (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, [2016?]).

**Fontes de entrevistas:** a seguir são descritos os profissionais que foram entrevistados para a reportagem.

Marco Túlio de Mello é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 1989. Possui especialização em Educação Física para Pessoas com Necessidades Especiais pela UFU e é professor associado III do Departamento de Esportes da Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Também coordena a área de Ciência e Tecnologia da Academia Paraolímpica Brasileira (APB), do Comitê Paralímpico Brasileiro.

Contato: [tmello@demello.net.br](mailto:tmello@demello.net.br).

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Quais as principais dificuldades que uma pessoa com deficiência enfrenta para praticar esporte no Brasil?

2- Quais são as dificuldades encontradas para adaptar a deficiência que uma pessoa possui à prática do esporte?

3- Quais os principais benefícios na vida de um deficiente que tem o hábito de praticar atividades físicas?

4- O senhor ainda enxerga preconceito com o deficiente por ele praticar um esporte? Avalia que isso impede que eles invistam na prática do esporte?

5- Existe alguma modalidade adaptada que é mais recomendada para prática de acordo com o tipo de deficiência?

6- O número de pessoas com deficiência que pratica esportes no Brasil hoje é considerado baixo, satisfatório ou elevado?

7- Por que o Brasil, que não é uma potência olímpica, consegue resultados muito mais relevantes em Paralimpíadas quando comparamos com os resultados olímpicos?

8- Qual o cenário atual da deficiência no mundo? Os países que têm mais pessoas portadoras e os principais problemas?

9- Quais as principais potências paralímpicas no mundo e os países que conquistam melhores resultados em competições mundiais e Paralimpíadas?

10- Qual a perspectiva de futuro para o esporte paralímpico brasileiro? A expectativa é de continuar conquistando bons resultados?

Marli Nabeiro possui licenciatura em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1982). É mestra em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Presidente da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA) desde maio de 2014. Professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho, campus Bauru, com ênfase em educação física adaptada. Coordenadora do projeto de extensão da UNESP Bauru que promove a prática de golbol.

Contato: mnabeiro@fc.unesp.br.

Possíveis perguntas à entrevistada:

1- Qual o cenário atual da prática de esportes para pessoas com deficiência no Brasil? Existem condições adequadas para prática e são feitas políticas de inclusão social?

2- Quais os desafios de trabalhar a educação física inclusiva? E as diferenças de trabalhar com pessoas que não possuem deficiência?

3- Para um esportista paralímpico querer chegar ao alto rendimento no Brasil atualmente qual o caminho a percorrer?

4- Quais os procedimentos para fazer as divisões por categorias e classificar os deficientes para as competições?

5- Quais são os fatores que fazem o Brasil atualmente ser uma potência do esporte paralímpico?

6- Na sua visão, por que o Brasil consegue ser hoje uma potência paralímpica e ainda não conseguiu atingir resultados parecidos em número de medalhas no esporte olímpico?

7- Na sua visão como educadora e convivendo com cegos, os esportistas paralímpicos têm uma visão diferenciada do esporte em relação ao esportista olímpico?

8- O que a prática do golbol agrega fisicamente e socialmente às pessoas cegas que optam por praticá-lo?

9- A senhora, como educadora, como avalia os investimentos que são feitos no esporte paralímpico brasileiro?

10- O que a senhora espera do futuro do esporte paralímpico no Brasil e do legado que a Paralimpíada de 2016 pode deixar?

Fábio Manfrinato possui graduação em farmácia bioquímica e pós-graduação em marketing pela USC. É atleta paralímpico da luta de braço, sendo que já foi cinco vezes campeão mundial da modalidade. Fábio contraiu poliomeliote (paralisia infantil) quando tinha 1 ano de idade. É vereador em Bauru e tem como causa principal a luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

Contato: [fabioanfrinato@camarabauru.sp.gov.br](mailto:fabioanfrinato@camarabauru.sp.gov.br).

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Como funciona e quais atividades são praticadas atualmente na Praça Paradesportiva?

2- Nesses cinco anos quais frutos foram colhidos para Bauru e região desde a inauguração da Praça Paradesportiva?

3- Quais são os atuais investimentos em esporte paralímpico e acessibilidade que o poder público vem realizando em Bauru?

4- Quais os principais problemas de acessibilidade em Bauru que as pessoas com deficiência enfrentam?

5- Quais as principais dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam no seu dia a dia?

6- Como uma pessoa com deficiência se interessa e começa a praticar algum esporte?

7- O esporte pode ser usado como um efeito de tratamento ou até para amenizar as deficiências que uma pessoa possui ou é apenas lazer e profissão, no caso do alto rendimento?

8- Na sua visão como atleta paralímpico, por que o Brasil consegue hoje ser uma potência paralímpica, brigando para ser top 10 nas Paralimpíadas, e alcança desempenhos bem diferentes em Olimpíadas e outras competições olímpicas?

9- Quais as principais dificuldades que uma pessoa com deficiência enfrenta para praticar esporte no Brasil?

10- Você ainda enxerga preconceito com o deficiente por ele praticar um esporte?

Vinicius Marques tem formação em Educação Física pelas Faculdades Integradas de Bauru (FIB). É coordenador da ABDA e técnico de polo aquático da entidade.

Contato: [jota@abdabauru.com.br](mailto:jota@abdabauru.com.br).

Possíveis perguntas ao entrevistado:

- 1- Como surgiu a ABDA e como funciona o projeto?
- 2- A ABDA fornece algum tipo de apoio financeiro para os atletas?
- 3- Quais as principais competições que a ABDA já participou e os resultados alcançados?
- 4- A ABDA espera que seja possível no futuro colocar algum atleta em disputa de Mundiais, Olimpíadas ou Paralimpíadas?

Lucas Simões é atleta paralímpico de natação da ABDA. Nasceu com uma paralisia cerebral que afeta os movimentos das duas pernas. Compete na categoria S7 e por pouco não conseguiu o índice para disputar os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. Lucas possui formação acadêmica em fisioterapia pela USC.

Contato: jota@abdabauru.com.br.

Possíveis perguntas ao entrevistado:

- 1- Como você descobriu a ABDA?
- 2- Qual sua rotina de treinos? Você trabalha ou sobrevive apenas do esporte?
- 3- Qual sua expectativa para o futuro como atleta paralímpico?

### 8.1.2 Quarta pauta

**Tema:** investimentos e resultados das Paralimpíadas Rio 2016.

**Histórico do assunto:** nos últimos anos, os investimentos do governo federal e do Comitê Paralímpico Brasileiro para que o Brasil se tornasse cada vez mais competitivo nos esportes paralímpicos vem aumentando. Há quatro anos, em Londres, a verba do Comitê saltou de R\$ 77 milhões para R\$ 165 milhões com a ajuda da Lei Piva, da Lei de Incentivo ao Esporte e de recursos dos governos estaduais e patrocinadores. O resultado foi um sétimo lugar alcançado, o melhor da história do Brasil, com 43 medalhas. (INVESTIMENTO..., 2013).

Para a Olimpíada do Rio de Janeiro, os investimentos continuaram. Um dos principais é o Bolsa Atleta, recurso do governo federal que visa dar apoio financeiro aos atletas. Em 2016, 1.202 dos 6.152 contemplados são paralímpicos, sendo que 262 competiram na Paralimpíada, o que corresponde a 90% do total de paratletas brasileiros inscritos. (iG SÃO PAULO, 2016).

Outro grande investimento e que é considerado o grande legado paralímpico para o Brasil após os Jogos do Rio de Janeiro foi a construção do Centro Paralímpico de São Paulo. Orçado em R\$ 305 milhões, o local tem espaço para a prática de 15 modalidades e serviu como preparação aos paratletas para a disputa da Paralimpíada. (G1 SÃO PAULO, 2016).

Todo o investimento feito resultou em um oitavo lugar no quadro de medalhas nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, com 72 medalhas no total, sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. O Brasil fez sua melhor campanha na história em número de medalhas, mas não alcançou a meta do Comitê Paralímpico Brasileiro de alcançar o quinto lugar na classificação final. (TRINDADE, 2016).

**Histórico de abordagem do assunto na mídia:** matérias sobre investimentos no esporte paralímpico são encontradas na internet. Portais como *internet Group* (iG), G1 e EBC veicularam ao longo dos últimos anos notícias sobre como o governo brasileiro vem aumentando os recursos destinados a essas modalidades visando que a delegação fizesse a melhor campanha nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro.

Fora da *Internet*, é possível encontrar abordagem midiática desse tipo no rádio. Em março de 2012, a Rádio Câmara produziu uma reportagem especial sobre o esporte paralímpico em quatro capítulos e um deles tratava sobre os investimentos governamentais nessas modalidades. (JUNIOR, 2012a).

Já a repercussão da campanha brasileira nos Jogos Paralímpicos é bastante explorada na *Internet*, mas também pode ser encontrado conteúdo na televisão, em matéria do canal SpoTV exibida no telejornal *SporTVNews*. (DUARTE, 2016).

**Justificativa:** os investimentos são as principais fontes de receita para criar condições para que os paratletas de alto nível se aprimorem e mantenham um nível competitivo, aumentando as chances de ganharem medalhas nos Jogos Paralímpicos e em outras competições de nível mundial. Além disso, os recursos financeiros são importantes para o incentivo, o surgimento e o aprimoramento de novos atletas.

Um dos temores que os paratletas, assim como os atletas, têm após o fim dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro é que os investimentos em infraestrutura por parte do governo diminuam drasticamente e compliquem a preparação para as

Olimpíadas e Paralimpíadas de 2020, que serão realizadas em Tóquio. (KONCHINSKI, 2016).

O desafio maior que o esporte paralímpico enfrenta na questão de investimento é atrair o interesse das empresas privadas para investir em patrocínio, já que a quase totalidade dos recursos aplicados são públicos, vindos da Lei Agnelo/Piva. (LISBOA, 2015).

**Objetivos:** elaborar uma reportagem radiofônica que apresente os investimentos feitos para o ciclo paralímpico de 2016, tanto na questão de competição quanto de infraestrutura, e debata os porquês do Brasil não ter conquistado a meta do Comitê Paralímpico Brasileiro e ter terminado a Paralimpíada do Rio de Janeiro em oitavo lugar no quadro de medalhas.

**Angulação:** partindo da evolução brasileira em Jogos Paralímpicos ao longo do tempo, cujos recursos financeiros cresceram a cada edição, apresentar os investimentos que o Comitê Paralímpico realizou visando à edição de 2016. Em seguida, listar os fatores que culminaram para que o Brasil não alcançasse a meta inicialmente estipulada.

**Fontes de dados:**

- a) Folha de São Paulo – investimentos do Comitê Paralímpico Brasileiro para desenvolver o paradesporto brasileiro. (CONDE; MERGUIZO, 2016)
- b) Universo Online (UOL) – quadro de medalhas da Paralimpíada de 2008. (PARAOLIMPÍADAS..., 2008).
- c) Brasil Online (BOL) – quadro de medalhas da Paralimpíada de 2012. (QUADRO..., 2012).
- d) Globoesporte.com – quadro de medalhas da Paralimpíada de 2016. (QUADRO..., 2016).
- e) O TEMPO – resultados brasileiros na Paralimpíada do Rio de Janeiro. (TRINDADE, 2016);
- f) G1 – inauguração e utilização do Centro Paralímpico de São Paulo. (G1 SÃO PAULO, 2016).
- g) RODA VIVA – planejamento do Brasil para investir no esporte paralímpico. (RODA..., 2016).

**Fontes de entrevistas:** a seguir são apresentadas as fontes entrevistadas para a reportagem e suas respectivas qualificações.

Edilson Alves da Rocha, o Tubiba, é Diretor Técnico do Comitê Paralímpico Brasileiro desde março de 2004. Foi Chefe da Missão Brasileira nos Jogos Parapanamericanos de 2011, em Guadalajara, e Chefe da Missão Brasileira nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, quando foi eleito pelo Comitê Paralímpico Internacional um dos três melhores oficiais técnicos da competição. Também foi Chefe da Missão Brasileira nos Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

Contato: tubiba@cpb.org.br.

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Quais foram em resumo, os principais investimentos feitos no ciclo paralímpico de 2016 tanto na questão de aprimoramento e preparação dos paratletas quanto de infraestrutura? Qual foi o investimento total?

2- Por que o esporte paralímpico brasileiro ainda enfrenta dificuldades para atrair o interesse das empresas privadas que possam atuar como patrocinadores?

3- A meta do Comitê Paralímpico era terminar em quinto lugar no quadro de medalhas, entretanto o Brasil terminou em oitavo. Como o Comitê avalia a participação brasileira e quais os fatores que contribuíram para que a meta não fosse alcançada?

4- Como o Comitê avalia a Paralimpíada? O evento ficou devendo em algum aspecto?

5- Qual o principal legado que o Comitê Paralímpico espera que o evento deixe para o Rio de Janeiro e o Brasil?

6- Já há alguma previsão em relação aos investimentos para o ciclo paralímpico de Tóquio 2020? Há risco dos investimentos diminuírem?

7- Como o Comitê Paralímpico Brasileiro trabalha para descobrir novos talentos, sejam jovens ou mais velhos, que podem vir a servir as seleções brasileiras e participar de competições internacionais e Paralimpíadas no futuro?

Luiz Alexandre Souza Ventura é jornalista formado pela Universidade Santa Cecília, em Santos (SP), e possui pós-graduação em Tecnologias da Informação pelas Faculdades Associadas de São Paulo (FASP). Já trabalhou no Jornal A Tribuna, rádios Globo e CBN, Editora Abril, Jornal do Comércio e agências de comunicação corporativa. Foi também editor do *site* do Estadão e atualmente é autor do Blog Vencer Limites no mesmo *site*, que aborda pessoas com deficiências e

assuntos relacionados ao tema. Desde os 12 anos convive com a Síndrome de Charcot-Marie-Toot.

Contato: [blogvencerlimites@gmail.com](mailto:blogvencerlimites@gmail.com).

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Como o senhor avalia as Paralimpíadas do Rio de Janeiro? Quais os pontos positivos e negativos do evento?

2- O Brasil não alcançou o Top 5, mas conquistou o recorde de medalhas. Como avalia a participação brasileira?

3- Para o senhor, qual atleta ou equipe brasileira surpreendeu mais e qual foi aquela que decepcionou mais de acordo com as expectativas iniciais?

4- Nossos principais astros não trouxeram tantas medalhas como o esperado. O senhor acredita que falta um investimento maior em categorias de base e preparação de jovens paratletas?

Leonardo Tomasello Araújo é treinador da seleção brasileira paralímpica de natação. Começou a carreira como técnico de natação convencional em 2004, no Clube Pinheiros, em São Paulo. Foi treinador do nadador paralímpico André Brasil e o acompanhou no Mundial da Holanda, onde André faturou cinco medalhas de ouro e duas de prata. Depois trabalhou na natação do Corinthians e foi auxiliar do renomado técnico Albertinho, que treinou César Cielo e Thiago Pereira. Em 2014 foi anunciado como técnico-chefe da natação paralímpica brasileira, onde está até hoje.

Contato: <http://www.facebook.com/tecnicoleonardotomasello>.

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Você, como técnico de uma modalidade paralímpica, considera satisfatórios os investimentos feitos no Brasil no desenvolvimento e aprimoramento do esporte paralímpico e também em infraestrutura para as pessoas com deficiência? O que ainda falta ser aprimorado?

2- Após o término dos Jogos Paralímpicos, você teme que os investimentos diminuam e o esporte paralímpico tenha mais dificuldades no ciclo paralímpico de Tóquio 2020?

3- Na sua visão, como técnico, como a Paralimpíada pode ajudar as pessoas com deficiência a mudar também a visão a respeito da deficiência e das pessoas com deficiência que praticam esporte?

Carlos Garletti é atleta paralímpico do tiro esportivo. Perdeu o equilíbrio dos membros inferiores após uma lesão lombar, consequência de um acidente durante um voo de parapente. Carlos começou a praticar o tiro esportivo em 2003 e já participou das Paralimpíadas de 2008, 2012 e 2016. Além de atleta paralímpico, é médico oftalmologista.

Contato: <https://www.facebook.com/carlos.garletti?fref=ts>.

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Como foi a evolução do esporte paralímpico no Brasil, que era amador e improvisado nos anos 1970 e 1980 e hoje é considerado uma potência paralímpica?

2- Sobre os investimentos feitos no Brasil para a Paralimpíada de 2016, o senhor os considera satisfatórios ou ficou faltando algo? Como foi a preparação do tiro esportivo?

3- Apesar de termos feito a melhor campanha da história em número de pódios, o Brasil não conseguiu bater a meta de chegar ao Top 5 no quadro de medalhas. Para o senhor, quais fatores contribuíram para que a meta não fosse alcançada?

4- Na sua visão como um paratleta que já disputou três Paralimpíadas, o que os outros países têm e o Brasil ainda não possui ou precisa aprimorar nos próximos anos para crescer ainda mais no cenário competitivo paradesportivo mundial?

5- Iniciando agora a preparação para o ciclo paralímpico de Tóquio, o senhor teme que os investimentos diminuam e os paratletas tenham mais dificuldades na preparação para a próxima Paralimpíada? Como deve ser o cenário no tiro esportivo? Os recursos podem diminuir?

### 8.1.3 Quinta pauta

**Tema:** a atenção que a mídia dedica aos esportes paralímpicos.

**Histórico do assunto:** o interesse pelo esporte paralímpico cresce cada vez mais e a audiência das Paralimpíadas melhora a cada edição. Na edição de 2004, em Atenas, aproximadamente 1,852 bilhão de espectadores assistiram ao evento ao redor do mundo. Quatro anos depois, em Pequim, o número de espectadores deu um salto para 3,8 bilhões. (BRASIL, ([2016?])a; BRASIL, ([2016?])b).

Já edição de 2012, em Londres, foi considerada a maior da história no quesito audiência. Com mais de 2,7 milhões de ingressos vendidos, teve lotação máxima em várias arenas, além de transmissão ao vivo para mais de 100 países e repercussão na *Internet*, com 1,3 milhão de menções da palavra *paralympic* (paralímpico em inglês) no *Twitter*. (BRASIL, [2016?]c).

Para a Paralimpíada do Rio de Janeiro, a estimativa dos organizadores era quebrar a marca de quatro bilhões de espectadores, que seria o recorde da competição. Um importante aliado para atingir esse objetivo seria a televisão norte-americana, que fez sua maior cobertura até hoje de uma Paralimpíada com 70 horas de exibição através do canal *NBC*. (BRITO, 2016; PORTAL BRASIL, 2015).

No Brasil, o evento caiu no gosto do público. O SporTV 2, canal que transmitiu a maior parte dos eventos, atingiu a maior audiência de sua história, com 4,2 milhões de espectadores alcançados na cerimônia de abertura. Ao longo de toda a competição, a cobertura do SporTV impactou 48% da base des assinantes da TV por assinatura do Brasil, algo em torno de nove milhões de espectadores. As modalidades mais assistidas foram halterofilismo, vôlei sentado e futebol de sete. (VAQUER, 2016).

**Histórico de abordagem do assunto na mídia:** na *Internet* é possível encontrar reportagens que tratam sobre a audiência do esporte paralímpico em *blogs* de profissionais que acompanham o assunto, como o jornalista Daniel Brito, além de matérias em portais mantidos pelo governo brasileiro.

Também se encontrou conteúdo produzido em rádio sobre o assunto. A Rádio Câmara, em sua reportagem especial, abordou o esporte paralímpico na mídia em março de 2012. Já a Rádio MEC – AM, do Rio de Janeiro, no programa Bate Papo Ponto Com, entrevistou o jornalista Sergio du Bocage, que relatou sua experiência fazendo a cobertura de um evento paralímpico. (COMO..., 2015; JUNIOR, 2012b).

**Justificativa:** a cobertura paralímpica no Brasil evolui de forma significativa nos últimos anos. Até o início dos anos 2000 a maneira dos jornalistas obter informações sobre o desempenho dos paratletas era através da assessoria de imprensa deles.

Um grande marco na mídia paralímpica brasileira foi em 2004, quando o Comitê Paralímpico Brasileiro comprou os direitos de transmissão da Paralimpíada de Atenas e repassou às emissoras de televisão. Foi a primeira vez que o evento foi

transmitido para o Brasil, fato que se repetiu em todas as edições posteriores das Paralimpíadas. (JUNIOR, 2012b).

A presença dos esportes paralímpicos na televisão foi importante para que paratletas conhecessem as modalidades e se interessassem em praticá-las, como foi o caso do nadador Daniel Dias, além de divulgá-las para o público em geral.

Entretanto, apesar de ter evoluído, a cobertura dos esportes paralímpicos ainda necessita ser aprimorada, pois é bem inferior se comparada aos esportes olímpicos. Os eventos são televisionados e noticiados na grande mídia apenas nas Paralimpíadas e o espaço dedicado ainda é reduzido. Além disso, falta maior espaço na televisão aberta.

**Objetivos:** elaborar uma reportagem radiofônica que mostre a evolução da cobertura do esporte paralímpico na mídia brasileira a partir de 2004 e o cenário atual, buscando entender os porquês dessas modalidades ainda não receberem a mesma atenção que os esportes olímpicos.

**Angulação:** partindo do cenário dos anos 1980 e 1990, quando os atletas não tinham praticamente nenhum acompanhamento por parte da mídia, mostrar a evolução que houve na cobertura midiática do esporte paralímpico. Entender por que ainda falta espaço na imprensa para esses esportes e as diferenças entre fazer a cobertura de um evento olímpico e de um paralímpico.

**Fontes de dados:**

- a) Na Telinha – transmissão e audiência do SporTV durante a Paralimpíada de 2016. (VAQUER, 2016);
- b) Blog do Daniel Brito – transmissão dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro na televisão dos Estados Unidos. (BRITO, 2016).
- c) Folha de São Paulo – canais que transmitiram a Olimpíada e a Paralimpíada de 2016. (MARRA, 2016).
- d) Comitê Paralímpico Internacional (*IPC*, em inglês) – número de ingressos vendidos para os Jogos do Rio de Janeiro. (PARALYMPIC MOVEMENT, 2016).

**Fontes de entrevistas:** a seguir são apresentados os entrevistados e suas respectivas qualificações.

Israel Stroh é atleta paralímpico do tênis de mesa e compete na categoria sete. Sofreu falta de oxigenação no cérebro ao nascer, o que comprometeu os

movimentos de braços e pernas. O paratleta foi medalhista de prata na Paralimpíada do Rio de Janeiro. Além de esportista, Israel é formado em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, e atuou em veículos de imprensa como Portal Terra, Diário Lance e TV Tribuna, afiliada da TV Globo na região de Santos. Deixou o jornalismo de lado para se dedicar ao esporte paralímpico.

Contato: israelstroh@gmail.com.

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Na sua visão, como um atleta formado em jornalismo, por que os esportes paralímpicos ainda não recebem da mídia a mesma atenção e cobertura dos eventos quando comparados ao esporte olímpico, principalmente a falta de transmissões nas grandes emissoras de televisão aberta? O que precisa mudar na estrutura da mídia brasileira para que os esportes paralímpicos possam ganhar mais espaço?

2- Você acredita que a realização da Paralimpíada no Brasil pode contribuir para que esse cenário mude e o esporte paralímpico possa em um futuro próximo passar a receber maior atenção por parte da imprensa?

3- Como você avalia o trabalho da imprensa, principalmente a televisão, na transmissão dos eventos e cobertura da Paralimpíada 2016?

4- Você, como paratleta, mas como alguém que também já fez parte da imprensa, considera adequada a maneira como a mídia em geral foca os paratletas? Caso não, o que precisa ser aprimorado?

José Carlos Marques, o Zeca Marques, é docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP de Bauru. Possui doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). É líder do Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (GECEF) e integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS). Zeca também é autor dos livros “O futebol em Nelson Rodrigues” e “A Copa das Copas?”, além de vários artigos que discutem a relação da mídia com o esporte.

Contato: zeca.marques@faac.unesp.br.

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Por que as competições paralímpicas mundiais ainda não encontram espaço na grade de programação dos canais esportivos e poucas emissoras se interessam em adquirir os direitos de exibição das Paralimpíadas? Além do menor espaço em jornais, *Internet* e rádio que esses esportes têm quando comparado ao esporte olímpico?

2- Esse problema na divulgação do esporte paralímpico é um cenário visto só no Brasil ou é um panorama global?

3- O que precisa mudar dentro dos veículos de comunicação para que os esportes paralímpicos possam ganhar mais espaço? O senhor vê perspectivas para que isso possa acontecer em um futuro próximo?

Luiz Alexandre Souza Ventura é jornalista formado pela Universidade Santa Cecília, em Santos (SP), e possui pós-graduação em Tecnologias da Informação pelas Faculdades Associadas de São Paulo (FASP). Já trabalhou no Jornal A Tribuna, rádios Globo e CBN, Editora Abril, Jornal do Comércio e agências de comunicação corporativa. Foi também editor do *site* do Estadão e atualmente é autor do Blog Vencer Limites no mesmo *site*, que aborda pessoas com deficiências e assuntos relacionados ao tema. Desde os 12 anos convive com a Síndrome de Charcot-Marie-Toot.

Contato: [blogvencerlimites@gmail.com](mailto:blogvencerlimites@gmail.com).

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Como era fazer a cobertura de um evento paralímpico ou de uma Paralimpíada nos anos 1990 e início da década de 2000?

2- O que mudou de 2004 para cá no trabalho de cobertura de mídia dos esportes adaptados, quando os Jogos Paralímpicos, na edição de Atenas, foram transmitidos pela primeira vez para o Brasil?

3- Como é o trabalho atualmente para fazer a cobertura de um evento paralímpico e quais as maiores dificuldades encontradas?

4- Como foi seu trabalho fazendo a cobertura para o Estadão na Rio 2016? Teve algum momento que o senhor considera mais marcante?

5- Quais os principais cuidados que um jornalista precisa ter ao entrevistar ou mesmo conversar informalmente com um atleta paralímpico?

Rafael Hoffmann é atleta da seleção brasileira de rugby em cadeira de rodas. Fez parte da equipe que participou dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro e terminou na oitava colocação. Rafael perdeu os movimentos das pernas em 2007, após bater a cabeça durante um mergulho e fraturar duas vértebras da coluna cervical. Antes do acidente trabalhava no setor de alimentos.

Contato: [www.facebook.com/rafa.hoffmann2.0](http://www.facebook.com/rafa.hoffmann2.0).

Possíveis perguntas ao entrevistado:

1- Os meios de comunicação têm alguma influência para que as pessoas com deficiência comecem o esporte paralímpico e comecem a praticar alguma modalidade? No seu caso tiveram alguma?

2- Você como paratleta sente que a cobertura de mídia dos esportes paralímpicos vem evoluindo nos últimos anos?

3- Você fica satisfeito com a maneira como a mídia trata os paratletas de alto rendimento, muitas vezes exaltando a superação das dificuldades?

4- Você espera que com a realização da Paralimpíada no Brasil e o bom desempenho brasileiro o interesse cresça e o esporte paralímpico possa ganhar mais espaço na mídia?

## 8.2 APURAÇÃO

Terminada a elaboração das pautas, no início de setembro de 2016, o passo seguinte foi o início da execução da apuração das reportagens, dentro do período de 01 de setembro a 20 de outubro do mesmo ano. Antes de descrever tal etapa, é necessário refletir sobre a apuração da notícia, que consiste em

Investigação, levantamento e verificação dos dados e elementos de um acontecimento, para transformá-lo em notícia. Para apurar uma notícia, o repórter deve informar-se o mais que puder sobre fatos e circunstâncias, a fim de transmiti-los com seus dados essenciais para os leitores. Uma notícia pode ser apurada: diretamente na fonte ou por meio de uma área oficial. Na falha dos modos anteriores, pelo cerco por meios paralelos, ou seja, procurando-se outras pessoas ou instituições que possam, indiretamente, fornecer indicações que levem ao informe desejado. (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 37 apud FERRARETTO, 2014, p. 158-159).

Segundo o ex-professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Octávio Bomfim (1969 apud FERRARETTO, 2014, p. 159-162), são cinco as técnicas que o jornalista utiliza para fazer a apuração da notícia: observação direta, coleta, levantamento, despistamento e análise. A seguir são descritas as etapas de apuração propostas por Bomfim de acordo com os procedimentos adotados neste Trabalho de Conclusão de Curso.

A primeira técnica de apuração é a observação direta, que consiste na observação dos fatos no próprio local dos acontecimentos permitindo “[...] descrever o ambiente e a ação que nela ocorre, identificando circunstâncias e verificando reações e envolvimento dos protagonistas”. (FERRARETTO, 2014, p. 159). Entretanto, o pesquisador e sua orientadora entendem como observação direta para este trabalho todo conteúdo observado que diz respeito ao tema principal das reportagens, ou seja, o esporte paralímpico. Seja esta observação feita no local do acontecimento ou à distância.

Desta forma, a principal observação direta feita durante o período de apuração foi a Paralimpíada do Rio de Janeiro, realizada entre os dias 07 e 18 de setembro de 2016. Durante o evento foi feito o acompanhamento da competição com os eventos transmitidos ao vivo pela televisão, além de reportagens relacionadas ao tema em telejornais e verificação de redes sociais digitais, com a opinião das pessoas sobre a competição e a falta de cobertura na mídia.

Cabe destacar também como observação direta o acompanhamento ao vivo do Programa Roda Viva, da TV Cultura, que recebeu como entrevistado, no dia 26 de setembro, o presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro, Andrew Parsons. Por fim, as gravações das entrevistas com Vinicius Marques e Marli Nabeiro foram feitas em locais de treinamento, possibilitando ao pesquisador ter contato com paratletas, conversar com eles e até acompanhar parte de seus treinamentos.

O segundo procedimento adotado na apuração da notícia é a coleta, que Ferraretto (2014, p. 159-160) define como a maneira que o repórter encontra para obter os dados necessários para a elaboração de sua notícia quando não é possível se deslocar até o local onde ocorreu o fato, seja pela natureza do problema ocorrido ou dificuldades na rotina de trabalho. A coleta foi o principal procedimento utilizado durante a apuração dos dados para a elaboração da série de reportagens sobre os esportes paralímpicos.

O primeiro passo foi estabelecer contatos com as fontes, que, segundo Nilson Lage (2002, p. 49), são “[...] informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público”. Ainda segundo o autor, o repórter seleciona e faz perguntas a essas fontes, obtendo dados e depoimentos e as colocando dentro do contexto desejado segundo as técnicas jornalísticas.

Seguindo esse pressuposto, as pautas para a série de reportagens em rádio sobre esportes paralímpicos trazem fontes com endereço em Bauru, cidade onde o pesquisador responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso reside com o objetivo de realizar a entrevista pessoalmente e também apresentar o contexto do esporte adaptado no cenário regional, pois, como lembra Barbosa Filho (2003, p. 46), o regionalismo é uma característica substancial do rádio, oferecendo assim visibilidade às informações locais; e fontes residentes fora de Bauru, uma vez que o tema abordado tem abrangência e relevância nacional.

No caso das pessoas que possuem domicílio fora da cidade de Bauru, o contato foi feito através da *Internet*, via *e-mail*, *Facebook* e *Twitter*. Ao receber um retorno positivo desses contatos feitos, as entrevistas foram agendadas e realizadas a distância com as fontes, utilizando como meios para isso o aplicativo de mensagens *WhatsApp*, *e-mail* ou gravação telefônica.

Em alguns casos, em virtude da dificuldade para conseguir uma resposta das fontes, a saída encontrada foi pesquisar e, se necessário, realizar contatos com um variado número de possíveis entrevistados, a fim de cumprir as pautas previstas.

No total foram contatadas 32 pessoas diferentes na tentativa de conseguir entrevistas, incluindo o contato direto com as fontes ou com assessores de imprensa que possibilitaram a conversa posterior com o entrevistado desejado. Dos 32 contatos feitos, 24 retornaram com a possibilidade de contribuir com o trabalho, sendo que 12 efetivamente concederam entrevistas. Nas oportunidades de conversar com alguns entrevistados foi possível conhecer e dialogar com outras pessoas relacionadas ao esporte paralímpico, chegando assim ao número final de 17 entrevistas realizadas. O período de coleta e decupagem do material obtido se deu entre os dias 07 de setembro e 18 de outubro de 2016. Os resultados encontram-se como apêndices ao final deste trabalho.

Paralelamente ao processo de contato com as fontes e realização das entrevistas, foram feitas pesquisas sobre os temas relacionados ao esporte paralímpico propostos nas pautas das reportagens, a fim de obter-se mais conhecimento sobre esses temas e dados que iriam compor a série de reportagens. Utilizaram-se para estes fins livros, artigos científicos, portais de notícias e outros sites. O material efetivamente aproveitado na elaboração das reportagens está descrito nas pautas, no item “Fontes de dados”. Este processo também fez parte da apuração da notícia e, somado às entrevistas com as fontes, é indispensável para a elaboração das reportagens.

Finalizadas as entrevistas e as pesquisas para obtenção de dados, o passo seguinte consistiu na organização, etapa esta que Bomfim subdivide em levantamento e análise daquilo que foi apurado para elaboração dos roteiros radiofônicos da série de reportagens sobre esportes paralímpicos. Segundo Bomfim (1969, p. 46 apud FERRARETTO, 2014, p. 160), o levantamento trata-se de uma forma de apuração para obterem-se dados ainda não divulgados, como casos de corrupção, o que não é o objetivo deste trabalho. Já a análise é o processo final de apuração da notícia e consiste no “[...] processo pelo qual o repórter faz um exame crítico e a confrontação dos fatos presentes e passados, a fim de dar ao leitor o panorama e a perspectiva de um acontecimento”. (BOMFIM, 1969, p. 46 apud FERRARETTO, 2014, p. 162).

Baseado nesta premissa, parte do processo de análise do material coletado para a série de reportagens sobre os esportes paralímpicos foi realizada ainda durante as etapas de observação direta e coleta, pois, como explicado anteriormente, a primeira pauta proposta teve sua angulação e objetivo alterados. Além disso, houve uma pequena alteração na angulação da quarta pauta após o fim do acompanhamento dos Jogos Paralímpicos, com a adição de discussões sobre os porquês do Brasil não ter alcançado a meta proposta pelo Comitê Paralímpico Brasileiro de terminar a competição em quinto lugar no quadro geral de medalhas e as expectativas quanto à preparação e investimentos para a Paralimpíada de Tóquio, em 2020.

Encerradas as etapas de observação direta e coleta, notou-se que, a partir de um fato principal que ocorreu no ano de 2016 (os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro), foi possível pesquisar e discutir com os entrevistados três temas que

possuem relação direta e indireta com um acontecimento principal, que foram as pautas estabelecidas para a série de reportagens.

Foram reunidas entrevistas de fontes com variadas ocupações: quatro atletas paralímpicos, três educadores físicos, um especialista em mídia, um técnico, um dirigente, um político e um jornalista, obtendo, assim, pluralidade de fontes. Encerradas todas as entrevistas, o pesquisador verificou que obteve visões diferentes das fontes sobre o mesmo tema, além de opiniões contrárias em alguns assuntos questionados. Essas características verificadas na análise já haviam sido observadas na análise de conteúdo, etapa anterior deste trabalho, como fundamentais para a elaboração de uma boa série de reportagens e atestam o que diz José Marques de Melo (1992, p. 49 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 92) a respeito da reportagem. “[...] é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística.”

Por fim, das 17 entrevistas realizadas, cinco foram descartadas ao analisar as pautas e o conteúdo das respostas. Foram aproveitadas para a construção das reportagens 12 entrevistas, sendo que uma fonte foi aproveitada em mais de uma reportagem. Encerrado o processo de apuração da notícia, no próximo subcapítulo é descrita a elaboração dos roteiros radiofônicos.

### 8.3 REDAÇÃO

O primeiro aspecto da redação foi a definição das características do produto jornalístico desenvolvido. Conforme decisão conjunta entre os pesquisadores Luis Felipe Zago Carrion e Renato Francisco Sônego, o título definido para a série de reportagens foi “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro”, por abordar os entraves que o esporte para pessoas com deficiência enfrenta no Brasil relacionado aos atletas paralímpicos, aos investimentos e à cobertura que a imprensa dedica a essas modalidades. Conforme definido em pauta, a série é composta por cinco capítulos. O tempo de duração de cada capítulo varia entre cinco e seis minutos.

O produto foi elaborado para ir ao ar, hipoteticamente, em um radiojornal de uma emissora comercial da cidade de Bauru. A escolha pelo tipo de emissora se deu pela pesquisa exploratória para seleção do corpus para análise de conteúdo,

uma vez que as emissoras comerciais foram as que mais se adequaram ao perfil série de reportagens. Se levada ao ar, a série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” seria exibida entre os dias 14 e 18 de novembro de 2016, semana que marca dois meses de encerramento dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.

Cabe ressaltar que, após a veiculação em rádio hertziano, as reportagens seriam disponibilizadas no *site* da emissora, com a possibilidade do ouvinte escutar o conteúdo no momento em que desejar e quantas vezes quiser. Esse aspecto é primordial na elaboração de conteúdo para o rádio moderno, pois como lembra Zucoloto (2012, p. 170), a *Internet* modificou o conceito de fugacidade e instantaneidade que tradicionalmente caracterizou o rádio e assim o ouvinte não precisa mais ouvir o veículo em tempo real.

Definidas as características da série de reportagens, o passo seguinte foi escrever o texto de cada capítulo, organizando-o em laudas radiofônicas. Este processo foi feito no final de outubro.

Conforme definido por Ferraretto (2014, p. 162-166) e tratado no referencial teórico deste trabalho, a reportagem radiofônica é composta por: manchete ou chamada, cabeça, ilustração ou sonora, texto de passagem (quando a matéria tem mais de um entrevistado), encerramento e assinatura.

Na série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro”, foram elaboradas as manchetes e os textos de encerramento que seriam lidos pelo apresentador de um radiojornal na ocasião da veiculação do conteúdo em rádio hertziano.

Quanto à cabeça, houve uma variação do tipo de introdução às reportagens. Na primeira reportagem foi utilizado o *lead* atrasado, que segundo Ted White (2009, p. 38) “[...] segura os detalhes mais importantes por apenas algumas sentenças”. Dessa forma, a informação principal e seus desdobramentos encontram-se a partir do segundo parágrafo. Já na quarta e quinta reportagens o *lead* escolhido foi o suave. De acordo com White (2009, p. 32), esse recurso chama a atenção do ouvinte para o que vem a seguir na notícia e funciona como um convite para que ele permaneça atento. Visto isto, a cabeça funciona como uma pequena introdução a quem está ouvindo o assunto que será abordado no restante da reportagem.

Para continuar a redação das reportagens coube ao pesquisador cruzar os dados obtidos em apuração, de acordo com os objetivos e angulações propostas em cada pauta. Através desse processo foram redigidos os outros componentes da estrutura da reportagem radiofônica fundamentada por Ferraretto.

Nesse processo foram levadas em consideração as observações feitas nas pesquisas bibliográfica e descritiva para elaboração de uma boa série de reportagens radiofônica construindo uma sequência lógica dos fatos, a fim de que a reportagem tenha um sentido para quem ouve. Na escolha das fontes, foram trazidos diferentes pontos de vista, além de opiniões divergentes sobre um tema. Em relação ao conteúdo, há a presença de dados objetivos, com informações concretas e subjetivos, que são as opiniões das fontes. Essa união caracteriza o gênero interpretativo.

Além do conteúdo, é importante levar em consideração alguns aspectos estilísticos na redação de uma reportagem para o rádio. Chantler e Harris (1998, p. 51-58) orientam que as frases devem ser curtas e simples. Além disso, recomenda-se o uso dos verbos na voz ativa e orações preferencialmente em ordem direta. Outro cuidado diz respeito a números, que devem ser arredondados.

Na série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” buscou-se dar preferência às frases na ordem direta, mantendo em indireta aquelas que melhor se encaixam ao contexto. As informações foram redigidas com o menor detalhamento possível e os números arredondados e/ou aproximados, a fim de garantir simplicidade e facilidade de compreensão para o ouvinte.

Ao final da elaboração de todas as reportagens, verificou-se que o resultado foi um pouco diferente do previsto inicialmente nos objetivos e angulações das pautas, consequência das respostas dos entrevistados e da construção do texto para melhor coesão entre as falas do repórter e as declarações das fontes. Esta observação constata que a pauta deve ser um guia inicial para o trabalho do jornalista, não impedindo que o resultado final do trabalho jornalístico saia diferente do previsto.

Os resultados da redação das reportagens encontram-se ao final deste trabalho como apêndices. Terminada esta etapa, o último passo da pesquisa aplicada foi a edição e finalização do conteúdo redigido, cujo processo é descrito a seguir.

#### 8.4 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

A edição consistiu na gravação dos textos redigidos, que compreendeu as locuções do repórter e do apresentador de um radiojornal, além de cortes e tratamentos em trechos selecionados como sonorais.

Além da gravação de voz, houve também a escolha de efeitos sonoros, que servem como *background* (BG) durante as falas do apresentador e do repórter, e de uma vinheta, cuja função é iniciar e encerrar as reportagens. Se a série de reportagens fosse ficar disponível na *Internet*, as falas do apresentador seriam retiradas, com cada capítulo contendo apenas as vinhetas para indicar o início e o término de cada reportagem. Nesta etapa colaboraram os alunos da USC Renan Watanabe, gravando os textos do apresentador, e Ronaldo Carvalho, que auxiliou na gravação da vinheta.

A edição e finalização da série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” foram feitas no Laboratório de Rádio da USC, com apoio dos técnicos Alexandro Costa e Leandro Zacarim, em novembro de 2016, e consistiu na última etapa na produção da pesquisa aplicada. Encerradas todas as etapas de pesquisa, no próximo capítulo são feitas as considerações a respeito do Trabalho de Conclusão de Curso.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo este trabalho, os objetivos propostos foram de refletir sobre o rádio como veículo de comunicação e o jornalismo radiofônico, analisar o formato grande reportagem de forma quantitativa e qualitativa e produzir uma série de reportagens radiofônica sobre esportes paralímpicos.

O problema de pesquisa apontado diz-se respeito se o atual modelo de radiojornalismo desenvolvido no Brasil inviabiliza a produção de grandes reportagens por parte das emissoras. Baseadas nesta premissa foram levantadas duas hipóteses: sim, pois as emissoras preferem os formatos na qual a produção da notícia é feita de forma breve sem tanto aprofundamento; não, pois o rádio está em processo de mudança e a grande reportagem tem ganhado espaço nesse cenário, já que o ouvinte não precisa mais ouvir o rádio no momento em que o conteúdo é transmitido.

Alcançados todos os objetivos propostos, é possível dizer que a segunda hipótese pode ser comprovada, pois, conforme verificado em pesquisa bibliográfica, pesquisa descritiva e pesquisa aplicada, a grande reportagem com longa duração poderia ter espaço no rádio brasileiro, mesmo o formato sendo atualmente veiculado com menor frequência.

Isto porque, através das pesquisas bibliográfica e descritiva, com análise de conteúdo, verificou-se que o processo de produção de uma série de reportagens é parecido com o que seria colocado em prática na elaboração da grande reportagem unitária, conforme descrito anteriormente no capítulo 7. A simplicidade do rádio como veículo de comunicação e a ampliação da disponibilidade do conteúdo radiofônico em meio *on-line* também contribuem para que seja possível a produção da grande reportagem de longa duração no Brasil.

Já na pesquisa aplicada, através da produção de uma série de reportagens sobre esportes paralímpicos, foi possível notar que as novas tecnologias facilitam o trabalho do repórter que está envolvido em um trabalho longo e planejado de apuração como é a série de reportagens e seria também a grande reportagem unitária, sendo necessário um trabalho complexo de pesquisa, além de contato e entrevista com um grande número de fontes.

Através de redes sociais, como *Twitter* e *Facebook*, é facilmente possível localizar, conhecer o perfil do entrevistado desejado e saber qual a disponibilidade da fonte em colaborar com a pauta. A gravação da entrevista também é facilitada com as novas tecnologias, já que o entrevistado pode mandar as respostas desejadas por aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*, ou mesmo por *e-mail*, além do telefone. Esses recursos ajudam o jornalista que precisa conversar com fontes que se encontram em cidades distantes. Assim, a *Internet* e as novas tecnologias oriundas da *web* tornam o cenário favorável para a produção da grande reportagem no rádio brasileiro.

A partir de todo o cenário constatado ao longo deste trabalho, é possível dizer que o rádio brasileiro está apto a produzir e veicular a grande reportagem unitária, necessitando apenas que as emissoras enxerguem uma oportunidade de oferecer um conteúdo novo e inovador a seus ouvintes, colocando o formato em prática, o que corrobora assim para tornar a segunda hipótese do problema de pesquisa como verdadeira.

Sobre o veículo de comunicação estudado, o rádio, a maior contribuição deste trabalho é mostrar as novas possibilidades que podem ser abertas a partir da *Internet* e de outras tecnologias modernas. O primeiro beneficiado com esse cenário é o ouvinte, que ganha novas maneiras de ouvir o rádio e ter acesso ao conteúdo produzido, através de práticas como o *podcast*. Além disso, recursos como texto, foto e vídeo servem para complementar as informações em áudio e fazem do rádio moderno um veículo de comunicação além do sonoro.

Além do ouvinte, as novas tecnologias facilitam o trabalho para o repórter e outros profissionais envolvidos no cotidiano do rádio e podem abrir novas perspectivas para o jornalismo radiofônico.

Um exemplo dessas novas perspectivas foi observado durante a execução da pesquisa aplicada, pois a *Internet* permitiu ao pesquisador abordar um tema de interesse nacional, o esporte paralímpico, sem sair de uma cidade do interior do estado de São Paulo (Bauru). Isto foi feito através de redes sociais, *WhatsApp* e *e-mail*, contatando e entrevistando pessoas de diferentes cidades e estados do Brasil. A situação verificada neste trabalho proporcionaria a qualquer emissora pequena brasileira tratar de um assunto com relevância nacional produzindo conteúdo jornalístico próprio, sem precisar recorrer às agências de notícias.

Por não precisar de um material tecnológico sofisticado, o rádio não exige um custo alto para a empresa jornalística pequena e/ou localizada no interior que desejar produzir conteúdo próprio cujas fontes estão fora da área de abrangência geográfica, já que o repórter não precisa viajar e uma só pessoa é capaz de realizar todo o processo jornalístico, desde a pauta até a edição. Esse cenário faz com que o rádio tenha vantagens em relação a outros veículos de comunicação que exigem equipamentos sofisticados e um número mínimo de pessoas envolvidas em uma cobertura jornalística, como a televisão.

Apesar do auxílio da *Internet* e das tecnologias, o rádio não perdeu suas características fundamentais. Segue sendo de fácil acesso para o ouvinte. A linguagem pouco mudou e continua tocando música e tendo espaço para prestação de serviço e reclamações da comunidade. Assim, as novas tecnologias abrem espaço para o rádio se reinventar, investir em novos formatos, como a grande reportagem, e atrair uma nova audiência no cenário atual de convergência das mídias.

Em relação ao formato escolhido para elaboração do produto final, a série de reportagens, a principal característica e contribuição ao jornalismo é proporcionar que sejam colocadas em prática, com a calma e o tempo necessário, as técnicas de apuração, redação e edição que precisam ser feitas de maneira muito mais ágeis no trabalho cotidiano. O processo de produção de uma série exige planejamento, insistência e paciência do repórter, além de pesquisas sobre o tema abordado, necessitando de um tempo maior para produção do que as notícias do dia a dia. É a melhor maneira de aprofundar um fato e apresentar seus desdobramentos sob diferentes pontos de vista, trazendo, assim, opiniões positivas e negativas a respeito do assunto. A partir da análise de conteúdo, verificou-se que uma série de reportagens no rádio pode ser elaborada sob diferentes perspectivas, desde a reconstrução de uma história em ordem cronológica até uma investigação.

Constatou-se neste trabalho que, no Brasil, as séries de reportagens radiofônicas ainda são restritas às emissoras localizadas nas grandes cidades e cuja programação é voltada prioritariamente ao jornalismo e ao esporte. Através da pesquisa aplicada foi possível perceber que as novas tecnologias, que podem abrir novas perspectivas para a radiodifusão, tornariam a série de reportagens um formato exequível no rádio não apenas nas grandes cidades e emissoras, mas

também em empresas de menor porte que quisessem investir nesse tipo de conteúdo. Sendo assim, são necessários apenas abertura editorial e estrutura para que emissoras pequenas colocassem o formato em prática.

Entretanto, assim como a produção jornalística de uma série de reportagens exige planejamento, também é necessário planejamento comercial para colocar o formato em prática, avaliando quesitos como público-alvo, região onde a emissora está localizada, relevância e novidade na programação ao investir em um formato como esse. Se bem planejada comercialmente e encontrar espaço nas grades de programação, a grande reportagem pode se tornar viável para as emissoras e, conseqüentemente, para aquelas de menor porte e/ou localizadas em cidades do interior.

A série de reportagens também pode ser uma contribuição ao radiojornalismo esportivo, uma vez que, em um cenário no qual o futebol predomina, com transmissões de partidas e programas de debate, o formato pode ser uma alternativa para dar espaço e tratar sobre outras modalidades.

Isto posto, retoma-se que o tema escolhido para a série de reportagens deste trabalho foi os esportes paralímpicos. Através da série “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” foi possível dar visibilidade a praticantes e outras pessoas que fazem parte do universo do esporte para deficientes, mas que nem sempre têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos na imprensa. Além disso, pode ser a oportunidade para os que ainda não conhecem se interessem pelo tema e até comecem a praticar alguma modalidade, já que a divulgação é reduzida quando comparada ao esporte olímpico.

Cabe ressaltar, além da visibilidade, o enfoque dado ao esporte paralímpico. Ao longo de toda a série de reportagens foram abordados assuntos relacionados aos paratletas, aos investimentos e resultados dos Jogos Paralímpicos de 2016 e à cobertura da imprensa. Com isso, buscou-se dar um novo tratamento jornalístico ao esporte paralímpico brasileiro, deixando de lado clichês, como a superação dos limites físicos e da deficiência.

O produto foi feito em parceria com Renato Francisco Sônego, o que possibilitou, apesar da produção das pautas individualmente, a definição dos temas e a edição final de todas as reportagens em conjunto, além de sugestões de fontes e trocas de ideias entre ambos a respeito dos textos produzidos.

Ao longo da produção, a dificuldade encontrada foi receber resposta positiva das fontes para realização das entrevistas. A saída encontrada para driblar esse entrave foi contatar o maior número de pessoas possível e ir adequando as pautas de acordo com os contatos retornados. Além dessa, outra dificuldade foi a ansiedade do pesquisador em lidar com a demora dos contatos feitos.

Concluído o Trabalho de Conclusão de Curso, o pesquisador ressalta que sua maior contribuição pessoal é o amadurecimento como jornalista antes de ingressar no mercado de trabalho. O principal ponto a ser corrigido no futuro é a condução das entrevistas, já que algumas ficaram mais longas do que o ideal e com questões a mais do que o necessário.

A despeito disso, reforça-se que a escolha pelo rádio proporcionou estudar, analisar e produzir conteúdo para um veículo no qual o pesquisador se identificou durante a graduação, desde as aulas até o projeto de extensão, levando experiência e currículo para o mercado de trabalho. Além disso, a escolha pelo esporte como tema do produto resultante da pesquisa aplicada justificou-se por ser a editoria preferida, pois, a maioria dos trabalhos durante a graduação abordou o assunto e o esporte é a principal área almejada ao ingressar no mercado de trabalho.

Além do amadurecimento profissional, as pesquisas e conversas com atletas e outros profissionais que vivenciam o esporte paralímpico fizeram com que o pesquisador mudasse várias visões que tinha inicialmente a respeito do tema, mostrando, assim, a fundamental importância de um bom processo de apuração.

## REFERÊNCIAS

AD NEWS. SporTV estreia séries sobre atletas paralímpicos. **Revista Exame**, 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/sportv-estreia-series-sobre-atletas-paralimpicos>>. Acesso em: 26 set. 2016.

ALVES, Matheus Silva; CONDE, Paulo Roberto; ZOCCHIO, Guilherme. Um em cada cinco para-atletas do Brasil sofreu acidente de automóvel. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 set. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1810297-um-em-cada-cinco-para-atletas-do-brasil-sofreu-acidente-de-automovel.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2016.

ALVES, Rosental Calmon. Radiojornalismo e a linguagem coloquial. In: MEDITSCH, Eduardo. (Org). **Teorias do Rádio: textos e conceitos**. Florianópolis: Insular, 2005.

ALVES, Walter. A cozinha eletrônica. In: MEDITSCH, Eduardo. (Org). **Teorias do Rádio: textos e conceitos**. Florianópolis: Insular, 2005.

ANNEMBERG, Sandra. “**Ser apresentadora, não é traduzir a notícia, mas compartilhá-la**”, **ressalta Sandra Annenberg** [16 jul. 2014]. Entrevistador: Emílio Coutinho [Internet]. Entrevista concedida ao Site Casa dos Focas. Disponível em: <<http://www.casadosfocas.com.br/ser-apresentadora-nao-e-traduzir-a-noticia-mas-compartilha-la-ressalta-sandra-annenberg/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. (Org). **Teorias do Rádio: textos e conceitos**. Florianópolis: Insular, 2005.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARROSO, André. **Atletas paralímpicos usam o esporte para superar traumas**. Produção: Daniel Borges. Brasília: TV Globo, 2016. Reportagem em vídeo disponível na Internet (4min37s). Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/09/atletas-paralimpicos-usam-o-esporte-para-superar-traumas.html>>. Acesso em: 26 set. 2016.

BRASIL. Atenas-2004. **Portal Brasil**, [2016?]a. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/as-edicoes/atenas-2004>>. Acesso em: 21 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Pequim-2008. **Portal Brasil**, [2016?]b. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/as-edicoes/pequim-2008>>. Acesso em: 21 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Londres-2012. **Portal Brasil**, [2016?]c. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/as-edicoes/londres-2012>>. Acesso em: 21 set. 2016.

BRAVO, Thayssa. **A escalação do técnico Zagallo, que substituíra João Saldanha às vésperas do Mundial**. Rio de Janeiro: Rádio CBN, 2010a. Reportagem em áudio disponível na Internet (4min12s). Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/series/COPA-DE-70---A-TRAJETORIA-DO-TITULO/2010/06/15/A-ESCALACAO-DO-TECNICO-ZAGALLO-QUE-SUBSTITUIRA-JOAO-SALDANHA-AS-VESPERAS-DO-MUNDIA.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Como o Brasil deu um espetáculo na primeira fase da Copa e como Pelé entrou para a história também pelos gols que perdeu**. Rio de Janeiro: Rádio CBN, 2010b. Reportagem em áudio disponível na Internet (4min22s). Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/series/COPA-DE-70---A-TRAJETORIA-DO-TITULO/2010/06/16/COMO-O-BRASIL-DEU-UM-ESPETACULO-NA-PRIMEIRA-FASE-DA-COPA-E-COMO-PELE-ENTROU-PARA-A-HIST.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **A final contra a Itália: mexicanos substituíram o vermelho pelo amarelo na sua bandeira e abraçaram o Brasil rumo à conquista inédita no futebol**. Rio de Janeiro: Rádio CBN, 2010c. Reportagem em áudio disponível na Internet (4min32s). Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/series/COPA-DE-70---A-TRAJETORIA-DO-TITULO/2010/06/18/A-FINAL-CONTRA-A-ITALIA-MEXICANOS-SUBSTITUIRAM-O-VERMELHO-PELO-AMARELO-NA-SUA-BANDEIRA.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BRITO, Daniel. Como os EUA podem mudar a história dos Jogos Paraolímpicos. **UOL**, 2016. Disponível em: <<http://blogdobrito.blogosfera.uol.com.br/2016/08/31/como-os-eua-podem-mudar-a-historia-dos-jogos-paraolimpicos/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

CARVALHO, Wellington. **A data para a conclusão do chamado VLT de Cuiabá, prometido para a Copa, ainda está indefinida**. Trabalhos técnicos: Moacir Biazi. São Paulo: Rádio Estadão, 2015a. Reportagem em áudio disponível na Internet (2min35s). Disponível em: <<http://radio.estadao.com.br/audios/detalhe/radio-estadao,a-data-para-a-conclusao-do-chamado-vlt-de-cuiaba-prometido-para-a-copa-ainda-esta-indefinida,412156>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Um ano depois da Copa, é possível dizer que mundial 'deixou frutos' nas organizações sociais das cidades**. Trabalhos técnicos: Moacir Biazi. São Paulo: Rádio Estadão, 2015b. Reportagem em áudio disponível na Internet (2min40s). Disponível em: <<http://radio.estadao.com.br/audios/detalhe/radio-estadao,um-ano-depois-da-copa-e-possivel-dizer-que-mundial-deixou-frutos-nas-organizacoes-sociais-das-cidades,412569>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **O Brasil assistia, há exatamente um ano, o início da segunda Copa do Mundo no País.** Trabalhos técnicos: Moacir Biazí. São Paulo: Rádio Estadão, 2015c. Reportagem em áudio disponível na Internet (3min12s). Disponível em: <<http://radio.estadao.com.br/audios/detalhe/radio-estadao,o-brasil-assistia-ha-exatamente-um-ano-o-inicio-da-segunda-copa-do-mundo-no-pais,412767>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo.** São Paulo: Summus, 1998. ´

CLARO, Alana. Onde está a “Grande Reportagem”? **Faculdade Cásper Líbero**, 2014. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/onde-esta-grande-reportagem/>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Perguntas frequentes. **CPB**, [2016?]. Disponível em: <<http://cpb.org.br/perguntas-frequentes>>. Acesso em: 18 out. 2016.

COMO se dá cobertura da mídia no desporto paralímpico? Produção: Wagner Gomes. Rio de Janeiro: Rádio MEC AM, 2016. Programa de rádio disponível na Internet (52min53s). Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/bate-papo-ponto-com/edicao/2015-07/cobertura-da-midia-no-desporto-paralimpico>>. Acesso em: 28 set. 2016.

CONDE, Paulo Roberto; MERGUIZO, Marcel. Recursos para o esporte paraolímpico brasileiro aumentam 127%. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 set. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1811159-recursos-para-o-esporte-paraolimpico-brasileiro-aumentam-127.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2016.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo. Unidade 2 – A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs). **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

COSTA, Lailton Alves da. **Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil.** 2008. Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Jornalismo\\_Brasileiro:a\\_teor%C3%A1tica\\_dos\\_g%C3%AAneros\\_jornal%C3%ADsticos\\_nos\\_cinco\\_maiores\\_jornais\\_do\\_Brasil](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Jornalismo_Brasileiro:a_teor%C3%A1tica_dos_g%C3%AAneros_jornal%C3%ADsticos_nos_cinco_maiores_jornais_do_Brasil)>. Acesso em: 15 maio 2016.

COSTA, Lailton Alves da; LUCHT, Janine Marques Passini. **O Gênero Interpretativo na Literatura Comunicacional Brasileira.** 2006. Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/O\\_g%C3%AAnero\\_interpretativo\\_na\\_literatura\\_comunicacional\\_brasileira](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/O_g%C3%AAnero_interpretativo_na_literatura_comunicacional_brasileira)>. Acesso em: 13 out. 2016.

DUARTE, Karin. **Brasil não alcança meta de ficar em 5º na Paralimpíada, mas Comitê é otimista**. Rio de Janeiro: SporTV, 2016. Reportagem em vídeo disponível na Internet (1min39s). Disponível em: <<http://globo.com/sportv/sportvnews/v/brasil-nao-alcanca-meta-de-ficar-em-5o-na-paralimpiada-mas-comite-e-otimista/5315274/>>. Acesso em: 22 set. 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

\_\_\_\_\_. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007, Santos. **Anais eletrônicos**. Santos: 2007. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0046-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0046-1.pdf)>. Acesso em: 5 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FONSECA JUNIOR, Wilson Côrrea da. Análise de conteúdo. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Orgs). **Metodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FREITAS, Ernani Cesar; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.faatensino.com.br/wp.../2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pd>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

G1 SÃO PAULO. Governo inaugura centro de esportes paralímpicos na Zona Sul de SP. **G1**, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/alcmin-inaugura-centro-de-esportes-paralimpicos-na-zona-sul-de-sp.html>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

G1. 23,9% dos brasileiros declaram ter alguma deficiência, diz IBGE. **G1**, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/239-dos-brasileiros-declaram-ter-alguma-deficiencia-diz-ibge.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

GABARDO, Eduardo; OLIVEIRA, Rodrigo. **As ligações entre a política e o comando do futebol**. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 2015a. Reportagem em áudio disponível na Internet (3min41s). Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/coroneis-do-futebol-as-ligacoes-entre-a-politica-e-o-comando-do-futebol-141045.html>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Quando a política interfere no futebol**. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 2015b. Reportagem em áudio disponível na Internet (4min37s). Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/coroneis-do-futebol-quando-a-politica-interfere-no-futebol-141046.html>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **As doações eleitorais e a formação da Bancada da Bola.** Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 2015c. Reportagem em áudio disponível na Internet (4min38s). Disponível em: <<http://videos.clicrbs.com.br/rs/gaucha/audio/radio-gaucha/2015/06/coroneis-futebol-doacoes-eleitorais-formacao-bancada-bola/127017/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUPO ESTADO. **Código de conduta e ética.** [2016?]. Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/ext/codigoetica/codigo\\_de\\_etica\\_miolo.pdf](http://www.estadao.com.br/ext/codigoetica/codigo_de_etica_miolo.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2016.

GRUPO RBS. **Guia de ética e autorregulamentação jornalística.** Porto Alegre: RBS Publicações, 2011. Disponível em: <[http://www.gruporbs.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Guia\\_de\\_Etica\\_e\\_Autorregulamentacao\\_Jornalistica.pdf](http://www.gruporbs.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Guia_de_Etica_e_Autorregulamentacao_Jornalistica.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2016.

GUERRA, Márcio de Oliveira; FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. Olimpíadas e Paraolimpíadas\_ Uma correlação com a mídia. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos.** Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <[http://docplayer.com.br/15837987-Olimpiadas-e-paraolimpiadas\\_-uma-correlacao-com-a-midia.html](http://docplayer.com.br/15837987-Olimpiadas-e-paraolimpiadas_-uma-correlacao-com-a-midia.html)>. Acesso em: 12 abr. 2016.

HAUSSEN, Doris Fagundes. O jornalismo no rádio atual: o ouvinte interfere? In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos.** Curitiba: 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0189-1.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo. (Org). **Teorias do Rádio: textos e conceitos.** Florianópolis: Insular, 2005.

iG SÃO PAULO. Rio 2016: 90% dos atletas que disputarão Paralimpíada recebem Bolsa Atleta. **iG,** 2016. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/olimpiadas/2016-09-01/bolsa-atleta-paralimpiada-2016.html>>. Acesso em: 05 set. 2016.

INVESTIMENTO em esporte paraolímpico traz resultado histórico em Londres. **Movimento Down,** 2013. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2013/01/investimento-em-esporte-paraolimpico-traz-resultado-historico-em-londres/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio.** São Paulo: Contexto, 2004.

JUNIOR, Edson. **Investimentos do governo em atletas paralímpico - Bloco 2**. Brasília: Rádio Câmara, 2012a. Reportagem em áudio disponível na Internet (8min06s). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/411056-INVESTIMENTOS-DO-GOVERNO-EM-ATLETAS-PARALIMPICO-BLOCO-2.html>>. Acesso em: 20 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Os atletas e as modalidades paraolímpicas na mídia - Bloco 3**. Brasília: Rádio Câmara, 2012b. Reportagem em áudio disponível na Internet (7min22s). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/411057-OS-ATLETAS-E-AS-MODALIDADES-PARAOLIMPICAS-NA-MIDIA-BLOCO-3.html>>. Acesso em: 20 set. 2016.

KONCHINSKI, Vinicius. Atletas e confederações temem "vacas magras" para esporte após Rio-2016. **UOL**, 2016. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/23/atletas-e-confederacoes-temem-vacas-magras-para-esporte-apos-rio-2016.htm>>. Acesso em: 20 set. 2016.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998

\_\_\_\_\_. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LISBOA, Vinicius. Patrocínio dos atletas paralímpicos no Brasil ainda é quase 100% público. **EBC**, 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/2015/04/patrocínio-dos-atletas-paralimpicos-no-brasil-ainda-e-quase-100-publico>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MARRA, Renan. Diferente da Olimpíada, transmissão da Paraolimpíada será enxuta na televisão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 set. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1810512-diferente-da-olimpiada-transmissao-da-paraolimpiada-sera-enxuta-na-televisao.shtml>>. Acesso em: 01 out. 2016.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MEDEIROS, Nádia Xavier. **Re: Número de atletas paralímpicos**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nadia.medeiros@cpb.org.br> em 24 nov. 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MENDES, Nathália. Com 278 atletas convocados, Brasil terá delegação recorde nos Jogos Paralímpicos. **EBC**, 2016. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/esportes/2016/07/com-278-atletas-convocados-brasil-tera-delegacao-recorde-nos-jogos-paralimpicos>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Panda Books, 2000.

PARALYMPIC MOVEMENT. **Rio 2016 Paralympic**, 2016. Site oficial do Comitê Paralímpico Internacional. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/rio-2016>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PARAOLIMPIADAS 2008 Quadro de Medalhas. **UOL**, 2008. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/paraolimpiadas/quadro-de-medalhas/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PERGUNTAS frequentes. **Comitê Paralímpico Brasileiro**, [2016?]. Disponível em: <<http://cpb.org.br/perguntas-frequentes>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Ática, 1993.

Portal Brasil. Comitê Internacional prevê recorde de público e audiência. **Portal Brasil**, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2015/09/comite-paralimpico-internacional-preve-recorde-de-publico-e-audiencia>>. Acesso em: 21 set. 2015.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PRINCÍPIOS editoriais do Grupo Globo. **CBN**, 2011. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/institucional/principios-editoriais-do-grupo-globo/PRINCIPIOS-EDITORIAIS-DO-GRUPO-GLOBO.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

QUADRO de medalhas. **BOL**, 2012. Disponível em: <<http://www.bol.uol.com.br/paraolimpiadas/2012/quadro-de-medalhas/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

QUADRO de medalhas. **Globoesporte.com**, 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/medalhas.html>>. Acesso em: 18 out. 2016.

RODA Viva | Andrew Parsons | 26/09/2016. Direção Técnica: Gilvani Moletta. São Paulo: TV Cultura, 2016. Programa de televisão disponível na Internet (1h21min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=EMO5t\\_WIqk0&t=1027s](https://www.youtube.com/watch?v=EMO5t_WIqk0&t=1027s)>. Acesso em: 01 out. 2016.

SANTANA, Ricardo. Estado entrega em Bauru um espaço inédito para pessoas com deficiências. **JCNET**, Bauru, 19 set. 2011. Disponível em: <<http://www.jcnet.com.br/Geral/2011/09/estado-entrega-em-bauru-um-espaco-inedito-para-pessoas-com-deficiencias.html>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SOBRE o projeto. **ABDA**, c2016. Disponível em:  
<<http://www.abdabauru.com.br/sobre-o-projeto/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

STUMPPFF, Ida Regina Chitto. Pesquisa Bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

TAVARES, Mariza. Os ingredientes de uma receita que deu certo. In: FARIA, Giovanni; TAVARES, Mariza. (Orgs). **CBN, a rádio que toca notícia**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

TRINDADE, Bruno. Brasil não alcança quinto lugar, mas festeja desempenho na Rio 2016. **O TEMPO**, Rio de Janeiro, 18 set. 2016. Disponível em:  
<<http://www.otempo.com.br/hotsites/paralimp%C3%ADadas-2016/brasil-n%C3%A3o-alcan%C3%A7a-quinto-lugar-mas-festeja-desempenho-na-rio-2016-1.1373682>>. Acesso em: 20 set. 2016.

VAQUER, Gabriel. Paraolimpíada faz SporTV 2 ultrapassar canal-mãe e ser líder na TV paga. **Na Telinha**, 2016. Disponível em:  
<<http://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/09/25/paraolimpiada-faz-sportv-2-ultrapassar-canalmae-e-ser-lider-na-tv-paga-102328.php>>. Acesso em: 04 out. 2016.

VILAÇA, Márcio Luiz Côrrea. Pesquisa e ensino: considerações e reflexões. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 1, n. 2, p. 59-74, maio/ago. 2010. Disponível em:  
<<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/26>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico: redação, reportagem e produção**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2009.

ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

## APÊNDICE A – Reportagens analisadas

Programa:
Reportagem: Copa de 70 – a trajetória do título – a escalação do técnico Zagallo, que substituíra João Saldanha às vésperas do Mundial (R1)
Repórter: Thayssa Bravo
Duração: 04'12"

Repórter –	Depois da polêmica demissão de JOÃO SALDANHA às vésperas da Copa de 70, a CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS foi atrás de um novo treinador./ Tentou DINO SANI, então técnico do Corinthians, mas ele não quis./ Disse que não se sentia pronto.//  ZAGALLO já havia sido duas vezes campeão carioca pelo Botafogo e era identificado com a seleção, havia sido bicampeão mundial em 58 e 62./ Além disso, julgam alguns que ZAGALLO foi inteligente./ Levou DARIO para a Copa como queria o presidente MÉDICI, mas não deixou DADÁ nem no banco de reservas.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Zagallo – 8”</u> D.I.: “Eu achava que nós não tínhamos... D.F.: ... titular da seleção brasileira.”
Repórter –	Ter tido seu nome envolvido em toda essa polêmica é uma das mágoas de DADÁ.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Dadá – 3”</u> D.I.: “Todo mundo esquece que eu... D.F. ... o maior centroavante do mundo.”
Repórter –	ZAGALLO não gosta quando dizem que ele recebeu a seleção pronta./ Entre aqueles que viveram o Mundial de 70 a opinião é unânime./ SALDANHA foi importantíssimo, mas ZAGALLO foi quem montou o time campeão./ Saem as feras e entram as formiguinhas do ZAGALLO.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA 2 – Zagallo – 11”</u> D.I.: “Félix, Carlos Alberto, Brito,... D.F. ... Jairzinho, Pelé e Tostão.”
Repórter –	Ao mudar o esquema do quatro dois quatro para o quatro três três, ZAGALLO fazia aquilo que muitos não acreditavam ser possível./ Escalar quatro camisas dez entre 11 titulares./ RIVELLINO, que com SALDANHA era reserva, passou a titular ao lado de GÉRSON, JAIRZINHO e PELÉ.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Rivellino – 12”</u> D.I.: “Nós tínhamos o maior jogador... D.F. ... do outro de olho fechado.”

Repórter –	A seleção estava escalada, mas por causa das atuações em alguns amistosos e do um a um no jogo-treino com o Bangu a confiança da população e da imprensa estava novamente abalada./ Prova disso foi a brincadeira armada por DARIO no embarque para o México.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA MÚSICA</u> <u>SONORA 2 – Dadá – 15”</u> D.I.: "Num tinha nem quase imprensa... D.F. ... era essa eu pedindo autógrafo."
Repórter –	Chegando ao México, a seleção brasileira iniciou uma jornada de 21 dias de preparação na cidade de GUANAJUATO, que fica numa altitude superior à CIDADE DO MÉXICO.//  Muitos acreditam que a preparação física e a adaptação à altitude foram os segredos da seleção de 70, que somava assim ao seu futebol romântico a força e a resistência./ O chamado “PLANEJAMENTO MÉXICO” foi feito pelo professor de educação física LAMARTINE PEREIRA DA COSTA.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Lamartine – 8”</u> D.I.: "A altitude tinha que ter resistência... D.F. ... do que o jogo com a bola."
Repórter –	Apenas um pedido dele foi negado pela comissão técnica.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA 2 – Lamartine – 5”</u> D.I.: "Acaba com o feijão... D.F. ... desse do feijão não dá."
Repórter –	O esforço valeria a pena./ A FIFA produziu um relatório considerando o preparo físico do Brasil em 70 o melhor do mundo./ O zagueiro BRITO traria mais um título para o Brasil.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA MÚSICA</u> <u>SONORA – Brito – 5”</u> D.I.: "Fui considerado o atleta... D.F. ... do mundo em 1970."
Repórter –	No próximo capítulo da série “QUARENTA ANOS DO TRI”, a bola rola para a Copa de 70 e PELÉ entra para a história também pelos gols que perdeu.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Félix – 8”</u> D.I.: "Viktor, goleiro da Tchecoslováquia... D.F. ... primeira coisa que ele fez."
Repórter –	Do Rio de Janeiro, THAYSSA BRAVO.//

Programa:
Reportagem: Copa de 70 – a trajetória do título – Como o Brasil deu um espetáculo na primeira fase da Copa e como Pelé entrou para a história também pelos gols que perdeu (R2)
Repórter: Thayssa Bravo
Duração: 04'22"

<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	Rola a bola para a Copa do Mundo de 1970./ O Brasil estreia no dia três de junho contra a Tchecoslováquia no Estádio Jalisco, em GUADALAJARA.//  O Brasil era considerado uma incógnita e os tchecos os fantasmas da competição./ Aos 11 minutos, PETRAS abriu o placar para a Tchecoslováquia.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	O time estava confiante e não se abateu./ 13 minutos depois RIVELLINO, de falta, deixou tudo igual e ganhou o apelido de “PATADA ATÔMICA”.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
	<u>SONORA – Rivellino – 7”</u> D.I.: “Deus deu esse dom de eu... D.F.: ... pelo momento do Brasil.”
Repórter –	Os outros três gols da vitória por quatro a um sobre a Tchecoslováquia foram marcados por PELÉ e JAIRZINHO, duas vezes./ O Brasil não era mais uma incógnita.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
	<u>SONORA – Narrador – 21”</u> D.I.: “Os quatro gols brasileiros... D.F. ... junho de 1970.”
Repórter –	Muitos consideram esse jogo a maior demonstração do futebol arte brasileiro nesta Copa./ Na estreia, o primeiro dos quase gols de PELÉ, que o goleiro FÉLIX assistiu do outro lado do campo.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Félix – 10”</u> D.I.: “Viktor, goleiro da Tchecoslováquia... D.F. ... pensamento dele ligeiro demais.”

Repórter –	Uma atuação de gala que conquistou a população de GUADALAJARA./ Mas, no vestiário, PIAZZA lembra que PELÉ tratou de frear a empolgação dos jogadores.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Piazza – 11”</u> D.I.: "Vamo moçada foi lindo, foi bom... D.F. ... pensando que já é campeão mundial."
Repórter –	Passada a Tchecoslováquia viria o confronto mais difícil, contra a então campeã do mundo, a Inglaterra./ Naquela partida ZAGALLO sentiu que o Brasil ganharia a Copa. //
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Zagallo – 7”</u> D.I.: "Um jogo de xadrez... D.F. ... com gol de Jairzinho."  <u>SONORA – Jairzinho – 29”</u> D.I.: "Ganhou justamente aquele que... D.F.: ... foi a maior vibração da minha vida".  <u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	Seriam longos 32 minutos de angústia, com direito ao segundo quase gol de PELÉ, desta vez de cabeça./ FÉLIX explica qual foi o mérito de BANKS na defesa que até hoje é considerada a mais espetacular das Copas do Mundo.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA 2 – Félix – 17”</u> D.I.: "O mérito dele foi... D.F.: ... "inteligente jogou pra cima".
Repórter –	No último confronto das oitavas de final, contra a Romênia, o Brasil já estava praticamente classificado./ Talvez por esse relaxamento tenha tomado dois gols e vencido por apenas vai três a dois./ O Brasil estava nas oitavas de final e a essa altura já era conhecido como grande favorito.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
Repórter –	E no próximo capítulo da série "QUARENTA ANOS DO TRI", o reencontro com o Uruguai, que fez lembrar o que NELSON RODRIGUES costumava chamar de "A NOSSA HIROSHIMA".//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA 2 – Zagallo – 2”</u> D.I.: "E aquilo ali acabou perturbando". D.F.: "E aquilo ali acabou perturbando".
Repórter –	Do Rio de Janeiro, THAYSSA BRAVO.

Programa:
Reportagem: Copa de 70 – a trajetória do título – A final contra a Itália – mexicanos substituíram o vermelho pelo amarelo na sua bandeira e abraçaram o Brasil rumo à conquista inédita no futebol (R3)
Repórter: Thayssa Bravo
Duração: 04'33"

<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	CIDADE DO MÉXICO, 21 de junho de 1970./ No dia da final da Copa do Mundo, contra a Itália, o zagueiro BRITO acordou cedo./ Outros de tão confiantes dormiram demais./ DARIO, que nem no banco ficava, teve um sonho especial.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Dario – 13”</u> D.I.: “Eu sonhei que o Brasil... D.F.: ... lugar e todo mundo kkkkk.”
Repórter –	O clima na concentração da seleção brasileira era esse, de confiança e alegria.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	Ao pisar no gramado, PELÉ descobriu que aos 90 milhões em ação lá no Brasil somariam-se outros 90 mil./ Ou a quase totalidade do Estádio Azteca naquele domingo de tempo fechado na CIDADE DO MÉXICO.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter -	Aos 18 minutos ele, PELÉ, abria o placar depois da jogada de TOSTÃO pela direita e o cruzamento de RIVELLINO./ Mas, aproveitando uma bobeira da defesa brasileira, BONINSEGNA deixou tudo igual.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	O massacre ficaria para a segunda etapa./ GÉRSON, JAIRZINHO e CARLOS ALBERTO fecharam a goleada por quatro a um./ Esse último lance RIVELLINO sabe de cor.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
	<u>SONORA – Rivellino – 9”</u> D.I.: “Baixou o espírito do Garrincha... D.F.: ... o Pelé pro Carlos Alberto.”

	<p><u>RODA BG</u></p> <p><u>SONORA – Narrador – 16”</u>  D.I.: “Agora e para sempre...  D.F.: ... quatro de julho de 1970”.</p>
Repórter –	Quando o juiz apitou o fim do jogo entre Brasil e Itália, o gramado foi invadido por torcedores./ TOSTÃO teve praticamente todas as peças de roupa levadas pelos mexicanos./ Cada um deles teve o seu momento de se descobrir campeão do mundo./ O de PIAZZA foi ali mesmo, no Estádio Azteca.//
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – Piazza – 12”</u>  D.I.: “É que eu vendo aquele povo...  D.F.: ... ela tá viva até hoje”.</p>
Repórter –	A seleção de 70 bateu ainda três recordes individuais./ ZAGALLO se tornou o primeiro campeão mundial como jogador e como técnico./ PELÉ se tornou o primeiro tricampeão da história do Mundial e JAIRZINHO o primeiro a fazer gols em todos os jogos de uma edição da Copa.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	A festa seguiria no Brasil e seria um prato cheio pra ditadura militar.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	O tri no México acabaria se tornando, ao lado da economia, uma ferramenta de propaganda do governo, como explica a historiadora e âncora da Rádio CBN, LUCIA HIPOLITO.//
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – Lucia – 7”</u>  D.I.: “Ele entrou como parte da estratégia...  D.F.: ... do ninguém segura esse país”.</p>
Repórter –	O jornalista SÉRGIO CABRAL editava o Pasquim em 70, uma das principais publicações de oposição à ditadura.//
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – Sérgio – 13”</u>  D.I.: “No final da Copa o Jaguar...  D.F.: ... pouco depois nós seríamos presos”.</p> <p><u>SONORA – Narrador – 8”</u>  D.I.: “E agora, José? A festa acabou...  D.F.: ... a noite esfriou. E agora, José?”.</p> <p><u>RODA MÚSICA</u></p>
Repórter –	Em 40 anos o Brasil ganhou outros 100 milhões de torcedores./ Levantar mais uma vez a taça de campeão do mundo demoraria quase o mesmo tempo que levamos para voltar a votar./ Um novo título de campeão mundial viria 24 anos depois./ O direito de eleger novamente um presidente demoraria 29 anos.//

<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	Do Rio de Janeiro, THAYSSA BRAVO.//

Programa:
Reportagem: A data para a conclusão do chamado VLT de Cuiabá, prometido para a Copa, ainda está indefinida (R4)
Repórter: Wellington Carvalho
Duração: 02'35"

<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	Em um Maracanã tomado por quase 75 mil pessoas, o gol de MARIO GOTZE no segundo tempo da prorrogação contra a Argentina, vale lembrar, praticamente finalizou uma história que começou em 2007, com a escolha do país-sede da Copa de 2014.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	Apesar do anúncio em 2007, as obras prometidas só começaram em 2010.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
Repórter –	E o resultado do atraso pode ser visto ainda hoje, um ano depois, de acordo com JOSÉ ROBERTO BERNASCONI, presidente do SINAENCO, que calcula que apenas um quarto dos projetos foi concluído.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – José Roberto – 14”</u> D.I.: “São dados do final da Copa... D.F.: ... por exemplo o VLT de Cuiabá.”
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	Prometido para a Copa do Mundo do Brasil, o Veículo Leve sobre Trilhos de Cuiabá e Várzea Grande deverá ficar pronto só no Mundial da Rússia, em 2018./ LÉLIO FILHO, do CENTRO DE GESTÃO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS, que pesquisou o legado da Copa, lamenta a situação, mas mesmo assim destaca a importância do Mundial.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Lélío – 11”</u> D.I.: “Se tivesse seguido um cronograma... D.F.: ... é sim um legado significativo.”
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	A Zona Leste de SÃO PAULO, tradicionalmente carente de investimentos pode ser um exemplo, de acordo com a pesquisadora CLARISSA GALHARDI.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Clarissa – 16”</u> D.I.: “Os investimentos na Jacu Pêssego... D.F.: ... pra dinamizar essa região.”
	<u>RODA BG</u>

Repórter -	Pesquisa do Governo Federal aponta, em abril, a terceira alta consecutiva no nível de satisfação com os aeroportos desde a entrega das obras da Copa./ Concordando ou não, o fato é que mesmo com avanços é preciso separar o país real do Brasil do Mundial.//
<u>TÉCNICA</u> -	<u>SONORA 2 – Lélío – 8”</u> D.I.: “O evento Copa do Mundo é um... D.F.: ... se repetisse como uma situação normal.”
Repórter -	WELLINGTON CARVALHO, Rádio Estadão.//

Programa:
Reportagem: Um ano depois da Copa, é possível dizer que mundial 'deixou frutos' nas organizações sociais das cidades (R5)
Repórter: Wellington Carvalho
Duração: 02'40"

<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>
Repórter –	Tá, teve o inesquecível sete a um./ Mas a Copa do Mundo de 2014 vai ser lembrada também pelo hino à capela e, modéstia a parte, o Brasil neste quesito mandou muito bem.//  O comportamento pode contrastar um pouco com o resultado de levantamento divulgado antes da Copa, que indicava que quase 50 por cento dos brasileiros não apoiavam o Mundial.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
Repórter –	Na época, o Brasil ainda respirava o clima iniciado em 2013 e o torneio reforçou o sentimento, na avaliação de ORLANDO ALVES SANTOS JÚNIOR, do OBSERVATÓRIO DAS METROPÓLES.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Orlando – 14”</u> D.I.: “Não tenho dúvida... D.F.: ... um momento catalisador.”
	<u>RODA BG</u>
Repórter -	A pergunta já famosa: e um ano depois?/ ORLANDO ALVES SANTOS JÚNIOR, que pesquisou o tema durante três anos, responde.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA 2 – Orlando – 14”</u> D.I.: “E um ano depois é totalmente... D.F.: ... cidades mais justas e democráticas.”
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	Um exemplo é a FERNANDA CABRAL, que transformou a famosa frase “IMAGINA NA COPA” em projeto de mobilização e passou a ver o Mundial com outros olhos.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Fernanda – 17”</u> D.I.: “Ele pôs luz em problemas... D.F.: ... fazia sentido pra muitas pessoas.”
Repórter –	E como..//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>

Repórter –	Mas a Copa chegou, foi embora e já faz um ano./ Neste período as manifestações se tornaram cada vez mais comuns./ O “IMAGINA NA COPA”, da FERNANDA CABRAL, produziu 75 documentários sobre jovens transformadores e o Brasil tenta não perder o tom.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>  <u>SONORA 3 – Orlando – 11”</u> D.I.: “No sentido de que as ruas... D.F.: ... um protagonista na nossa história.”
Repórter –	WELLINGTON CARVALHO, Rádio Estadão.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA EFEITO SONORO</u>

Programa:
Reportagem: O Brasil assistia, há exatamente um ano, o início da segunda Copa do Mundo no País (R6)
Repórter: Wellington Carvalho
Duração: 03'12"

<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
Repórter –	12 de junho de 2014./ Há um ano, o Brasil vivia a expectativa para o início da segunda Copa do Mundo no país./ Naquela quinta-feira, a manchete do Estadão estampava: “Brasil é o favorito em Copa questionada”, quem diria, com destaque para NEYMAR.//  Com dois gols logo na estreia, diante da Croácia, o craque do Barcelona individualmente fez bonito./ Até onde conseguiu.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Neymar – 9”</u> D.I.: “Num momento tão, tão importante... D.F.: ... aconteceu e vida que segue, bora!”
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	Sem NEYMAR, o Brasil mostrou que não era tão forte assim e o final da história já conhecemos./ Já a Copa do Mundo de uma forma geral segue contestada, um ano depois do início do Mundial.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
	<u>SONORA – Flávia – 22”</u> D.I.: “A gente fez uma festa tão bonita... D.F.: ... conseguiu durante a Copa do Mundo.”
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	A frase da FLÁVIA MATOS, do FÓRUM DE OPERADORES HOTELEIROS, resume a frustração e desconfiança com o legado da Copa do Mundo em muitos segmentos./ Para ORLANDO ALVES SANTOS JÚNIOR, do OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, o sentimento é ainda pior.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Orlando – 12”</u> D.I.: “Quer dizer se vendeu isso... D.F.: ... como prática de integração social.”
	<u>RODA BG</u>

Repórter –	Até onde ouve avanços, como na Zona Leste de SÃO PAULO, carente de investimentos, é preciso ter cautela indica CLARISSA GALHARDI, que também pesquisou o tema.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Clarissa – 15”</u> D.I.: “A construção do estádio, do próprio... D.F.: ...favorecida acaba sendo expulsa.”  <u>RODA BG</u>
Repórter –	LÉLIO FILHO, do CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, discorda e considera positivo o impacto da Copa no país.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Lélío – 17”</u> D.I.: “Por exemplo, a criação do centro... D.F.: ...que nunca tinha acontecido antes.”  <u>RODA BG</u>
Repórter –	Para muitos o legado real da Copa virá ao longo dos anos./ Para outros, o Brasil demonstra ter perdido até a mais simples das oportunidades: o aprendizado.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – José Roberto – 18”</u> D.I.: “Mesmo com relação aos Jogos Olímpicos... D.F.: ... uma Baía de Guanabara despoluída.”
Repórter –	Com trabalhos técnicos de MOACIR BIASI, WELLINGTON CARVALHO, Rádio Estadão.//

Programa:
Reportagem: As ligações entre a política e o comando do futebol (R7)
Repórteres: Eduardo Gabardo e Rodrigo Oliveira
Duração: 03'41"

<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
Repórter 1 –	O comando do futebol brasileiro é muito ligado à política.//
Repórter 2 –	Dos cinco vice-presidentes da CBF, todos têm ligação direta ou indireta com partidos e políticos importantes.//
Repórter 1 –	JOSÉ MARIA MARIN, hoje preso na Suíça, foi governador biônico de SÃO PAULO na época da ditadura militar.//
Repórter 2 –	MARCUS VICENTE é deputado federal pelo PP do Espírito Santo.//
Repórter 1 –	FERNANDO SARNEY é filho do ex-presidente JOSÉ SARNEY e irmão da ex-governadora do Maranhão ROSEANA SARNEY.//
Repórter 2 –	GUSTAVO FEIJÓ é prefeito do Município de BOCA DA MATA, interior de Alagoas, pelo PDT.//
Repórter 1 –	DELFIN PEIXOTO foi deputado estadual de Santa Catarina, nos anos 70, pelo MDB.//
Repórter 2 –	O presidente MARCO POLO DEL NERO, nas eleições de 2014, doou 100 mil reais para a campanha do deputado federal VICENTE CÂNDIDO, do PT de SÃO PAULO.//
Repórter 1 –	DEL NERO e VICENTE CÂNDIDO são sócios em um escritório de advocacia.//
Repórter 2 –	O presidente da Federação de Futebol do Amapá, ROBERTO GÓES, é deputado federal pelo PDT.//
Repórter 1 –	O vice-presidente da CBF, GUSTAVO FEIJÓ, compara a prisão de JOSÉ MARIA MARIN na Suíça ao processo de impeachment sofrido pelo ex-presidente FERNANDO COLLOR, em 1992.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Gustavo – 01'06"</u> D.I.: “Eu costumo dizer amigo... D.F.: ... ninguém provou nada contra ele.”
Repórter 2 –	No Distrito Federal, a Federação era administrada por FÁBIO SIMÃO, do PMDB, chefe de gabinete do governador cassado JOSÉ ROBERTO ARRUDA e secretário de estado do ex-governador JOAQUIM RORIZ.//

Repórter 1 –	Em 2011, a justiça destituiu FÁBIO SIMÃO por irregularidades administrativas./ Foi eleito em 2012 para o seu lugar, com o apoio de SIMÃO, o atual presidente JOSAFÁ DANTAS.//
Repórter 2 –	Segundo o presidente do Bolamense Futebol Clube, ANTÔNIO TEIXEIRA, JOSAFÁ foi eleito com apoio do então governador AGNELO QUEIROZ, do PT.//
<u>TÉCNICA</u> –	<p><u>SONORA – Antônio – 18"</u>  D.I.: "Lógico que aquilo ali foi...  D.F.: ... governador pra ser presidente da Federação."    <u>RODA BG</u></p>
Repórter 2 –	Na próxima reportagem vamos mostrar mais situações em que futebol e política se misturam.//

Programa:
Reportagem: Quando a política interfere no futebol (R8)
Repórteres: Eduardo Gabardo e Rodrigo Oliveira
Duração: 04'37"

<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
Repórter 1 –	A reportagem da Rádio Gaúcha mostra ligações entre política e futebol.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – trecho ilustrativo de dois entrevistados – 9"</u> D.I.: “É porque ele sempre ... D.F.: ... pelo próprio governo.”
Repórter 2 –	A CBF tem entre seus vice-presidentes um deputado federal, um ex-governador, um prefeito, um ex-político e um filho de ex-presidente da República.//
Repórter 1 –	Nas Federações, a realidade não é muito diferente.//
Repórter 2 –	Em Alagoas, GUSTAVO FEIJÓ dirigiu a Federação entre 2006 e 2014./ Ao assumir a vice-presidência da CBF apoiou a eleição do seu filho, FELIPE FEIJÓ, de 24 anos.//
Repórter 1 –	GUSTAVO é prefeito de BOCA DA MATA e diretor da Associação dos Municípios Alagoanos.//
Repórter 2 –	O candidato de oposição derrotado na eleição da Federação Alagoana de Futebol, JOSÉ CORDEIRO DE LIMA, reclama da influência dos contatos políticos de GUSTAVO FEIJÓ na eleição.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – José – 17"</u> D.I.: “Logicamente Gustavo é prefeito ... D.F.: ... favores políticos trocados evidentemente.”
Repórter 1 –	GUSTAVO FEIJÓ nega que as suas atividades políticas tenham interferido na eleição do seu filho para presidência da Federação.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Gustavo – 44"</u> D.I.: “Em momento nenhum... D.F.: ... de alguém vou por aí vocês tudo.”
Repórter 2 –	No Amazonas gerou polêmica a indicação do Nacional Futebol Clube para representar o estado na Série D de 2012.//
Repórter 1 –	O vice de futebol do Fast Club reclama que o seu clube deveria ter sido o indicado, pois foi o vice-campeão estadual de 2011./ Segundo ele, o Nacional só foi escolhido por pedido do então governador SIMÃO JATENE, do PSDB.//

<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – vice presidente do Fast Club – 25"</u> D.I.: “Foi um pedido do governador... D.F.: ... e o presidente Dissica atendeu.”
Repórter 2 –	O presidente da Federação Amazonense de Futebol, DISSICA VALÉRIO TOMAZ, alega que a nomeação do Nacional ocorreu por critério técnico.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Dissica – 01'04"</u> D.I.: “O clube mais bem ranqueado... D.F.: ... nesse aspecto não. Foi critério técnico.”
	<u>RODA BG</u>
Repórter 1 –	Na próxima reportagem vamos falar sobre a Bancada da Bola, CPI e mais relações entre política e futebol.//

Programa:
Reportagem: As doações eleitorais e a formação da Bancada da Bola (R9)
Repórteres: Eduardo Gabardo e Rodrigo Oliveira
Duração: 04'37"

<u>TÉCNICA</u> –	<u>RODA BG</u>
Repórter 1 –	Entre 2004 e 2008, na gestão do presidente RICARDO TEIXEIRA, a CBF gastou um milhão e 300 mil reais em doações para campanhas eleitorais de candidatos a prefeito, vereador, deputado estadual e deputado federal.//
Repórter 2 –	Entre os agraciados, destaque para dirigentes da CBF e de entidades filiadas.//
Repórter 1 –	O vice-presidente da CBF, MARCUS VICENTE, é deputado federal pelo PP do Espírito Santo./ Ele recebeu nas eleições 2006 uma doação de 100 mil reais da CBF.//
Repórter 2 –	O ex-senador LEOMAR QUINTANILHA, do PMDB, presidente da Federação Tocantinense de Futebol, foi candidato ao governo do estado do Tocantins em 2006, então pelo PCdoB./ Na ocasião, recebeu uma doação de 50 mil reais da CBF.//
Repórter 1 –	O presidente da Federação de Futebol do Amapá, ROBERTO GÓES, foi eleito prefeito de Macapá em 2008 pelo PDT./ Na ocasião, a CBF fez uma doação de 100 mil reais à sua candidatura.//
Repórter 2 –	A família SARNEY também já foi bastante agraciada pela CBF./ A ex-governadora do Maranhão, ROSEANA SARNEY, recebeu 100 mil reais da entidade em 2006./ O seu cunhado, RICARDO MURAD, também ganhou 100 mil reais quando foi candidato a prefeito de SÃO LUÍS, em 2004./ O irmão de ROSEANA, FERNANDO SARNEY, é um dos atuais vice-presidentes da CBF.//
Repórter 1 –	O deputado federal gaúcho DARCÍSIO PERONDI, do PMDB, irmão do ex-presidente da Federação Gaúcha de Futebol e ex-vice-presidente da CBF EMÍDIO PERONDI, também recebeu uma doação de 100 mil reais da CBF em 2006.//
Repórter 2 –	Na mesma eleição, o governador de Goiás, MARCONI PERILLO, do PSDB, recebeu 50 mil reais.//
Repórter 1 –	O presidente da CBF, MARCO POLO DEL NERO, é sócio do deputado federal VICENTE CÂNDIDO, do PT de SÃO PAULO, em um escritório de advocacia./ A empresa dos dois fez uma doação de 100 mil reais para a campanha do parlamentar nas eleições 2014.//

Repórter 2 –	No Pará, o deputado estadual ALFREDO COSTA, do PT, propôs uma CPI para investigar a gestão do presidente da federação local CORONEL ANTONIO CARLOS NUNES.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA – Alfredo – 01'03"</u> D.I.: “A grande preocupação nossa é... D.F.: ... transparente apresentando apenas sugestões.”
Repórter 1 –	No Espírito Santo, o deputado federal do PP, MARCUS VICENTE, comandou a federação local por 24 anos.//
Repórter 2 –	O presidente do Linhares Futebol Clube, ADAUTO MENEGUSSI, tentou articular uma chapa de oposição./ Precisava de cinco apoios de clubes da primeira divisão para lançar o seu nome./ Não conseguiu./ Segundo ele, um clube desistiu de apoiar a sua candidatura por razões políticas.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA 1 – Adatao – 16"</u> D.I.: “O presidente do Rio Branco... D.F.: ... foi obrigado a sair.”
Repórter 1 –	MENEGUSSI acredita que o futebol foi bom para a carreira política de MARCUS VICENTE.//
<u>TÉCNICA</u> –	<u>SONORA 2 – Adatao – 7"</u> D.I.: “O fato é que ele usou o futebol... D.F.: ... não do político no futebol.”
	<u>RODA BG</u>
Repórter 1 –	Na próxima reportagem: dívidas suspeitas e denúncias de desvio de dinheiro em Federações.//

## APÊNDICE B – Decupagens das entrevistas

a) Entrevista com Marco Túlio de Mello

### **1- Quais as principais dificuldades que uma pessoa com deficiência enfrenta para praticar esporte no Brasil?**

Pra falar a verdade pode até parecer estranho o que eu vou te falar, mas eu acredito que a primeira dificuldade seja a família do deficiente e o próprio deficiente quererem se expor e deixar a demonstração da deficiência de uma forma mais simples pra que ele possa mostrar pra sociedade que ele é deficiente e aí depois se engajar no esporte. Acho que o primeiro problema é a própria rejeição que existe na família e no deficiente em ser portador de deficiência. Mas, como consequencia depois, nós temos um problema de não ter nas escolas de primeiro e segundo grau alfabetização, a aula de educação física que agregue de uma forma mais integrativa a pessoa portadora de deficiência. Isso é um segundo passo. E o terceiro Centros (de Treinamento). Mas hoje isso tá mais simples, hoje qualquer deficiente em quase todas as cidades você tem alguém que trabalha com deficientes. Então acho que isso tá mais fácil. O mais difícil pra mim ainda é aquela questão familiar e do próprio deficiente.

### **2- Quais são as dificuldades encontradas para adaptar a deficiência que uma pessoa possui a prática do esporte?**

Na verdade é ao contrário o raciocínio. O raciocínio é assim: diante daquela deficiência que ele tem e a capacidade que esse portador de deficiência tem quais as modalidades esportivas ele pode praticar ou ele deve praticar ou ele tem condição de praticar. E aí tudo se torna mais fácil. Ou seja, se você adaptar a capacidade, a funcionalidade da pessoa portadora de deficiência à modalidade é mais simples essa adaptação. Então não vejo isso com grande dificuldade não, mas com certeza o avanço tecnológico, os preços das próteses, das órteses, da cadeira de rodas tudo isso hoje é muito caro. Então talvez a grande dificuldade encontrada seja o preço a se pagar, o custo financeiro dessa adaptação.

### **3- Quais os principais benefícios na vida de um deficiente que tem o hábito de praticar atividades físicas?**

Normal como todas as outras pessoas que não são portadoras de deficiência. Agregado a um fator muito importante que é autoestima, valorização do ser humano e, automaticamente, a melhora da saúde como um todo. E aí pode entrar superação, você pode pensar em várias coisas. Mas, a melhora da saúde, sistema cardiovascular, muscular, imunológico, ou seja, da saúde de uma forma geral como pra todo mundo que quer um exercício físico melhor. Mas para o deficiente nós vamos ter aí esses aspecto bem marcantes que é a superação, valorização do ser humano, o indivíduo entender que ele tá apto pra várias coisas e ele não tá simplesmente jogado pro lado e que ele não tem mais oportunidades. Eu acho que essa valorização é fundamental.

### **4- O senhor ainda enxerga preconceito com o deficiente e por ele praticar um esporte? Acha que isso impede que eles invistam na prática do esporte?**

De maneira alguma. Não consigo enxergar isso. Acho que a Paralimpíada que começa hoje é o grande legado de tudo isso. Desde quando eu comecei a frequentar uma Paralimpíada, que foi em 1996, em Atlanta, pra hoje isso mudou muito. Então acho que hoje o principal legado dessa Paralimpíada no Brasil acho que vai ser esse. A continuidade da sua pergunta. Acha que isso impede que eles invistam na prática do esporte? De maneira alguma. Ainda acho que o mais problemático no investimento no esporte pra pessoa portadora de deficiência às vezes é o próprio deficiente e a própria família porque buscar você vai ter oportunidade, a pessoa vai ter oportunidade aonde ela quiser.

**5- Existe alguma modalidade adaptada que é mais recomendada para prática de acordo com o tipo de deficiência?**

Não. Cada um vai buscar em cima da deficiência e da potencialidade que ele tem a melhor prática esportiva, o melhor esporte. E aí dentre as opções oferecidas pra essa pessoa ele vai pela que mais gosta. Ou seja, dentro da potencialidade vai existir um *hall* de modalidades que ele pode praticar e dentro desse *hall* qual que ele mais se adapta, mais ele gosta. Acho que isso é fundamental.

**6 - O número de pessoas com deficiência que pratica esportes no Brasil hoje é considerado baixo, satisfatório ou elevado?**

É muito bom. É elevado, ou seja, o Brasil é o país que tem a melhor formação de pessoas com deficiência pro esporte. Nós vamos ter agora em novembro os Jogos Escolares de São Paulo com mais de quatro mil atletas em idade escolar portadores de deficiência. Não existe no mundo esse tipo de competição. Então o Brasil hoje tem um público e praticantes de esportes adaptado muito bom. Pode melhorar? Não tenha dúvidas. Pode melhorar, mas hoje é muito satisfatório.

**7 - Por que o Brasil, que não é uma potência olímpica, consegue resultados muito mais relevantes em Paralimpíadas quando comparamos com os resultados olímpicos?**

É uma comparação que não dá pra ser feita. O esporte olímpico tem uma premissa e o paralímpico tem outra. Um exemplo disso é você tem várias provas de 100 metros e no olímpico você só tem uma. Então no paralímpico você tem mais oportunidades de ganhar medalhas. Agora o paralímpico brasileiro é uma potência.

**8- Qual o cenário atual da deficiência no mundo? Os países que tem mais pessoas portadoras e os principais problemas?**

É lógico que hoje em dia o grande problema que nós temos aí são guerras. Então você tem países aí em guerras constantes que as pessoas portadoras de deficiência se multiplicam. Então não tenha dúvida que os principais países aí com guerras a longo prazo são os países que mais possuem portadores de deficiência. Visto isso você olha os Estados Unidos que os atletas a grande maioria é formada por ex-militares e militares portadores de deficiência. Então você tem aí vários países que tem esse tipo de ação. Então não tenha dúvida disso.

**9- Quais as principais potências paralímpicas no mundo e os países que conquistam melhores resultados em competições mundiais e Paralimpíadas?**

Estados Unidos, Grã-Bretanha. Você vai ter Canadá, a Rússia, que não vai vim aqui (no Rio de Janeiro devido a suspensão por doping), mas é uma potência. Você tem vários. A Espanha, que tá competindo, sempre compete aí com o Brasil. Mas são países que tem também uma tradição muito grande.

**10- Qual a perspectiva de futuro para o esporte paralímpico brasileiro? A expectativa é de continuar conquistando bons resultados?**

Não tenha dúvida. A perspectiva para o esporte paralímpico no Brasil é excelente. O esporte paralímpico do Brasil ele agora tem um Centro de Treinamento em São Paulo que é referência no mundo, é o melhor Centro de Treinamento Paralímpico no mundo, não existe igual e a nossa perspectiva é só colher bons frutos e bons resultados daqui pra frente.

b) Entrevista com Marli Nabeiro

**1- Como foi a evolução do esporte paralímpico no Brasil, que era amador e improvisado nos anos 70 e 80 e hoje é considerado uma potência paralímpica?**

O primeiro aspecto foi a formação dos professores e dos treinadores. Então houve um empenho muito grande do Comitê Paralímpico Brasileiro em formar os treinadores. Houve vários cursos para os treinadores e para professores de educação física. Então esse avanço nos profissionais que trabalhariam, que desenvolvem acho que isso foi um grande avanço. Outra questão que com certeza também foi esse reflexo é o momento em que os atletas passam a fazer várias competições. Então eles começam a competir na escola em esportes adaptados e aí se eles vão bem começa a ter outras competições. Então eles fazem competição na escola, depois uma competição na cidade, depois uma competição no estado e aí sim é classificado, tinha índices pra fazer uma classificação. Então esse segundo fator acho que foi muito importante, que as competições foram cada vez mais estimuladas. E acho que como terceiro fator sem dúvida nenhuma foi o apoio financeiro aos atletas. Então aqueles que realmente se destacavam eles precisavam se dedicar a isso. Então pra isso eles ganharam bolsa financeira, recurso financeiro. Foram financiados só pra treinar. Então eles podiam sair do seu trabalho e treinar o tempo todo. Antes eles trabalhavam e treinavam nos seus horários vagos, nos seus horários de lazer. Com essa mudança eles puderam intensificar e passaram a viver do esporte.

**2- Qual o cenário atual da prática de esportes para pessoas com deficiência no Brasil? Existem condições adequadas para prática e são feitas políticas de inclusão social?**

Realmente melhorou muito, mas ainda temos muito para melhorar. Porque ainda a gente tem os grandes centros: São Paulo, Rio, Uberlândia. Cidades maiores que conseguem ter esses recursos para ter os deficientes, os atletas com deficiência treinando. De toda maneira a dinâmica também já melhorou, mas pode melhorar mais. Que como eu disse fazer essa pirâmide, que é aumentar o número de competições na fase mais inicial, ou seja, nos escolares. A gente já tem os Jogos Paralímpicos Escolares, mas isso precisaria ser mais ampliado pra que a gente consiga aumentar mesmo a base dessa pirâmide, ter maior número de atletas tendo a oportunidade de competir e, é claro, esporte paralímpico sempre vai ser uma pirâmide. Nós vamos ter os melhores só competindo. Mas, quanto maior o número de participantes, mais oportunidades será dada. Então acredito que precisa aumentar esse número de competições pra conseguir aumentar esse número de atletas.

**3- Quais os desafios de se trabalhar a educação física inclusiva? E as diferenças de se trabalhar com pessoas que não possuem deficiência?**

Nós temos vamos dizer assim o âmbito da escola que é o âmbito atualmente com maior incidência de crianças com deficiência ainda é um desafio muito grande. Porque a escola não foi adaptada pra receber esses alunos. Os profissionais que trabalham lá não tiveram formação, as condições são bastante precárias. Então classes com 40 alunos e com cinco com deficiência isso torna o trabalho quase que impossível para os professores. Então já teve várias coisas importantes, mas há o cenário da inclusão. Ele é um cenário muito precário. E mesmo fora da escola a gente também tem esse cenário precário. Então clubes, academias ainda estão muito pouco adaptados para receber as pessoas com deficiência. E aí quando eu falo em adaptação não falo só de adaptação arquitetônica, que também não tem, mas que é mais fácil de resolver. Do ponto de vista porque o grande problema são as condições mesmo de trabalho. Então os profissionais que estão formados, que estão recebendo especialização, estão recebendo informações pra isso e com certeza apoio porque, por exemplo, às vezes a dificuldade de locomoção de uma pessoa com deficiência

embora ela queira muito participar a dificuldade dela sair e chegar ao local é imensa. Na nossa cidade (Bauru) nós temos um projeto com vans que a prefeitura disponibiliza van. Mas o número de vans, proporcional ao número de pessoas, é muito pequeno. A porcentagem fica sendo ínfima. Então precisaria aumentar isso porque tem muitas pessoas com deficiência que gostariam de participar da atividade, mas não conseguem se deslocar da sua casa até o local. No caso das adaptações assim pedagógicas, didáticas, de estratégia elas são mínimas se a gente for olhar proporcionalmente às arquitetônicas e às de deslocamento. Por exemplo, no caso do golbol especificamente é preciso que se tenha uma bola específica e é uma bola que não tem fabricação em todos os países. São poucos países que fabricam essa bola. No caso, a bola que nós temos é uma bola com fabricação alemã. Então realmente para trabalhar o golbol você precisa de um equipamento mais caro, mas normalmente dá pra gente fazer uma adaptação. Então normalmente as maiores dificuldades mesmo são das barreiras arquitetônicas e do deslocamento da pessoa pra ela chegar até esse local onde a atividade está sendo feita. Os profissionais, como você mesmo falou, desde a década de 80 os profissionais de Educação Física têm na sua formação uma disciplina que aborda assuntos para pessoa com deficiência. E aí essa disciplina vai falar tanto do âmbito escolar quanto do âmbito esportivo.

#### **4- Para um esportista paralímpico querer chegar ao alto rendimento no Brasil atualmente, qual o caminho a percorrer?**

Ele precisa de muita dedicação. Assim como no esporte olímpico os resultados motores eles são resultados de treino. Então todo resultado de um esforço físico ele se dará por treino. A diferença será se ele treina. Vamos falar assim pra dar um exemplo prático: então o atleta que treina duas horas por dia e um atleta que treina oito horas por dia o resultado será diferente. É quase matemático. Nenhum desempenho motor vai chegar a uma performance ideal com poucas horas de treino. É realmente necessário um número de horas muito grande para que a performance motora se dê da melhor maneira possível. Existe os estudos da biomecânica, que estuda a melhor mecânica para o movimento. Então, por exemplo, nós estamos vendo na Paralimpíada os arremessos. Arremesso de dardo, arremesso de peso, arremesso de martelo e tal. Esses arremessos todos eles têm todos uma análise biomecânica muito grande. Então uma pequena modificação no ângulo do cotovelo pra fazer um arremesso ele traz toda uma diferença de performance, de resultado, de distância. E isso o atleta precisa de muito treino. Não é fácil isso, mas é possível desde que ele consiga tempo pra se dedicar a isso.

#### **5- Quais os procedimentos para fazer as divisões por categorias e classificar os deficientes para as competições?**

Quanto à classificação, nos esportes paralímpicos ela é muito minuciosa. Ela tenta ter como objetivo colocar competidores com a mesma capacidade, mas nós temos uma variação muito grande das deficiências em si. Então basta observar uma competição pra você ver que muitas vezes um atleta que tem uma amputação só de um pé ele compete com um atleta que tem uma amputação acima do joelho. Então só aí a gente já tem uma diferença. Primeiro você tem que olhar a modalidade. Então na natação é diferente do basquete em cadeira de rodas, que é diferente do voleibol sentado, que é diferente do golbol, que é diferente no atletismo. Só no atletismo aí precisa de muito tempo pra falar. Vou falar especificamente do golbol. No golbol nós temos a regra. Ela faz com que todos os atletas usem vendas. Então não importa qual é a classe do atleta, todos podem competir juntos. No caso da deficiência visual nós temos três classes, que é a classe B1, B2, B3. O B é por causa da palavra cego em inglês, que é *blind*. Então nós temos B1, aquele que não tem resíduo visual nenhum. B2, que tem um resíduo visual de uns seis metros e B3, de uns 20 metros. Só que no caso do golbol todos eles usam venda. Então, portanto, todos jogam junto no mesmo time. Então esse é um esporte mais fácil de falar sobre a classificação, mas

tem outros esportes que realmente os detalhes da classificação são pra serem realmente conversados por muitas horas e é bem mais detalhado.

**6- Quais são os fatores que fazem o Brasil atualmente ser uma potência do esporte paralímpico?**

Foi uma decisão do Comitê Paralímpico Nacional, que desde a última Paralimpíada decidiu por uma meta, que era uma meta bastante audaciosa que seria estar entre os cinco melhores, ficar no quadro de medalhas entre os cinco. Então o Comitê começou um programa muito intenso e que exigiu com certeza muito aporte financeiro. Então aumentou o número de atletas que recebem bolsa (Bolsa Atleta), melhorou as instalações, os locais. Os atletas passaram a ter apoio de psicologia, um apoio médico mais adequado, muito mais intenso, de nutricionista. Então foi um investimento muito grande e é claro esse investimento se deu em todos esses atletas que o Comitê Paralímpico avaliou que seriam possíveis que seriam chegar a uma Paralimpíada de uma maneira, digamos assim, competitiva para as medalhas. Então também que fique claro que não foram todos os atletas. Foram os que tinham potencial para chegarem às finais, chegarem às medalhas.

**7- A senhora concorda que os investimentos são feitos priorizando esses atletas que têm chances de medalhas e os outros atletas são deixados de lado?**

Nesse objetivo do Comitê Paralímpico eles realmente trabalharam pra quatro anos. Mas eles também continuaram com o esporte paralímpico escolar. Então a cada ano vem tendo mais atletas escolares competindo. Então a competição de escolares aumentou bastante. Que a ideia de surgirem novos atletas nessas competições. Um exemplo disso é o Alan Fontaine (Fontelles, na verdade). Ele é um atleta que saiu de uma categoria de base e numa competição conseguiu ganhar uma medalha de ouro e superar o Pistorius. Então eu acho que o Comitê pensa nisso, mas o investimento maior não foi mesmo na base foi porque eles queriam resultado a prazo muito curto, os quatro anos eram o prazo bem imediatista. Mas existe sim a preocupação com os esportes de base. De todo jeito Felipe esporte de alto rendimento é elitista, por isso que eu falei na primeira questão de pirâmide. Começa com uma base bem larga, mas quem chega no pódio é um atleta. Então é isso, a proposta de esporte de rendimento é elitista.

**8- Na sua visão por que o Brasil consegue ser hoje uma potência paralímpica e ainda não conseguiu atingir resultados parecidos em número de medalhas no esporte olímpico?**

Eu diria que é diferente, não dá pra comparar. Na minha opinião eles são diferentes, muito diferentes. Diferente porque a classificação do esporte é diferente, as modalidades são diferentes, assim as condições são muito diferentes. Então você tem atleta, por exemplo, um atleta paralímpico com sonda. Então é muito diferente você querer comparar com uma pessoa de um esporte que ele tá, teoricamente, em condições físicas regulares. Mas ao mesmo tempo você tem um *hall* de classificação tão extenso na Paralimpíada que a individualidade acaba sendo muito importante. E já que no esporte paralímpico, no esporte de maneira geral é a individualidade que conta, então na Paralimpíada você tem indivíduos competindo muito entre si. Ele compete com ele mesmo primeiro. Então no meu ponto de vista não há comparação. Não dá pra comparar o número de medalhas que a gente ganhou em uma com o que a gente ganhou na outra porque elas são diferentes. Elas são muito diferentes. E eu até faço um paralelo. Eu diria é a mesma coisa de eu dizer que a gente vai comparar o desempenho de uma pessoa sem deficiência com uma pessoa com deficiência em qualquer atividade. Sei lá, atravessar a rua. Então vamos dizer que uma pessoa com deficiência vai ter várias adaptações pra atravessar a rua. Se ele for cego ele precisa ouvir o som. Se ele for cadeirante ele precisa de uma rampa na guia. E uma pessoa sem nenhum tipo de deficiência atravessa a rua de outra maneira. Então as realidades são muito diferentes da gente querer comparar só os resultados. Então se a gente comparar

exclusivamente o número de medalhas a gente tá comparando o resultado final. Só que o processo é muito diferente. Então no meu ponto de vista é incomparável.

**9- Na sua visão como educadora e convivendo com cegos os esportistas paralímpicos tem uma visão diferenciada do esporte em relação ao esportista olímpico?**

Eu acho que não. Eu acho que nos dois casos o esporte é um grande desafio. É uma atividade que eles fazem realmente pra superar, tanto no caso dos com como no caso dos sem deficiência a competição sempre é um grande desafio de superação. Então eu acho que o esporte tem essa característica nos dois casos.

**10- O que a prática do golbol agrega fisicamente e socialmente às pessoas cegas que optam por praticá-lo?**

A nossa atividade de golbol aqui, que é um projeto de extensão da UNESP, ele tem como objetivo oportunizar a prática do golbol como esporte paralímpico. Então em nenhum momento no nosso objetivo estamos traçando a preocupação com competições, por isso que você vai perceber que nós recebemos qualquer idade e qualquer experiência anterior. Então na verdade se eu tivesse falando do esporte para competição eu teria que traçar objetivos, como a idade, atividades anteriores, coisas que selecionariam os atletas para uma competição. O nosso é realmente oportunizá-los. Então nós aceitamos todos os interessados em participar e ele realmente tem esse caráter. Os nossos alunos, o Rafael mesmo na entrevista que deu à TV UNESP, falou sobre isso. Falou da importância que é pra ele o golbol para ele ter uma atividade extra casa. Fora isso ele fica muito em casa, porque ele tem muita dificuldade de sair, de estar fora. Então a ideia é possibilitar esse tipo de chance, de oportunidade de participar. Então aqui ele convive com outras pessoas, ele pratica uma atividade física que desenvolve todas as qualidades físicas básicas e dá a ele uma condição de qualidade de vida melhor e também tem o aspecto social mesmo, do encontro com os outros, com os outros colegas. Então eu acho que tem vários aspectos. Nosso caso nenhum diretamente relacionado à competição.

**11- A senhora como educadora como avalia os investimentos que são feitos no esporte paralímpico brasileiro?**

Ainda os investimentos são muito poucos. Em função da Paralimpíada ser no Brasil, em função de todo o esforço do Comitê Paralímpico nós tivemos muitos avanços. Então em São Paulo tem o grande Centro agora de Treinamento, que fica na Imigrantes e que com certeza vai auxiliar muito e ajudar muito nisso. Mas é apenas um polo. O investimento se a gente for olhar proporcional ao investimento paralímpico ainda é muito pequeno. E mesmo o número de Bolsa Atleta. Então o número de atletas paralímpicos que conseguem receber um recurso financeiro pra treinar ainda é muito pequeno. Então esse número tem que aumentar pra que os atletas possam se dedicar a treinos, a treinos diários no caso. Então o investimento tem que aumentar e eu acho que é muito importante porque basta olhar os últimos quatro anos que o aumento do investimento tá dando esse resultado que nós estamos vendo na Paralimpíada de hoje, de agora. Então isso é resultado de um investimento grande. Se esse investimento continuar e for, claro, ampliado com certeza nós vamos ter um aumento da participação dos nossos atletas pra 2020.

**12- O que a senhora espera do futuro do esporte paralímpico no Brasil e do legado que as Paralimpíadas de 2016 podem deixar?**

Com certeza essa Paralimpíada trouxe visibilidade. Isso eu acho que é um legado realmente muito importante, porque deixou claro pra população, pras pessoas que não conheciam a potencialidade da pessoa com deficiência, no caso a potencialidade dos atletas. E aí eu acho que isso é mais importante do que realmente o número de medalhas que o Brasil vai ter. Claro que o número de medalhas vai ajudar nessa divulgação, mas o importante mesmo

é as pessoas assistirem e observarem as superações, observarem a capacidade. Falar nossa, olha com tanta limitação a pessoa tem uma capacidade importante. Eu vejo isso como importante porque dá pra transferir para a inclusão. Então na inclusão a gente vê a mesma coisa. Crianças às vezes com comprometimento físico, que aparentemente não vão conseguir acompanhar a escola, mas que depois com o decorrer do tempo os professores conseguem perceber que elas têm outras potencialidades, que elas têm várias capacidades. Então eu acho que é a mesma coisa. Claro que também tem o legado. Como eu disse antes a construção desse Centro Esportivo Paralímpico vai ficar e vai poder atender o maior número de pessoas. Então vamos aumentar a oportunidade da base dessa pirâmide. Isso também é muito importante. Mas ainda na minha opinião o mais importante mesmo é a divulgação que tá tendo e, portanto, a informação passa a ser o melhor meio de diminuir a discriminação e de aumentar o entendimento do que é a pessoa com deficiência.

c) Entrevista com Fábio Manfrinato

**1- Como funciona e quais atividades são praticadas atualmente na Praça Paradesportiva?**

A Praça Paradesportiva ela foi um projeto assim que eu fiquei muito orgulhoso em poder ter concluído. Eu acompanhei esse projeto desde o início. Eu idealizei esse projeto. Fui em busca de parceiros para que isso acontecesse, tanto na área de arquitetura quanto dentro do próprio sistema público porque isso ajudou muito. Só lembrando, a Praça Paradesportiva ela aconteceu através de um projeto apresentado à Secretária Estadual dos Direitos a Pessoa com Deficiência. Ela agora nesse mês de setembro tá completando cinco anos e tem assim cada vez mais ela vem aumentando o número de usuários ali na praça. Isso é muito gostoso da gente poder divulgar. A todo momento as quadras estão sendo ocupadas, tanto pessoas com deficiência como pessoas sem deficiência. Pessoas com mais idade, crianças. Porque existe ali um sistema que atende a todas as pessoas. Então você tem uma pista de caminhada que é protegida das bolas. Você tem as quadras, que pode ser tanto para um futebol ou como para um vôlei da pessoa com mais idade quanto um tênis pro cadeirante. Eu ministro lá também aulas da minha modalidade, que é luta de braço, ou seja, a gente vai envolvendo alguns setores esportivos aí para dentro da Praça Paradesportiva. E ela funciona hoje com agendamento, mas esse agendamento ele é feito tão simplesmente para que não bata os horários ali de uso das quadras. Mas, se as pessoas quiserem utilizar algum outro horário mais tranquilo e chegar lá e não tem ninguém utilizando com certeza eles vão poder utilizar. O funcionamento tá lá na praça sempre escrito. Nos dias da semana de segunda a sexta funciona das oito as 12 e das 14 às 22 horas e de sábado vai até às 18 horas. Simplesmente fecha para o almoço lá do vigia. Agora uma coisa que ainda precisa melhorar muito que a gente também analisa isso é que o poder público coloque pessoas capacitadas lá. Professores de educação física e ofereçam algum tipo de serviço dentro da Praça Paradesportiva, porque hoje são pessoas que chegam lá e juntam sua turma e vai lá jogar. Diferente da aula de tênis para cadeirantes, que é um professor voluntário que tem a sua equipe e utiliza o local lá para fazer um projeto dele. Ele faz esse projeto desde que inauguramos a praça. Tínhamos também o pessoal da APAE que utilizava, mas por problemas de transporte das próprias cadeiras ficou inviável. Então o que nós temos que cobrar mais, e é isso que a gente cobra até do poder público é essa situação do profissional, que o profissional atenda mais pessoas ali de uma forma mais marcada, mais agendada.

**2- Nesses cinco anos quais frutos foram colhidos para Bauru e região desde a inauguração da Praça Paradesportiva?**

Frutos assim extremamente visíveis é a qualidade de vida das pessoas. Lá era um local extremamente intransitável. Tinha lá duas quadras de cimento totalmente destruído, um sanitário que não tinha condições de ser utilizado. Então frutos são muito visíveis, as

pessoas tem uma qualidade de vida ali muito boa através do esporte. Na questão de acessibilidade também foi uma conscientização muito maior que isso já está sendo levado para outros lugares da cidade. Não só o centro, onde tem a maior concentração de pessoas, mas também pros bairros, pra periferia. Isso vai aos poucos, caminha-se lento, porém, está sendo feito o trabalho. E isso também chamou a atenção de algumas ONGs, algumas pessoas envolvidas na técnica de desenvolver o paradesporto. Então nós temos aí a Superats, que trabalha com pessoas com deficiência, nós temos o Bora Correr, que trabalha com pessoas com deficiência. A ONG Elo Solidário, uma ONG maravilhosa que faz um trabalho muito bom também, mais voltado pra linha do social, porém também tem sua área esportiva. E é sempre bom lembrar essas pessoas que trabalham com o intuito de fornecer mais oportunidades pra essas pessoas com algum tipo de deficiência. Então isso sabe isso é o fruto que a gente vem colhendo: a conscientização das pessoas.

### **3- Quais são os atuais investimentos em esporte paralímpico e acessibilidade que o poder público vem realizando em Bauru?**

Olha a parte de acessibilidade já é a parte que a Lei Brasileira de Inclusão exige. Então isso não temos mais o que brigar, simplesmente cobrar e fiscalizar se está sendo feito. E isso sendo feito. Agora falta ainda essa parte de desenvolvimento do paradesporto pelo poder público. Como eu falei lá trás, na própria quadra, na própria praça paradesportiva colocar pessoas capacitadas pra desenvolver um trabalho como esse.

### **4- Quais os principais problemas de acessibilidade em Bauru que as pessoas com deficiência enfrentam?**

Olha, nós temos muitos problemas e o maior deles, com certeza, não só de Bauru, mas de todo o Estado de São Paulo, eu diria são as calçadas. Pessoas tem lá a gente pode pensar no esporte, porém a pessoa precisa chegar ao local do esporte e a chegada ao local do esporte que é o que complica muitas vezes a pessoa. Se existe o transporte público adaptado muitas vezes ele se encontra com algum defeito, com algum mecanismo lá quebrado e aí já é uma barreira também pra pessoa que tem uma deficiência física. A pessoa com deficiência visual também precisa de um aprimoramento muito grande no transporte público, que seria uma notificação sonora, um aviso de qual ônibus está passando, um semáforo com aviso sonoro. Isso são coisas que a gente vem tentando trabalhar na cidade, mas que a gente enfrenta algumas barreiras aí, principalmente na área econômica do Executivo. Agora vem avançando, vem. Como falei vai avançando cada dia um pouquinho, é um trabalho de formiguinha que a gente vem fazendo e quando a gente fala em esporte você tá trabalhando a saúde da pessoa, mas a gente tem que pensar nessa situação. Então esses são grandes problemas que as pessoas enfrentam relacionados ao transporte, à mobilidade. Ainda tem bastante coisa pra ser feita.

### **5- Quais as principais dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam no seu dia a dia?**

A gente percebe ainda no âmbito nacional, não é nem estadual, uma falta de respeito ainda muito grande pelas pessoas que não tem nenhum tipo de deficiência, que não conseguem enxergar que uma pessoa tem uma necessidade maior que outra. Então nós temos aí sim a questão quando a pessoa vai adentrar um transporte público ela precisa de um espaço maior. Ela precisa que a pessoa tenha uma atenção maior, que dê um espaço maior, que dê um local. Por exemplo, um idoso ele tem uma prioridade pra sentar num banco e a gente vê uma falta de respeito muito grande. A gente vê pelas vias públicas. As vagas de pessoa com deficiência e idoso sendo utilizadas por pessoas que não tem necessidade alguma. Então é, ainda falta muita conscientização nessa questão do respeito de uma pessoa com o outro, do ser humano com o seu próximo. Então eu vejo que a grande dificuldade ainda no nosso país é a falta de respeito.

**6- Como uma pessoa com deficiência se interessa e começa a praticar algum esporte?**

Olha primeiro que ela tem que ter algo que a impulse. Ela tem que saber que existe a modalidade. Segundo ela tem que entender que ela pode realizar isso. Ela tem que colocar isso na cabeça dela porque muitas pessoas também ficam presas em suas casas porque elas acham que não conseguem fazer. E essa é uma barreira psicológica muito grande, a pior que tem por sinal. Porque as barreiras arquitetônicas ainda são superadas, agora a psicológica ela precisa ser trabalhada. E muitas vezes a pessoa precisa ter alguém que impulse, alguém que vai lá e dê uma palavra de incentivo: olha vamos, você pode. Vamos fazer, tem condições. Nós temos hoje aí um exemplo formidável nas Paralimpíadas, que é o arqueiro que atira com os pés. Ele não tem os dois braços e ele é assim praticamente um dos melhores atletas paralímpicos do arco e flecha. Ele segura o arco dele com os pés. Isso é maravilhoso, é o dom que a pessoa descobriu e esse dom a própria pessoa que tem que descobrir.

**7- O esporte pode ser usado como um efeito de tratamento ou até para amenizar as deficiências que uma pessoa possui ou é apenas lazer e profissão no caso do alto rendimento?**

Depende muito. Eu falo que o esporte é a melhor ferramenta de inclusão que existe. Depende da forma como você encara. Se você encara o esporte como um lazer você vai praticar um esporte uma vez por semana e isso não vai te fazer muita diferença. Agora se você levar a sério e colocar como uma regra sua eu vou praticar esporte todos os dias pelo menos uma meia hora, uns 40 minutos isso se torna um tratamento para as pessoas. O esporte com certeza se torna saúde, desde que você saiba utilizá-lo. Você vai começar a se preparar, a ter bons resultados, você vai começar a viver mais em sociedade porque você vai talvez participar de um esporte coletivo. Então você vai conversar mais com outras pessoas e aí as suas ideias vão fluindo. Então com certeza o esporte é sim um fator saúde dependendo aí da quantidade que você utiliza.

**8- Na sua visão como atleta paralímpico por que o Brasil consegue hoje ser uma potência paralímpica, brigando para ser top 10 nas Paralimpíadas, e alcança desempenhos bem diferentes em Olimpíadas e outras competições olímpicas?**

Eu já tenho uma outra visão. Acho que o nosso país ele tem capacidade de conseguir muito mais se houvesse um verdadeiro planejamento esportivo para os atletas. Se houvesse aí um incentivo maior. Nós hoje brigamos para ser o quinto e hoje nós estamos na atualidade em quinto lugar no quadro de medalhas das Paralimpíadas do Rio de Janeiro. Era pra estarmos em segundo ou terceiro ou até mesmo lutando pelo primeiro lugar se existisse aí um incentivo muito maior pra essas pessoas. As Olimpíadas mesmo nós temos verdadeiros heróis nas Olimpíadas e temos verdadeiros super-heróis nas Paralimpíadas. Nós sabemos que o atleta no Brasil ele tem a sua valorização somente no momento da competição. Pós-competição muita gente fica de lado, muita gente é abandonada e nós sabemos que isso acontece. Ou seja, eu espero que fique um legado muito grande pro nosso Brasil essa Paralimpíada. Nós temos aí espaços que foram construídos que devem ser dados sequencia no esporte em todas as modalidades e com qualidade e que as pessoas tenham oportunidade de fazer isso. Se nós tivéssemos esse empenho aí durante todos os quatro anos nós teríamos um resultado muito melhor ainda, tanto nas Olimpíadas quanto nas Paralimpíadas. O Brasil ainda não valoriza o seu atleta e mesmo assim são guerreiros, são atletas que estão lá dando sangue e suor pra conseguir sua medalha.

**9- Então essa discrepância de resultados muito melhores paralímpicos do que olímpicos é um acaso?**

É sim. Não existe incentivo não. Essas pessoas, como eu disse, eles são super-heróis, são pessoas que encaram a superação de uma forma muito maior. Eles querem vencer, eles

querem provar que eles podem. É isso que eu falo: quando a pessoa entende que pode ela quer provar dentro de uma Paralimpíada que ela pode por isso que nós temos um resultado muito maior na Paralimpíada.

**10- Quais as principais dificuldades que uma pessoa com deficiência enfrenta para praticar esporte no Brasil?**

É aquilo que eu falei. Em primeiro lugar ela tem que entender que ela consegue. Ela pode sair da casa dela. Ela pode praticar um esporte. Em segundo lugar a falta de incentivo. Se você procurar na cidade se tem algum muito raro você encontrar um esporte de alto rendimento pra pessoa com deficiência, muito raro. E esportes de alto rendimento que participam das Olimpíadas. Então por isso que eu falo isso daí é o pior problema que a gente tem é a falta de incentivo, até mesmo financeiro para os atletas. O atleta ainda não consegue sobreviver do esporte no Brasil e para que ele tenha resultados ele tem que sobreviver do esporte pra que ele possa trazer resultado.

**11- Você ainda enxerga preconceito com o deficiente e por ele praticar um esporte? Acha que isso impede que eles invistam na prática do esporte?**

Olha existe um preconceito. O Brasil é um país que tem assim o maior número de diferença tanto de raça, credo, cor, religião e mesmo assim é um país que tem um preconceito muito grande ainda. Isso interfere? Interfere sim. Muitas vezes quem tem a condição de bancar uma modalidade, de falar assim eu vou bancar esses atletas talvez ele por um certo preconceito pensa mas não vai me trazer resultados. Ainda existe sim. É tapar o sol com a peneira dizer que não existe preconceito. Não existe para os próprios, para as próprias pessoas com deficiência. Eles não tem preconceito deles mesmos. Mesmo porque eles brincam e eles se dão muito bem e tiram sarro daqueles que não tem nenhum tipo de deficiência. Porque eles sabem lidar com as deficiências. Então a pessoa quando ela sabe lidar com a deficiência fica muito mais tranquilo. Agora a pessoa lá de fora tem que enxergar dessa maneira também pra aumentar as possibilidades. Então aí começa a melhorar o sistema.

**12- Você acha que a realização da Paralimpíada no Brasil pode ajudar a diminuir esse preconceito?**

A Paralimpíada no Brasil vai com certeza ajudar muito. Nós vamos dar um passo muito avançado depois dessas Paralimpíadas porque a população teve a oportunidade de assistir uma pessoa com quase nada de movimento participar de uma Paralimpíada de bocha, por exemplo. Ou, como eu já falei, uma pessoa sem os dois braços ser nadador. Uma pessoa com má formação congênita participar de uma modalidade de igual pra igual com outros com algum tipo de deficiência. Isso muitas vezes não é visto. Não é visto por muitas pessoas. Agora quando você dá essa oportunidade olha tamo aqui, bate na porta da pessoa e fala estamos aqui, estamos mostrando nosso valor, estamos querendo trazer á tona todo potencial que nós temos. Isso traz resultado com certeza.

**13- Na sua opinião por que os veículos de comunicação ainda não dão o mesmo espaço aos atletas paralímpicos do que aos atletas olímpicos?**

Então será que não é aí que entra aquele preconceito que você me perguntou? Eu acredito que sim. Aí tá o preconceito. Porque não televisionar? Será que não dá retorno pros canais abertos? Eu não vou citar canal, mas nós tivemos um canal que fez a cobertura das Olimpíadas. Por que não fazer a cobertura das Paralimpíadas? Eu vejo assim foi maravilhosa a abertura das Paralimpíadas. Nós tivemos ali um cenário riquíssimo em cultura, em superação. Coisa linda. Emocionou muito as pessoas. A mídia peca muito nesse sentido. Nota zero pra mídia nesse sentido. Nota dez nas Olimpíadas e nota zero pra cobertura das Paralimpíadas. Por que não? A gente fica nesse questionamento. Sabe muitas pessoas foram às redes sociais e falaram por que tal emissora não fez a cobertura?

Por que não dar valor nessas pessoas? Tamo aí em quinto lugar brigando pelo quarto lugar. Olha a garra, a superação desses super-heróis, desses superatletas. Então existe sim, existe um preconceito muito grande e tá aí esse preconceito. Então falta muito ainda. Sei lá se em momento em que a mídia perceber isso a gente começa a ter mais portas abertas pra esses atletas. Nós tínhamos aí, ficamos sabendo sem querer de um atleta que vem de muitas Olimpíadas nadando e só a esse momento que fomos saber dele depois de várias Olimpíadas, várias medalhas fomos conhecer o atleta. Isso não pode acontecer. Eles tinham que sim que tá num *hall* de homenageados aí com certeza.

#### d) Entrevista com Vinícius Marques

##### **1- Como surgiu a ABDA e qual o funcionamento do projeto atualmente?**

A ABDA surgiu com a ideia de um empresário daqui de Bauru que já jogou polo aquático. Na verdade ela iniciou pelo polo aquático e natação. E como ele jogou, ele gosta muito de esporte, ele gosta de ajudar todo mundo, tem um coração muito bom, é um visionário ele decidiu criar esse projeto para dar caminho, um rumo para esses moleques de periferia. A maioria que a gente tem aqui é de periferia. Aí a gente começou com o polo aquático, logo com a natação, expandiu pro atletismo também que a gente tem dentro do projeto. Surgiu assim. Ele teve a ideia para ajudar essa molecada. Na verdade ele ajudava vários projetos que ele não tinha o controle e o conhecimento do que era feito com a ajuda que ele dava. Aí ele decidiu unificar tudo e ter mais o controle e criou o projeto dele através do esporte pra que ele pudesse ajudar e controlar de que forma ia ser administrado o investimento que ele fornecia. Então foi assim que começou a ABDA.

##### **2- Hoje como funciona a ABDA?**

Nós temos seis piscinas, seis polos que a gente trabalha. Tem as piscinas onde a gente faz a iniciação das crianças, de seis a dez anos a gente já pega no projeto. Nessas seis piscinas a gente faz a base até chegar no alto rendimento, que é onde é o funil. A gente vai fazendo toda essa seleção até chegar nas equipes de alto rendimento, de competição. Então aí tem os polos de natação, de polo aquático e a equipe de PCDs aqui.

##### **3- Vocês oferecem algum tipo de aporte financeiro?**

Não. A gente não paga nenhum atleta, mas, em compensação, eles têm os benefícios que, na verdade, é como se fosse um salário, mas eles não recebem nada de valor em mãos, nada. Eles recebem através de benefícios. A gente dá escola pra eles, alimentação, transporte. Ele fornece bastante coisa. Fora toda a estrutura que a gente tem dentro do projeto que tem médico, que tem fisioterapeuta, nutricionista. Eles têm fruta aí o dia inteiro aí pra eles. Fora almoço e janta.

##### **4- E sobre a nova Arena ABDA. O que vocês esperam que contribua com o projeto?**

É o nosso Centro de Treinamento. Na verdade, ainda não tá completamente pronta. Tem uma piscina pronta, coberta. E já está em andamento a outra piscina de 50 metros que não vai ser coberta, mas vai ser um centro de excelência em treinamento de natação, polo aquático, PCD. E logo no final de 2017 fica pronta toda a estrutura nossa aqui.

##### **5- Hoje vocês disputam competições regionais, paulistas e brasileiras. No futuro será possível a ABDA colocar atletas participando de competições internacionais, como Mundiais e Olimpíadas ou Paralimpíadas?**

Com certeza. Na verdade a gente já tá bem próximo desse futuro aí. Temos até um atleta paralímpico, o Lucas, por pouco ele não foi nessa Paralimpíada agora que teve e a gente espera que na próxima ele esteja lá dentro. E nas outras modalidades a gente tem atletas já em seleção júnior já do polo aquático, goleiro. Tem mais uma molecada que tá começando a

entrar nesse meio aí. Então acho que não tá muito longe esse futuro pra gente colocar os atletas em Mundiais, Olimpíadas, Paralimpíadas.

**6- Como um atleta paralímpico aqui do interior consegue chegar à seleção brasileira e às grandes competições? Existe alguma forma de inscrição, o Comitê Paralímpico faz algum tipo de observação?**

É através das competições. Na verdade na natação, por exemplo, no PCD, é através dos índices. Tem as competições que têm os índices através de tempo e aí eles vão se classificando. E aí eles fazem essa seleção, tem os técnicos e tal e fazem essa convocatória. Mas a principal forma é contra ele mesmo, contra o tempo, contra o relógio. Se ele conseguir o índice está dentro.

e) Entrevista com Lucas Simões

**1- Qual a categoria você compete e a especificação que faz com que se encaixe nela?**

Na natação ela é dividida a deficiência física em dez categorias. A letra *s* de *swimmer*, nadador em inglês. É feita antes das competições avaliações físicas fora da piscina, dentro da piscina e também durante as competições. E tudo isso é feito um cálculo, um *score*, vão fazer uma pontuação para poder saber em que categoria que o atleta se encaixa. Então vamos dizer que a categoria 1, S1, seria dos atletas mais debilitados. Na categoria dez, o S10, seria dos menos debilitados. Eu me encaixo na categoria S7. Na verdade é uma deficiência que eu tive de nascença, que foi paralisia cerebral, que afeta apenas as duas pernas, a coordenação motora. Mas, eu sou independente, não uso cadeira de rodas, por exemplo, nem órteses, como muleta, nem bengala. É apenas uma falha da coordenação motora mesmo. E minha categoria é S7.

**2- Como você descobriu a natação paralímpica e começou a praticar o esporte? E como você descobriu a ABDA?**

Eu comecei a praticar a natação com oito meses de idade por indicação médica, daí eu fui começar a competir mesmo em 2008. Eu conheci a ABDA por conta de um ex-treinador meu, um ex-técnico meu. Foi o primeiro técnico que eu tive, o Gabriel Proti, daqui de Bauru mesmo, e ele me indicou um cara que trabalha com natação. Antigamente era o BTC. E aí nadando parei um tempo. Voltei em 2011. Aí a ABDA já tava na ativa recrutando os nadadores, trabalhando já com os atletas. Então já faz um tempo que eu voltei. Atualmente sou campeão brasileiro da minha categoria na modalidade 100 metros livre, 50 metros livre, nos 400 metros sou vice-campeão. Estou em terceiro lugar atualmente na prova dos 100 metros peito.

**3- Qual a sua rotina de treinos durante a semana? Você trabalha ou estuda simultaneamente ao esporte?**

A rotina de treinos é bem pesada, é de segunda a sábado. E durante a semana tem dois dias, que são de terça e quinta, que eu faço dois treinos na piscina. Então são dois treinos, um de manhã e outro a tarde. Eu sou formado em fisioterapia, sou fisioterapeuta, mas eu não estou tão na ativa trabalhando porque não tenho tempo. Eu preciso na verdade mesmo aproveitar agora que eu estou novo e os resultados estão, graças a Deus, aparecendo para eu investir como um atleta, no tempo como atleta. Então é dieta, é preparação física fora da água, é treino na água. Então é fisioterapia, pilates que deu treinamento físico, descanso principalmente. E aí o tempo que sobra eu faço um atendimento ou outro para não ficar desatualizado. Também os cursos que eu puder pegar eu pego e faço da minha área. Então é mais ou menos por aí.

**4- Quais dificuldades você enfrentou na prática do esporte paralímpico? Tanto físicas, psicológicas, de infraestrutura ou outras?**

Nós como atletas sempre tem umas barreiras, principalmente psicológicas. A gente chega num determinado período do treinamento, de ciclo que a gente chama. A gente fica muito estressado, a gente não consegue dar o nosso melhor. Então que a gente tem que pegar e botar a cabeça no lugar, rever com o técnico. Fazer um trabalho também com psicólogo porque é muita pressão, acaba sendo muita pressão, principalmente em véspera de competições. Vem aquela cobrança que você tem que baixar o tempo, que não sei o quê, não sei o quê lá e encaixar técnica, encaixar tudo. Uma pressão tanto no lado do atleta, mas também do lado do técnico. Isso daí é muito importante. Agora graças a Deus barreira física nunca tive um problema. Eu tive muita dificuldade no começo pra pegar ônibus, subir escada, mas nada assim absurdo. E de infraestrutura eu também não posso reclamar porque a ABDA, Associação Bauruense de Desportos Aquáticos, tá com uma estrutura incrível e que pode levar o atleta ao alto rendimento. Então eu não posso reclamar de infraestrutura. E o único problema mesmo é o financeiro. Vou começar agora também ganhar o Bolsa Atleta, que vai dar uma ajuda boa. Mas até então o que mais pesa na vida de atleta é o apoio financeiro, até porque eu não sou daqui de Bauru, sou de Pederneiras. Então tem todo um gasto aí para ficar aqui. Tem aluguel, algumas contas para pagar e a gente precisa de uma grana. Na ABDA, por exemplo, tem todo o suporte, como fisioterapia. A gente não tem gasto nenhum com fisioterapia, suplementação. A gente não tem que dar nada pros técnicos, o nutricionista também eles oferecem. Então tem todo um apoio, uma infraestrutura boa. Só que pra se manter aqui é um pouco complicado porque, querendo ou não, todo atleta precisa de um apoio financeiro.

**5- Quais as principais competições que você participou até hoje e os melhores resultados que você alcançou?**

As principais competições que eu participei até hoje foi o Circuito Caixa, de nível nacional, que é considerado brasileiro nos Jogos Paralímpicos aqui no Brasil, e também na seletiva esse ano lá no Rio de Janeiro mesmo na piscina onde foi sediada as Paralimpíadas e as Olimpíadas. Eu participei da seletiva e deu um resultado muito bom nas provas que eu participo, porém não fui classificado porque realmente é muito forte o índice para poder participar de um evento como esse. Mas eu tô no top 20 no ranking mundial. Isso para mim já é uma grande vitória e agora trabalhar em cima disso para poder atingir o top 10.

**6- Como tem que ser sua preparação para tentar estar nos Jogos Parapanamericanos de Lima ou nas Paralimpíadas de Tóquio? Você precisa mudar algo no treinamento ou é questão mesmo de acertar o índice?**

Para eu poder ter chance de participar de um Parapan, que vai ser lá no Peru em 2019, ou até mesmo de uma Paralimpíada, que é mais difícil, precisa de um índice muito forte. E o pessoal lá do outro lado do mundo, da Ásia principalmente, tá muito forte nas provas que eu nado da minha categoria. Agora eu acredito que ir ao Parapan seja mais possível porque você tem menos atletas, inclusive da minha categoria aqui nas Américas. Eu estou bem colocado, graças a Deus, entre as Américas, então eu acredito que trabalhando firme. E é lógico mudando o treinamento, sendo mais forte, continuar com essa pegada aí fora da água também. Não visar também só o treino na água, mas é o atleta como todo no que ele precisa, nas tecnologias, avaliação. Sabe seguir um protocolo, arriscar em um treinamento de elite realmente pra poder buscar o objetivo senão não vou conseguir.

f) Entrevista com Edilson Alves da Rocha

**1- Quais foram em resumo, os principais investimentos feitos no ciclo paralímpico de 2016 tanto na questão de aprimoramento e preparação dos paratletas como de infraestrutura? Qual foi o investimento total?**

O Comitê Paralímpico Brasileiro não investe em infraestrutura porque nosso papel é trabalhar as missões. Então quando a gente trabalhou a nossa meta a gente começou a trabalhar o que a gente precisava fazer de diferente pra poder crescer o número de atletas medalhistas, o número de modalidades medalhistas pra gente poder alcançar a nossa meta. A nossa meta era aumentar o número de medalhas para chegar em quinto lugar. A gente não conseguiu atingir essa meta, mas a gente conseguiu aumentar o número de medalhas, o número de atletas medalhistas. O time São Paulo Paralímpico é uma proposta do Comitê Paralímpico Brasileiro para o governo de São Paulo pra que tenha um time de atletas notáveis e aí a gente conseguia financiar melhor a preparação desses atletas com pagamentos de bolsas, com pagamentos de equipamentos esportivos para o atleta, com o pagamento de uma equipe multidisciplinar que cuida exclusivamente desse atleta e com maiores competições internacionais, participação em intercâmbio entre outras coisas. A gente repetiu esse mesmo projeto no Rio, com uma outra parte de atletas. A gente também tem o Programa Atletas Caixas de Alto Rendimento, onde a gente consegue manter um bom número de atletas recebendo bolsa e aí a gente ampliou a participação desses atletas no circuito internacional de competições. Porque quanto mais ele competisse, mais experiência ele ia ganhar, mais preparado ele ia tá, menos pressão ele ia sentir pra estar nos Jogos Paralímpicos porque basicamente ele vai passando por diferentes competições internacionais, experiência que qualquer coisa que possa atrapalhar ele emocionalmente. Claro que os Jogos Paralímpicos é completamente diferente. Jogos Paralímpicos você vai ter a questão de ser a competição mais importante, a competição mais desafio, a principal meta. Mas o fato do atleta participar rotineiramente de competições internacionais ele vai se familiarizar com a arbitragem internacional, com o sistema de cronometragem eletrônica que pode causar uma desclassificação ou que pode causar uma queima. Então conforme a gente vai fazendo com que o atleta participe de muitas competições e muitas atividades, a gente vai dando a ele experiência para que ele saiba se sair bem em questões dessa natureza. Esse é um dos pontos. E outro ponto é realmente competir e preparar. Quanto mais você compete, quanto mais você treina, quanto mais você compete contra os principais adversários, você aprende a lidar com essas situações de como ganhar desses caras, fazer a melhor marca pra enfrentar esses caras. Então basicamente nós preparamos dessa forma os nossos atletas: participação em maior número de competições, garantir que o atleta tivesse um recurso financeiro a disposição dele, seja para bolsa para que ele pudesse se dedicar única e exclusivamente ao treinamento e em tempo maior, em tempo mais dedicado. E que ele tivesse uma estrutura toda a disposição dele com equipamentos esportivos, as melhores academias, os melhores profissionais. Então basicamente foi isso. Nós criamos diversos pontos nos esportes individuais. Garantir que esse atleta tivesse uma qualidade de treinamento melhor, uma equipe toda a disposição dele e conseguisse participar das principais competições do ciclo. São dois campeonatos mundiais, os *Opens* Internacionais onde os principais adversários deles estivessem. Com isso, o crescimento dele foi gradativo pra chegar nos Jogos e estar melhor preparado. Nos esportes coletivos a mesma coisa. Garantir também que ele tivesse jogos contra os principais países do mundo, os principais adversários. Tivesse um calendário de treinamento fixo e garantido que ele conseguisse fazer X semanas de treinamento garantido, a quantidade ideal. Fizesse um ciclo de competição ou de participação visando o melhor resultado nos Jogos, participando do Parapan, campeonato mundial da modalidade e aí foi que foram crescendo ano a ano. Por exemplo, nos esportes coletivos a gente participou em nove equipes considerando masculino e feminino. A gente chegou em seis semifinais e quatro desses aí conseguiram medalha. Então um crescimento gigantesco. Pra gente conseguir aumentar o número de

medalhas e chegar perto da meta a gente precisava aumentar o número de modalidades que conquistam medalha. Tudo isso por conta desses programas que a gente fez. Investir em programa de bolsa e patrocínio para atleta. A gente tinha vários programas onde o atleta tava contemplado com bolsa. Citei três deles: o Programa Caixa de Alto Rendimento, Time São Paulo e Time Rio. Esses três direto com o Comitê por meio de projetos que o Comitê fez com os parceiros. E ainda tem o investimento do governo federal que é a Bolsa Atleta. E a Bolsa Atleta tem as suas variações. Bolsa Atleta Nacional, Bolsa Atleta Internacional, Bolsa Paralímpica e a Bolsa Pódio, que foi o último programa criado pro altíssimo rendimento. E o Brasil, Comitê Paralímpico Brasileiro, tinha 94 atletas contemplados nessa bolsa. Noventa e dois por cento dos atletas que foram aos Jogos do Rio recebiam Bolsa Atleta do governo federal. Então esses programas todos foram os investimentos que a gente fez. Então todo atleta que tinha qualquer chance de chegar em medalha ou todo atleta que tava brigando por uma posição de resultado internacional nos Jogos do Rio teve um investimento diferenciado, seja com pagamento de bolsa, seja com garantia de participação e maior número de competições internacionais, seja com uma melhor qualidade de treinamento aqui mesmo no Brasil. Mas, com semana de treinamento, com equipamento melhor a disposição, uma estrutura melhor. Vamos dar um exemplo: piscina. A gente não tinha o Centro de Treinamento, mas a gente tinha a disposição dele a melhor piscina que a gente tinha pra ele treinar. Intercâmbio de treinamento em altitude pros atletas, por exemplo, que fazem prova de fundo, e é preciso um pouco mais de resistência. A gente fez um planejamento pensando em cada modalidade, o investimento basicamente na preparação foi isso. E o governo federal investiu em infraestrutura. Por exemplo, desde que o Brasil foi anunciado começou-se uma construção de pistas de atletismo, de quadras esportivas pelo Brasil. Então quando a gente começou a construir essas pistas, por parte do governo federal, certamente os atletas foram tendo espaços melhores pra realizar seus treinamentos. Não consigo te dizer a quantidade de pistas ou de espaços que foram construídos e nem o valor, mas isso você consegue fácil no site do Ministério do Esporte.

**2- A meta do Comitê Paralímpico era terminar em quinto lugar no quadro de medalhas, entretanto, o Brasil terminou em oitavo. Como o Comitê avalia a participação brasileira e quais os fatores contribuíram para que a meta não fosse alcançada?**

Na verdade, nós apresentamos como principal meta o quinto lugar, que a gente sempre avaliou na questão da meta um resultado em medalha de ouro que a gente sempre trabalhou. Mas, a gente sabia que pra atingir essa meta a gente precisava chegar em várias outras metas que levava a isso daí. Primeira meta que a gente tinha: aumentar o número de medalhas na modalidade como eu te falei. Aumentar o número de atletas medalhistas. Aumentar o número de finais em que a gente participa porque quanto mais você participa de final maior a sua chance de chegar. Em todos esses parâmetros a gente conseguiu melhorar. A gente saiu de 43 medalhas em Londres para 72 medalhas agora. A gente praticamente quase que dobrou, um número muito grande. A gente conseguiu aumentar como eu te disse de sete pra 13 modalidades. Quatro modalidades que medalharam pela primeira vez, medalhas inéditas. Nós tivemos seis mais do que Londres. Tivemos 15 atletas medalhistas com menos de 23 anos de idade. Ou seja, a idade ideal que ele vai estar durante os Jogos de Tóquio. Em Tóquio ele vai estar com a idade que a gente julga ser ideal pra brigar direto por uma medalha. E ele já conquistou uma medalha há quatro anos atrás. Vai chegar lá com uma experiência de ser um medalhista. Mais quatro anos de participação em competições internacionais a gente acredita que ele vai ter uma performance ainda melhor. Noventa e três atletas fizeram a sua melhor marca da vida nos Jogos do Rio. Então em que pese ele não tenha conquistado uma medalha ele fez o melhor na participação dele da vida. Cinco recordes mundiais foram batidos brasileiros, recordes paralímpicos. Trinta e cinco recordes das Américas. Nós chegamos em 162 finais e 334 participações em finais. Tivemos 102 atletas que conquistaram medalhas nos Jogos do Rio. Então por tudo isso a gente julga que a participação do Brasil foi a melhor da história, a melhor que a gente podia

ter. A gente não atingiu o quinto lugar? Não, não atingiu porque o quinto lugar está sendo olhado somente pelo número de medalhas de ouro. A gente melhorou em todas as avaliações, em todos os parâmetros, menos em conquistas de medalhas de ouro. Então o que acontece? Uma das variáveis da nossa meta não foi atingida. Tudo bem. Foi a que a gente mais divulgou, mas a gente não disse que não foi um bom resultado. Foi o melhor resultado da história.

### **3- Como o Comitê avalia a Paralimpíada? O evento ficou devendo em algum aspecto?**

O evento foi absolutamente um sucesso total. Quando comparar esse evento com Pequim ou Londres é óbvio que as arenas não tinham a mesma grandiosidade que tinham as arenas de Londres. Se você falar do Estádio Olímpico de Londres era um estádio pra 80 mil pessoas. O nosso tinha 60 mil lugares e uma parte dele com arquibancadas temporárias. A nossa piscina tinha 12 mil lugares e lá em Londres tinham 17 mil lugares. Essa é a única diferença. Agora em termos de energia, de organização, de estrutura, não deixou em nada, pelo contrário, foi muito melhor. O público brasileiro, a torcida brasileira, fez a diferença desses Jogos. Então não tem um único país que tenha saído dos Jogos Paralímpicos e não tenha ficado encantado com os Jogos. Então do ponto de vista de organização e realização dos Jogos ,na parte esportiva, pra mim esse foi o melhor Jogos que o Brasil pode participar.

### **4- Qual o principal legado que o Comitê Paralímpico espera que o evento deixe para o Rio de Janeiro e o Brasil?**

Parte esportiva do paralímpico a gente saiu dos Jogos com o maior legado que a gente poderia sair, que é um Centro de Treinamento. Todos os países que estão a nossa frente no quadro de medalhas eles têm o Centro de Treinamento pronto. Isso faz uma diferença na preparação. Isso reduz drasticamente o custo de investimento, que eu não preciso ficar saindo com atleta pra fora do Brasil o ano inteiro pra preparação porque eu tenho um Centro de Treinamento de altíssimo rendimento aqui dentro do Brasil. E eu tenho um local onde eu consigo construir um atleta do início ao fim. Eu consigo buscar um talento e tenho pra onde trazer. Eu pego um talento em qualquer lugar do Brasil. No Nordeste, no Sul, no Norte, em qualquer lugar que eu encontre um talento e traga pra cá eu consigo lapidar esse talento e fazer dele um grande atleta. Então esse é um legado material fantástico direto do paralímpico. E ainda assim nós temos as estruturas que foram criadas ao redor do Brasil, ao redor do Rio, para receber os treinamentos dos vários países que estiveram aqui. Minas Gerais se preparou pra receber essas delegações lá, Rio de Janeiro se preparou, São Paulo se preparou, várias cidades se prepararam. Entrou a qualidade dos equipamentos esportivos nessas cidades e o Rio de Janeiro tem o legado do Parque Olímpico que vai ficar à disposição. Tudo que foi construído e vai ficar à disposição também do esporte paralímpico. A gente tem o nosso Centro de Treinamento e toda a estrutura dos Jogos a disposição. Esse legado material é fantástico. E o legado que a gente diz aí que é intangível, que é a mudança de percepção da sociedade brasileira em relação à pessoa com deficiência. Esse é inimaginável, não tem preço. Aquela torcida vibrando pelos brasileiros, as instalações esportivas lotadas. Para você ter uma ideia o dia que teve maior movimento no Parque Olímpico não foi durante as Olimpíadas, foi durante a Paraolimpíada, com 167 mil pessoas no Parque Olímpico. Ou seja, 167 mil pessoas que foram atrás de assistir modalidades paralímpicas. Esse é um legado que muda a percepção. Fazer com as pessoas olhem para pessoa com deficiência, o atleta com deficiência de forma diferente. Então isso é fantástico. A cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos foi o evento mais visto de audiência da história do SporTV 2. Nunca o SporTV 2 teve um evento que teve a maior audiência. Durante o período de transmissão dos Jogos Paralímpicos, o SporTV teve 48% de audiência de assinantes por assinatura. De todas as TVs por assinatura, 48% estava assistindo Jogos Paralímpicos. Então o alcance que a gente deu, a visibilidade que a gente deu ao esporte paralímpico isso realmente vai fazer com que as pessoas que presenciaram, a quantidade de torcedores jovens, crianças assistindo e torcendo também

vai fazer uma mudança muito grande. As crianças já vão crescer sem preconceito, eles já vibraram, já torceram. Muitas crianças tendo como ídolo Daniel Dias, Clodoaldo. Então não tem deficiente torcendo por deficiente. Tem uma pessoa comum, sem nenhum tipo de deficiência, uma criança admirando uma pessoa com deficiência. Essa mudança de percepção, essa mudança de cultura que os Jogos podem trazer é o legado que a gente pode ter.

**5- Já há alguma previsão em relação aos investimentos para o ciclo paralímpico de Tóquio 2020? Há risco dos investimentos diminuírem?**

A gente tá começando a planejar Tóquio agora. A gente já tem uma ideia do que a gente quer, mas o Comitê Paralímpico vai passar por uma mudança de gestão no início do ano, vem uma nova eleição e a gente tá trabalhando o que a gente julga ser ideal pra chegar bem preparado nos Jogos. A gente ainda não sentou com o Ministério do Esporte, mas a gente tem escutado o ministro dizer a todo instante que não vai reduzir investimento no atleta. Em que pese o orçamento do Ministério vá sofrer uma redução, o Ministério também não precisa investir em infraestrutura. Já construiu tudo que tinha pra construir. Então são 32 ou 37 novas pistas de atletismo, Centro de Treinamento Paralímpico, Centro de Treinamento de Judô em Lauro de Freitas, Centro de Treinamento em Fortaleza, no Ceará, várias Universidades que receberam investimento. Isso teve um alto investimento. Pro próximo ciclo ele vai ter que investir nos atletas, na preparação. Então com menos dinheiro dá até pra fazer um pouco mais. E foi prometido que todos os programas de alto rendimento serão mantidos, como Bolsa Pódio, Bolsa Atleta, e isso faz uma diferença muito grande na preparação do atleta. Ter essa segurança e essa certeza faz quanto que o atleta consiga pensar e se dedicar exclusivamente ao seu treinamento. Nós tivemos uma ampliação dos nossos recursos da Lei Agnelo Piva, por meio da Lei Brasileira de Inclusão, que garante a gente um pouco também um pouco mais de segurança no investimento do esporte. Como você sabe o esporte paralímpico recebe os recursos das loterias. Até então era 2% dos recursos de loteria destinado ao esporte. Desses 2%, 15% ia para o Comitê Paralímpico Brasileiro e 85% para o Comitê Olímpico. A gente conseguiu no ano passado fazer com que a lei sofresse uma alteração, por meio da Lei Brasileira de Inclusão, e aí passou esses 2% para 2,7% e o Comitê passou a receber 34% desse recurso, aumentando a nossa receita de aproximadamente R\$ 38 milhões para R\$ 130 milhões. Então essa ampliação de recursos também garante um pouco mais de segurança na preparação dos nossos atletas.

**6- Por que o esporte paralímpico brasileiro ainda encontra dificuldade para atrair a atenção de empresas privadas que possam atuar como patrocinadores?**

Como eu disse a mudança de percepção dos Jogos faz essa diferença. Esporte paralímpico, investimento no esporte basicamente é um negócio. Esporte paralímpico aparece pouco na TV. No Brasil hoje basicamente a gente vive uma cultura de futebol. Os clubes de futebol todos têm seus patrocínios. E alguns ainda possuem dificuldades. Meu time, por exemplo, eu sou santista. O Santos tá sem um patrocinador principal há dois anos. Agora fechou com a Caixa Econômica Federal, que também é nosso patrocinador. Então é muito difícil. Agora, pela primeira vez, a gente conseguiu ter um patrocinador privado no atletismo que é a Braskem. E o outro patrocinador nosso é a Caixa Loterias, que é um excelente patrocínio de R\$ 30 milhões de reais por ano, mas também é privado. E aí a gente acredita que, por não ter uma visibilidade tão grande, ter um destaque em TV somente a cada quatro anos com os Jogos Paralímpicos ou Parapan, é mais difícil você atrair o investidor privado. Diferente do futebol, que toda quarta, sábado e domingo tá na TV. O esporte olímpico também tem dificuldade. Se você contar quantas Confederações Brasileiras têm patrocínio privado tem que puxar na memória aí. O judô tem Sadia, o basquete tem Bradesco, mas o Bradesco tá patrocinando os Jogos Olímpicos duvido que ele continue depois desses Jogos Olímpicos do Brasil. Então isso não é do esporte paralímpico, é do esporte brasileiro se você falar em termos de Confederações e Comitês Olímpicos. Comitê Olímpico Brasileiro não tem nenhum

patrocinador privado também, então não é uma prerrogativa do Comitê Paralímpico. Quando você olha para o esporte sim. Tem vários clubes que têm os seus patrocinadores. Voleibol com o Rexona, Unilever lá de Osaco e por aí vai. Os clubes você ainda tem bastante clube que tem o patrocinador privado. Agora quando você fala de Confederações e Comitês esporte paralímpico também não existe, são pouquíssimos que têm investimento privado. A grande maioria é investimento público. Aí você vai olhar o judô que tem a Infraero, a natação que tem os Correios, o voleibol que tem o Banco do Brasil. É tudo investimento público. Investimento privado nem no esporte olímpico nem no esporte paralímpico. Só CBF e futebol quem tem.

**7- Como o Comitê Paralímpico Brasileiro trabalha para descobrir novos talentos, sejam jovens ou mais velhos, que podem vir a servir as seleções brasileiras e participar de competições internacionais e Paralimpíadas no futuro? Existe algum projeto?**

Sim, existe. A gente vai receber agora em outubro aqui as Paralimpíadas Escolares, que é o principal evento. Paralimpíada Escolar ela passa por fases regionais, estaduais aonde o atleta vai participando de competições e a partir daí ele vai participando desses projetos maiores. Dentro dessas competições a gente identifica o talento, a gente tem uma seleção de jovens. Dentro da seleção de jovens a gente começa a trabalhar esse talento para que ele chegue melhor preparado na fase adulta. Esse projeto deu tão certo que no primeiro ano do ciclo, em 2013, nós tivemos campeonatos mundiais de atletismo e natação com sete atletas abaixo de 18 anos conquistando medalhas. Tivemos a Verônica, com 16 anos, por exemplo, que bateu o recorde mundial e foi medalha de ouro do Mundial de Atletismo, em Lyon. Esse trajeto de identificação, de valorização do talento, de seleção de jovens, faz com que a gente consiga garantir a renovação do nosso ciclo. E aí a gente tem agora um novo trabalho em parceria com a Confederação Brasileira de Clubes que se chama o Clube Formador Paralímpico. A gente vai investir em projetos de clubes espalhados pelo Brasil para que esses clubes consigam desenvolver o dia a dia do esporte e, a partir daí, a gente consegue estar sempre de olho nesses projetos para identificar algum talento lá e investir de forma mais robusta quando a gente identificar que o atleta é realmente um talento.

**8- Como o Comitê Paralímpico avalia o espaço que o esporte paralímpico recebe na mídia brasileira?**

Ela cresceu muito. Ela vem crescendo a cada edição de Jogos. Nos Jogos do Rio era normal que a cobertura ia ser maior porque tá mais fácil de cobrir. Os Jogos fora do Brasil a gente também consegue mensurar. Então campeonatos mundiais a gente já foi há muitos campeonatos mundiais que não tinha ninguém da imprensa lá. Todos nossos campeonatos mundiais a gente tem tido cinco, seis, sete, oito veículos procurando pra poder acompanhar. Então isso também foi crescendo junto com o esporte paralímpico. Quanto mais resultado a gente ia ganhando, quanto mais ídolo a gente ia criando, maior interesse. Então a gente tem acompanhado isso e tem dado muito resultado, muito satisfeito com a procura. Pela primeira vez, em Londres, uma TV brasileira comprou o direito de transmissão, nunca antes tinha comprado. Geralmente, o Comitê Paralímpico Brasileiro comprava o direito de transmissão dos Jogos e distribuía gratuitamente. Em Londres, a Rede Globo de Televisão comprou. Aqui no Brasil ela voltou a comprar. A gente nunca teve interesse por parte de uma TV. E toda a cobertura hoje com mídia impressa, *Internet*, redes sociais, rádio, isso aumentou significativamente. Falei de números do SporTV, mas a gente teve a TV Brasil, que foi a única TV aberta que transmitiu os Jogos. Ela chegou a 2,5 pontos no IBOPE. Sempre tiveram traço e pela primeira vez ela chegou a mais de um ponto no IBOPE.

## g) Entrevista com Luiz Alexandre Ventura

**1- Como foi o trabalho do senhor cobrindo as Paralimpíadas para o Estadão?**

Saiu no Estadão duas coisas diferentes. O meu *blog* ele faz parte do portal do Estadão, mas eu não sou funcionário do Estadão. Eu sou blogueiro do Estadão, tenho um *blog* lá e eu faço *freelas* pro Estadão aqui na Baixada Santista. Eu já fui funcionário do Estadão, fui editor do Estadão entre 2011 e 2013, mas atualmente eu moro em Santos e faço *freela*. Especificamente falando dos Jogos Paralímpicos, eu fui ao Rio de Janeiro fazer uma cobertura a convite da Nissan, a montadora japonesa, porque eu já havia feito algumas matérias com atletas da Nissan, já havia feito *test-drive* dos carros que a Nissan lançou com foco na pessoa com deficiência. Então eles fizeram um grupo de jornalistas e eu tava nesse grupo. Eu fiquei a primeira semana dos Jogos. Fiquei do dia 6 ao dia 11 no Rio de Janeiro. O Estadão fez uma cobertura pela editoria de esportes, então assim o meu trabalho não foi o trabalho de cobertura de resultados, de medalhas. Eu fiz uma outra abordagem que tem mais a pegada do meu *blog*, que é sobre a situação da pessoa com deficiência, o entendimento que as pessoas começaram a ter do esporte. O Estadão fez uma cobertura específica dos resultados.

**2- Desse trabalho feito para o *blog* teve algum momento que o senhor considera o mais marcante?**

Eu fui na cerimônia de abertura, no Maracanã. Eu acompanhei o primeiro dia do atletismo, no Engenhão, e acompanhei algumas provas da natação no Parque Aquático. No primeiro dia do atletismo, no Engenhão, todas as pessoas que chegavam no Engenhão foram direcionadas pra ala oeste do estádio. O estádio é grandão e ele é separado em quatro alas: norte, sul, leste e oeste. O nosso ingresso seria originalmente pra ala leste, que fica exatamente em frente à pista dos 100 metros do atletismo. Nós fomos colocados do lado oposto, que é o lado oeste, e ficamos exatamente em frente à competição de salto em distância. Nessa competição de salto em distância foi a prova masculino pra atletas com deficiência visual, os atletas cegos. Então todos os atletas dessa prova usam uma venda nos olhos. Então as pessoas estavam aglomeradas ali nesse local e como não havia local fixo indicado pelo número do ingresso todo mundo sentou onde tinha cadeira disponível. Então as pessoas sentaram em volta de pessoas que não se conheciam, isso já foi um detalhe importante. Toda prova paralímpica que é focada na pessoa com deficiência visual ela tem algumas características, principalmente no atletismo. O principal ponto é que normalmente ela é disputada em duplas. Tem uma pessoa que é o atleta especificamente e tem o guia, principalmente na corrida tem guia. No caso do salto em distância, o técnico desse atleta, ou talvez funcionasse até como um guia, ele fazia primeiro um reconhecimento da pista junto. Depois esse atleta tem que fazer uma contagem de passos pra ele correr do ponto inicial até o local em que ele tem que pular porque ele tem um limite e não pode queimar essa pulada. E quando ele vai fazer essa corrida o técnico dele marca o tempo e também bate palma pra que ele consiga identificar a localização. E a partir do momento em que o atleta sai correndo começa uma contagem: um, dois, três, quatro até a hora em que o cara pula. Então as pessoas no primeiro momento começaram a olhar aquilo e na verdade pouquíssima gente ali sabia o que tava acontecendo porque a maior parte era público que nunca tinha visto aquilo na vida. Havia até uma área em que estavam algumas pessoas das comissões técnicas, mas a maior parte era de pessoas que não sabiam nada sobre aquilo. Então as pessoas começaram a olhar aquilo com uma certa estranheza e comentavam entre si. Eu tava na arquibancada. As pessoas tavam ali e começavam a comentar: mas a pessoa é cega, olha que interessante, tem que bater a palma, olha só o cara cego conseguiu pular. Só que depois de uma certa hora essa informação da deficiência sumiu e as pessoas esqueceram ali que havia uma pessoa com deficiência e começaram a olhar só a prova. Então houve essa mudança imediata ali na observação da coisa, esqueceram que havia uma deficiência e começou a prova. E aí essa prova começou a ser muito disputada e,

no finalzinho, quando já tava mais ou menos estabelecido o pódio ficou uma briga de primeiro e segundo lugar entre o brasileiro e um americano. E aí o brasileiro pulou acho que foi 6,41 metros, imagina isso, e o americano pulou uma vez, pulou outra vez e conseguiu pular 6,44 metros. Então ali naquele momento ele tava com a medalha de ouro. Só que o brasileiro ainda tinha mais dois saltos. Então o brasileiro pulou mais uma vez e fez 6,43 metros e ficou ainda com a medalha de prata. E aí na última vez, no último pulo, ele conseguiu marcar certinho os passos. Ele deu a pisada exatamente no ponto certo, ele voou lá pra frente e ele pulou 6,53 metros. E aí no momento em que ele pulou, isso que ele foi super alto, o público já tava absolutamente envolvido com aquela situação e todo mundo já tava ali torcendo. Quando apareceu a distância que ele havia pulado e confirmou que ele ganhou a medalha de ouro o público explodiu. As pessoas choraram, as pessoas se abraçaram, gente que nunca havia se visto na vida. E aí foi super interessante, super legal isso porque primeiro porque todo mundo que tava ali não era pessoa que conhecia um ao outro e segundo que as pessoas esqueceram a deficiência e começaram a olhar só a força das pessoas, do esporte em si. Então isso que foi marcante.

### **3- Como foi a evolução na cobertura de um evento paralímpico ao longo do tempo desde os anos 90, quando o esporte paralímpico não tinha praticamente nenhuma abordagem na mídia, até os dias atuais?**

Na verdade assim a cobertura dos eventos paralímpicos ela tem crescido mais ou menos acompanhando o tamanho do evento. Olimpíadas e Paralimpíadas são os dois maiores eventos esportivos do mundo. A Paralimpíada foi gigantesca. Se você juntar a quantidade de pessoas que tava trabalhando ali você vai chegar numas 30 mil pessoas. A grande diferença é que tá havendo maior interesse da mídia em geral na cobertura do esporte paralímpico. Isso ainda é muito concentrado nos Jogos Paralímpicos. Quando a gente fala, por exemplo, de esporte paralímpico a gente tá falando só do evento mundial, desse evento gigantesco. Quando acaba o evento gigantesco e começa toda o chamado ciclo olímpico ou ciclo paralímpico e que daqui pra frente, daqui até Tóquio, todos os atletas que estavam lá vão ter que começar tudo de novo: treinamento, todas as fases, competições mundiais, regionais, nacionais, etc., esses eventos pequenos eles são praticamente ignorados pelo jornalismo. Mas essa situação de interesse da mídia em geral, isso tô falando do mundo inteiro, não só do Brasil, esse interesse geral pelo esporte paralímpico, pelo chamado paradesporto, pelo paradesporte, esse nome horroroso que se usa, mas infelizmente ainda tem que usar porque a gente não conseguiu achar uma outra definição. Isso vem crescendo conforme os eventos estão crescendo. Então, por exemplo, há hoje muito mais estrutura pra que a imprensa consiga trabalhar nos eventos paralímpicos do que havia por exemplo, 15, 30, 20 anos atrás. Você tem muito mais possibilidades, muito mais organização, muito mais facilidade do que você tinha naquela época. Talvez porque o evento fosse menor também e porque também não havia patrocínio, não havia dinheiro suficiente pra transformar aquilo num evento de grande porte. O que eu acho que é o grande detalhe da cobertura, da evolução da cobertura, é que a temática tá mudando. Assim como o público começa a parar de ver o atleta paralímpico pela deficiência e começa a ver a excelência esportiva do cara, a imprensa também tá começando a parar de dar tanta atenção pra questão da deficiência e começando a mostrar que aquelas pessoas são atletas de alto rendimento. Então tem toda essa evolução. Tudo isso tá meio que evoluindo junto.

### **4- Falando sobre a Rio 2016, como foi o trabalho da imprensa na cobertura do evento?**

Olha no meu caso, especificamente, havia um fator determinante de dificuldade. Pro meu *blog* eu fiz tudo absolutamente sozinho. Eu tive o apoio da Nissan, que eu fui em hotel, me levavam de ônibus pra lá nos lugares e tal, mas eu fiz filme, eu fiz foto, eu fiz entrevista em áudio, fiz matéria em texto, eu publicava no *blog*, eu tinha que achar um lugar com *Internet*. Enfim, não havia uma equipe pra trabalhar. Mas, vendo as pessoas que trabalhavam em equipe não havia, por exemplo, uma estrutura boa de acesso à *Internet wi-fi*, por exemplo.

Você não tava sentado na arquibancada lá e você conseguia acessar a *Internet* com facilidade. Eu lembro que no Parque Aquático, especificamente, a área de imprensa que ficava num ponto lá no alto ela tava abandonada, não tinha quase ninguém lá. Enquanto que nos Jogos Olímpicos ficou lotado de gente nos Jogos Paralímpicos aquilo ficou abandonado. Mas, também não havia computador ligado, num tinha tomada funcionando. A estrutura meio que foi desligada ali, talvez até pra redução de custos. Então o próprio evento também cria em determinados momentos barreiras pra que a imprensa consiga fazer uma cobertura mais completa. A falta de interesse da imprensa ainda existe quando o próprio evento em si viu que aquela área não tava funcionando, não tava sendo preenchida e desligaram. Então nós que fomos pra área de imprensa lá durante a natação a gente não conseguia acessar a *Internet*. Tinha uma televisão lá. Pra cada cadeirinha de jornalista tinha uma televisão pra pessoa acompanhar porque é muito grande, você não consegue enxergar tudo de perto e as TVs tavam desligadas. Então muitas vezes você percebe que a própria estrutura do evento cria dificuldades que dificultam. Dificuldades que dificultam é uma repetição, mas é isso mesmo. Cria barreiras que dificultam a cobertura do próprio evento.

##### **5- Quais os principais cuidados que o jornalista precisa ter ao entrevistar ou mesmo conversar informalmente com um atleta paralímpico?**

A grande questão é que você precisa mudar o foco. Qualquer pessoa hoje em dia que faz matéria sobre pessoa com deficiência que não é do setor, até porque tem pouca gente que é do setor, existe muito o foco na deficiência. E aí o tal do atleta com deficiência, principalmente quando o atleta é campeão e tal, é o famoso exemplo de superação. Mas, essa coisa do exemplo de superação quando você foca isso num atleta com deficiência isso é meio superficial, é injusto até. Porque você cria uma relação direta da vitória daquele cara com a deficiência. Você tá pressupondo quando você cria esse exemplo de que aquele atleta ele só conseguiu aquela vitória porque ele tem uma deficiência. E na verdade não é isso. Primeiro que superação existe pra todo atleta de alto rendimento, não é só pro atleta com deficiência. Todo atleta com alto rendimento tem que superar o limite que foi imposto a ele ali e passar o índice, melhorar a marca, aumentar a velocidade, melhorar a técnica. Então a coisa da superação ela é inerente ao esporte de alto rendimento pra qualquer um que pratica, não só pro atleta com deficiência. E quando você vai fazer uma matéria sobre o atleta com deficiência você evidentemente que tem que destacar que ele é uma pessoa com deficiência. E você pode inclusive observar nessa matéria que ele tinha uma determinada dificuldade e que ele realmente com muito treino, com tratamento correto, com apoio técnico e psicológico, de fisioterapeuta, de nutricionista, de massoterapeuta, de multidisciplinar ele conseguiu se tornar um atleta campeão. Agora isso não tem uma relação direta com a deficiência. Isso tem uma relação direta com ele, com o fato de ele ser uma pessoa capaz de fazer isso, de ele ter tido todo esse apoio. Até quando você vai fazer matéria sobre qualquer pessoa com deficiência, uma pessoa muito importante é você ouvir a pessoa com deficiência. Que ela fale sobre a situação. Porque normalmente quando as pessoas fazem matéria sobre esse universo vão ouvir um médico, a esposa, vão ouvir o pai e a mãe, mas a pessoa com deficiência passa. Isso aí é a mesma coisa que um cadeirante chegar acompanhado num bar, num restaurante, num teatro ou num cinema e o atendente que recebe essas duas pessoas não fala com a pessoa na cadeira de rodas. Ela só fala com o acompanhante e pergunta o que ele vai comer, o que ele vai vestir, onde ele quer sentar. E na verdade aquela pessoa pode responder tudo. O fato dela tá na cadeira de rodas não impede que ela faça isso. Então se você precisa ter um cuidado é você passar a mensagem correta na tua reportagem e mostrar o universo da pessoa com deficiência do ponto de vista da pessoa com deficiência, que ela mostre e ouvir o que ela disse. Ouvir o que ela tá te dizendo e abandonar todos esses discursos prontos que já existem do exemplo de superação, do cara que é cego e anda na rua sozinho, da cadeira de rodas que tem a escada e o cara não consegue passar porque é muito mais do que isso. As vezes uma pessoa com deficiência, um cadeirante que chega num estabelecimento que num tem

rampa ele até prefere ser carregado com cadeira de rodas e tudo até determinado local porque aquilo é emblemático, todo mundo vai ver que aquele local não tem acessibilidade e precisa ter. Então é muito importante na reportagem sobre a pessoa com deficiência que a pessoa com deficiência seja o principal personagem a explicar o que tá acontecendo.

#### **6- Como o senhor avalia as Paralimpíadas do Rio de Janeiro?**

O ponto mais positivo é que foi um sucesso. Um sucesso de público principalmente. Houve um comparecimento em massa de torcida em praticamente todas as competições. Eu entrevistei vários atletas depois que acabaram os Jogos e todos eles disseram isso. Eu nunca na minha vida competi com tanta gente num lugar. Normalmente os eventos de esporte pra pessoas com deficiência são vazios. Na sexta feira agora eu entrevistei o Carlos Farrenberg, que foi medalhista de prata nos 50 metros nado livre pra pessoas com deficiência visual, mas pra cegos, e ele falou isso. Tinha 15 mil pessoas que eu nunca vi na minha vida gritando meu nome. Eu nunca passei por isso. Então isso dá uma contribuição fundamental pro esporte, pro atleta porque aí ele se sente motivado e ele realmente vai pra o que ele chama de faca no dente. Ele se joga na prova com toda força. Isso é um ponto importantíssimo. O segundo ponto positivo, ainda que tenha sido tímido, houve uma cobertura da TV aberta porque TV a cabo cobriu o negócio 24 horas por dia, mas TV a cabo é uma parcela muito pequena da população que tem. A TV aberta que importa nesse momento. E houve uma cobertura da TV aberta, ainda que muito tímida, mas houve. A TV Globo passou várias coisas, a TV Cultura fez várias coisas, Bandeirantes, SBT, Record. E isso também é fundamental. Uma coisa que eu achei que deveria ter acontecido e não aconteceu foi a TV aberta ter dado a mesma importância às cerimônias de abertura e encerramento que deu pra Olimpíada porque elas foram até mais bonitas e a TV aberta tem uma penetração muito grande. Então ela abandonaria a programação pra colocar como fez com a Olimpíada. E não foi feito. A única TV aberta que deu essa cobertura foi a TV Cultura. Todas as outras não fizeram, pelo menos ao vivo. A TV a cabo fez, o SporTV fez e a TV Brasil, que é a TV do governo também fez, mas essa TV tem que fazer. Eu digo TV aberta que não é do governo. Especificamente falando do evento e você falou de ponto negativo eu acho que o principal ponto negativo dessa história toda foi porque antes do evento começar não havia quase venda de ingresso pros Jogos Paralímpicos. Durante os Jogos Olímpicos havia muita diferenciação entre Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos nesse aspecto. Você poderia ter vendido muito mais ingresso já antes disso se você já tivesse vendido durante os Jogos Olímpicos e não havia isso. Então isso foi um erro de estratégia. E outra coisa que eu acho que é muito negativa ainda é a falta de interesse dos patrocinadores. E na verdade se você avaliar sob o ponto de vista de divulgação, de fortalecimento de marca, as histórias dos Jogos Paralímpicos são muito mais emocionantes, muito mais encorajadoras e motivadoras do que as histórias dos Jogos Olímpicos. E parece que ainda há um pouco de falta de visão dos grandes patrocinadores em bancar o evento paralímpico da mesma forma que o evento olímpico é bancado.

#### **7- O Brasil não alcançou a meta de ser Top 5 no quadro de medalhas, mas bateu seu recorde em número de medalhas. Como o senhor avalia a participação brasileira nas Paralimpíadas 2016?**

Foi muito positiva. Porque na verdade o Comitê Paralímpico, o presidente do Comitê Paralímpico sempre falou que essa meta do Top 5 era uma meta extremamente agressiva. Não era uma meta impossível, mas era uma meta extremamente agressiva. Mas há um detalhe: países como a Inglaterra, por exemplo, surgiram pela primeira vez aí como potências. De Londres pra cá, a Inglaterra manteve esse investimento no esporte paralímpico e se tornou uma potência. O Brasil conseguiu manter-se no pódio quase em todas as modalidades mesmo com uma estrutura absolutamente enxuta no esporte paralímpico. Então há sim um fator muito positivo no resultado da delegação brasileira nos Jogos Paralímpicos. Como você tem que avaliar qual é a estrutura que se criou pra que o

Brasil chegasse lá com essa quantidade de gente. Foram quase 300 atletas em 22 modalidades. Tinha brasileiro em todas as modalidades. Então se você avaliar essa relação da estrutura que se criou e os resultados obtidos você vai ver que foi muito positivos. E é mais um fator que deve mostrar pro país que o investimento no esporte paralímpico é importante, mas principalmente o investimento local, o investimento das cidades e não deixar tudo na mão do Comitê Paralímpico, que é um órgão federal, não é nem um órgão federal, é uma instituição de âmbito federal. E os menores aqui escolas, faculdades, instituições, prefeituras não fazem nada sobre isso. Então eu acho que embora não tenha chegado no Top 5 foi positivo, muito positivo.

**8- Nossos principais astros não trouxeram tantas medalhas como o esperado. O senhor acha que falta um investimento maior em categorias de base visando a renovação do esporte paralímpico e preparação de jovens paratletas em condições de ganhar medalhas?**

Que falta investimento em base sim, isso é fato. Até porque a gente descobre muitos talentos ainda pequenos como se investe em base. Agora eu acho que não há uma relação entre a falta de investimento em base e o desempenho dos atletas brasileiros, os grandes nomes brasileiros. Eu avalio que, por exemplo, Daniel Dias bateu recorde de medalhas. Embora não tenha ganho todos os ouros que ele queria ele bateu recorde de quantidade de medalhas, se tornou o atleta paralímpico com maior número de medalhas na história dessa competição. A questão é que principalmente quando você fala de disputas paralímpicas surgem muitos astros, muitos atletas de potência muito forte em maior quantidade. E as delegações que vieram pra competir no Brasil vieram com todos muito bem treinados, todos muito bem estabelecidos e gente que você não esperava que fosse ganhar nada ganhou um monte de medalha. A China é uma potência que tá muito acima de todo mundo e eu lembro que na natação teve umas três ou quatro provas que era ouro, prata e bronze pra China. A Ucrânia também participou de quase todos os pódios da natação no dia que eu tava lá. Eu acho assim que existe realmente uma falta de investimento na base e isso é fundamental pra que você consiga crescer nessa situação, mas eu acredito que o desempenho dos atletas ele também tem uma relação até com a idade dos caras, e assim como o momento de cada um. O Alan Fonteles, por exemplo, que era uma esperança de medalha, ele não conseguiu nem pódio, mas ele é um cara fortíssimo, mas ele não tava num bom momento. A Terezinha Guilhermina, que ainda é a atleta cega mais rápida do mundo nas provas que ela disputa, ela não teve uma boa prova. Ela se desentendeu ali com o guia dela, queimou largada e isso faz parte da condição humana, o cara erra. Então assim só pra repetir eu acredito que falta base, mas eu acredito que não há uma relação direta entre a base e o desempenho dos nossos principais astros.

**9- Como o senhor avalia o atual momento do esporte paralímpico no Brasil e as expectativas pro futuro?**

Nós estamos vivendo um momento de usar a competição pra transformar o Brasil numa potência real paralímpica. Embora a gente tenha atletas em todas as modalidades, ganham muitas medalhas, batido recorde de medalhas e tenha feito vários resultados muito bons daqui pra frente como é que fica? Então é exatamente isso que nós queremos. Que o esporte paralímpico comece a receber investimentos de todos os tamanhos, não só investimentos nos campeões, porque investir no campeão é praticamente um negócio certo. Mas é investir na criação de campeões. Então é você começar a fazer campeonatos regionais, campeonatos municipais, campeonatos estaduais. Dar mais incentivo aos campeonatos nacionais, aumentar a visibilidade dos campeonatos nacionais. E aí precisa ter uma política pública muito mais bem estabelecida pra isso. Política pública de esfera municipal, estadual, de esfera federal. Precisa haver interesse da iniciativa privada. Precisa haver interesse das instituições esportivas, dos clubes. Hoje você, por exemplo, tem clubes que têm equipes de natação fortes, mas não tem equipes de natação

paralímpicas ou que vão competir no esporte paralímpico. E elas podem ter. Basta identificar. E, principalmente, agora que a gente tá vivendo um momento crucial com essa mudança na estrutura do ensino público, em que a educação física foi retirada da grade como uma disciplina obrigatória isso é temeroso. A gente fica muito apreensivo porque você começa a avaliar que uma ferramenta importantíssima de reabilitação que é o esporte pode simplesmente deixar de existir nas escolas. E as escolas podem revelar talentos paralímpicos para daqui quatro anos. Você pode ter hoje um atleta de 12 anos que nos jogos de Tóquio vai tá com 16 anos e pode ser uma potência do esporte paralímpico em qualquer atividade, qualquer modalidade. Então o que a gente espera é que esse furor, esse bom desempenho, esse sucesso ele comece a disseminar o interesse pelo esporte paralímpico em todos os locais.

**10- Tem mais algum assunto relevante referente ao esporte paralímpico que o senhor acha importante ser destacado?**

Acho que uma coisa que é fundamental você destacar e fazer uma crítica inclusive ao jornalismo é que o jornalismo precisa entender o esporte paralímpico, mas ele precisa entender o universo da pessoa com deficiência. Ele precisa compreender como é o universo da pessoa com deficiência, precisa ouvir a pessoa com deficiência, precisa tratar a pessoa com deficiência como cidadão. Essa é uma crítica que você tem que fazer no seu trabalho. Puxar a orelha da mídia em geral sobre esses discursos padrão que existem do coitadinho ou do super-herói. Uma pessoa com deficiência ou ela é um coitadinho, uma musiquinha triste e uma câmera lenta ou ela é um super-herói. Fulano que ganha 50 medalhas na Olimpíada. Então entre um e outro há 45 milhões de pessoas no Brasil com deficiência que são cidadãos e que precisam ser tratados como cidadãos não só pelo país, mas pela imprensa. A imprensa precisa discutir as leis, a imprensa precisa discutir a acessibilidade, precisa discutir a inclusão, precisa colocar o dedo na ferida dos problemas e não ficar tratando só de extremos que ou é o super-herói ou é o coitadinho.

h) Entrevista com Carlos Garletti

**1- Como foi a evolução do esporte paralímpico no Brasil, que era amador e improvisado nos anos 1970 e 1980, e hoje é considerado uma potência paralímpica?**

Existe uma evolução natural dos esportes que cada vez mais vão melhorando. Só que o que acontece, a Paralimpíada ela tem um resultado, uma evolução de resultados um pouco mais forte exatamente pela evolução do nível dos atletas. Hoje, de 90 pra cá, começa a ter muitos atletas profissionais já paralímpicos, eles começam a viver disso. Então isso é uma coisa meio natural que o esporte paralímpico ele começa a se igualar quase ao olímpico e em alguns casos até superar. Então é uma coisa que a gente começa a ver em alguns resultados.

**2- Sobre os investimentos feitos no Brasil para as Paralimpíadas de 2016 o senhor os considera satisfatório ou ficou faltando algo? Como foi a preparação do tiro esportivo?**

Quanto a questão dos investimentos, na verdade houve, na minha opinião, levando assim em consideração o esporte brasileiro, houve um erro de planejamento. Na minha opinião eles queimaram dinheiro no começo e chegou no final, nos últimos dois anos ali, você vê que começou a apertar, começou a faltar e no último ano realmente faltou. E existe uma outra coisa que eu já falei muito pras pessoas. Eles não ouviram os atletas. Eles fizeram o que eles achavam que era de melhor só que isso na concepção deles e, muitas vezes, levando por base a concepção de um atleta olímpico. Então isso aí eu achei que foi uma falha muito grande pelo fato de que eles esqueceram de algumas coisas básicas que o atleta paralímpico tem de diferente do olímpico.

**3- Apesar de termos feito a melhor campanha da história em número de medalhas o Brasil não conseguiu bater a meta de chegar ao Top 5 no quadro de medalhas. Para o senhor quais fatores contribuíram para que a meta não fosse alcançada?**

Na minha opinião foi realmente uma falha de planejamento. Um atleta você não faz só com dinheiro e você não faz levando ele só para algumas competições. Você tem que ter uma base, você tem que ter equipamento, você tem que ter um plano de treinamento e não simplesmente impor vocês vão fazer isso e isso porque eu acho que assim tá o correto. Então houve realmente uma falha de planejamento pra que você conseguisse ter esse resultado. Não foi uma coisa horrível, só que a gente esperaria realmente um pouco mais de uma nação que foi a sede da Paralimpíada e você esperaria realmente ter um resultado um pouco mais significativo.

**4- Na sua visão como um paratleta que já disputou três Paralimpíadas o que os outros países têm e o Brasil ainda não possui ou precisa aprimorar nos próximos anos para crescer ainda mais no cenário competitivo paradesportivo mundial?**

Em muitos países da Europa e da Ásia o paratleta, o atleta por si só não necessariamente o paratleta, ele realmente se torna uma profissão. Eu não acho que isso seja uma coisa muito válida na situação atualmente brasileira. Eu acho que o Comitê tá fazendo uma coisa legal. Ele dá uma ajuda muito boa aos atletas só que você tem que pensar que muitas pessoas estão no final da carreira, então o que você vai fazer depois disso? Então você tem que planejar isso pra frente, mas basicamente é a questão cultural e a questão do apoio. Acho assim quanto mais você profissionalizar a pessoa mais resultados você vai ter e pode até cobrar deles só que você não pode exigir isso de todas as pessoas. Tem que pensar sempre no depois, no que a pessoa vai ser depois de atleta, porque se a pessoa não tiver uma formação depois de atleta ele vai voltar a ser nada, uma pessoa desempregada sem uma atividade.

**5- Iniciando agora a preparação para o ciclo paralímpico de Tóquio o senhor teme que os investimentos diminuam e os paratletas tenham mais dificuldades na preparação para a próxima Paralimpíada? Como deve ser o cenário no tiro esportivo. Os recursos podem diminuir?**

Em relação aos Jogos de Tóquio claro a gente tem esse medo que realmente diminua sim os investimentos, principalmente se a gente for levar em consideração que a situação brasileira, a situação financeira do país, não tá grande coisa. A perspectiva, graças a Deus, é ao contrário, é que ela realmente melhore em relação ao que nós temos do ciclo passado por uma questão de mudança de lei e parece-me que existe uma verba extra que deve vir uma extra por parte da Caixa Econômica, das Loterias para o esporte paralímpico. O tiro a tendência dele é só crescer. É um esporte que tá em ascensão, lenta, mas tá em ascensão, e o nosso grande problema, claro que além do investimento, é muito aquela questão da burocracia. O tiro pra você lhe dar com armas é um esporte que você tem uma dificuldade muito mais chata, é muito mais complicado você trabalhar.

**6 – Qual o legado esportivo que o senhor espera que os Jogos Paralímpicos de 2016 deixem para o esporte paralímpico brasileiro? E na questão social, cultural, quanto à percepção das pessoas em relação aos deficientes e ao esporte paralímpico?**

A questão do legado eu acho que isso já aconteceu. Na verdade assim houve uma visibilidade muito grande, uma coisa que você vê que não existia essa percepção dos atletas paralímpicos. O que antigamente era considerado apenas uma brincadeirinha, era considerado apenas uma coisa de integração social já começa a ver que é uma coisa mais séria. Então muito uma questão cultural das pessoas terem essa percepção de que a pessoa com qualquer tipo de necessidade especial ela tenha uma aceitação melhor e uma visibilidade maior na sociedade. Esse na minha opinião é o principal legado. A questão de

estrutura isso vai ficar realmente muito restrito ao Rio de Janeiro, mas eu acho que isso aí deu uma visibilidade muito grande. Eu tinha participado de duas Paralimpíadas antes e nunca tinha tido uma recepção, ou uma receptividade tão grande, principalmente do pessoal da minha cidade. É uma coisa assim fabulosa.

i) Entrevista com Leonardo Tomasello

**1- Você considerou satisfatório os investimentos e a preparação que foi feita para os Jogos Paralímpicos no paradesporto brasileiro em geral? Se faltou alguma coisa, o que faltou?**

O investimento que foi feito e a preparação toda pros Jogos foram muito boas, excelentes. Tudo que pode ser feito, foi feito. Falando da natação participamos de todos os grandes eventos do ciclo, como os campeonatos mundiais, o Pan de Toronto, também algumas competições preparatórias fora do país onde estão os principais adversários dos brasileiros. Então tudo nesse sentido assim foi feito. Também a criação do centro de referência onde treinávamos em São Caetano tinha todo o trabalho da equipe multidisciplinar reunido no mesmo espaço, com o trabalho diretamente com alguns atletas. Então com certeza tudo o que pode ser feito foi feito. Lógico, dentro do orçamento que nós tivemos para esse ciclo conseguimos realizar todas as ações que foram planejadas.

**2- Como foi, resumidamente, a preparação da natação paralímpica do Brasil durante o ciclo paralímpico do Rio 2016?**

A natação teve uma mudança grande em 2014, no começo de 2014. Primeiro com a criação do centro de referência, projeto que começou com o atletismo e que, com o sucesso obtido em Londres, o CPB resolveu estender o programa também para a natação. Então toda uma equipe multidisciplinar foi contratada para trabalhar e desenvolver o programa de treinamento da natação paralímpica, que foi depois difundido aos clubes. Então essa foi a grande diferença. Depois começou algumas mudanças nos critérios de convocação de exigir mais dos atletas a cada ano, pra cada campeonato, e primeiro focando nos nossos multimedalhistas e grandes atletas. Daniel Dias, André Brasil que tiveram um programa especial de planejamento. Depois os atletas medalhistas ou que estavam entre os três no *ranking* mundial a cada ano. Também não esquecendo os jovens com seleções, programas de seleções de jovens com a participação deles no Sul-Americano, também no Open Brasil. E foi passo a passo, ano a ano com os objetivos traçados ano a ano, mas sempre visando os Jogos do Rio. Então em desenvolver, em ter mais atletas entre os três, em ter mais atletas com índice da seleção, em ter melhores resultados nos campeonatos mundiais, no Parapan. Então o Mundial de Glasgow e o Parapan foram excelentes. O Brasil fez suas melhores campanhas nessas competições. Deu experiência para grandes talentos que estavam surgindo, não só pro André e pro Daniel, mas aí veio com o Matheus Rheine, com o Ítalo, com o Talisson, que ganharam medalhas no Mundial, ganharam também no Parapan. Então foi um passo a passo, um desenvolvimento, um trabalho aí desses dois anos e meio sempre visando o Rio, mas com alguns objetivos, algumas metas de controle até da equipe pra chegar forte em 2016.

**3- Na natação paralímpica quais fatores contribuíram durante a Paralimpíada para que o Brasil não ganhasse um número maior de medalhas de ouro e fizesse uma campanha ainda melhor do que fez?**

Acredito que o número de medalhas de ouro não saiu talvez o que esperávamos, o que estava na nossa expectativa, por fatores de competição mesmo. Alguns atletas que surgiram, alguns países que não estavam competindo até nos grandes eventos, que estavam fora do *ranking* mundial e nos Jogos os atletas apareceram fazendo marcas absurdas até muito fortes. Alguns atletas da classe S10, principalmente da Ucrânia que

apareceram, que também eram desconhecidos ou acabaram de entrar no sistema de competição da natação paralímpica. Então basicamente dá pra apontar esses fatores porque aumentamos o número de atletas medalhados, aumentamos o número de medalhas conquistadas em relação a Londres, conseguimos três revezamentos medalhados que é uma coisa que nós não tínhamos. Todas as metas, os objetivos que foram traçados, foram sendo conquistados. E a medalha de ouro talvez por esses dois fatores aí dos atletas que apareceram e fugiu da nossa expectativa. Mas, acredito que é uma coisa que é do esporte paralímpico mesmo, pois o atleta pode ser classificado no ano dos Jogos e, de repente, ninguém conhece e é um grande atleta. Então acho que foram esses motivos, mas todas as outras metas da campanha foram atingidas assim muito bem. Principalmente o número de atletas medalhados e os revezamentos são números assim que nos dão esperança pro próximo ciclo agora pra Tóquio, porque quanto mais atletas você tem medalhando, próximo da medalha, mais chances você tem de aumentar o número de medalhas de ouro.

**4- Do que você acompanhou da Paralimpíada em geral, olhando todos os esportes, quais foram os fatores que contribuíram para que o Brasil não atingisse a meta do Top 5, apesar de ter feito a melhor campanha da história em número de medalhas conquistadas?**

No geral acredito que é isso mesmo. É esporte, então você tem um resultado surpreendente, tem um adversário que é melhor do que você e ganha a medalha de ouro, mas o Brasil fez uma campanha espetacular. O número de medalhas conquistadas, o número de modalidades que medalharam, uma nova geração de atletas que chegou e conquistou medalhas com resultados muito expressivos, muito fortes e as vezes você peca por um detalhe ou pelo fator do esporte mesmo, da competição. Mas, acredito que não podemos ficar presos a isso porque tivemos outras marcas excelentes, outras conquistas excelentes. É claro que o Comitê colocou como objetivo o quinto lugar, mas é uma competição. Se o Brasil tivesse ficado em oitavo com resultados abaixo, sem melhorar, aumentar o número de medalhas ou sem aparecer um trabalho novo poderíamos até ficar tristes e preocupados, mas não foi o que aconteceu, pelo contrário. A campanha foi espetacular não só na natação como nos outros esportes. Então em número de medalhas e de atletas ilustra bem isso.

**5- Como será a preparação da natação paralímpica do Brasil no ciclo de Tóquio? Você como técnico teme que os investimentos diminuam no esporte paralímpico brasileiro nos próximos anos?**

Agora pra Tóquio já começamos o planejamento específico da natação. No final dos Jogos do Rio, na semana depois, a gente já tava em reunião pra planejar as ações até lá. Acredito que nos dois primeiros anos vão fazer mesmo um trabalho forte com os jovens e, principalmente, agora com o Centro de Treinamento aqui da Imigrantes conseguir atender mais atletas, aumentar o número de atletas que trabalham aqui no centro de referência. Também atender melhor os clubes. As nossas competições vão ter um nível melhor porque a piscina aqui é muito boa. Então vamos novamente fazer ano a ano, objetivos curtos, curto em médio prazo, mas sempre visando agora os Jogos de Tóquio. Então é desenvolver os atletas pra que em 2019 já no Mundial, no Parapan de Lima, já estejam novamente lá entre os primeiros conseguindo competir e ganhar experiência de novo. Os medalhistas já treinando forte e competindo, treinando forte para melhorar as marcas e conseguir fazer em Tóquio uma campanha ainda melhor do que foi aqui a do Rio. E quanto aos investimentos eu acredito que o CPB vai trabalhar pra pelo menos manter o investimento que foi feito no Rio agora pra Tóquio e a gente sempre fica na expectativa, na torcida apesar da situação que o país atravessa, mas que a iniciativa privada também passe a apoiar mais o esporte paralímpico com patrocínios, com investimentos que o Brasil ainda é talvez das potências aí o que mais sente essa falta do apoio da iniciativa privada. Mas, já vem melhorando. Algumas empresas já vem se interessando e esperamos que isso possa aumentar para que

a gente não dependa também só do dinheiro público e que consiga manter o investimento pra esse próximo ciclo.

**6- Qual o legado esportivo que você espera que a Paralimpíada do Rio de Janeiro deixe para o Brasil? E na questão social da pessoa com deficiência e do deficiente que pratica um esporte?**

Depois dos Jogos o Brasil vai ficar com legado em várias áreas. Primeiro na parte esportiva porque acredito que muita gente conheceu o esporte e percebeu que é um esporte de alto rendimento feito por atletas que treinam muito, que se preparam muito. Não vieram ver um festival ou uma demonstração. O que eles viram foi um esporte de alto rendimento que é um trabalho muito sério e isso é um legado muito importante esse legado esportivo pras pessoas conhecerem as modalidades, conhecerem os atletas, criarem ídolos e entender como funciona o esporte paralímpico. Esse é um ponto importante. O legado das pessoas com deficiência, a questão da acessibilidade, de ver na pessoa com deficiência os pontos positivos, o que elas são capazes de fazer e não como coitadinhos, limitados. Que eles conseguem, podem, fazem muita coisa, têm muito potencial, muita capacidade pra exercer qualquer trabalho, qualquer função. Então acho que principalmente esses dois legados vão ficar e específico pra quem tá no Movimento, pra quem trabalha, pra quem faz parte, o Centro de Treinamento aqui de São Paulo acho que vai ser lembrado sempre como o grande legado. Apesar dos Jogos terem sido no Rio, pro esporte paralímpico o Centro aqui em São Paulo vai ser um grande legado que vai dar resultados por muitos anos, por muitos Jogos. Por aqui com certeza vai passar um desenvolvimento ainda maior do esporte paralímpico e a gente vai poder disputar de igual pra igual com as grandes potências do mundo. Agora todos os países que estão a nossa frente têm centro de treinamento, têm centros de desenvolvimento do esporte paralímpico e agora o Brasil também tem e com a administração do CPB, com o trabalho que a equipe faz, com certeza os frutos vão ser colhidos aí por muitos e muitos anos e muitas e muitas edições de Jogos Paralímpicos.

j) Entrevista com José Carlos Marques (Zeca Marques)

**1- A mídia dava alguma atenção ao esporte paralímpico nos anos 70, 80 e 90?**

A atenção ao esporte paralímpico é muito recente, dessa década mesmo. No final do século XX, início do século XXI, pouco espaço era dado ao esporte paralímpico e no caso brasileiro isso tem uma correlação direta com o fato de que foi só nos dois últimos Jogos Paralímpicos que o Brasil começou a ter o destaque acentuado a ponto de ser hoje uma potência paralímpica. Então o interesse midiático em torno do esporte, caso do Brasil, mas não só, em diferentes países, ele tá muito associado a competitividade que os atletas do nosso país têm em determinada modalidade esportiva. Como nós temos muita conquista de medalhas, não só nos Jogos Paralímpicos, mas nos Panamericanos também são exemplos disso, a mídia começa a dar um espaço maior, ainda que seja um espaço muito pequeno. E isso não acontece só com os Jogos Paralímpicos. A gente transmite, por exemplo, Fórmula 1, automobilismo quando tem algum brasileiro com chances de vitória. Veja o que acontece com o automobilismo na televisão hoje. São poucas provas que aparecem. Mesmo a Fórmula 1 tem tido uma diminuição de espaço cada vez maior na TV Globo porque não temos um piloto de expressão capaz de ser campeão. Isso vai se reproduzindo em todas as modalidades. O brasileiro parece que gosta de assistir aquilo que ele é campeão, vitorioso, com possibilidades de triunfo. E nos Jogos Paralímpicos também eu acho que a dimensão que eles tiveram hoje eles não tinham no século passado. Eu acho que desde Pequim pra cá aumentou muito a importância e o número de participantes. Natural que a imprensa também dê um pouco mais de espaço pra isso.

**2- Nos anos 1980 e 1990 o senhor não se recorda do tipo de cobertura que era feita dos Jogos Paralímpicos?**

Eu não tenho os dados aqui, mas é só a gente ver o número de participantes nos Jogos Paralímpicos que não era muito expressivo, principalmente no caso brasileiro, números que se intensificaram basicamente nas últimas três ou quatro edições dos Jogos. Então mesmo que mundialmente a primeira vez que tiveram Jogos Paralímpicos, em Roma, mesmo em 60 o número era muito pequeno. Então eu acho que isso também é uma ideia de que o esporte pode ser um fator para que a gente demonstre que não há limite para o corpo humano, qualquer pessoa com qualquer tipo de deficiência pode se apresentar numa competição e pode ter chance de mostrar que o chamado esporte adaptado tem condições de mostrar que a força humana ela supera qualquer adversidade.

**3- Por que as competições paralímpicas mundiais ainda não encontram espaço na grade de programação dos canais esportivos, principalmente a televisão aberta, e poucas emissoras se interessam em adquirir os direitos de exibição das Paralimpíadas?**

Eu acho que a TV aberta fez um erro de cálculo porque o sucesso das Olimpíadas do Rio de Janeiro tinha criado uma tradição de nós assistirmos as competições internacionais com os Jogos Olímpicos, no sentido de que todo mundo tava contaminado com esse vírus do esporte. Todo mundo queria assistir as competições, seja no local, nas arenas, seja na competição. E muita gente se interessou pelos paralímpicos na esteira do que aconteceu nos olímpicos. Então acho que foi um problema, um erro estratégico, porque haveria audiência. Agora fico pensando na TV aberta, como a TV Globo, que dedicou diversas horas aos Jogos Olímpicos. Se ela fosse fazer cálculo na ponta do lápis talvez ela ganhou mais com os investimentos dos patrocinadores da Malhação, da novela das seis do que se usasse aquele horário pra transmitir competições ao vivo. Então tudo tem a ver com esse modelo de negócio da televisão aberta especialmente que gira em torno dos anunciantes, dos investidores. Eu acho que a Globo quando negociou as cotas de transmissão dos Jogos Olímpicos não imaginou que poderia vender as cotas de transmissão dos Jogos Paralímpicos com sucesso. Esse é um ponto. Então é uma questão que não se previa uma audiência significativa pros Jogos Paralímpicos. E acho que se houvesse transmissão haveria público pra assistir. Só a TV Brasil passou os Jogos na TV aberta. TV Cultura em São Paulo aproveitou alguns dos horários pra usar isso em sua grade. E mesmo a TV fechada veja, que tem um público segmentado, uma televisão paga, mesmo a TV fechada só o SporTV transmitiu. *ESPN, Fox e Bandsports*, que tinham os direitos dos Jogos Olímpicos, não transmitiram os Paralímpicos, que eu acho que foi um outro problema um descrédito, um desprezo da TV fechada e o SporTV obviamente capitalizou em cima disso um canal fechado transmitiu. Essa é uma questão. A outra questão é que eu suspeito, aí teria que checar com pesquisas de audiência, com empresários dos meios de comunicação. Eu suspeito que o esporte paralímpico, esporte adaptado, ainda gera algum tipo de estranhamento para o público. O público ainda tem uma certa dificuldade não só em aceitar o paradesporto, esse atleta paralímpico, como também compreender as formas de disputa que são um pouco diferentes das que a gente tem nos jogos que são um pouco mais tradicionais, nos jogos que compõem o universo olímpico. Então como há muita segmentação devido ao grau de deficiência no esporte paralímpico fica difícil às vezes para o público perceber que o atleta que tem o braço amputado disputa numa série específica e o outro atleta que tem uma perna amputada vai disputar numa outra categoria específica. Então acho que primeiro é preciso didatizar um pouco mais os Jogos Paralímpicos, didatizar a transmissão para que o público possa ter um pouco mais de interesse a partir do momento em que ele compreenda a lógica do funcionamento desse esporte adaptado. Isso logimente custa tempo, recursos humanos, recursos financeiros e acho que nenhuma empresa de comunicação brasileira ou essas multinacionais que estão aqui vislumbrou que daria certo transmitir os Jogos Paralímpicos. E acho que eles perceberam durante os Jogos que eles

erraram na sua estratégia. Eu particularmente tenho muito interesse em assistir Jogos Paralímpicos. Eu fui ao Rio assistir três dias de Jogos Paralímpicos e ficaram me perguntando o porquê que a gente não tinha uma cobertura. Obviamente que não seria semelhante aos Jogos Olímpicos, mas que pudesse mal ou bem ficar próxima não em número de horas, mas pelo menos em canais de transmissão.

**4- Eu reparei que na visão de atletas essa falta de atenção ao esporte paralímpico é uma questão de preconceito. Para o senhor então é mesmo mais uma falta de visão do mercado do que preconceito?**

Aquilo que eu falei eu acho que uma parcela do público, não diria que seja a ser um preconceito, tem um certo estranhamento ao enxergar um atleta com algum tipo de deficiência disputando alguma prova esportiva. Então isso causa para as pessoas um certo olhar assim de estranhamento, palavra que exprima melhor aquilo que eu vislumbro. Pessoas que não querem ver isso. O esporte de certa forma historicamente ficou associado de maneira incorreta com uma ideia de bem estar, de saúde. A gente sabe que o atleta de alto rendimento ele não tá praticando esporte por causa da sua saúde, pelo contrário, o esporte vai fazer com que ele tenha uma série de problemas. E aí meio como que um paradoxo um atleta de ginástica olímpica, por exemplo, a gente sabe que ele tem quase sempre as articulações gastas e desgastadas por causa dos movimentos contínuos. Então como de certa forma muitas pessoas associam o esporte ao bem-estar físico, a uma ideia de vida saudável, ver um atleta com algum tipo de deficiência cria esse estranhamento e por isso uma hipótese que teria que ser obviamente checada, pesquisada. Mas isso cria um paradoxo no sentido de que as pessoas talvez não queiram, não se vislumbram, não se veem refletidas no atleta com deficiência. Isso acontece não só no esporte, mas na sociedade de forma geral, há pessoas que tem muitas dificuldades para lidar com as pessoas com deficiência.

**5- E o que precisa mudar dentro dos veículos de comunicação para que essas modalidades possam ganhar espaço na mídia?**

A gente precisa mudar a maneira como a própria sociedade enxerga a pessoa com deficiência. A pessoa com deficiência é uma pessoa que merece qualquer tipo de consideração e respeito como uma pessoa que não tem deficiência nenhuma. Então eu acho que o esporte paralímpico tem uma grande virtude já de mostrar que o corpo humano não tem limites. E que qualquer pessoa com qualquer tipo de deficiência consegue mostrar que tem condições de realizar uma atividade que outras pessoas realizam, desde que hajam realmente uma ideia de adaptação. Há um termo no francês que eu acho interessante pra dizer do esporte paralímpico que é o *handicap*, o atleta *handicap* tem um tipo de *handicap* específico. Então a gente tem que olhar pra pessoa, não só pro atleta, pra pessoa com deficiência como uma pessoa que tem uma vida normal. Obviamente dentro de algumas circunstâncias que merece todo tipo de aceitação social, de inclusão e o esporte vai na mesma toada. Então enquanto a gente não resolver essa questão social não dá pra imaginar que o esporte vai resolver porque o esporte tá dentro da nossa sociedade e ele simplesmente ele reflete o que a sociedade tem de bom e o que ela tem de ruim. Então se nós conseguirmos acenar que a pessoa com deficiência ela tem todas as possibilidades de ter uma vida normal e pra isso é preciso fazer uma série de questões que envolvem o poder público, poder privado e as pessoas: questão de acessibilidade, questão da assentabilidade, a questão da ascensão social. Então se a gente consegue fazer a sociedade fatalmente o esporte vai conseguir fazer isso e a gente vai ter provas paralímpicas com uma intensidade, uma frequência maior do que a gente tem hoje.

**6- Durante as Paralimpíadas vi muitas reclamações, principalmente em redes sociais, sobre a falta de cobertura do evento, principalmente em televisão aberta. O senhor acha que a Paralimpíada no Brasil pode ajudar a abrir as portas para a cobertura do esporte paralímpico?**

Mas é isso que eu acabei de dizer. O SBT faz uma campanha com a AACD, a Globo faz uma campanha com o Criança Esperança e parece que a gente quer olhar sempre para pessoa com deficiência ou carente de maneira filantrópica. A gente tá sempre ajudando, mas quando é para mostrar que ela tem uma capacidade de atuação social que uma pessoa normal não tem. Se eu fosse disputar uma prova de natação, por exemplo, com o Daniel Dias certamente eu perderia e eu não tenho o tipo de deficiência física que ele sofreu desde criança. Então veja ele é um atleta eu não sou. Ele demonstra, apesar da sua deficiência, uma adaptabilidade ao meio, à água, à natação que eu não vou conseguir. Eu não tenho maneiras de competir com ele. Isso não significa que eu ou ele somos melhor que um ou outro. Nada a ver uma coisa com a outra. Mas esse problema da filantropia é aquilo que parece que exime os nossos problemas, nos liberta dos nossos pecados. Então eu dou o dinheiro, contribuo, mostro que eu sou até numa questão de hierarquia eu sou capaz de ajudar aquela pessoa que tá necessitada, mas a filantropia é quase sempre uma ação pontual, não é uma ação de longo prazo, uma ação de que tem uma ideia de sustentabilidade, de ser sustentável. Ela é pontual. Eu dou o dinheiro porque eu quero me ver livre daquele problema. É uma forma até de espiar a minha culpa. E não dá pra pensar desse jeito. Se uma televisão se preocupa em fazer uma ação filantrópica como essa era natural que quando houvesse os Jogos Paralímpicos ela também exibisse os Jogos Paralímpicos. Porque pra mim isso que dá sentido, que dá coerência a essa ação filantrópica. Caso contrário passa a ser só uma ação para que a gente tenha um poder de marketing pra dizer olha o que nós fizemos, nós somos bonzinhos. Aí a gente sabe que nessas campanhas há uma série de empresas, de marcas, de empresas privadas, multinacionais, algumas públicas que vão lá com o donativo suntuoso para mostrar também o que elas querem. Na verdade é mostrar a marca pra um público cada vez mais amplo.

**7- Falando agora um pouquinho do evento o Brasil não conseguiu bater a meta de ser Top 5 no quadro de medalhas. Como o senhor avalia a participação brasileira?**

Eu acho que o Comitê Paralímpico já havia cometido essa impropriedade quando também nos Jogos Olímpicos colocou como meta para o Brasil ficar entre os dez primeiros países. Não conseguiu ficar e aí eu acho que essas metas ousadas elas mais demonstram uma frustração por não terem conseguido ser atingidas do que a gente olhar com ânimo e positividade para aquilo que foi obtido. Então tanto nos Jogos Olímpicos eu acho que a participação brasileira foi muito meritória, mas tem sempre aquele olhar que não atingiu a meta. E nos Jogos Paralímpicos, em que a meta não parecia tão ousada assim, era muito exequível, o fato de não ter ficado entre os cinco primeiros países não desmerece em nada a campanha brasileira. Foi uma campanha muito bonita. Foi uma campanha muito exitosa e isso coroa o trabalho especialmente do Comitê Paralímpico Brasileiro, que conseguiu capitalizar a entidade, conseguiu contar com o apoio do governo federal e de algumas multinacionais pra dotar de recursos a prática do esporte paralímpico no Brasil. O meu medo é que não pelo resultado dos Jogos Paralímpicos 2016, mas que pela crise financeira, a crise das estatais brasileiras, a gente não consiga continuar mantendo esse nível de recursos e de investimento e que os números para Tóquio 2020 sejam um pouco abaixo do que a gente obteve tanto agora em 2016 como em 2012 e em outros.

**8- O senhor esteve três dias nos Jogos Paralímpicos. Nesse período encontrou algum problema de infraestrutura?**

Havia muita obra inacabada, muitos problemas de acessibilidade, por exemplo. No Parque Olímpico da Barra para se chegar até lá de transporte público havia um trecho final do chamado VLT, o ônibus que andava numa pista própria no corredor. Só que quando ele

chegar ao terminal era preciso subir uma escadaria de uma dezena de degraus para depois atravessar por cima de um córrego e descer essa escadaria para ter acesso ao parque lá na frente. Havia rampas para as pessoas que precisavam usar cadeira de rodas, pessoas que tinha dificuldade de subir escadas. Mas, por exemplo, eu não percebi ali um elevador que pudesse fazer o transporte de uma pessoa não digo nem uma pessoa com deficiência, mas de uma pessoa idosa que tivesse algum problema de mobilidade. E o Parque Olímpico da Barra era muito grande. Havia alguns carrinhos como aqueles que a gente usa em campo de golfe para transportar os golfistas. Havia alguns carrinhos, mas mesmo assim eu acho que eles estavam em número insuficiente. Como eu não precisei disso eu confesso para você que eu não pude nem testar o serviço. Mas o serviço existia, eu via lá. Era frequente ver os carrinhos transportando algumas pessoas. Agora há altas obras no Rio de Janeiro que não ficaram prontas: havia um veículo leve sobre trilhos que fazia ligação do Aeroporto Santos Dumont até a Central do Brasil. Esse trecho final na região da Central do Brasil não ficou pronto. Usar o transporte público para ir ao Engenheiro, por exemplo, basicamente era metrô e linha de trem. O metrô no Rio de Janeiro em horário de pico, final da tarde, era extremamente lotado. Isso causava infortúnios para quem queria ir a competição esportiva, mas também para a população local porque veja o carioca teve em um curto espaço de tempo cerca de 500 mil pessoas, um dos números que anunciaram era esse, visitantes para os Jogos Olímpicos. Como que é uma cidade, uma metrópole que já tem um problema de transporte público no gargalo, como é que ela vai conseguir receber 500 mil pessoas se esse transporte público já é insuficiente para a população local? Então gerou-se um problema para a população local que teve que dividir o seu espaço que já tava lotado com os visitantes e gerou um problema para os visitantes que obviamente não querem ir para o evento e terem que ficar espremidos no transporte público para chegar na arena. Agora esse é o risco de se realizar um evento dessa magnitude em uma metrópole como o Rio de Janeiro. Esse problema aconteceria em qualquer grande cidade brasileira. Não vejo nenhuma com capacidade de dar conta disso sem obras assim de maior envergadura. Mas acho que de qualquer maneira no Rio de Janeiro muita coisa foi feita. Talvez o que a gente possa lamentar que isso provavelmente só ocorreu porque tivemos Copa do Mundo em 2014 e Olimpíada agora. O ideal seria uma cidade como o Rio de Janeiro e outras metrópoles pudessem ter esse tipo de investimento Independentemente de sediar ou não mega eventos.

### **9- Então para o senhor esses eventos que o Brasil recebeu foram positivos ou negativos para o país?**

Eu acho que é cedo para fazer o balanço. Balanço talvez tem que ser feito daqui a alguns anos. Acho que de imediato um país que tem tanto apreço pelo esporte, pelas atividades esportivas, era natural mais cedo ou mais tarde o Brasil fosse sede senão de Jogos Olímpicos, já que temos uma cultura olímpica muito pequena, mas de Copa do Mundo certamente. Se o Brasil é o país do futebol, o Brasil não sediar uma Copa para mim é um outro paradoxo. Alemanha já sediou duas vezes, a Itália já sediou duas vezes, a França sediou duas vezes, México veja sediou duas vezes e o Brasil tinha sediado uma vez só em 1950. Era natural que o Brasil fosse sede de Copa. Não vejo porque não ser. No caso dos Jogos Olímpicos como nós temos uma monocultura esportiva que vai sempre girando em torno do futebol era de se pensar ser interessante sediar ou não uma Olimpíada. Mas eu acho que o resultado final de imediato, a primeira conta que se faz, ela é positiva. Temos que ver o que vai acontecer daqui pra frente com o uso das arenas esportivas. Muitas devem ter problemas como houve já em 2007 nos Jogos Panamericanos no mesmo Rio de Janeiro. As arenas nos anos seguintes ficaram totalmente obsoletas, sem uso, deterioradas. Então é preciso ver o que vai ser feito com essas várias estruturas que foram criadas para os Jogos. Muitas já foram desmontadas, muitas não vão nem ficar. Muitas serão perenes e a gente precisa ver aquela palavrinha que tanto se comentava antes: o legado. Precisa ver se o legado, além das arenas, vai ser o legado de fazer com que a

população brasileira olhe para esporte de outra maneira. O estado, poder público, o poder privado olhem para o esporte de outra maneira. O esporte como uma forma de inclusão social e não apenas que se invista no esporte pensando em formar atletas medalhados que vão conquistar pódios daqui pra frente.

**10- Sobre as perguntas de mídia tem algum tópico relacionado a cobertura do esporte paralímpico que eu não abordei e o senhor acha interessante falar?**

Só reforçar que pena que apenas um canal fechado transmitiu, que foi o SporTV. Apenas uma TV, que foi a TV Brasil. Eu acho que a cobertura do SporTV foi muito cuidadosa. Eles tiveram um preparo, um cuidado de não ficar proferindo algumas impropriedades sobre o atleta paralímpico porque é um risco muito grande. Houve um escorregãozinho aqui e ali, mas eu acho que a cobertura foi muito respeitosa, foi muito informativa. Havia uma preocupação em didatizar a transmissão para o telespectador. Mas às vezes acho que ficou faltando um cuidado maior de informação no sentido de explicar, por exemplo, as diferenças de categorias que há nas competições. Então na mesma competição natação, por exemplo, tem o S1, S4, S8. Quais são as diferenças? Qual é a deficiência que vai gerar uma diferença na modalidade pra que um atleta dispute a prova na modalidade A ou na modalidade B. Isso pra mim poderia ter sido feito com gráficos, com reportagens, com algum recurso que explicasse melhor pro telespectador o que era aquela prova e porque, como eu já disse, o atleta com uma deficiência X disputa aqui e porque uma deficiência Y disputa ali a mesma prova. Então isso eu acho que faltou. Acho que a gente não tinha inclusive as explicações das siglas das modalidades e isso talvez pudesse ter havido um trabalho maior de transmitir isso pro público. Mas de resto acho que uma transmissão bonita que a SporTV fez.

**11- Então o senhor acha que o a falta de informações ainda necessita ser aprimorada na cobertura do esporte paralímpico?**

Mais informações. Acho que tem que ser mais didática. Não só o esporte paralímpico, esporte olímpico também. Às vezes a gente não entende algumas coisas que estão acontecendo em alguma modalidade com pouca presença na mídia. Salto com vara, por exemplo, a gente fica sabendo meio que no calor dos acontecimentos. Mas acho que é preciso explicar as etapas que há na prova, o que vai acontecer antes durante e depois. Quais são os protocolos, o que o atleta tem que fazer. Então às vezes eu acho que falta um didatismo não só no esporte paralímpico, no esporte olímpico de forma geral. É muito difícil para uma pessoa leiga, por exemplo, acompanhar os golpes do judô. Eu acho que as transmissões pecam por explicar os tipos de golpes, como é que uma luta acaba. E isso é típico, como eu falei, de um país em que nós temos uma monocultura que gira em torno do futebol e do outro esporte vitorioso do momento. Já foi o tênis, já foi o automobilismo, já foi o vôlei, bom o vôlei sempre é. A ginástica agora tá tendo um valor com muitos atletas que despontam, mas eu acho que o grande público se a gente fizesse uma enquete a maioria das pessoas não sabe se quer como as provas acontecem, qual é a sequencia, como elas tem que ser disputadas e isso acho que cabe aos meios de comunicação de forma geral explicar pro grande público.

**12- E qual a opinião do senhor em relação à abordagem ética do repórter com os atletas que possuem deficiência?**

Acho que houve um cuidado muito grande, mais que na Olimpíada. Acho que isso poderia ser perguntado aos próprios atletas. Mas acho que poucos vão ter do que se queixar. Alguns repórteres do SporTV, por exemplo, que eu vi nos Jogos Paralímpicos, não os vi nos Jogos Olímpicos então houve até uma troca de pessoal, de recursos humanos. Eu não vi nada muito grave. Também não fiquei o dia inteiro vendo televisão, mas nem nas redes sociais nem na imprensa houve assim uma discussão sobre casos muito graves, por exemplo como a gente teve nos Jogos Olímpicos com a pergunta que uma reporter do SporTV faz pro Bruno Fratus depois que ele tinha disputado os 50 metros e chegado em

sexto lugar: você tá contente? E ele responde tô felizão cheguei em sexto. Não vi isso nos Jogos Paralímpicos, mas se tivesse havido provavelmente a gente teria ouvido uma discussão. Então acho que houve um respeito muito grande. E do público também. Eu estive nos Jogos Olímpicos também e observei que o público dos Jogos Paralímpicos tinha um respeito maior com a competição, com os atletas do que a gente viu nos Jogos Olímpicos. Não havia tanta vaias aos adversários, não havia tanta discussão em torno de resultado, qualquer atleta que fazia o movimento no atletismo ele era aplaudido errando, acertando, conseguindo desenvolver a prova, não conseguindo ele era sempre apoiado. E acho que isso foi uma coisa bonita que aconteceu nos Jogos Paralímpicos. O público abraçou um pouco a causa.

**13- O que eu percebi que falta ainda na cobertura da mídia é parar de tratar o atleta paralímpico como super-herói.**

Acho que esse é o grande problema. O atleta paralímpico ele não quer ser tratado como coitadinho, não quer ser tratado como super-herói. Quer ser tratado como uma pessoa que tem uma deficiência, mas que é um ser humano como nós, como qualquer outro. Então às vezes eu acho que há essa ideia de que o atleta paralímpico é um super-herói porque ele se superou, pra demonstrar que, mesmo na deficiência, ele consegue ser competitivo. Eles detestam isso e acho que isso é um erro. Agora eu acho que isso também é uma tentação grande pros meios de comunicação porque veja isso acontece não só com o paratleta, acontece com o atleta também. Sempre que um atleta tem uma origem humilde e torna-se um vitorioso os meios de comunicação vão explorar esse dado. Como alguém que nasceu na comunidade periférica do Rio de Janeiro, nasceu na favela, se torna o principal jogador de futebol do mundo. A gente tem vários exemplos. Então essa ideia de alguém que teve uma ascensão social por meio do esporte contamina também o esporte não paralímpico. Então eu acho que, não que seja natural, mas se isso acontece no esporte não paralímpico era de se esperar que no paralímpico eles fizessem o mesmo tipo de exploração da pessoa vitoriosa. E veja isso só acontece com a pessoa vitoriosa. Aquele que não vence ele se quer tem presença, ele se quer aparece, fica silenciado. Os atletas brasileiros que falharam de alguma maneira nos Jogos Paralímpicos deixaram de ter protagonismo porque a gente tem que mostrar aquilo que é sucesso. Mas acho que essa é uma tentação inerente aos meios de comunicação. Eles vão atrás exatamente disso.

**14- Então é muito difícil mudar o olhar em relação ao paratleta pela cultura nossa?**

Se a gente olha pra pessoa com deficiência de um jeito na sociedade como é que a gente vai querer que a imprensa olhe de outro jeito. O problema não tá só na imprensa, o problema tá na gente. Se a gente aceita que a sociedade brasileira é racista, homofóbica, sexista como é que o esporte não vai ter isso também. Então não é um problema do esporte. É um problema da sociedade. O esporte vai deixar de racista, machista, homofóbico se a sociedade deixar de ser. O esporte não tá desligado, não tá dissociado da sociedade. Ele faz parte da sociedade. Então se a gente não tem o tratamento devido com a pessoa com deficiência na vida cotidiana como é que a gente quer esperar que no esporte paralímpico, só porque ele é um esportista paralímpico, ele vai ter um tratamento diferenciado? É uma ilusão. Temos que ter um tratamento diferenciado ou não? A gente tem que aceitar a pessoa da maneira como ela é não é no esporte, é na vida. O esporte é um reflexo do que a gente faz na sociedade.

## k) Entrevista com Israel Stoh

**1- O que te levou a trocar o jornalismo pela prática do tênis de mesa paralímpico?**

Eu sempre trabalhei onde eu esperava trabalhar naquele momento. Eu tinha trabalhado no jornal Lance como repórter. Passei pela Editora Abril, pelo globoesporte.com como editor regional. Eu tive bons empregos e eles sempre vieram quando eu ainda tava recém-formado, quando eu naturalmente ainda não tinha projeção por grandes salários, por uma renda boa. Tava na fase de começar, de ralar mesmo. Mas eu tava chateado primeiro pelo mercado do jornalismo. Todo mundo sabe que é um mercado muito difícil, um mercado muito pequeno pra um número grande de profissionais que se formam todo ano. E eu não tinha muita perspectiva de carreira. Como eu falei sempre trabalhei onde eu queria trabalhar, mas eu via, por exemplo, o meu chefe com dez anos de carreira a mais que eu ganhando meio salário a mais que eu só, ganhando uma diferença pequena e eu não tinha muita perspectiva de futuro, embora eu gostasse muita da carreira, da profissão e tal. Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar eu tava estudando já o esporte paraolímpico. Eu fui descobrir que a minha deficiência me permite entrar no esporte paraolímpico há pouco tempo. Foi nesse intervalo de tempo porque eu achava que o esporte paraolímpico eram deficiências mais graves. Não tinha há sete anos atrás, seis anos atrás a divulgação que se tem hoje. E quando eu fui descobri, quando eu conheci eu pensei pô então... e nesse meio termo eu estudei o circuito, eu vi os jogadores que tavam no campeonato na *YouTube*, na *Internet* e falei cara eu tenho condição de jogar com todos esses daí que eram os melhores do mundo na ocasião. E juntou minha insatisfação com o jornalismo com minha perspectiva de carreira no esporte e eu resolvi fazer a transição.

**2- Qual sua opinião sobre os investimentos que foram feitos no Brasil para a Paralimpíada de 2016 e sobre o que é investido no desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro?**

Eu acho que o investimento foi bom. Não foi bom, foi muito bom. Os atletas tiveram não só uma remuneração muito boa para representar o Brasil aqui em casa como teve uma estrutura, teve intercâmbio, bastante competição e treino fora do país. E não há toa o resultado foi o melhor da história. A gente conseguiu se não o melhor na classificação geral pelo número de medalhas de ouro, mas a gente teve um volume de medalhas enorme, absurdo. A gente teve um volume de medalhas de longe o melhor da história, o que significa que apareceram mais atletas, apareceram mais candidatos a ídolos no esporte paraolímpico. Então o Movimento Paraolímpico cresceu muito e isso só aconteceu graças aos investimentos que chegaram. A gente acredita que eles se mantenham, que esse investimento continue. A gente tem o exemplo da Inglaterra, que fez uma boa campanha nos Jogos de Londres e fez uma campanha espetacular agora no Rio. Tanto no olímpico quanto no paraolímpico. A gente fez uma campanha muito boa agora e a tendência é que a gente melhore caso os recursos se mantenham. Do jeito que estão e a tendência é que isso chame a atenção das pessoas. Tendência que chame não está chamando a atenção das pessoas. O público viu que as pessoas com alguma deficiência eles podem ser importantes para a história do país, importantes pra eles mesmos, que eles podem enfrentar uma deficiência física com algum sofrimento talvez, o que é pertinente. Mas, com saúde, com boa perspectiva, com otimismo. Então os Jogos Paraolímpicos no Brasil a gente acha que chamou mais a atenção, que as pessoas podem enfrentar alguma dificuldade física que eles podem ter uma deficiência física e podem num ciclo de quatro, oito, 12 anos se tornarem aí novos protagonistas do esporte no Brasil.

**3- Como você avalia a participação brasileira nas Paralimpíadas, que bateu o recorde de medalhas, mas não alcançou o Top 5, que era a meta do Comitê Paralímpico Brasileiro? O que faltou para atingir esse objetivo?**

Eu acho o resultado espetacular. Pra vocês terem uma ideia, e não é força de expressão, que se o Brasil tivesse batido o quinto lugar, numa projeção digamos mais lógica, no sentido de que ganharam 21 medalhas de ouro em Londres. Não me recordo exatamente, mas foram algo em torno de 14 pratas e nove bronzes, foi algo mais ou menos em torno perto disso. Se tivesse uma projeção de ganhado mais cinco medalhas de ouro, duas, três de prata e duas, três de bronze, talvez não teriam a mesma repercussão. Teria sim a mesma repercussão, mas o resultado não seria tão bom porque como eu falei a gente teve um aumento muito grande no número de medalhistas do Brasil. Foi uma coisa excepcional. Como são novos medalhistas tavam ainda menos calejados pra pensar em grandes resultados, no caso uma medalha de ouro. Esses novos atletas tinham a pressão de uma estreia, de uma primeira participação, fator casa. Foi um ambiente novo e talvez tenha pesado um pouquinho. Tenho feito esses atletas, como eu fui com a medalha de prata, terem ficado abaixo um pouquinho do que precisava para ganhar a medalha de ouro. Mas, as medalhas de prata e de bronze foram excepcionais, foram um salto muito grande. E o que faltou pra bater essa meta acho que não foi nem uma questão de ter faltado. O nível paraolímpico mundial aumentou muito, o nível fora do país tá muito grande. Assim como a gente teve o crescimento aqui em medalhas de prata e de bronze, os outros países também tiveram. Apareceram competidores que a gente não conhecia. Teve a China que deu uma roubada lá na classificação na natação, não sei se no atletismo também. Mas o fato é que apareceram novos competidores, competidores fortíssimos e as medalhas de ouro que o Brasil contava acabaram se dividindo aí entre outros atletas. Talvez os atletas mais favoritos sentiram um pouco uma pressão por fazer resultado no país, mas isso eles que poderiam falar melhor. Mas eu acho que com certeza foi essa evolução dos nossos adversários também.

**4- Você enfrentou algum problema de infraestrutura durante os Jogos? E você teme que os investimentos diminuam na preparação para as Paralimpíadas de Tóquio?**

Não. Eu achei a estrutura dos Jogos sensacionais. Jogos Olímpicos e Paraolímpicos têm uma atmosfera que é algo único na nossa vida. A gente trabalha quatro anos para estar lá, a gente curte tudo, a gente andar na Vila e vê os prédios com as bandeiras dos países e tal. Fou tudo muito legal, muito bacana. Problema de estrutura talvez tenha tido alguma coisa mínima sim, mas nada que mereça destaque e nada aqui que me faça lembrar. Então imagino que isso não tenha acontecido nada de errado. Eu pelo menos não percebi, não me incomodou. E sobre investimento pra esse próximo ciclo a gente escuta os políticos garantir que vai continuar e tal. Não é uma coisa que não me preocupa. Eu confio e espero confiar e acredito que vá se seguir a palavra deles. E não tem muito porque a gente diminuir o investimento com o resultado que a gente teve. A gente espera que o trabalho continue e eu acredito que vai continuar do jeito que foi até agora, mas saber a gente não sabe. Mas, eu espero e acredito que vai ter um bom investimento para que a gente dê continuidade ao que foi feito e conquiste novos bons resultados.

**5- Na sua visão como um atleta formado em jornalismo por que os esportes paralímpicos ainda não recebem da mídia a mesma atenção e cobertura dos eventos quando comparados ao esporte olímpico, principalmente a falta de transmissões nas grandes emissoras de televisão aberta? O que precisa mudar na estrutura da mídia brasileira para que os esportes paralímpicos possam ganhar mais espaço?**

Eu acho que ainda não tem a cobertura que se espera, que a gente considera que seja legal, porque o esporte paraolímpico ainda tá em formação. O futebol, que é o que a gente tem como referência, já é uma religião no Brasil. Uma religião no mundo, não só no Brasil. Os outros esportes já chegaram, não num alto rendimento porque o esporte paraolímpico

também tá, mas chegaram num limite. Hoje para você bater um recorde nas Olimpíadas é coisa de um, dois, três recordes por edição dos Jogos e por centésimos, milésimos, é uma diferença muito pequena, é muito difícil você bater um recorde. E eu acho que o esporte paraolímpico ainda tá caminhando pra chegar nisso. Pra chegar ao máximo que o ser humano com deficiência pode fazer, no caso do esporte paraolímpico. E é um movimento novo. O esporte paraolímpico há oito anos, há 12 vou pontuar mais ou menos por aí, era uma questão basicamente de inclusão social. Era aquela coisa de não é bonitinho a pessoa com deficiência praticando esporte porque ela enfrenta a dificuldade, ela mostra que não tem limite. Mas, era uma questão muito mais social e muito menos esportiva. Hoje já não. O atleta paralímpico ele tem percentual de gordura igual dos olímpicos, massa magra igual dos olímpicos, ele tem rendimento igual dos olímpicos. Proporcionalmente, óbvio. Mas, ele tem a mesma condição física, o mesmo preparo. Então as pessoas tão começando a conhecer o alto rendimento paraolímpico agora. Eu acho natural que demore esse tempo, que tenha essa diferença comparado ao esporte olímpico e paralímpico no sentido de divulgação, de mídia, de imprensa e tudo mais. Mas, a gente teve um ganho muito grande agora nos Jogos do Rio. Principalmente claro por ser no nosso país, por ter chamado mais a atenção, mas, o Movimento Paraolímpico, o destaque do Movimento Paraolímpico na mídia é uma coisa que vem ganhando espaço, vem ganhando volume e eu acredito que em 2020, talvez. Não necessariamente pontuando as datas olímpicas, mas eu acho que nos próximos anos vai ter um equilíbrio maior, mas é natural que hoje não seja assim.

**6- Você acredita que a realização da Paralimpíada no Brasil pode contribuir para que esse cenário mude e o esporte paralímpico possa em um futuro próximo passar a receber maior atenção por parte da imprensa?**

Sim eu acho que os Jogos no Brasil abriram os olhos para o público brasileiro. Os Jogos aqui no Brasil lotaram muitos dias no tênis de mesa. Teve dia que acabaram os ingressos, que era uma coisa que não imaginava que acontecesse. Foi um negócio surpreendente para nós atletas, para nossas famílias. E o público brasileiro abraçou muito o esporte paraolímpico aqui, abraçou bastante. Todos os jogos torcendo muito. A torcida foi espetacular e eu não tenho a menor dúvida. Eu acho que a curiosidade que teve que o esporte paraolímpico provocou vai continuar provocando. As pessoas que escutaram falar em mim, escutaram falar dos nossos colegas que ganharam medalha sensacionais também vão querer continuar ouvindo falar da gente, ficar mais atentas ao noticiário. As coisas mudaram bastante, mas com certeza o fato de ser no Brasil os Jogos foi fundamental pra isso.

**7- Como você avalia o trabalho da imprensa, principalmente a televisão, na transmissão dos eventos e cobertura das Paralimpíadas 2016?**

Eu achei bom sim o trabalho da imprensa televisiva essa que foi sua pergunta. Eu acho que é mais difícil você cobrir o esporte paraolímpico porque as pessoas conhecem menos, é um cenário aqui que não passa na imprensa todo dia. Então cada cobertura exige uma pesquisa do profissional de imprensa. No caso pelo menos eu quando eu acompanhei, quando eu fui entrevistado eu nunca percebi desinformação por parte do profissional que me entrevistou, que fez matéria comigo. Eu tô até pensando aqui, tentando lembrar algum caso, mas eu acho que não chamou minha atenção. Com certeza não chamou minha atenção nenhuma desinformação por parte de quem tava me entrevistando. Tavam bem informados sobre o evento. Acho que foi uma cobertura boa sim. Talvez em volume de transmissão alguns tenham criticado, mas, como eu falei antes, pelo momento que a gente tem vivido, pelo crescimento de cobertura eu acho que foi um espaço muito bom que a gente teve.

**8- Você como paratleta, mas como alguém que também já fez parte da imprensa, considera adequada a maneira como a mídia em geral foca os paratletas? Caso não, o que precisa ser aprimorado?**

Eu vejo alguns paratletas criticando abordagem em relação a eles mesmos. Eu vejo gente falando assim não porque fala em superação, em superar deficiências tudo e esquecem que nós somos atletas como os outros, como os atletas sem deficiência. Mas, eu discordo um pouco assim desse movimento porque eu entendo que por mais que sejamos atletas de alto rendimento, como os convencionais, como os que não têm nenhum tipo de deficiência, eu acho que a gente carrega sim um pouco dessa mensagem também de superação. Então eu acho que isso fortalece a gente, deixa a gente mais forte, mais próximo do público e é uma mensagem que a gente tem que carregar sim.

l) Entrevista com Rafael Hoffman

**1- Como você descobriu a prática do *rugby* em cadeira de rodas e como foi sua trajetória desde que começou a praticar o esporte até chegar ao alto rendimento e à seleção brasileira. Quais as dificuldades físicas, de estrutura e psicológicas que você enfrentou nessa caminhada?**

Conheci o *rugby* em cadeira de rodas no ano de 2008. Logo com seis meses de lesão eu recebi um convite de um acadêmico de educação física para conhecer um projeto paradesportivo de uma universidade privada lá em Florianópolis e foi assim que eu cheguei no *rugby*. Eu comecei a treinar a princípio como meio de reabilitação. Sabia que fisicamente eu iria melhorar em alguma coisa. Então comecei a treinar o *rugby* com esse intuito, sem saber que essa modalidade se tornaria uma das modalidades participantes agora dos Jogos Rio 2016. A minha trajetória começou no ano de 2009, quando eu participei do primeiro Campeonato Brasileiro. Eu joguei o Campeonato Brasileiro no interior de São Paulo. Nessa oportunidade eu já fui convocado para seleção brasileira e desde dessa convocação em 2009 até agora os Jogos do Rio-2016 eu não fiquei de fora de nenhuma convocação, estive presente em todas, e foi aí que começou a minha trajetória. Já joguei em 2011 meu primeiro Panamericano e a gente conseguiu o bronze. Em 2013 novamente o bronze no Panamericano da modalidade, que foi nos Estados Unidos. Já tive oportunidade de jogar o Sul-Americano também e o Brasil foi campeão. Esse torneio foi no Rio de Janeiro. E joguei o Parapan de Toronto e ficamos em quarto lugar. E agora recentemente os Jogos do Rio-2016 onde a gente ficou em oitavo. Eu encontrei assim algumas dificuldades estruturais. Eu treinava numa equipe em Florianópolis e a gente tinha bastante dificuldade de acesso a material: a cadeira de jogo, roda, pneu. Era no início lá em 2009 era bem complicado a gente ter acesso a esse tipo de material. Por ser uma modalidade nova aí poucas empresas queriam investir e a gente sabe que a verba do Comitê Paralímpico ela é dividida entre as modalidades de acordo com suas conquistas e o *rugby* não tinha nada, não tinha nenhuma medalha de Panamericano. Então essa era a grande dificuldade estrutural nossa de acesso ao material e profissionais para trabalhar também nessa modalidade. Foi quando no ano de 2013 acabei migrando para a cidade de Curitiba, onde eu encontrei uma estrutura de treinamento, mas o de quadra porque eu consegui continuar treinando em alto rendimento aí para chegar a um objetivo que era as Paraolimpíadas agora do Rio. Eu acho que a grande dificuldade psicológica foi essa pressão de estar na seleção desde 2009 e chegar tão perto agora dos Jogos Paralímpicos com uma possibilidade de talvez não participar porque a modalidade foi evoluindo muito, novos atletas foram surgindo. Então essa dificuldade psicológica acho que foi a maior de talvez surgir alguém mais bem preparado e eu acabar ficando de fora.

**2- A seleção brasileira de *rugby* em cadeira de rodas terminou em quarto no Parapan de 2015 e em oitavo na Rio 2016. Como está sendo a evolução dessa modalidade no Brasil?**

Ficamos em quarto lugar no Parapan de Toronto. Perdemos a disputa da medalha de bronze para a Colômbia, o que foi um resultado bastante ruim para a gente, para modalidade principalmente, porque estávamos às vésperas aí dos Jogos Paralímpicos e esse resultado negativo foi bastante ruim para a gente tendo em vista que o *rugby* brasileiro já tinha conquistado duas medalhas de bronze em dois Panamericanos da modalidade. Em 2011, 2013 e 2014 fomos campeões sul-americanos então essa derrota para a Colômbia em Toronto foi bastante ruim falando até da preparação para 2016. Já o oitavo lugar nas Paraolimpíadas, por ser a primeira participação do Brasil em Jogos Paralímpicos, a gente conseguiu fazer jogos excelentes contra potências do mundo. Na chave do Brasil, por exemplo, tínhamos Austrália, que foi a campeã paralímpica em cima dos Estados Unidos, tínhamos o Canadá, que é atual campeão do Parapan, Parapanamericano, e tínhamos a Grã-Bretanha, que é a atual campeã europeia. Então nossa chave tava bem complicado para a gente conseguir algum tipo de resultado. Mas, acredito que esse oitavo lugar não influenciou no processo de evolução da modalidade. Daqui pra frente eu acredito até que os bons jogos que a gente fez vai ser o que ficou para o público que foi assistir, pro público que acompanhou pela TV e pela *Internet* também. Prova disso é que os quatro jogos que a gente jogou agora na Paraolimpíada a arena tava lotado nos quatro jogos. Então provou aí que é um jogo bastante, uma modalidade bastante atrativa, e o público gostou bastante, repercutiu muito no Brasil. Então acho que esse resultado do Parapan e o resultado da Paraolimpíada agora não vai influenciar no processo de evolução da modalidade. Lógico que como *rugby* é uma modalidade de alto rendimento o resultado é importante para a gente, mas acho que no processo de evolução não vai influenciar não.

**3- Você como paratleta considera satisfatórios os investimentos feitos no Brasil no desenvolvimento e aprimoramento do esporte paralímpico e também em infraestrutura para as pessoas com deficiência? O que ainda falta ser aprimorado na sua opinião?**

Os investimentos do Comitê Paralímpico, governo federal foram feitos nas modalidades de acordo com os seus resultados anteriores. Então as modalidades que já haviam participado de Paraolimpíadas e tinham conquistado medalhas receberam uma fatia um pouco maior e as modalidades que nunca tinha participado ou nunca tinha conquistado nenhuma medalha receberam uma fatia um pouco menor do investimento total do Comitê Paralímpico e do governo federal. Então acho que é justo. Foi justo para as modalidades que já haviam conquistado medalha receber um pouco mais de investimento. Acho que o investimento que foi feito foi satisfatório. Falando do *rugby* especificamente a gente conseguiu fazer competições no exterior para preparação. Só acho que eu penso que a gente ainda tem um pouco de dificuldade de acesso ao material. A maioria do material aí que a gente usa no *rugby* ser importado. A gente tem bastante dificuldade de acesso e ainda o paradesporto os investimentos em infraestrutura no total a gente ainda depende muito do terceiro setor. Mas, no meu ponto de vista, tem melhorado bastante. Eu tenho apenas oito anos e meio aí como paratleta, oito anos e meio de prática de *rugby* então eu tô podendo acompanhar um pouco dessa evolução. Mas, eu acho que o paradesporto está no caminho certo sim. Foi construído agora recentemente um Centro de Treinamento em São Paulo. Centro de Treinamento Paralímpico para todas as modalidades. Inclusive a gente fez a aclimação para os Jogos Paralímpicos lá em São Paulo. Ficamos duas semanas em São Paulo nos preparando no Centro de Treinamento e a tendência é de que surjam outros centros de treinamento com a mesma estrutura. Acho que o paradesporto tá evoluindo sim e a tendência é cada vez melhorar mais.

**4- Na posição de atleta como você avalia os investimentos que foram feitos para o ciclo paralímpico de 2016?**

Os investimentos na preparação pros Jogos do Rio 2016, no meu ponto de vista, foram bem satisfatórios. Falando aí especificamente do *rugby*, que é minha modalidade, como eu tinha falado na pergunta anterior, a gente conseguiu fazer torneios preparatórios no exterior, na Europa, e também consegui fazer bastante campeonatos aqui mesmo internos no Brasil, o que ajudou bastante no desenvolvimento da modalidade e também no surgimento aí de novos atletas, que é o que vai realmente manter o processo de evolução da modalidade.

**5- Após o término dos Jogos Paralímpicos você teme que os investimentos diminuam e os paratletas tenham mais dificuldades no ciclo paralímpico de Tóquio 2020?**

É claro que a gente fica um pouco receoso quanto aos investimentos aí pra 2020, pra esse próximo ciclo, principalmente pela situação política que o país tá vivendo, situação econômica. Então a gente fica um pouco receoso, sem saber bem o que vai acontecer nos próximos anos. Mas a gente espera que com a repercussão dos Jogos aqui no Brasil, dos Jogos Paralímpicos, o investimento pelo menos se mantenha. Se não puder melhorar pelo menos se mantenha tendo em vista as dificuldades econômicas que o Brasil tá passando.

**6- Na sua visão como a Paralimpíada pode ajudar as pessoas com deficiência a mudar também a visão a respeito da deficiência e das pessoas que praticam esporte adaptado?**

Sem dúvida nenhuma os Jogos Paralímpicos do Rio vai deixar esse legado. Eu acho que antes de qualquer bom resultado, qualquer medalha o maior objetivo dos Jogos Paralímpicos aqui no Rio esse maior legado que a gente podia deixar era disseminar o paradesporto no país para que outras pessoas com deficiência tenham acesso, tenham essa oportunidade, esse direito de praticar uma modalidade esportiva e usufruir dos benefícios que o esporte traz. Quanto à visão da população, principalmente da mídia para atletas, para pessoa com deficiência, eu acho que vai mudar a visão sim. Ficou bastante claro que todas as modalidades que tinham nos Jogos agora Rio 2016 era uma modalidade de alto rendimento. Então são atletas que treinam incansavelmente seis a oito horas por dia e isso é muito digno de respeito sim. Acho que também vai mudar a maneira com que a sociedade enxerga a pessoa com deficiência. Eu acho que a gente pode mostrar para o país também através da mídia que a pessoa com deficiência ela é capaz de produzir não só no esporte, mas no mercado de trabalho de modo geral. Então eu acho que esse vai ser o maior legado dos Jogos. Essa mudança de percepção aí quanto à pessoa com deficiência e o atleta de alto rendimento do paradesporto.

**7- Os meios de comunicação têm alguma influência para que as pessoas com deficiência comecem o esporte paralímpico e comecem a praticar alguma modalidade? No seu caso tiveram alguma?**

Com certeza os meios de comunicação TV, *Internet*, pode contribuir diretamente para evolução aí do esporte paralímpico. Eu acredito que muitas pessoas conheceram o *rugby* ou outras modalidades através dos Jogos agora acompanhando pela TV, rede social, *Internet*. Hoje o acesso à informação tá muito mais fácil. Eu acho que a mídia tem um papel fundamental para levar a informação para as pessoas com deficiência e para que as pessoas tenham essa oportunidade e praticar uma modalidade esportiva. No meu caso não fez muita diferença porque eu acabei conhecendo o *rugby* através de um convite de um acadêmico, mas a gente percebe que muitas pessoas tão procurando o *rugby*, entrando em contato com a gente, com instituições onde já existe a modalidade, querendo participar, iniciar nos treinamentos através da mídia. Dizendo que viu na TV ou que assistiu pela *Internet*. Então sem dúvida a mídia tem um papel fundamental na evolução do esporte paralímpico.

**8- Você como paratleta sente que a cobertura de mídia dos esportes paralímpicos vem evoluindo nos últimos anos?**

No meu ponto de vista a cobertura da mídia ela tá evoluindo também a passos largos. Eu acho que está despertando o interesse na mídia de transmitir. Os Jogos Paralímpicos, as modalidades paraolímpicas porque são modalidades bastante atrativas para o público. Para quem vai assistir o *rugby*, por exemplo, é uma modalidade extremamente atrativa, com contato de cadeiras, e então acaba sendo mais atrativo do que o esporte olímpico até. Aos poucos aí o paradesporto tá ganhando espaço na mídia sim.

**9- Você fica satisfeito com a maneira como a mídia trata os paratletas de alto rendimento, muitas vezes exaltando “apenas” a superação das dificuldades?**

É, realmente a maneira com que a mídia tratava até os Jogos do Rio 2016 agora, a maneira com que a mídia tratava os atletas do esporte paralímpico era uma coisa que irritava bastante. Não só eu, mas uma maneira geral os paratletas exaltando sempre essa questão aí da superação da deficiência e as nossas histórias e tal. E a superação da deficiência não é uma coisa que a gente supera, é uma coisa que a gente vive. Eu vivo a minha deficiência, não vivo superando minha deficiência. Foi uma deficiência adquirida há oito anos e meio, mas não é uma coisa que eu fico superando a deficiência. Agora eu tô vivendo minha deficiência. Então acho que era uma maneira bem irritante que a mídia tratava o esporte paralímpico. Mas, acredito que já deu para perceber também durante os Jogos que a mídia já tá tratando um pouco diferente aí, levando em consideração que nós somos realmente atleta de alto rendimento. A gente treina, rala pra caramba para chegar e alcançar nossos objetivos e conquistar os resultados e alcançar as metas traçadas pelo Comitê Paralímpico.

**10- Você espera que com a realização da Paralimpíada no Brasil e o bom desempenho brasileiro o interesse cresça e o esporte paralímpico possa ganhar mais espaço na mídia?**

Sim, eu tenho plena certeza de que essas edições dos Jogos tanto Olímpico quanto Paralímpico aqui no Brasil vão despertar o interesse de outras pessoas em participar. Foi uma grande oportunidade da gente disseminar o esporte no Brasil e também mostrar todas as dificuldades que a gente tem pra que haja mais investimentos, pra que a gente profissionalize cada vez mais o esporte paralímpico. E eu tenho certeza que vai ganhar muito mais espaço na mídia agora depois dos Jogos. Fazendo com que outras pessoas conheçam e queiram praticar uma modalidade paradesportiva faz com que as nossas autoridades do governo enxerguem o paradesporto como uma necessidade. O investimento no paradesporto tem que ser uma necessidade e não só uma opção porque, no meu ponto de vista, quando você investe no esporte, no paradesporto, você não tá investindo só na formação de um atleta, mas tá investindo em saúde, em educação. Investindo em cultura e porque não dizer até em segurança. Se você investe no esporte, principalmente na iniciação, categorias de base, que é onde a gente vai formar os nossos futuros cidadãos. Então a gente tem essa esperança sim de que fique esse baita legado pra que outras pessoas tenham a mesma oportunidade que eu tive, por exemplo, de chegar numa modalidade paradesportiva, me tornar um atleta de alto rendimento e acabar tendo esse privilégio, essa honra de defender nosso país em uns Jogos tão importantes como esses do Rio 2016.

### APÊNDICE C – Reportagens produzidas

Programa:
Reportagem: Série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” – 1º capítulo
Repórter: Luis Felipe Carrion
Duração: 05'07"

<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA BG</u>
Apresentador -	Na próxima sexta-feira faz dois meses que a Paralimpíada do Rio de Janeiro terminou e DURANTE esta semana você acompanha a série de reportagens “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO”. No primeiro capítulo, saiba quais os obstáculos para a pessoa com deficiência se tornar um atleta paralímpico de alto rendimento.
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA VINHETA</u> <u>RODA BG</u>
Repórter –	<p>Na última edição dos Jogos Paralímpicos, o Brasil levou para a competição a maior delegação de sua história. Foram 286 atletas que competiram em 23 modalidades. Quem acompanhou o evento viu ídolos como os nadadores DANIEL DIAS e ANDRÉ BRASIL brilharem mais uma vez e escreverem seus nomes na história do esporte para pessoas com deficiência.</p> <p>Ao mesmo tempo em que atletas consagrados lutam para brilhar em grandes competições, existe uma multidão de anônimos no Brasil que trabalha para se tornar um esportista de ponta.</p> <p>Quem deseja esse objetivo tem um longo caminho a percorrer. O primeiro passo é a pessoa com deficiência descobrir o esporte que mais gosta e se sente mais à vontade, como explica o professor de educação física da Universidade Federal de Minas Gerais MARCO TÚLIO DE MELLO.</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Marco Túlio de Mello – 14 seg</u> D.I.: “Cada um vai buscar... D.F.: ... pela que mais gosta”.
Repórter –	A partir do momento em que a pessoa com deficiência encontra o esporte que mais aprecia e decide se tornar um atleta de alto rendimento, é necessário superar algumas dificuldades que as cidades brasileiras impõem.

	<p>Uma delas são os problemas de acessibilidade e infraestrutura, que dificultam a locomoção pelas ruas não só de quem pratica esporte, mas de todos os deficientes./ O esportista paralímpico e vereador de Bauru FÁBIO MANFRINATO analisa o transporte público como um dos principais problemas de acessibilidade para as pessoas com deficiência.//</p>
<p><u>TÉCNICA –</u></p>	<p><u>SONORA – Fábio Manfrinato – 28 seg</u>  D.I.: “Se existe o transporte público...  D.F.: ... semáforo com aviso sonoro”.</p>
<p>Repórter –</p>	<p>Depois de superar as dificuldades encontradas nas ruas, é fundamental para o esportista com deficiência encontrar um clube ou uma instituição que ofereça condições para que possa treinar e se desenvolver como atleta paralímpico./ Assim poderá aprimorar suas habilidades e participar de competições.//</p> <p>Um exemplo é o que acontece em BAURU através da Associação Bauruense de Desportos Aquáticos, a A-B-D-A./ A instituição foi fundada em 2010 e atualmente trabalha com atletas paralímpicos na natação.//</p> <p>Os paratletas não recebem ajuda financeira, mas a A-B-D-A disponibiliza em troca uma estrutura adequada para eles se prepararem./ Um dos principais nomes é LUCAS SIMÕES./ O nadador de 24 anos tem os movimentos das pernas comprometidos e compete na categoria S-sete./ LUCAS ressalta os benefícios que a A-B-D-A oferece para que possa se dedicar a carreira como atleta paralímpico.//</p>
<p><u>TÉCNICA –</u></p>	<p><u>SONORA – Lucas Simões – 30 seg</u>  D.I.: “Na ABDA, por exemplo...  D.F.: ... uma infraestrutura boa”.</p>
<p>Repórter –</p>	<p>Apesar da importância fundamental de um local que ofereça uma estrutura adequada, o diferencial para um atleta paralímpico se tornar um esportista de alto rendimento competitivo ainda é a própria dedicação aos treinos, como explica a professora de Educação Física da UNESP de Bauru MARLI NABEIRO.//</p>
<p><u>TÉCNICA –</u></p>	<p><u>SONORA – Marli Nabeiro – 30 seg</u>  D.I.: “Um atleta que treina duas...  D.F. ... se dê da melhor maneira possível”.</p>
<p>Repórter –</p>	<p>Se o paratleta for dedicado aos treinos e conseguir atingir um alto rendimento de elite, poderá ser descoberto pelo COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO durante as competições ou conseguir classificação para eventos internacionais através de índices.//</p> <p>É o caso de LUCAS SIMÕES./ O nadador ficou quase dois segundos acima do índice para a Paralimpíada de 2016 na prova dos 50 metros livre./ LUCAS já olha para o futuro e planeja sua preparação para o Parapanamericano de 2019 e a Paralimpíada de 2020.//</p>

<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA 2 – Lucas Simões – 28 seg</u> D.I.: “Mudando o treinamento...” D.F.: ... senão não vou conseguir”.
Repórter –	Os cuidados do atleta paralímpico quando não está competindo é mais um dos fatores essenciais na preparação e podem ser decisivos para o sucesso da carreira de um esportista de alto rendimento.//  De Bauru, LUIS FELIPE CARRION.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA VINHETA</u>  <u>RODA BG</u>
Apresentador -	No próximo capítulo da série “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO”, conheça a rotina de treinos de paratletas que participaram da Paralimpíada do Rio de Janeiro.//

Programa:
Reportagem: Série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” – capítulo 4
Repórter: Luis Felipe Carrion
Duração: 05'29"

<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA BG</u>
Apresentador-	O Brasil investiu alto na preparação para os Jogos Paralímpicos do RIO DE JANEIRO, mas o resultado final ficou abaixo do esperado./ Confira no quarto capítulo da série de reportagens “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO”./
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA VINHETA</u>
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	Os investimentos para desenvolver o esporte paralímpico e fazer do Brasil uma potência mundial dessas modalidades foram ampliados nas últimas três Paralimpíadas.//  O gasto total em PEQUIM, no ano de 2008, foi de aproximadamente 80 milhões de reais./ Quatro anos depois, o valor investido antes dos Jogos de LONDRES subiu para 165 milhões de reais./ Em 2016, o COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO teve à disposição a verba recorde de 375 milhões de reais./ Os dados são da Folha de São Paulo.//  O diretor-técnico do Comitê, EDILSON ALVES DA ROCHA, acompanhou de perto o investimento feito antes da Paralimpíada do RIO DE JANEIRO./ EDILSON explica como os recursos ajudaram os atletas paralímpicos a chegarem mais preparados para a competição.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Edilson Alves da Rocha – 21 seg</u> D.I.: “Participação em maior número... D.F.: ... com os melhores profissionais”.
Repórter –	O paratleta do tiro esportivo CARLOS GARLETTI não concorda com todas as ações feitas pelo COMITÊ PARALÍMPICO durante a preparação e aponta algumas falhas no planejamento.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Carlos Garletti – 23 seg</u> D.I.: “Na minha opinião eles queimaram... D.F.: ... concepção de um atleta olímpico.”

Repórter –	<p>Apesar das críticas de Carlos Garletti, o desempenho brasileiro em Jogos Paralímpicos melhorou após o aumento dos investimentos./ Em PEQUIM, o Brasil terminou em nono lugar no quadro de medalhas./ Na classificação final em LONDRES ficou em sétimo lugar./ Nos Jogos do RIO, o objetivo do COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO era continuar a melhora de desempenho e alcançar a meta de ser quinto colocado no quadro de medalhas.//</p> <p>Mesmo com um investimento recorde, o Brasil não conseguiu atingir a meta e terminou na oitava colocação./ Por outro lado, a campanha brasileira foi a melhor da história em número de medalhas conquistadas, com 72 no total./ O técnico-chefe da natação paralímpica, LEONARDO TOMASELLO, avalia que a meta brasileira só não foi alcançada por consequências normais de uma competição./ LEONARDO explica o que ocorreu nas provas de natação.//</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – Leonardo Tomasello – 31 seg</u>  D.I.: “Alguns atletas que surgiram...  D.F.: ... da natação paralímpica.”</p>
Repórter –	<p>O atirador CARLOS GARLETTI discorda de LEONARDO TOMASELLO./ O paratleta aponta as falhas de planejamento na preparação para a Paralimpíada como um dos fatores que contribuíram para que o Brasil não alcançasse o quinto lugar no quadro de medalhas.//</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA 2 – Carlos Garletti – 30 seg</u>  D.I.: “Um atleta você não faz...  D.F.: ... um pouco mais significativo.”</p>
Repórter –	<p>A principal aposta do COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO para corrigir erros de planejamento nas próximas edições dos Jogos Paralímpicos é o Centro Paralímpico de SÃO PAULO./ A obra custou 305 milhões de reais e foi inaugurada em maio deste ano./ O Centro Paralímpico serviu como preparação antes da Paralimpíada de 2016 e contribuirá para o desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil./ Os paratletas poderão utilizar as instalações para treinamento e disputa de competições.//</p> <p>Além do alto rendimento, a expectativa de quem vivencia o universo paralímpico é de que daqui pra frente o esporte adaptado receba investimentos em diferentes níveis./ O jornalista LUIZ ALEXANDRE VENTURA é autor do blog Vencer Limites e escreve sobre pessoas com deficiência./ LUIZ ALEXANDRE analisa que investir em competições locais é o caminho para tornar o Brasil uma real potência do esporte paralímpico mundial.//</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>SONORA – Luiz Alexandre Ventura – 32 seg</u>  D.I.: “Você começar a fazer...  D.F.: ... das instituições esportivas, dos clubes.”</p>

Repórter –	<p>O planejamento adequado junto aos estados e municípios é entendido como algo necessário para aprimorar o desenvolvimento do esporte paralímpico./ Atualmente, todo o processo é feito pelo COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, desde a base até o alto rendimento./ Mudar essa realidade é um dos desafios para os próximos anos.//</p> <p>De Bauru, LUIS FELIPE CARRION.//</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<p><u>RODA VINHETA</u></p> <p><u>RODA BG</u></p>
Apresentador-	<p>No próximo capítulo da série “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO” saiba por que o esporte paralímpico ainda não encontra tanto espaço na mídia.//</p>

Programa:
Reportagem: Série de reportagens “Os desafios do esporte paralímpico brasileiro” – Capítulo 5
Repórter: Luis Felipe Carrion
Duração: 05'43"

<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA BG</u>
Apresentador –	Os Jogos Paralímpicos de 2016 tiveram a maior cobertura da televisão brasileira desde Atenas, em 2004./ Mesmo assim, ainda há muita coisa para ser aprimorada./ Confira na quinta e última reportagem da série “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO”./
<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA VINHETA</u>
	<u>RODA BG</u>
Repórter –	<p>O espaço que a mídia brasileira e mundial dedica ao esporte paralímpico aumentou nas duas últimas edições das Paralimpíadas./</p> <p>Um exemplo foi a cobertura do SPORTV./ A emissora da GLOBOSAT transmitiu ao vivo 220 horas dos Jogos do Rio, 126 a mais do que em Londres./ Nos Estados Unidos, o canal N-B-C prometeu 70 horas de transmissão ao vivo do Brasil./ Há quatro anos, a cobertura foi de cinco horas em Londres./</p> <p>LUIZ ALEXANDRE VENTURA foi um dos jornalistas que cobriram os Jogos Paralímpicos de 2016./ Na avaliação de LUIZ ALEXANDRE o maior interesse da imprensa pela Paralimpíada é uma consequência natural do crescimento da competição./</p>
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Luiz Alexandre Ventura – 33 seg</u>
	D.I.: “Há hoje muito mais estrutura...” D.F.: ... num evento de grande porte”.
Repórter –	<p>Apesar do crescimento da cobertura, os Jogos Paralímpicos e o esporte paralímpico brasileiro como um todo ainda carecem de mais atenção da mídia./ Um exemplo foi a diferença de espaço que a televisão deu aos eventos esportivos do RIO DE JANEIRO./ Oito emissoras diferentes fizeram o acompanhamento ao vivo da Olimpíada./ Na Paralimpíada, apenas duas se dedicaram às transmissões./</p> <p>As principais reclamações em redes sociais foi uma falta de cobertura da Paralimpíada em televisão aberta, já que apenas a TV Brasil transmitiu os Jogos./ O especialista em comunicação da UNESP de Bauru ZECA MARQUES analisa que um dos motivos para a ausência de transmissões é que o esporte paralímpico em televisão aberta causaria dificuldade de entendimento ao telespectador./</p>

<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Zeca Marques– 18 seg</u> D.I.: “O público as vezes tem... D.F.: ... o universo olímpico”.
Repórter –	O mesatenista paralímpico ISRAEL STROH foi medalhista de prata no RIO DE JANEIRO e tem uma opinião diferente./ ISRAEL é formado em jornalismo e enxerga a falta de cobertura do esporte paralímpico como consequência de modalidades que, até pouco tempo, ainda eram vistas apenas como atividades de inclusão social.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Israel Stroh – 32 seg</u> D.I.: “Hoje o atleta paralímpico... D.F.: ... esporte olímpico e paralímpico”.
Repórter –	O desenvolvimento das modalidades paralímpicas como esporte de alto rendimento levantou debates sobre como os veículos de comunicação abordam a pessoa com deficiência./ Uma das reclamações é que a imprensa vê os atletas paralímpicos como super-heróis e exagera na abordagem da superação./ Essa é a opinião do jogador de rugby em cadeira de rodas RAFAEL HOFFMANN.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA – Rafael Hoffmann – 30 seg</u> D.I.: “A maneira com que a mídia... D.F.: ... vivo a minha deficiência”.
Repórter –	O mesatenista ISRAEL STROH pensa diferente de RAFAEL HOFFMANN quanto à representação do atleta paralímpico na mídia.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA 2 – Israel Stroh – 26 seg</u> D.I.: “Eu entendo que por mais... D.F.: ... mais próximo do público”.
Repórter –	O torcedor brasileiro se aproximou dos atletas paralímpicos em 2016./ Foram vendidos 2,1 milhões de ingressos para a Paralimpíada, o que faz do RIO DE JANEIRO a segunda competição com mais público na história.//  O evento também caiu no gosto do público que acompanhou pela televisão./ A audiência do SPORTV foi de aproximadamente nove milhões de telespectadores./ Esse número equivale a 48 por cento da base de assinantes da T-V por assinatura no Brasil./ O paratleta RAFFAEL HOFFMANN espera que os Jogos de 2016 sejam um incentivo para que as pessoas conheçam e comecem a praticar uma modalidade paralímpica./ RAFAEL ressalta a importância da mídia para que isso aconteça.//
<u>TÉCNICA –</u>	<u>SONORA 2 – Rafael Hoffmann – 18 seg</u> D.I.: “A gente percebe que... D.F.: ... assistiu pela Internet”.
Repórter –	Ao divulgar e despertar o interesse das pessoas, a imprensa não só faz seu papel como veículo de comunicação como contribui de maneira indireta para o desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro.//  De Bauru, LUIS FELIPE CARRION.//

<u>TÉCNICA –</u>	<u>RODA VINHETA</u>
Apresentador-	<p data-bbox="472 327 1412 359"><u>RODA BG</u></p> <p data-bbox="472 394 1412 453">Termina aqui a série de reportagens “OS DESAFIOS DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO”.</p> <p data-bbox="472 489 1412 579">Ao longo da semana, em cinco edições, você conheceu a vida, a rotina e os desafios de atletas, técnicos e dirigentes do esporte paralímpico nacional.</p> <p data-bbox="472 615 1412 737">A série de reportagens mostrou que para o sucesso dessas modalidades e para o Brasil continuar crescendo como potência do esporte paralímpico mundial, é necessário investimento contínuo, aprimoramento dos métodos de treinamento e planejamento adequado.</p> <p data-bbox="472 772 1412 863">Seguiremos acompanhando os paratletas e torcendo para que os investimentos se mantenham e o Brasil melhore cada vez mais seus resultados no esporte paralímpico.</p>
Ficha técnica-	<p data-bbox="472 894 1412 1081">Esta série de reportagens foi produzida pelos alunos LUIS FELIPE CARRION e RENATO SÔNEGO como parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração./ Participação RENAN WATANABE e RONALDO CARVALHO./ Orientação professora DANIELA BOCHEMBUZO./ Trabalhos técnicos ALEX COSTA E LEANDRO ZACHARIM./ BAURU, dezembro de 2016.//</p>

**APÊNDICE D – Mídia com arquivos sonoros**